

ALMANACH
LITTERARIO

DE
SÃO PAULO

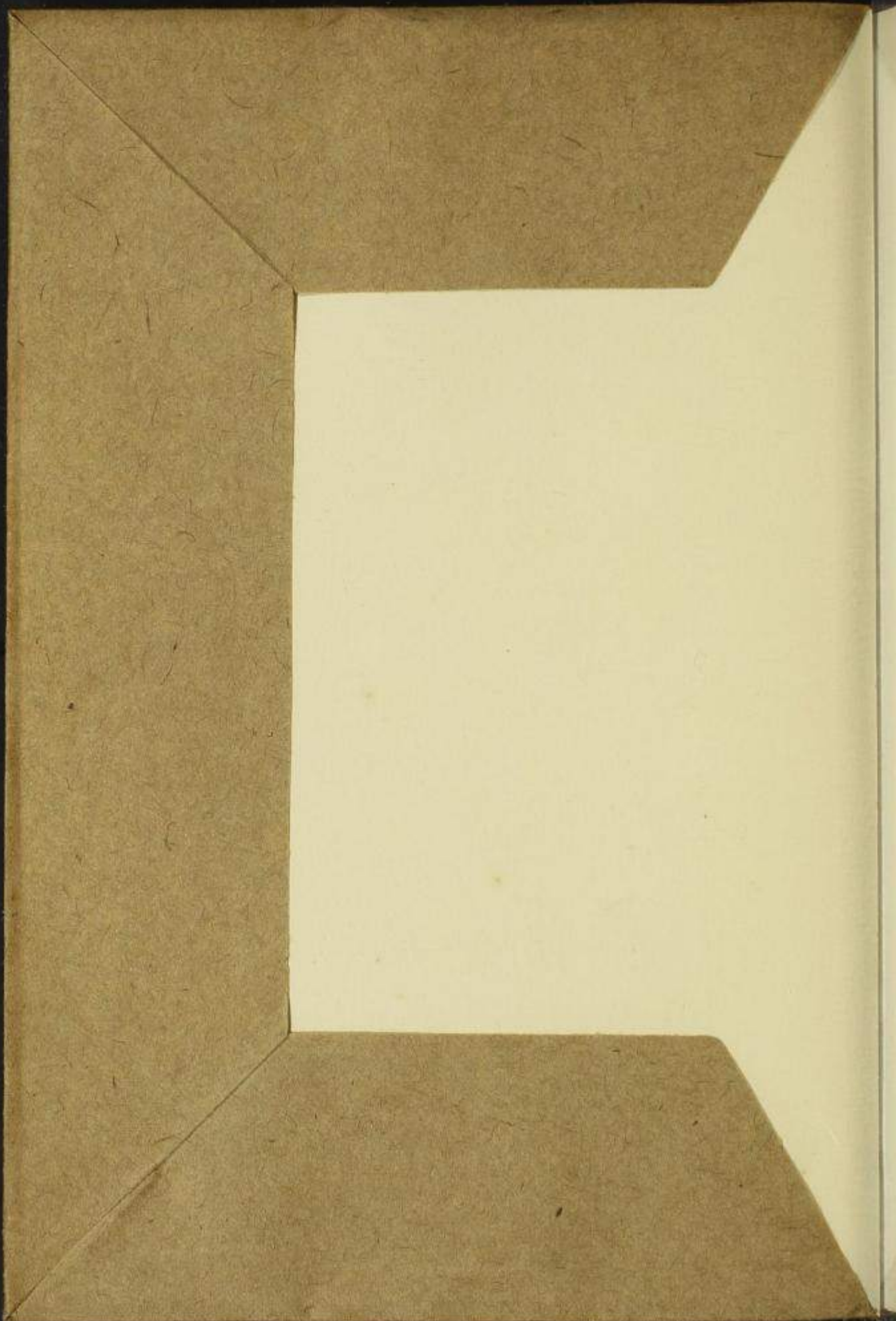
PARA O ANNO DE

1885

PUBLICADO
POR

JOSÉ MARIA LISBOA

8.º ANNO



ALMANACH
LITTERARIO

DE

— SÃO PAULO —

— PARA O ANNO DE: —

1885

— PUBLICADO —

POR

José Maria Lisboa

— 8^o Anno —

COMMISSÃO

CASA GARRAUX

FISCHER, FERNANDES & C^{IA}

IMPORTAÇÃO

LIVRARIA, PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

RUA DA IMPERATRIZ, 35

EXPEDIENTE

A *Casa Garraux*, tendo á exposiçào o sortimento mais rico de *Perfumaria* e uma infinidade de objectos luxuosos, prova mais uma vez que é a primeira em seu genero.

A variedade em objectos de phantasia e artigos de escritorio, evidenciam que os seus proprietarios procuram todos os meios para bem satisfazer ao mais exigente freguez.

CASA GARRAUX

✠ Evos a honra de participar aos nossos freguezes, que acabamos de receber, vindo directamente da Europa, um variadissimo sortimento de objectos de verdadeiro merito. Seria longo enumerar os mais conhecidos os nossos amáveis freguezes da Capital e do interior a virem visitar o nosso estabelecimento para certificarem da verdade.

É impossivel que a quem não conhece.

Nós, procuraremos todos os meios a contentar os illustres Visitantes que honrarem-nos com a sua presença.

M. o negocio *desti* *rationem*.

VINDOS EM DIREITURA

Charutos d'Havana

Esta *Casa* garante a legitimidade das marcas de Charutos e affianca os mesmos vendidos como VERDADEIROS HAVANAS. As marcas, sendo Legitimas Havana e affiançadas pela *Casa Garraux*, serão sempre vendidas á CONTENTE.

Os compradores que não ficarem satisfeitos poderão trocar as marcas por outras e mesmo serem reembolsados se o exigirem.

NEGOCIO DE CONFIANCA

Tabacs Français

Véritable Tabac Caporal en 1^{re} qualité. — Tabac à Priser, qualité supérieure.

Grande Sòrtimento

De Cigarreiras, Charuteiras, Caixas de fosphoros de ouro da Russia, Marfim, Madreperola, Tartaruga, Lindos Cachimbos e elegantes Ponteiras em verdadeira Espuma de Mar e Anubar, para Charutos e Cigarros.

VINHOS DE BORDEAUX

O que ha de Superior!

Tem sempre grande sor-

timento de Vinhos de Bordeaux superiores.

Marca: COUSTAU Frères—Bordeaux. Em caixas, marcas: A. LALANDE & Comp.

Tendo augmentado consideravelmente o consumo do Vinho de Bordeaux nesta Provincia, tem-se introduzido, neste ramo de negocio, productos falsificados, ás vezes perigosos sempre nocivos a saúde.

A *Casa Garraux* oferece aos consumidores todas as garantias contra semelhantes abusos e garante os seus Vinhos os melhores que se podem encontrar nos mercados de produçào.

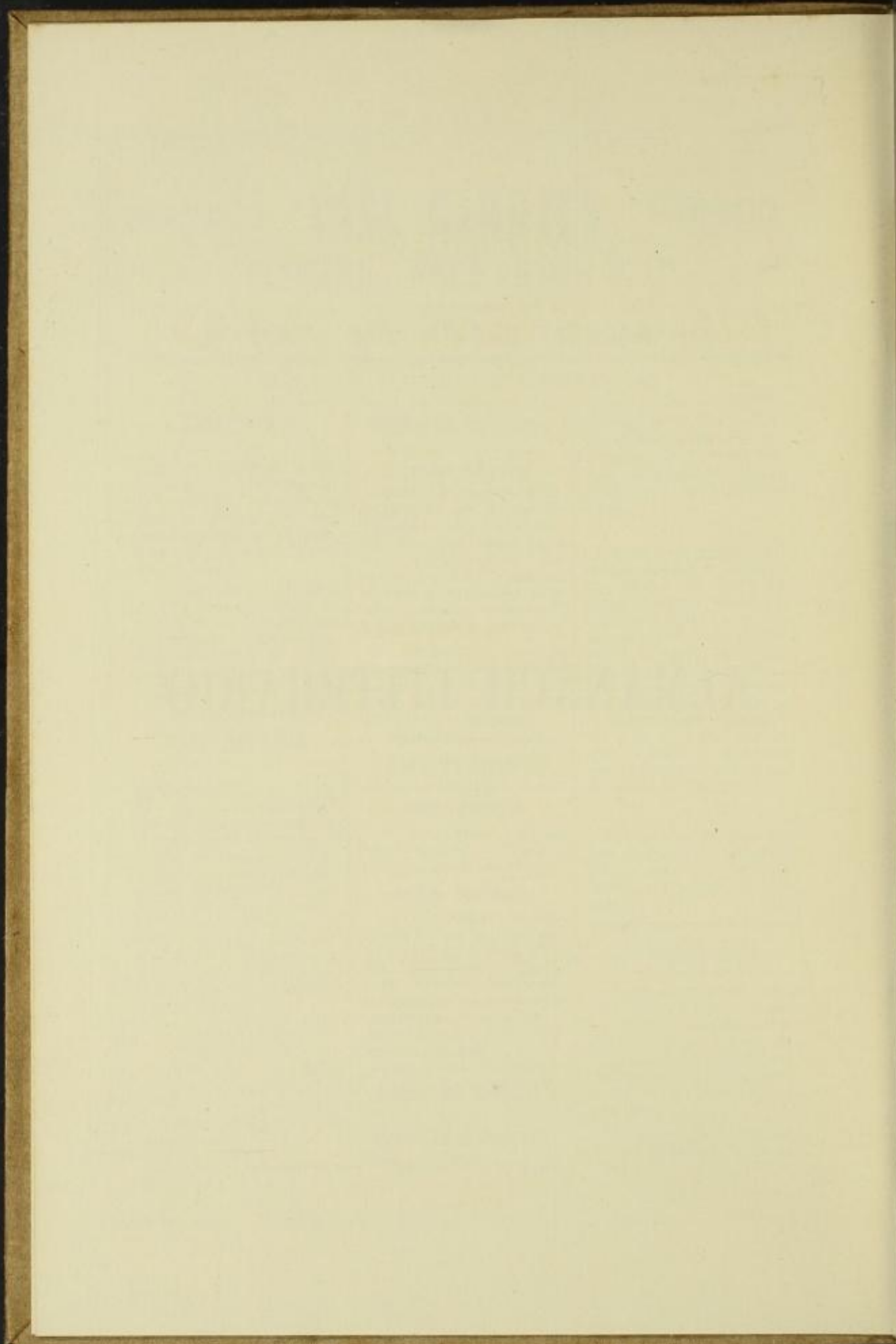
Nesta *Casa* vende-se Vinho de Quartola, engarrafado a razão de 72000 a duzia. (Trazendo as garrafas.)

A' ULTIMA HORA

Os senhores que não puderem visitar a *Casa* poderão ao menos encomendar um cento de cartões de visita, pois que recebemos um esplendido sortimento o que ha de mais ché e superior.

Deixamos de annunciar outros artigos por falta de espaço.

ALMANACH LITTERARIO



ALMANACH
LITTERARIO

DE

S. PAULO

PARA

1885

PUBLICADO POR

José Maria Lisboa

VIII ANNO

S. PAULO
YPOGRAPHIA DA «PROVINCIA DE S. PAULO»
53 — Rua da Imperatriz — 53
1884

ALMA

OPERA

1880

1881

1882

1883

1884

AO LEITOR

Vae correr mundo o *Almanach Litterario* para 1885, e, como sempre, muito áquem da aspiração do seu editor.

Por mais solícitude empregada em vão se consegue um numero de artigos originaes, apropriados á publicações d'esta natureza.

Promessas muitas e poucas cumpridas, recusas bastantes e silencio absoluto aos instantes pedidos completam o quadro.

E', pois, ao menos por emquanto, impossivel organizar um livrinho que satisfaça plenamente.

Entretanto com o concurso pequenino de muitos completar-se-hia dentro de alguns annos uma modesta colleção, onde se encontrassem fontes importantes não só para o estudo da historia da Provincia, como traços accentuados de sua pujança em todos os sentidos.

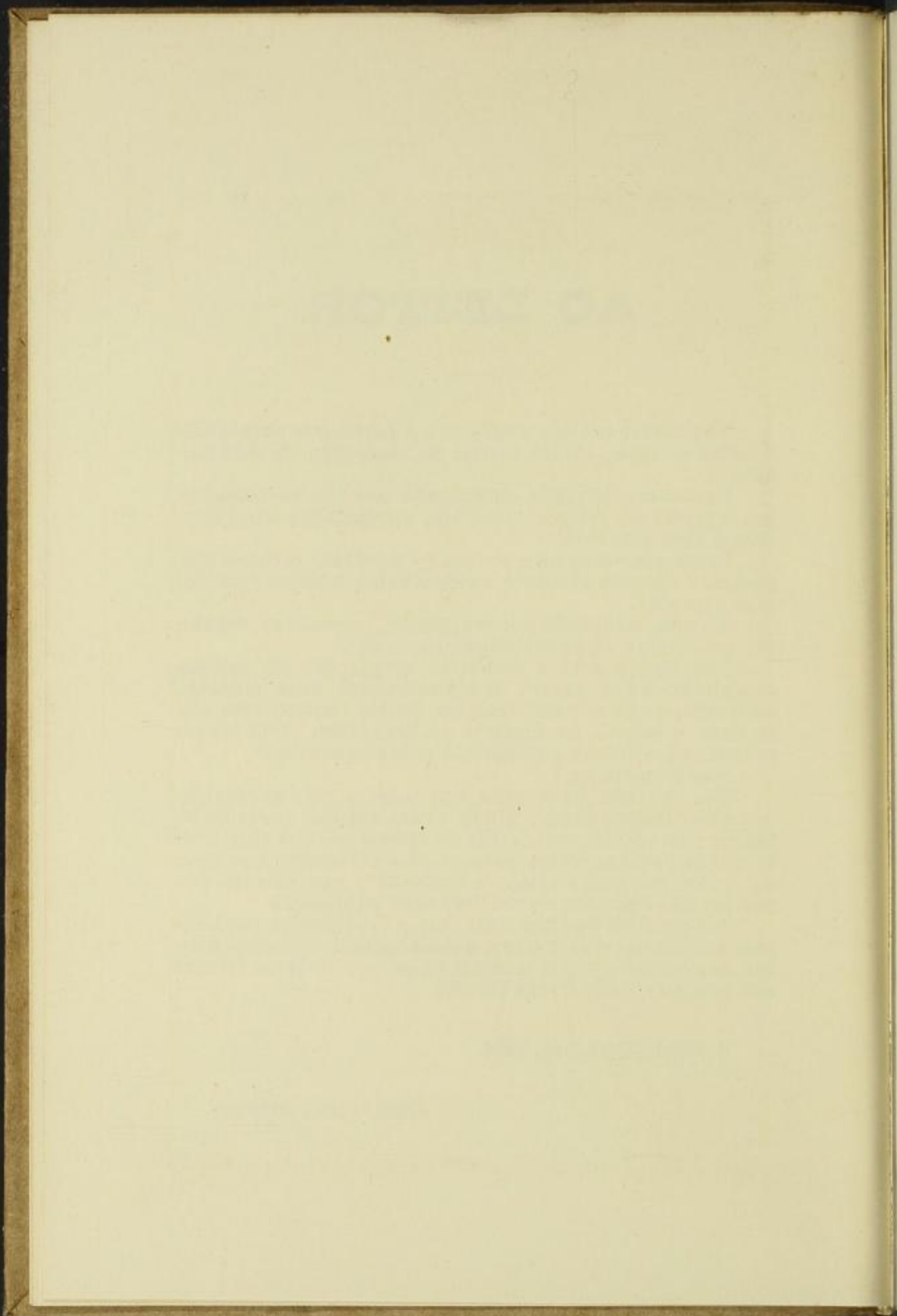
Mas o que fazer ?

Boa vontade havemol-a empregado, mas os resultados não correspondem ; ainda assim alguma cousa se ha feito e isso servirá mais tarde de apreço aos que abrilhantaram as paginas d'este *Almanach* e attestarão que houve quem comprehendesse e apoiasse o pensamento que sempre nos dominou ao realisar esta publicação.

A's excellentissimas senhoras e cavalheiros que honram as paginas d'este livro nossos intimos agradecimentos, bem como a todos aquelles que por diversas fórmas nos tem auxiliado n'esta tarefa.

S. Paulo, Outubro, 1884.

JOSÉ MARIA LISBOA.



NOMES

DAS

PESSOAS QUE ILLUSTRAM AS PAGINAS D'ESTE ALMANACH

—:—
AS EX.^{mas} SR.^{as} :

D. Anna C. de Camargo
D. Anna Maria de Moraes Barros

—
OS ILL.^{mos} SR.^s :

André Nunes da Silva
Barão de Piratininga
Barboza de Sandeville
Bernardo Guimarães (dr.
Bittencourt Sampaio (dr.
Carlos Ferreira
C. P. Gustavo (dr.
Diogo Antonio Feijó (padre
Fontoura Xavier
F. Corrêa de Almeida Moraes
Francisco Rangel Pestana (dr.
G. Piza e Almeida (dr.
Garcia Redondo (dr.
Horacio de Carvalho
Hyppolito de Camargo (dr.
J. A. de Barros Junior (dr.
J. P. da Motta Junior
Joaquim de Paula Souza (dr.
Joaquim X. da Silveira (dr.
José Bonifacio (conselheiro
José R. de Camargo
Luíz N. Fagundes Varella

Manoel A. Galvão
Manoel Alvarenga (dr.
Manoel da Rocha
Miguel de Godoy M. e Costa (dr.
Miranda de Azevedo (dr.
Paulo Orozimbo
Roberto Maria de Azevedo Marques
Sampaio Ferraz (dr.
Samuel Camera
Sebastião Dias
Tristão Mariano da Costa
Urbano do Amaral (dr.
Vicente de Carvalho
Wencesláu de Queiroz

COMPUTO ECCLESIASTICO

Tabella temporaria para 1863

Aureo numero	5	Letra do martyrolog.	C
Epacta	14	Indicção Romana	13
Cyclo solar	18	Periodo Juliano.	6598
Letra Dominical	D		

Festas moveis

Septuagesima	1 de Fevereiro
Quarta-feira de Cinzas	18 de »
Domingo de Paschoa.	5 de Abril
Ladainhas	11, 12 e 13 de Maio
Ascensão do Senhor	14 de Maio
Paschoa do Espirito Santo.	24 de »
Dominga da Santissima Trindade	31 de »
Corpo de Deus	4 de Junho
Sagrado Coração de Jesus	12 de »
1.ª Dominga do Advento	29 de Novembro

Temporas

As 1.ªs, 25, 27 e 28 de Fev.º	As 3.ªs, 16, 18 e 19 de Setemb
As 2.ªs, 27, 29 e 30 de Maio	As 4.ªs, 16, 18 e 19 de Dezemb

Bençams matrimoniaes

Prohibem-se as bençams matrimoniaes desde Quarta-feira de Cinzas até ao 1.º domingo depois da Paschoa, e desde o 1.º domingo do Advento até ao dia de Reis inclusivamente.

Estações do anno

- O Outono principia a 20 de Março ás 7 h. da manhã.
- O Inverno principia a 21 de Junho ás 4 h. da manhã.
- A Primavera principia a 22 de Setembro ás 6 h. da tarde.
- O Verão principia a 21 de Dezembro á 1/2 hora da tarde.

ECLIPSES

No anno de 1885 haverá dous eclipses do sol e dous da lua.

O 1.º eclipse do sol será annular e invisivel para o Brazil. Terá logar no dia 16 de Março, principiando para a terra em geral a 0 h. 24' 35" da tarde (tempo médio do Rio de Janeiro) na lat. 13º 24' N., e na long. 93º 44' O. do Rio de Janeiro; e terminando ás 5 h. 21' 35" da tarde na lat. 49º 1' N., e na long. 10º 5' E. do Rio de Janeiro.

O 2.º eclipse do sol será total, porém, invisivel para o Brazil. Terá logar no dia 8 de Setembro; principiando para a terra em geral ás 3 h. 44' 34" da tarde (tempo médio do Rio de Janeiro) na lat. 16º 16' S., e na long. 145º 2' O. do Rio de Janeiro, e terminando ás 8 h. 15' 23" da tarde na lat. 50º 38' S., e na long. 41º 6' O. do Rio de Janeiro.

O 1.º eclipse da lua será parcial e invisivel para o Brazil. Terá logar no dia 30 de Março, sendo:

O 1.º contacto com a penumbra ás 10 h. 57' 17" da manhã. O 1.º contacto com a sombra a 0 h. 6' 11" da tarde. Meio do eclipse a 1 h. 41' 41" da tarde. Ultimo contacto com a sombra ás 3 h. 17' 12" da tarde. Ultimo contacto com a penumbra ás 4 h. 26' 5" da tarde.

O 2.º eclipse da lua será parcial e em parte visivel para o Rio de Janeiro. Terá logar a 24 de Setembro, sendo:

O 1.º contacto com a penumbra ás 2 h. 9' 35" da manhã. O 1.º contacto com a sombra ás 3 h. 22' 29" da manhã. Meio do eclipse ás 4 h. 55' 47" da manhã. Ultimo contacto com a sombra ás 6 h. 29' 5" da manhã. Ultimo contacto com a penumbra ás 7 h. 41' 59" da manhã.

Latitude do Rio de Janeiro 22º 53' 51" S. Longitude 2 h. 52' 28" 42 0. de Greenwich

JANEIRO

Quarto minguante	a 8, a 0 h. 44' 5" da manhã
Lua nova	a 16, ás 5 h. 43' 59" da manhã
Quarto crescente	a 23, ás 10 h. 33' 47" da tarde
Lua cheia	a 30, a 1 h. 26' 41" da tarde

- 1 † Quinta, CIRCUMCISÃO DO SENHOR, st. Eufrosina
- 2 Sexta, s. Izidoro b. m., s. Argêo m.
- 3 Sabbado, s. Antero p. m., st. Genoveva v.
- 4 DOMINGO, s. Gregorio b., s. Tito b.
- 5 Segunda, s. Simeão Estelita, st. Apollinaria v.
- 6 † Terça, Os SANTOS REIS Gaspar Belchior e Balthazar
- 7 Quarta, s. Theodoro monge
- 8 € Quinta, s. Lourenço Justiniano
- 9 Sexta, s. Julião m.
- 10 Sabbado, s. Paulo 1.º eremita, s. Gonçalo d'Amarante
- 11 DOMINGO, s. Hygino p. m., st. Honorata v.
- 12 Segunda, s. Satyro m., s. Zotico e seus comp. mm.
- 13 Terça, s. Hilario b. e doutor da egreja
- 14 Quarta, s. Felix de Nole, o b. Bernardino de Corleone
- 15 Quinta, s. Amaro ab., s. Benito b.
- 16 ● Sexta, Os santos martyres de Marrocos
- 17 Sabbado, s. Antão ab.
- 18 DOMINGO, O SS. NOME DE JESUS, st. Prisca
- 19 Segunda, s. Canuto rei da Dinamarca
- 20 Terça, s. Sebastião m., s. Fabião p. m
- 21 Quarta, st. Ignez v. m., s. Patracolo m.
- 22 Quinta, s. Viente e s. Anastacio mm., s. Gaudencio
- 23 ☽ Sexta, Os desposorios de N. Sra., s. Ildefonso arc.
- 24 Sabbado, N. Sra. da Paz, s. Timotheo b. m.
- 25 DOMINGO, CONVERSÃO DE S. PAULO
- 26 Segunda, s. Polycarpo b. m., st. Paula, viuva
- 27 Terça, s. João Chrysostomo
- 28 Quarta, s. Cyrillo b., a b. Veronica a.
- 29 Quinta, s. Francisco de Salles b., s. Sulpicio
- 30 © Sexta, st. Martinha, st. Jacintha de Mariscotti
- 31 Sabbado, s. Pedro Nolasco, a b. Luiza Albertoni

FEVEREIRO

Quarto minguante	a 6, ás 7 h. 45' 6" da tarde
Lua nova	a 14, ás 11 h. 29' 18" da tarde
Quarto crescente	a 22, ás 7 h. 38' 30" da manhã

- 1 DOMINGO, *Septuagesima*. S. Ignacio b., st. Brigida
- 2 † Segunda, PURIFICAÇÃO DE N. SRA., s. Flosculo b.
- 3 Terça, s. Braz b. m., o b. Odorico.
- 4 Quarta, s. André Corsino, s. José de Leonissa
- 5 Quinta, s. Gonçalo Garcia m., s. Agueda, v.
- 6 ☽ Sexta, s. Dorothea v m., o b. Antonio de Amandula
- 7 Sabbado, s. Romualdo ab., s. Ricardo rei da Inglaterra, s. Moysés b.
- 8 DOMINGO, *Sexagesima*. S. João da Matta
- 9 Segunda, st. Apollonia v. m.
- 10 Terça, st. Escolastica v., s. Guilherme duque d'Aquitania
- 11 Quarta, s. Lazaro b., a b. Joanna Valeria
- 12 Quinta, st. Eulalia v. m.
- 13 Sexta, s. Gregorio II papa, st. Catharina de Ricci
- 14 ☉ Sabbado, s. Valentim m.
- 15 DOMINGO, *Quinquagesima*. (*Carnaval*.) S. Faustino
- 16 Segunda, s. Porphirio m., s. Samuel e s. Jeremias
- 17 Terça, s. Silvino b., s. Faustino m.
- 18 Quarta, *Cinzas*. s. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra.
- 19 Quinta, s. Conrado f., st. Ernestina
- 20 Sexta, s. Eleuterio b. m., s. Nilo b.
- 21 Sabbado, s. Maximiano b., s. Angela de Mericia
- 22 ☾ DOMINGO, 1.º da Quar. st. Margarida de Cortona
- 23 Segunda, s. Lazaro monge, st. Milburges v.
- 24 Terça, s. Mathias ap., st. Primitiva m.
- 25 Quarta, (*Temporas*) s. Cesario irmão de s. Gregorio
- 26 Quinta, s. Torquato m. e arc. de Braga
- 27 Sexta, (*Temporas*) s. Leandro arc. de Sevilha
- 28 Sabbado, (*Temporas*) s. Romão ab.

MARÇO

Lua cheia	a 1, a 1 h. 7' 53" da manhã
Quarto minguante	a 8, ás 4 h. 1' 36" da tarde
Lua nova	a 16, ás 2 h. 44' 24" da tarde
Quarto crescente	a 23, ás 2 h. 30' 35" da tarde
Lua cheia	a 30, a 1 h. 47' 30" da tarde

- 1 ☉ DOMINGO, 2.º da Quar. s. Adrião m.
- 2 Segunda, s. Simplicio p., s. Eusebio ab.
- 3 Terça, s. Hemeterio, st. Cunegundes imperatriz
- 4 Quarta, s. Casimiro principe da Polonia
- 5 Quinta, s. Theophilo b., s. Rogerio f.
- 6 Sexta, s. Olegario b., s. Coleta v. f.
- 7 Sabbado, s. Thomaz de Aquino dr. da igreja
- 8 ☾ DOMINGO, 3.º da Quar. s. João de Deus
- 9 Segunda, st. Francisca Romana viuva
- 10 Terça, s. Militão e os seus 39 companheiros mm.
- 11 Quarta, s. Candido m., st. Catharina de Bolonha
- 12 Quinta, s. Gregorio p. e doutor da igreja
- 13 Sexta, s. Rodrigo m., st. Eufrasia v. c.
- 14 Sabbado, trasladação de s. Boaventura, st. Mathilde
- 15 DOMINGO, 4.º da Quar. s. Henrique rei de Dacia
- 16 ☽ Segunda, s. Cyriaco m.
- 17 Terça, s. Patricio ap. da Irlanda, st. Gertrudes v.
- 18 Quarta, s. Gabriel archanjo, s. Narciso
- 19 Quinta, s. Jose' esposo de N. Sra., st. Quartilla
- 20 Sexta, s. Martinho Dumiense arc. de Braga
- 21 Sabba'o, s. Bento ab., s. Berillo b.
- 22 DOMINGO, PAIXÃO. s. Emygdio b., st. Cilencina
- 23 ☿ Segunda, s. Felix e seus companheiros mm.
- 24 Terça, s. Marcos m., s. Agapito b.
- 25 † Quarta, ANNUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA
- 26 Quinta, s. Ludgero b., s. Braulio b.
- 27 Sexta, as Sete Dôres de N. Sra., s. Bom-Ladrão
- 28 Sabbado, s. Alexandre m., s. Castor e st. Dorothéa
- 29 DOMINGO, RAMOS. s. Bertholdo c.
- 30 ☽ Segunda, s. João Climaco a.
- 31 Terça, st. Balbina v., s. Benjamim m.

ABRIL

Quarto minguante	a 7, ás 11 h. 49' 59" da manhã
Lua nova	a 15, ás 2 h. 58' 53" da manhã
Quarto crescente	a 21, ás 8 h. 27' 41" da tarde
Lua cheia	a 29, ás 3 h. 21' 47" da manhã

- 1 Quarta, TREVAS. s. Macario, s. Volerico.
- 2 † Quinta, ENDOENÇAS. st. Maria Eypciaca
- 3 † Sexta, PAIXÃO. s. Ricardo, s. Benedicto
- 4 Sabbado, ALLELUIAS, s. Izidoro arc. de Sevilha
- 5 DOMINGO, PASCHOA DA RESURREIÇÃO. st. Iria v. m.
- 6 Segunda, s. Marcellino m., s. Diogenes m.
- 7 € Terça, s. Epiphanio b. m.
- 8 Quarta, s. Amancio b., st. Concessa m.
- 9 Quinta, s. Procoro m., s. Acacio b.
- 10 Sexta, s. Ezequiel, propheta, s. Pompeu m.
- 11 Sabbado, s. Leão I papa e doutor da egreja, s. Isaac
- 12 DOMINGO, PASCHOELA, s. Victor m. portuguez
- 13 Segunda, Prazeres de N. Sra., s. Hermenegildo
- 14 Terça, s. Tiburcio e s. Valeriano mm.
- 15 ● Quarta, s. Lucio f., st. Olympiada m.
- 16 Quinta, st. Engracia, s. Fructuoso arc. de Braga
- 17 Sexta, s. Aniceto m., s. Elias monge
- 18 Sabbado, s. Galdino b. cardeal
- 19 DOMINGO, s. Hermogenes m.
- 20 Segunda, st. Ignez de Montepoliciano v. d., ss. Accindino e Severiano mm.
- 21 ☽ Terça, s. Anselmo arc. de Cantuaria
- 22 Quarta, s. Soter e s. Caio, st. Senhorinha v. portug.
- 23 Quinta, s. Jorge defensor do imperio
- 24 Sexta, s. Fidelis de Sigmariuga
- 25 Sabbado, s. Marcos evangelista, s. Hormino b.
- 26 DOMINGO, Patrocínio de s. José, s. Cleto
- 27 Segunda, s. Tertuliano b., s. Turibio
- 28 Terça, s. Paulo da Cruz c., s. Vital m.
- 29 ☉ Quarta, s. Pedro m. d., s. Hugo ab.
- 30 Quinta, st. Catharina de Seno v. d., s. Peregrino servita

MAYO

Quarto minguante	a 7, ás 5 h. 50' 29" da manhã
Lua nova	a 14, a 0 h. 24' 59" da tarde
Quarto crescente	a 21, ás 2 h. 52' 35" da manhã
Lua cheia	a 28, ás 5 h. 38' 23" da tarde

- 1 Sexta, s. Felippe e s. Thiago app.
- 2 Sabbado, s. Mafalda infanta de Portugal
- 3 DOMINGO, Invenção de Santa Cruz, s. Alexandre
- 4 Segunda, st. Monica mãe de santo Agostinho
- 5 Terça, s. Pio V papa, s. Angelo m.
- 6 Quarta, s. João *ante portam latinam*
- 7 ☾ Quinta, s. Estanislau, ss. Flavio, Augusto e irmãos
- 8 Sexta, Apparição de s. Miguel archanjo
- 9 Sabbado, s. João Nepomuceno, st. Honorata
- 10 DOMINGO, s. Antonio arc. de Florença
- 11 Segunda, s. Anastacio m., s. Deoclecio m.
- 12 Terça, s. Joanna princeza de Portugal
- 13 Quarta, N. Sra. dos Martyres, st. Glyceria m.
- 14 ☉ † Quinta, ASCENSÃO DO SENHOR, s. Gil
- 15 Sexta, s. Izidro lavrador, st. Dimpina
- 16 Sabbado, s. João Nepomuceno m., s. Ubaldo b.
- 17 DOMINGO, s. Paschoal Baylão
- 18 Segunda, s. Venancio m., s. Erico rel da Suecia
- 19 Terça, s. Pedro Celestino p., s. Ivo f., s. Dunstano b.
- 20 Quarta, s. Bernardino de Senna, st. Paula v.
- 21 ☾ Quinta, s. Manços 1º bispo de Evora
- 22 Sexta, st. Rita de Cassia viuva
- 23 Sabbado, s. Basileu, arc. de Braga, s. Desiderio
- 24 DOMINGO, PASCHOA DO ESPIRITO SANTO
- 25 Segunda, s. Gregorio VII papa
- 26 Terça, s. Felippe Nery
- 27 Quarta, (*Temporas*) s. João p. m., s. Ranulpho m.
- 28 ☉ Quinta, s. Germano b., s. Priamo
- 29 Sexta, (*Temporas*) s. Maximo e s. Maximiano
- 30 Sabbado (*Temporas*) s. Fernando rei de Castella
- 31 DOMINGO, SS. TRINDADE, st. Petronilha

JUNHO

Quarto minguante	a 5, ás 9 h. 12' 18" da tarde
Lua nova	a 12, ás 7 h. 49' 36" da tarde
Quarto crescente	a 19, ás 10 h. 56' 0" da manhã
Lua cheia	a 27, ás 8 h. 25' 24" da manhã

- 1 Segunda, s. Firmo m., s. Simeão confessor
- 2 Terça, s. Marcellino, s. Pedro e s. Erasmo mm.
- 3 Quarta, st. Paula v. m., s. Ovidio bispo de Braga
- 4 † Quinta, CORPO DE DEUS, s. Quirino b. m.
- 5 € Sexta, s. Marciano m., s. Bonifacio, s. Pacifico
- 6 Sabbado, s. Norberto b., st. Paulina m.
- 7 DOMINGO, s. Roberto ab., s. Paulo bispo de Constantinopla
- 8 Segunda, s. Salustiano, st. Calypsa
- 9 Terça, s. Primo e s. Feliciano mm., st. Melania
- 10 Quarta, st. Margarida, rainha de Escossia
- 11 Quinta, s. Barnabé ap., st. Alcide v.
- 12 ☉ Sexta, O SS. Coração de Jesus
- 13 Sabbado, s. Antonio de Lisboa, st. Aquilina
- 14 DOMINGO, s. Basilio Magno, s. Eliseu propheta
- 15 Segunda, s. Vito, s. Modesto, st. Crescencia
- 16 Terça, s. João Francisco Regis
- 17 Quarta; s. Manoel advogado da paciencia
- 18 Quinta, s. Leoncio m, a b. Osana v.
- 19 ☽ Sexta, st. Joanna de Falconere v., s. Gervasio
- 20 Sabbado, s. Macario b, st. Florentina v.
- 21 DOMINGO, s. Luiz Gonzaga. st. Demetria v. m.
- 22 Segunda, s. Paulino b, st. Consorcia y.
- 23 Terça, s. João sacerdote, st. Edeltrudes rainha
- 24 † Quarta, NASCIMENTO DE S. JOÃO BAPTISTA
- 25 Quinta, s. Guilherme ab., st. Febronia v.
- 26 Sexta, s. João e s. Paulo, irmãos de s. Paulo
- 27 ☽ Sabbado, s. Ladislau rei de Hungria
- 28 DOMINGO, A Pureza de N. Sra., s. Heraclides
- 29 † Segunda, S. PEDRO E S. PAULO
- 30 Terça, s. Marçal b., st. Lucia, st. Emiliana

JULHO

Quarto minguante	a 5, ás 9 h. 33' 6" da manhã
Lua nova	a 12, ás 9 h. 23' 18" da manhã
Quarto crescente	a 18, ás 9 h. 27' 18" da tarde
Lua cheia	a 26, ás 11 h. 30' 18" da tarde

- 1 Quarta, s. Theodorico ab., s. Julio e s. Aarão mm.
- 2 Quinta, Visitação de Nossa Senhora, s. Aristão
- 3 Sexta, s. Jacintho m., s. Muciano m.
- 4 Sabbado, st. Izabel rainha de Portugal
- 5 ☾ DOMINGO, s. Athanasio m., st. Trifina m.
- 6 Segunda, st. Domingas v. m., s. Isaias propheta
- 7 Terça, st. Pulcheria imperatriz, s. Claudio
- 8 Quarta, s. Procopio, s. Lourenço de Brundizio
- 9 Quinta, st. Veronica Juliana, s. Cyrillo b. m.
- 10 Sexta, s. Januario e seus 6 irmãos martyres
- 11 Sabbado, s. Pio p. m., st. Sidronia
- 12 ☉ DOMINGO, s. João Gualberto, s. Hermagoras
- 13 Segunda, s. Anacleto p. m., s. Esdras propheta
- 14 Terça, s. Boaventura cardeal, s. Optaciano
- 15 Quarta, s. Camillo de Lellis, s. Henrique imperador
- 16 Quinta, Nossa Senhora do Carmo
- 17 Sexta, s. Aleixo, st. Aventina m.
- 18 ☽ Sabbado, st. Symphorosa, st. Marinha v. m.
- 19 DOMINGO, O Anjo Custodio do Imperio
- 20 Segunda, s. Jeronymo Emiliano, s. Elias propheta
- 21 Terça, st. Praxedes v., st. Julia
- 22 Quarta, st. Maria Magdalena, s. Meneleu
- 23 Quinta, s. Apollinario b. m., st. Herundina
- 24 Sexta, st. Christina, s. Francisco Solano f.
- 25 Sabbado, s. Thiago ap., s. Christovam m.
- 26 ☽ DOMINGO, SANT'ANNA mãe da mãe de Deus
- 27 Segunda, s. Pantaleão medico, st. Natalia
- 28 Terça, s. Innocencio e s. Victor pp.
- 29 Quarta, st. Martha v., s. Olavo rei de Noruega
- 30 Quinta, s. Rufino m., st. Donatilla v.
- 31 Sexta, s. Ignacio de Loyola, s. Democrito m.

AGOSTO

Quarto minguante	a 3, ás 7 h. 2' 48" da tarde
Lua nova	a 10, ás 9 h. 21' 30" da manha
Quarto crescente	a 17, ás 10 h. 54' 18" da manhã
Lua cheia	a 25, ás 2 h. 32' 42" da tarde

- 1 Sabbado, s. Pedro *ad vincula*
- 2 DOMINGO, N. Sra. dos Anjos, s. Estevam
- 3 ☾ Segunda, st. Lydia, s. Hermilio
- 4 Terça, s. Domingos, st. Perpetua
- 5 Quarta, N. Sra. das Neves, s. Osvaldo rei
- 6 Quinta, TRANSFIGURAÇÃO DE CHRISTO
- 7 Sexta, s. Gaetano, s. Donato b. m.
- 8 Sabbado, s. Emiliano, s. Esmeraldo m.
- 9 DOMINGO, s. Romão m., o b. João de Salermo
- 10 ☉ Segunda, s. Lourenço m., st. Ateria v.
- 11 Terça, s. Tiburcio e st. Suzana vv. mm.
- 12 Quarta, st. Clara v. f., s. Graciliano m.
- 13 Quinta, s. Hyppolito e s. Cassiano mm.
- 14 Sexta, s. Eusebio b., st. Juliana de Busto.
- 15 † Sabbado, ASSUMPÇÃO DE NOSSA SENHORA
- 16 DOMINGO, s. Joaquim pai de Nossa Senhora
- 17 ☽ Segunda, s. Mamede m., s. Eutyichiano m.
- 18 Terça, st. Clara de Monte Falco v.
- 19 Quarta, s. Luiz b. f., st. Tecla v. m.
- 20 Quinta, s. Bernardo ab., s. Leovigildo
- 21 Sexta, st. Joanna Francisca Romana
- 22 Sabbado, s. Timotheo, s. Fabriciano e s. Felisberto
- 23 DOMINGO, O Sagrado Coração de Maria
- 24 Segunda, s. Bartholomeu apostolo, st. Eutychia
- 25 ☽ Terça, s. Luiz rei de França, s. Magno
- 26 Quarta, s. Zeferino p. m., s. Genesio m.
- 27 Quinta, s. José de Calazans, s. Rufo b.
- 28 Sexta, s. Agostinho b. e dr. da egreja
- 29 Sabbado, Degollação de s. João Baptista
- 30 DOMINGO, st. Rosa de Lima, st. Gaudencia v. m.
- 31 Segunda, s. Raymundo Nonnato cardeal

SETEMBRO

Quarto minguante	a 2, ás 2 h. 22' 18" da manhã
Lua nova	a 8, ás 5 h. 50' 41" da tarde
Quarto crescente	a 16, ás 3 h. 22' 18" da manhã
Lua cheia	a 24, ás 5 h. 2' 12" da manhã

- 1 Terça, s. Egydio ab., s. Josué
- 2 ☾ Quarta, s. Estevam rei da Hungria
- 3 Quinta, st. Eufemia v. m., s. Aristeu
- 4 Sexta, st. Rosa de Viterbo, st. Candida v.
- 5 Sabbado, s. Antonino m., s. Berlino m.
- 6 DOMINGO, Nossa Senhora da Penha
- 7 Segunda, s. João m., s. Clodoaldo sacerdote
- 8 † ☉ Terça, NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA
- 9 Quarta, Ó SS. Nome de Mario, s. Sergio
- 10 Quinta, s. Nicolau de Tolentino, s. Sostenes
- 11 Sexta, st. Theodora penitente, s. Didimo m.
- 12 Sabbado, st. Auta v. m., s. Taciano
- 13 DOMINGO, s. Felipe m., s. Amador b.
- 14 Segunda, Exaltação de Santa Cruz, s. Crescencio m.,
st. Salustia m.
- 15 Terça, s. Domingos em Soriano, s. Militino b.
- 16 ☽ Quarta, (*Temporas*) st. Eufemia, s. Geminiano
- 17 Quinta, s. Pedro de Arbues, s. Eustorgio b.
- 18 Sexta, (*Temporas*) s. José de Cupertino
- 19 Sabbado, (*Temporas*) s. Januario, st. Pomposa v. m.
- 20 DOMINGO, As Dôres de Nossa Senhora, s. Eustachio
- 21 Segunda, s. Matheus ap. e evang.
- 22 Terça, s. Mauricio e seus 10 mil comp. martyres
- 23 Quarta, s. Lino p. m., st. Urraca
- 24 ☽ Quinta, Nossa Senhora das Mercês
- 25 Sexta, s. Firmino b. m., s. Hereulano soldado
- 26 Sabbado, s. Cypriano e st. Justino mm.
- 27 DOMINGO, s. Cosme e s. Damião mm.
- 28 Segunda, s. Wenceslau duque da Bohemia
- 29 Terça, s. Miguel archanjo, s. Fraternal b.
- 30 Quarta, s. Jeronymo doutor da igreja

OCTUBRO

Quarto minguante	a	1,	às	8 h. 36' 36"	da manhã
Lua nova	a	8,	às	4 h. 38' 54"	da manhã
Quarto crescente	a	15,	às	10 h. 28' 12"	da tarde
Lua cheia	a	23,	às	6 h. 30' 6"	da tarde
Quarto minguante	a	30,	às	3 h. 5' 18"	da tarde

- 1 ☾ Quinta, s. Verissimo, st. Maxima e st. Julia
- 2 Sexta, Os Anjos da Guarda, s. Nilo abbade
- 3 Sabbado, s. Candido m., s. Maximiano b.
- 4 DOMINGO, Nossa Sra. do Rosario, s. Hierolio
- 5 Segunda, s. Placido m., st. Flaviana v. m.
- 6 Terça, s. Bruno, s. Erothides
- 7 Quarta, s. Marcos p. m., s. Matheus Carrerio
- 8 ☉ Quinta, st. Brigida viuva, st. Reparata v.
- 9 Sexta, s. Dionysio bispo de Pariz, st. Athanasia
- 10 Sabbado, s. Francisco de Borja, st. Eulampia
- 11 DOMINGO, s. Firmiana b., st. Filenilla
- 12 Segunda, s. Cypriano b. m., s. Seraphino
- 13 Terça, s. Eduardo rei da Inglaterra
- 14 Quarta, s. Calisto p. m., s. Prescelfano m.
- 15 ☽ Quinta, st. Thereza de Jesus, st. Angelo m.
- 16 Sexta, s. Martiniano m., s. Gallo abbade
- 17 Sabbado, st. Heduwiges duqueza da Polonia
- 18 DOMINGO, N. Sra. dos Remedios, s. Lucas evang.
- 19 Segunda, s. Pedro de Alcantara padroeiro do imperio
- 20 Terça, s. João Cancio, st. Iria v. m. portugueza
- 21 Quarta, st. Ursula e suas comps. vv. mm.
- 22 Quinta, st. Maria Salomé, o b. Ladisláu
- 23 ☽ Sexta, s. João de Capistrano, s. Domicio sacerdote
- 24 Sabbado, s. Raphael Archanjo, s. Fortunato m.
- 25 DOMINGO, s. Crispim e s. Crispiniano irmãos mm.
- 26 Segunda, s. Evaristo b. m., s. Boaventura de Potenza
- 27 Terça, os Martyres de Evora, s. Elesbão imperador
- 28 Quarta, s. Simão e s. Judas Thaddeo apostolos
- 29 Quinta, s. Feliciano m., st. Bemvinda v.
- 30 ☽ Sexta, s. Serapião, st. Eutropia m.
- 31 Sabbado, s. Quintino m., s. Wolfango b.

NOVEMBRO

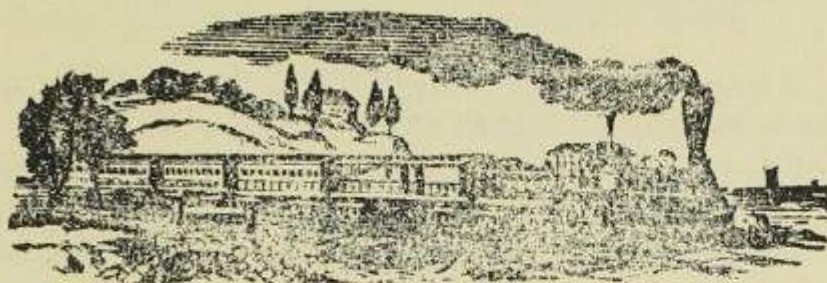
Lua nova	a 6,7ás 6 h. 10' 11" da tarde
Quarto crescente	a 14, ás 7 h. 7' 5" da tarde
Lua eheia	a 22, ás 6 h. 46' 41" da manhã
Quarto minguante	a 28, ás 11 h. 4' 36" da tarde

- 1 DOMINGO, TODOS OS SANTOS, s. Maturino
- 2 Segunda, Commemoração dos fieis defuntos, st. Silvia
- 3 Terça, s. Malaquias b. primaz de Irlanda
- 4 Quarta, s. Carlos Borromeu cardeal, s. Vidal
- 5 Quinta, s. Zacarias e st. Izabel pais de s. João Baptista, s. Tilotheu m.
- 6 ☉ Sexta, s. Severo b. m., s. Leonardo eremita
- 7 Sabbado, s. Florencio b., st. Phessalonica m.
- 8 DOMINGO, s. Severiano e seus 3 irmãos mm.
- 9 Segunda, s. Theodoro m., s. Theodomiros
- 10 Terça, s. André Avelino, st. Nympha v. m.
- 11 Quarta, s. Martinho b., s. Mennos solitario
- 12 Quinta, s. Diogo, s. Martinho p. m.
- 13 Sexta, s. Eugenio bispo de Toledo, st. Zebina m.
- 14 ☽ Sabbado, Trasladação de S. Paulo 1.º eremita
- 15 DOMINGO, Patrocínio de N. Sra., st. Gertrudes Magna
- 16 Segunda, s. Gonçalo de Lagos, s. Valerio m.
- 17 Terça, s. Gregorio Thaumaturgo, s. Alfeu m.
- 18 Quarta, s. Romão m., st. Astrogilda
- 19 Quinta, st. Izabel rainha da Hungria, s. Abdias
- 20 Sexta, s. Felix de Valois, s. Octavio b.
- 21 Sabbado, Apresentação de Nossa Senhora
- 22 ☽ DOMINGO, st. Cecília v. m., st. Lucrecia
- 23 Segunda, s. Clemente p. m., st. Felicidade m.
- 24 Terça, s. João da Cruz, s. Estaniisláu Kostka
- 25 Quarta, st. Catharina v. m., st. Jucunda v.
- 26 Quinta, s. Pedro Alexandrino b. m.
- 27 Sexta, st. Margarida de Saboya
- 28 ☾ Sabbado, s. Gregorio III papa, s. Herculano b.
- 29 DOMINGO, (1.º do Advento) s. Saturnino m.
- 30 Segunda, s. André apostolo, s. Troyano b.

DEZEMBRO

Lua nova	a 6, ás 10 h. 24' 11" da manhã
Quarto crescente	a 14, ás 3 h. 29' 17" da tarde
Lua cheia	a 21, ás 6 h. 6' 5" da tarde
Quarto minguante	a 28, ás 9 h. 29' 17" da manhã

- 1 Terça, s. Eloy b., s. Mariano diacono
- 2 Quarta, st. Bibiana v. m., st. Aurelia m.
- 3 Quinta, s. Francisco Xavier, s. Galgano m.
- 4 Sexta, st. Barbara v. m., s. Osmundo b.
- 5 Sabbado, s. Geraldo arc. de Braga, s. Sabbas abbade
- 6 ☉ DOMINGO, (2.º do Advento) s. Nicoláu b.
- 7 Segunda, s. Ambrosio b. e doutor da egreja
- 8 † Terça, A IMMACULADA CONCEIÇÃO DE N. SENHORA
- 9 Quarta, st. Leocadia v. m., st. Gorgonia v. m.
- 10 Quinta, s. Melchiades p. m.
- 11 Sexta, s. Damaso papa, s. Franco c.
- 12 Sabbado, s. Justino m., st. Mercúria m.
- 13 DOMINGO (3.º do Advento) st. Luzia v., st. Othilia
- 14 ☾ Segunda, s. Agnello b., s. Espiridião b. m.
- 15 Terça, s. Eusebio b., s. Irineu e seus comps. mm.
- 16 Quarta, (*Temporas*) As Virgens de Africa
- 17 Quinta, s. Bartholomeu de s. Geminiano
- 18 Sexta (*Temporas*) Nossa Senhora do Parto
- 19 Sabbado, (*Temporas*) st. Fausta, s. Dario m.
- 20 DOMINGO (4.º do Advento) s. Domingos de Silos
- 21 ☽ Segunda, s. Thomé apostolo
- 22 Terça, s. Honorato m., s. Flaviano m.
- 23 Quarta, s. Servulo, st. Victoria v. m.
- 24 Quinta, s. Gregoriano m., st. Tharcila v.
- 25 † Sexta, NASCIMENTO DE JESUS-CHRISTO
- 26 Sabbado, s. Estevam proto-martyr
- 27 DOMINGO, s. João apostolo e evangelista
- 28 € Segunda, Os Santos Innocentes mm.
- 29 Terça, s. Thomaz arcebispo de Cantuaria
- 30 Quarta, s. Sabino b. m., s. Venuntiano m.
- 31 Quinta, s. Silvestre papa, s. Nominando m.



PREÇO DAS PASSAGENS

DAS DIVERSAS

LINHAS FERREAS DA PROVINCIA

COMPANHIA INGLEZA	1. ^a	2. ^a	IDA E
DE SANTOS A	CLASSE	CLASSE	VOLTA
Cubatão	1\$550	560	2\$220
Raiz da Serra	2\$440	1\$220	3\$660
Alto da Serra	3\$660	1\$550	5\$540
Rio Grande	4\$880	2\$220	7\$320
S. Bernardo	6\$870	3\$100	10\$310
Braz ou á Luz	8\$540	3\$660	12\$760
Agua-Branca	9\$320	3\$990	13\$770
Perús	10\$980	4\$550	16\$120
Belém	12\$540	5\$320	18\$310
Jundiahy	14\$440	6\$100	21\$160
Da Luz ao Braz	560	230	840
» » » Campo-Limpo	5\$540	2\$040	8\$240
De Belém a Campo Limpo	1\$020	410	1\$830
De Jundiahy a Campo-Limpo	1\$220	410	2\$040
De S. Paulo á Côrte e vice-versa, inclusive a passagem no paquete a vapor de Santos ao Rio de Janeiro	25\$600	14\$360	45\$950

Correm diariamente :

DIAS UTEIS

3 trens de passageiros (ao interior) de S. Paulo, isto é, ás 6.10 e 10.5 da manhã e 2.50 da tarde.

3 trens de passageiros (do interior) de Jundiahy, isto é, ás 8.20 da manhã e 1.15 e 5.0 da tarde.

2 trens de passageiros (a Santos) de S. Paulo, isto é, ás 7.15 da manhã e 3.5 da tarde.

2 trens de passageiros (a S. Paulo) de Santos, isto é, ás 6.45 da manhã e 3.25 da tarde.

O trem das 6.10 da manhã, de S. Paulo—Conduz passageiros para todas as estações da linha Paulista, Companhia Rio-Claro e Companhia Mogyana (com excepção unicamente dos ramaes da Penha e do Amparo).

O trem das 6.45, de Santos, de 10.5 da manhã, de S. Paulo—Conduz passageiros para todas as estações das linhas Bragantina, Ytuana, Paulista—até Campinas—e na linha Mogyana para as estações até Mogy-mirim e para os ramaes da Penha e do Amparo.

O trem das 2.50 da tarde, de S. Paulo—Conduz passageiros para todas as estações desta linha até Jundiahy e na Companhia Paulista—até Campinas.

O trem das 7.15 da manhã, de S. Paulo, e 3.25 da tarde, de Santos—Conduz passageiros para todas as estações entre S. Paulo e Santos.

O trem das 8.20 da manhã, de Jundiahy—Conduz passageiros da linha Paulista—de Campinas—para todas as estações até S. Paulo.

O trem de 1.15 da tarde, de Jundiahy, e 3.5 de S. Paulo—Conduz passageiros das linhas Rio-Claro, Paulista, Mogyana (da estação de Mogy-mirim e dos ramaes da Penha e do Amparo), Bragantina e Ytuana para todas as estações até Santos.

O trem das 5.0 da tarde, de Jundiahy—Conduz passageiros da linha Mogyana (com excepção das estações

XXV

dos ramaes da Penha e do Amparo) e da linha Paulista—de Campinas—para todas as estações até S. Paulo.

DOMINGOS E DIAS SANTOS

O trem das 6.10 da manhã, de S. Paulo—Conduz passageiros para todas as estações até Jundiahy e para as demais das linhas do interior.

O trem das 10.50, de S. Paulo, e 11.30 da manhã, de Santos—Conduz passageiros para todas as estações entre S. Paulo e Santos.

O trem de 1.15 da tarde, de Jundiahy—Conduz passageiros das linhas do interior para todas as estações até S. Paulo.

COMPANHIA PAULISTA	1. ^a	2. ^a	IDA E
DE JUNDIAHY A	CLASSE	CLASSE	VOLTA
Louveira	1\$540	700	2\$300
Rocinha	2\$200	1\$000	3\$300
Vallinhos	2\$960	1\$360	4\$440
Campinas	4\$280	2\$960	6\$420
—			
DE CAMPINAS A			
Boa-Vista	860	400	1\$300
Rebouças	2\$500	1\$160	3\$740
Santa Barbara	3\$640	1\$660	5\$440
Tatú.	4\$760	2\$200	7\$160
Limeira	5\$560	2\$620	8\$360
Cordeiro.	6\$540	3\$080	9\$820
Rio-Claro	8\$080	3\$800	12\$100
Araras	8\$160	3\$840	12\$220
Guabiobas	8\$480	4\$120	12\$720
Leme	10\$020	4\$860	15\$020
Pirassununga	11\$940	5\$780	17\$900
Porto Ferreira	12\$800	6\$440	19\$200
Descalvado.	17\$410	8\$760	26\$120

COMPANHIA RIO-CLARO		1. ^a	2. ^a	IDA E
DO RIO-CLARO A		CLASSE	CLASSE	VOLTA
Morro-Grande		1\$440	660	2\$160
Curumbatahy		2\$580	1\$180	3\$880
Cuscuzeiro		3\$920	1\$780	5\$880
Oliveiras		4\$200	1\$920	6\$300
Feijão		5\$200	2\$440	7\$800
Colônia		5\$920	2\$780	8\$880
S. Carlos do Pinhal		7\$000	3\$240	10\$500
—				
COMPANHIA MOGYANA				
DE CAMPINAS A				
Anhumas		1\$020	520	1\$540
Tanquinho		2\$040	1\$020	3\$060
Jaguary		3\$260	1\$640	4\$900
Pedreira		4\$080	2\$040	6\$120
Coqueiros		4\$900	2\$460	7\$360
Amparo		5\$500	2\$760	8\$260
Resaca		4\$700	2\$360	7\$060
Mogy-mirim		6\$320	3\$160	9\$480
Mogy-guassú		6\$940	3\$460	10\$400
Matto-Sêcco		9\$380	4\$700	14\$080
Caldas		10\$600	5\$300	15\$900
Casa-Branca		13\$240	6\$620	19\$860
—				
<i>Linha do Ribeirão-Preto</i>				
DE CASA-BRANCA A				
Penha		8\$560	4\$280	12\$840
Lage		15\$080	7\$540	22\$620
Corrego-Fundo		17\$480	8\$740	26\$220
S. Simão		20\$000	10\$000	30\$000
—				

COMPANHIA YTUANA		1. ^a	2. ^a	IDA E
DE YTU' A		CLASSE	CLASSE	VOLTA
Salto		680	340	1\$000
Itaicy		2\$240	1\$120	3\$360
Quilombo		3\$360	1\$800	5\$040
Itupeva		4\$260	2\$240	6\$390
Jundiahy.		6\$500	3\$360	9\$750
—				
Indaiatuba		2\$800	1\$460	4\$260
Monte-môr		4\$820	2\$470	7\$280
Capivary		6\$500	3\$360	9\$750
Mombuca		7\$960	4\$150	11\$990
Rio das Pedras.		9\$300	4\$930	14\$000
Piracicaba		10\$760	5\$600	16\$130
—				
COMPANHIA BRAGANTINA				
DE BRAGANÇA A				
Tanque				
Atibaia.				
Campo Largo				
Campo Limpo				

Ainda não foi approvada a tabella definitiva dos preços das passagens d'esta estrada.

Os trens das Companhias Paulista, Rio-Claro, Mogyana, Ytuana e Bragantina correm de harmonia com o horario estabelecido para os trens da Companhia Inglesa.

COMPANHIA SOROCABANA		1. ^a	2. ^a	IDA E
DE S. PAULO A		CLASSE	CLASSE	VOLTA
Baruery	2\$300	1\$200	3\$500
S. João.	4\$000	2\$000	6\$000
S. Roque	5\$100	2\$600	7\$700
Piragibú	6\$700	3\$400	10\$100
Sorocaba	7\$800	3\$900	11\$700
Villeta	9\$000	4\$500	13\$500
Ypanema	9\$300	4\$700	14\$000
Bacaetava	10\$200	5\$100	15\$300
Boituva	11\$400	5\$700	17\$100
Tieté.	13\$000	6\$500	19\$500

O trem de passageiros parte de S. Paulo ás 8 horas da manhã e chega a Sorocaba ao meio dia, voltando de Sorocaba a 1.15 da tarde e chegando a S. Paulo ás 5.15.

O trem mixto sahe de Sorocaba a 1.30 e chega ao Tieté ás 5 horas da tarde. Parte do Tieté ás 9 horas da manhã e chega a Sorocaba ás 12.30 da tarde.

ESTRADA DO NORTE		1. ^a	2. ^a	IDA E
DE S. PAULO A		CLASSE	CLASSE	VOLTA
Penha		900	500	1\$600
Lageado		2\$500	1\$300	3\$700
Mogy das Cruzes.		4\$900	2\$500	7\$400
Guararema.		6\$800	3\$500	10\$200
Jacarehy		8\$600	4\$400	12\$800
S. José		9\$800	4\$900	14\$500
Caçapava		11\$700	5\$900	17\$100
Taubaté		13\$400	6\$800	19\$500
Pindamonhangaba		14\$500	7\$400	21\$200
Roseira		15\$000	7\$800	22\$100
Apparecida		15\$600	8\$000	22\$900
Guaratinguetá		16\$200	8\$400	23\$800
Lorena.		16\$700	8\$600	24\$600
Cachoeira		17\$800	9\$200	26\$200
Estrada Pedro II	Queluz	19\$700	10\$300	
	Bon-Vista	20\$300	10\$600	
	Rezende	21\$600	11\$300	
	Barra-Mansa	23\$400	12\$200	
	Barra do Pirahy	25\$700	13\$400	
	Côrte	30\$300	15\$900	45\$700

O trem expresso parte da Estação do Norte ás 6 horas da manhã e chega á Côrte ás 7.12 da tarde. O mixto parte ás 9 horas da Estação do Norte e chega á Cachoeira ás 6.30 da tarde.

Da Côrte parte o expresso ás 5 horas da manhã e chega á Estação do Norte ás 6 horas da tarde. O mixto parte da Cachoeira ás 5.30 da manhã e chega ao Norte ás 2.5 da tarde.

Ainda ha um trem mixto entre Taubaté e Cachoeira, o qual parte de Taubaté ás 7 horas da manhã e chega á Cachoeira ás 10.35 da manhã, voltando d'ahi á 1.35 da tarde e chegando a Taubaté ás 5.10.

OBSERVAÇÕES GERAES

Os bilhetes de primeira classe dão direito a 50 kilogrammas de bagagem gratis.

Os de segunda 30 kilogrammas.

Na Estrada de Ferro do Norte, porém, os bilhetes não dão direito a bagagem.

Aos bilhetes de ida e volta são concedidos os seguintes prazos :

Entre Norte e Côte—30 dias.

Entre estações intermediarias do Norte à Côte—8 dias.

De Norte à Cachoeira—8 dias.

Entre Norte e intermediarias à Cachoeira—3 dias.

Nas linhas Ingleza, Paulista, Mogyana, Ytuana e Sorocabana os bilhetes de ida e volta valem por 3 dias, mas não dão direito a bagagem.

As crianças até 3 annos têm passagem gratis, de 3 a menos de 12 pagam meia passagem.

PARTE LITTERARIA

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

AS RUINAS DA GLORIA

CONTO PHANTASTICO

A pouca distancia da cidade de S. Paulo, a um lado da estrada que vae para Santos, havia um pequeno botequim, ou, para melhor dizer, um d'esses estabelecimentos que os francezes chamam — *Cabaret* — destinados propriamente para beber e palestrar.

Era seu dono um allemão que, ha mais de vinte annos, se achava no Brazil, homem de cincoenta a sessenta annos, rubro, corpulento, porém fleugmatico como o são quasi todos os filhos d'essa bella terra de Schiller.

Por uma noute do mez de Outubro achava-me eu e dous amigos n'esse botequim. A chuva cahia a cantaros sobre a terra, o trovão rugia no espaço, e a ventania sacudia com violencia as vidraças da salinha onde estavamos.

Nossa conversação era alegre e expansiva, os cachimbos fumegavam cheios de excellente *werwick*—e o ponche crepitava deante de nós fazendo voltear phantasticamente a sua chamma de um bello azul-pallido.

Tinhamos por costume, eu e meus dous amigos, passar o dia todo em casa, e sahir á noute—á busca de aventuras, como diziamos.

Liamos n'esse tempo fervorosamente todas as obras sombrias e exaltadas que aviventam a imaginação e povôam a alma de chimeras e sonhos irrealisaveis.

Semelhantes ao heroe da Mancha, nosso cerebro tinha-se embebido d'essas illusões sinistras e o continuo excitamento da imaginação nos acostumára a viver em um mundo de visões e phantasias.

Eu era um ardente apologista do autor de Manfredo, amava a noute e as trevas e em falta de Yung-Fram invocava os meus espiritos do tópo de uma collina.

Alberto procurava divisar nas trevas da noute as sombras dos guerreiros, recitava a maior parte dos poemas de Ossian, e gostava das neblinas, do vento e da tempestade.

Finalmente, José era apaixonadissimo do desvairado phantasista allemão Krespel, Deuner, Trabacchio e o medonho Copelius de continuo estavam a seus olhos entre circulos de chammas avermelhadas, como elle dizia.

A trindade era perfeita pelo que se vê.

Conversavamos alegremente, disse eu, tinhamos bebido nossa boa quantidade de ponche e, depois de muito palestrar, dispunhamo-nos a sahir.

— Vamos, dizia Alberto de pé no meio da sala.

— Vamos, repetimos nós.

— Porém, vejam, senhores, disse-nos o allemão de seu canto, a chuva continúa cada vez a peor e é uma temeridade...

— Qual temeridade, por algumas gottas de agua no lombo não devemos nos amedrontar; vamo-nos embora.

— Accendamos os cachimbos, disse José, e partamos sem demora.

Dito.

N'esse momento a porta abriu-se, uma rajada de vento entrou pela sala e um vulto appareceu no limiar.

— Quem está ahí? gritou o allemão.

— Eu! respondeu uma voz rouca.

E o homem entrou para a sala.

Sua figura era alta e magra, seu rosto macillento como o de um cadaver, seus movimentos pausados e lentos.

Sobre o nariz curvo como o bico de um abutre estavam acampados uns oculos azues, através de cujos vidros via-se brilhar os olhos como dous carbunculos. A bocca era fina e cerrada, a barba lisa e ponte-aguda.

Não sei o que havia de frio e tumular n'aquelle homem que nos impressionou, dir-se-hia o funebre hospede da ballada allemã, o visitante sinistro que coberto da poeira da campa deixava o cemiterio para ir bater á porta de um castello em noute de festa.

— O que quer o senhor ? perguntou-lhe o allemão.

— Velas, e uma garrafa de vinho, respondeu o desconhecido, depositando o dinheiro sobre a mesa. Depois voltou-se e principiou a nos contemplar attentamente.

Palavra que o seu olhar derramava-me uma sensação inexplicavel pelo corpo, era como a lamina de um florete que me ia tocar no coração.

A voz do allemão veiu tiral-o de sua contemplação.

— Eis aqui o que pediu, disse elle.

O desconhecido tomou as velas e a garrafa, pôl-as em baixo do capote e sahiu.

— Quem é este homem ? perguntei eu ao dono da casa.

— A fallar-vos a verdade, não sei ; ha perto de um anno que elle anda por estes arredores, apparece varias vezes por aqui, e tenho ouvido dizer que hospeda-se nas Ruinas da Gloria.

— Nas Ruinas da Gloria ! exclamou José.

— Sim, é talvez um mendigo, um vagabundo.

— A proposito, disse Alberto, vamos ás Ruinas da Gloria ? !... Este sugeito me interessa, é uma d'essas personagens *Hoffmanicas*, que promettem um bello romance ! Ha n'aquelle typo todos os requisitos para um livro de legenda, talvez um Castil belga, de V. Hugo ; vamos á Gloria !

— Está dito, vamos descobrir o ninho d'esta ave nocturna ; vamos.

E nós nos levantamos a um tempo.

Alguns instantes depois estávamos na estrada, e caminhávamos em direcção ás Ruínas da Gloria

A Gloria foi antigamente um d'esses templos vastos e sombrios, que nos paizes christãos muitas vezes sôe encontrar-se longe do bulicio das cidades, no seio das montanhas, nas planices ou nas margens dos rios.

Não era propriamente um convento, um mosteiro, porque nenhuma ordem de monges habitára ahi, porém, ao lado da egreja, os grandes salões, os corredores prolongados, os quartos, as cellas não tinham sido feitos por luxo ou superfluidade. Dizem que havia alli n'outras eras um seminario onde os moços que desejavam seguir a carreira ecclesiastica recolhiam-se e estudavam dirigidos por um bispo santo e illustrado que ahi morava.

Poucas ou nenhuma são as informações que tenho a respeito da Gloria; mais tarde com a morte do bispo o seminario desfez-se e a habitação ficou deserta.

Longe da cidade, em logar ermo e agreste bem difficil era cuidar se do antigo seminario; o edificio foi se aruinando com o correr dos tempos, de maneira que hoje não é mais do que um resto de demolidas paredes, uma torre erguida entre plantas bravias e um montão de pedras.

No tempo em que se passava esta historia havia ainda uma parte do edificio poupada pelo tempo, eram dous salões ainda bem conservados, apezar do limo e da humidade das paredes, algumas camaras ao rez do chão, e uma grande varanda no fim de um corredor cujas paredes ameaçavam cahir a cada momento.

Dito isto continuemos a narração.

A chuva tinha cessado o seu impeto, porém o céu era sombrio como uma lousa de marmore preto sobre um

tumulo, servindo-me da expressão de Laménais, e o vento corria gelado e desabrido intromettendo-se pelas dobras de nossos capotes.

Estavamos já perto do portão coberto de lianas e trepadeiras selvagens que precede as ruínas.

Bebemos cada um algumas gottas de Kirschenwaser por causa do frio, empurrámos depois a porta e entramos no campo vasto e despido que está deante da arruinada igreja.

Como tudo era triste! parecia-me que entravamos para uma região nua e gelada onde a vegetação tentava erguer-se debalde, onde o vento corria sem impecilhos. Lá no fundo, por entre as brumas da noite, a torre erguia-se muda e silenciosa como um immenso phantasma; os vultos confusos das arvores desenhavam-se por detraz d'ella agitando-se ao vento da tempestade.

De quando em quando surgia uma chamma esverdeada, parecia lambar as ruínas e depois desapparecia; atraz vinha outra, depois outra torcia-se, girava e tambem se esvaecia para dar logar a novas que se erguiam.

Lembrei-me das legendas dos—Lutins e Farfadets— e confesso que senti-me um pouco impressionado; minha emoção augmentou-se quando contemplei a torre, cuja cupula de porcellana molhada pela chuva illuminava-se de pallido brilho aos fogos errantes da noite.

— Vê, Alberto, como é triste assim aquella torre! Dir-se-hia o rei das florestas com seu diadema de phosphorencias.

— E' verdade, respondeu-me Alberto, lembra-me...

E o meu amigo começou a recitar aquella ballada de Goethe intitulada—El Kœnig.

A poesia era triste e funerea, quando Alberto acabou de recitar, todos estavamos tremulos e impressionados; olhavamos uns para os outros receiosos e depois transportavamos nossos olhares para a sombria torre que se erguia ao longe e na sua tenebrosa mudez parecia ter-se

vestido com toda a magestade sinistra do—Rei dos Aulnes.

— Para diante ! gritou José.

E nós nos encaminhamos para as ruínas. Ao chegar junto d'ellas uma coruja ergueu-se arrebatada e foi pousar, piando lugubrementes, sobre as denegridas muralhas.

— Máu, máu, murmurou José.

Paramos. Estavamos junto ao vestibulo.

— Então ? ninguém entra ? perguntou Alberto.

Eu e José ficamos quietos e mudos.

— Ah ! têm medo ! Pois eu vou. Dizendo isto afastou com uma bengala as plantas bravias que interceptavam a passagem e desapareceu pelo vestibulo arruinado.

Nós ficamos algum tempo a olhar um para o outro, depois José me disse :

— Elle volta já, eu o conheço, vendo que o não acompanhamos não terá animo de continuar.

Depois de esperarmos algum tempo, como Alberto não apparecia eu disse a José :

— Vamos, que diabo de medo tens tu ?

— Espera, retorquiu-me elle.

— Deixo-te só si não vens, e adiantei-me para o vestibulo. José seguiu-me.

Passando o vestibulo subimos um pequeno degráu de pedra ; — um corredor frio e tenebroso apresentava-se deante de nós ; José parou.

— Ah ! tu não entras ? disse eu, espera ; — e enfiou-me pelo corredor ; meu companheiro deu um salto e uniu-se a mim.

Seguimos pelo corredor a dentro ; o ar era brunido e de um cheiro estranho, o chão escorregadio, as trevas cercavam-nos profundamente e nós caminhavamos tateando.

Tres minutos tinhamos talvez andado quando pelo ar mais frio e desembaraçado, por esse zunido agudo e con-

tínuo que julgamos ouvir no silencio, percebemos que estavamos em um salão : então eu parei, José segurou-se a meu braço.

— Fiquemos aqui, disse eu, gritemos por Alberto, ha já bastante tempo que nos deixou.

Tres vezes repetimos gritando o nome de nosso amigo : nossa voz retumbou lugubrememente pelos desertos recintos, os morcegos agitaram-se no ar batendo as longas azas, porém, ninguém respondeu.

— E esta ? chamemos novamente por elle.

— Alberto ! Alberto !

Mesmo silencio ; a noute era fria e tempestuosa, as aves nocturnas piavam dolorosamente, porém nosso amigo não respondia.

Uma idéa sinistra passou-me pela cabeça.

— Vamos para deante, José ; vamos para deante, repeti acceleradamente.

Então principiámos a errar pelas trevas, o recinto parece que amplificava cada vez mais suas paredes, porque nós andavamos e não encontravamos um termo !

O chão era humido e escorregadio, o ar estava preñado de um aroma estranho, um cheiro de ruínas, um odor de sombria antiguidade.

— Oh ! gritemos de novo, disse eu tremulo e assustado.

— Alberto ! Alberto ! clamamos com todas as forças de nossos pulmões.

Porém nada ! Apenas um gemido abafado e doloroso chegou a nossos ouvidos.

— Deus ! clamamos horrorisados. Afastei um passo. José tremia convulsivamente agarrado a mim.

Derepente uma luz surgiu ao longe e o vulto de um homem atravessou lentamente o fundo do aposento. Reconheci immediatamente o desconhecido do botequim, porém, longe de nos tranquilisar, a sua presença veiu

augmentar o nosso terror. Com effeito, era-lhe maldonha a figura n'aquelle momento.

O esverdeado cadaverico do seu rosto crescia ao clarão mortiço da vela, seus oculos azues davam aos olhos um aspecto de duas negras concavidades, sua cabeça calva e reluzente semelhava uma fronte de morto! A funerea solemnidade do seu andar, a immobilidade do rosto, fazia-me recordar todas as lendas que ouvira na minha infancia.

Depois de haver atravessado lentamente o fundo do salão, chegando perto de um corredor, voltou o rosto para traz, exhalou um gemido e desapareceu.

Parecia-me que as trevas se condensavam em torno de nós. A figura do desconhecido; entretanto, não me sahia dos olhos e eu julgava ainda ouvir aquelle doloroso gemido que lhe escapára do seio.

Oh! é talvez um desgraçado! disse eu commigo, para que hei de eu temel-o? Victima do mundo e dos homens, vem, talvez, deslembrar seus martyrios na triste quietação d'estas ruinas!... porém, onde está Alberto? meu Deus!...

— Voltemos, voltemos, dizia José, talvez elle já sahisse.

— Custe o que custar! clamei eu desesperado; devesse eu morrer, é preciso buscal-o! Vámos.

— Mas, para onde? para onde? dizia José, não vês que tudo é escuro, que não conhecemos estes logares?...

— Pois então gritemos, repliquei.

— Para que? não temos nos cançado de gritar?... Olha, Alberto já sahiu.

— Ah! occorre-me uma idéa, exclamei; puchando José pelo braço.

— Qual?...

— Chamemos o desconhecido, disse eu com mais força; o caso é sério e devemos banir estes terrores infantis

E sem esperar mais tempo puz-me a gritar.

— Oh! senhor! Oh, senhor d'estas ruinas! oh lá!...

Oh lá!...

Poucos minutos depois a luz appareceu e o sombrio habitador das ruinas apresentou-se no limiar de uma porta, mudo, impassivel como uma estatua, através porém de seus oculos os olhos vivos e penetrantes como pontas de floretes estavam fixos sobre nós.

Senti-me esmorecer um momentó, porém lembrando-me de Alberto a resolução voltou.

— Senhor, disse eu, um nosso companheiro... um amigo que veiu conosco desapareceu aqui, nós o buscamos, porém é impossivel achal-o sem vosso auxilio, soccorrei-nos, pois.

O desconhecido abanou lentamente a cabeça, e disse com voz rouca e pausada :

— Moços, fizeste mal, muito mal em vir aqui a estas horas; ha trinta annos que um drama de lagrimas e de sangue reproduz-se aqui todas as noutes entre o pio das aves e o sibillo do vento! fizestes mal, muito mal em vir aqui!...

Senti-me possuido de um terror inexprimivel a estas palavras e José agarrou-se livido a meu hombro. Entretanto, era preciso vêr o fim de tudo isto, saber de Alberto; venci a minha repugnancia e continuei :

— Mas attendei, senhor, é impossivel agora partirmos sem o nosso companheiro, ajudai-nos a procural-o, nós vos seremos eternamente reconhecidos.

N'esse momento um turbilhão de vento humido e gelado entrou pelo vasto rēcinto, e o trovão fez-se ouvir surdo e medonho no céu.

— Vêde? murmurou o velho, a tempestade principia a sua orchestra, em breve tempo os acordarão para cantar a monodia dos tumulos!... Muitos são os que repousam aqui! muitos!... entre elles ha vinte annos que minha filha dorme no seu leito de pedra, vestida ainda

com as suas roupagens de noiva e a sua coróia de cypresses ! Tenho chorado lagrimas de sangue, tenho me arrebatado em soluços ha dez annos sobre os ladrilhos de sua sepultura, para que ella me diga uma d'essas palavras ternas e doces que repetia outr'ora nos braços de seu noivo, para que ella me perdoe ! porém, tudo é baldado !

E o desconhecido calou-se ; eu estava impressionado, não mais de terror, porém de uma tristeza sombria, de uma compaixão sem termos.

No entretanto a tempestade crescia e o vento uivava dolorosamente nos arvoredos lá de fóra.

— Bem, disse o desconhecido, lentamente do vão da porta, vamos procurar o vosso companheiro, quero ficar só, quero que saiaes o mais depressa possível, vamos.

Começamos então a errar pelos aposentos sombrios do arruinado edificio ; adeante ia o desconhecido com a vela na mão, lento e pausado, eu o seguia ; José era arrastado por mim, livido e convulso.

Depois de termos atravessado em vão alguns aposentos e corredores, depois de havermos gasto talvez um quarto de hora n'essa sombria procissão, um gemido doloroso e pungent : como partido de um leito de morte chegou a nossos ouvidos.

Meus cabellos se eriçaram ; José deu um grito e puxou-me para traz.

— Oh ! murmurou o velho, é do leito d'ella que sahio aquelle gemido ! Sim, porque é ahi que ella dorme ! Oh ! deve-lhe doer muito a ferida que tem no seio, que verte continuamente ondas de sangue !... muito !

Assim fallando caminhou para o logar d'onde partira o gemido ; era no fundo de um pequeno aposento, de uma porta que dava para um jazigo.

Chegando ahi ergueu a vela á altura da cabeça para melhor vêr ; por detraz d'elle mergulhei avidos olhos no jazigo ; um homem estava debruços no chão e sua respiração soava estrepitosa.

Recuei um passo.

Aproximae-vos, aproximae-vos, vinde vê-lo, é o vosso amigo ! através dos frios ladrilhos, que segredos não terá elle murmurado á minha filha !

Cheguei-me de novo e contemplei attentamente o vulto ; era Alberto, não havia duvidar-se.

Tomei-o nos braços, ergui-o, estava livido e banhado em frios suores, seus dedos crispados pareciam cerrar fortemente alguma cousa.

— Alberto ! exclamei, procurando pô-lo de pé ; elle abriu os olhos, correu-os em torno desvairado, como se procurasse alguém, e depois tornou-os a cerrar exhalando um suspiro.

— Ajuda-me a leval-o, disse eu a José, e saíamos.

Poucas horas depois tínhamos conseguido chegar a casa ; Alberto resomnava febril em seu leito ; José tinha ido vêr o medico e eu velava o doente.

.....

Tres dias tinham decorrido depois d'essa noute sinistra ; á cabeceira de Alberto, de quando em quando, apparecia a figura calma e pallida do dr. V., que examinava attentamente o doente e depois retirava-se para conversar commigo e José.

O delirio e a febre não tinham abandonado o po're mancebo ; de continuo, no seu desvairar, elle repetia palavras supplicantes, parecia invocar uma personagem desconhecida, depois suppunha apertar no seio alguma imagem querida e encontrando o vacuo cahia desmaiado sobre o travesseiro.

D'essa noute fatal uma impressão profunda tinha-me ficado n'alma ; aquelle velho estranho, suas palavras phantásticas, tudo estava vivamente gravado em minha imaginação.

José estava occupado, Alberto livre um momento de seu delirio parecia dormir; aproveitei a occasião para conversar com o dr. V. e vêr o seu modo de pensar a respeito de todos esses factos extraordinarios.

Era o dr. V. um homem de cincoenta annos, sua mocidade tinha-se passado debaixo do céu brumoso da Allemanha para onde o mandára seu pai estudar.

Apezar de ter no cerebro um mundo de intelligencia e de conhecimentos, o dr. V. tinha um modo de pensar estranho e admittia as crenças as mais absurdas.

A Allemanha é o paiz das allucinações da intelligencia, disse-o Gerard de Nerval, dos abysmos da sciencia germanica partem vapores que atordoam o espirito. O doutor tinha-se embebido de todos esses sonhos nebulosos, de todos esses systemas extraordinarios de excentricidade que povôam a terra de Schiller e de Gøthe.

— Muitas vezes ouvi eu o som da rabeca gemedora de Krespel, dizia-me elle, e o écho dos sinos de crystal debaixo do sabugueiro; Klein Zach é uma realidade na Allemanha, e os Copelius encontrei-os aos centos.

— Bem, doutor, disse-lhe eu, depois de haver ainda uma vez contado a historia da noute das ruinas; dizei-me francamente o vosso modo de pensar a respeito d'isto, não julgaes que em todo este drama ha alguma cousa de alem-tumulo?

— Quem sabe? murmurou o doutor, limpando amorosamente os vidros dos oculos com o lenço de assoar, quem sabe?...

— Porém, dizei-me, a apparição dos espiritos não repugna á razão, não é contraria á idéa de bondade e justiça que depositamos em Deus?

— A crença no mundo tenebroso, respondeu-me o doutor, tem existido em todos os povos, em todas as gerações. Santo Agostinho, na cidade de Deus, e Legendre, no seu Tratado da Opinião, dizem que negar o prestigio dos demonios e dos espiritos é não crêr na Escriptura

Santa ; a Biblia nos falla da apparição de Samuel e muitos outros factos sobrenaturaes ; Suetonio conta que, depois de assassinado Caligula, errava em seu palacio á noute, sob a fórma de uma larva gemedora. Além d'isto a razão nos atteste claramente que depois d'esta vida haverá um logar de recompensa e outro de punição ; ora quem nos diz que a felicidade dos bons não será uma vida nova em um planeta de delicias, e o castigo dos máus errarem continuamente por esse mundo em que viveram até que na consummação dos seculos, quando estiverem purificados dos seus delictos, mergulhem-se no seio da divindade de que são apparencias ?

Confesso que gostei d'esta tirada pantheista do doutor. Tive sempre uma inclinação irresistivel pelas doutrinas de Spinoza.

Restava-me, entretanto, uma duvida.

— Admitto a vossa hypothese, porém, dizei-me, que culpa têm os vivos em tudo isto para serem perseguidos pelas sombras e apparições ?...

— Os espiritos, replicou o doutor, sorvendo uma pitada de rapé, os espiritos tambem são muitas vezes emissarios da divindade ; ora, é para punir um malfeitor que elles apparecem, ora, para um aviso celeste, ora, emfim para alliviar muitos soffrimentos. Assim, apparecem aos assassinos, as sombras de suas victimas, aos virtuosos o espectro do finado que lhes vem pedir orações, aos mancebos a imagem de suas noivas ou amantes, mortas na flôr dos annos...

N'esse momento um gemido triste e prolongado partiu do seio de Alberto, eu e o doutor voltamo-nos vivamente para o leito do doente.

Alberto tinha-se solevantado no travesseiro e com a bocca espumante, os braços estendidos, os olhos nflamados e sanguinolentos olhava fixamente para o fundo do aposento e murmurava :— Vem ! Vem !...

— Meu Deus! Doutor, o que será isto, vêde-o como está! exclamei eu.

— Oh! dá-me um panno de tua branca vestimenta, anjo de azas douradas e diadema de luz!... leva-me contigo para o paiz dos sonhos eternos! Vem porque minha alma chora de amores por ti!

Dizendo estas palavras o moço escondeu o rosto abraçado nas mãos e cahiu esmorecido sobre o leito.

— Vêde? disse o doutor com voz sinistra, vêde? Sabe Deus só o que vai por aquella cabeça.

Uma dôr amarga e sem limites passou-me pela alma, encostei a fronte sobre a mão e comecei a pensar.

Seriam onze horas da noute, tudo estava quieto e silencioso, uma bugia ardia junto do leito do doente, o resto perdia-se na sombra.

De repente um calafrio correu-me pelo corpo, ergui-me pallido.

— Que tendes? perguntou-me o doutor.

— Não ouviste um ruido de passos alli no fundo? disse eu apontando.

— Não; respondeu-me o medico.

N'esse momento o ruido fez-se ouvir de novo, porém mais pronunciado, mais distincto.

O doutor, até alli impassivel, franziu o sobr'olho e levantou-se.

— Por Deus que agora ouvi eu! exclamou, tomando a vela e dirigindo-se para o fundo do aposento. Eu o segui.

Tudo estava socegado; nada de mais havia alli.

— Vêde! no entanto eu ouvi bem distinctamente um arrastar de passos.

— E eu!

O doutor voltou lentamente e collocou a vela sobre a mesa e poz-se a meditar, pensativo senti-me tambem; Alberto resonava suarento e febril, e a vela ardia muda e silenciosa no seu castiçal de bronze.

Alguns dias passaram-se depois d'isto ; o delirio tinha abandonado Alberto, porém o moço estava livido e descarnado, e sua razão parecia ter-se abalado profundamente.

Uma noute, tinha o dr. V. ido á sua casa fazer algumas determinações, José o acompanhára e eu apenas achava-me ao lado do doente. Depois de me haver tristemente contemplado com seus olhos amortecidos, meu pobre amigo tomou-me a mão e disse :

— Eu sei que não me levantarei mais d'aqui, por isso é preciso que te conte tudo, tudo antes de morrer...

— Morrer ! Alberto não digas isso ! exclamei aproximando-me mais do leito.

— Não me procures illudir, proseguiu elle, a voz que me murmurou esta sentença ainda a tenho eu no ouvido; escuta-me.

Elle accomodou-se um momento no seu leito e continuou :

— N'aquella noute em que fômos ás ruinas afastei-me de ti e de José, bem te lembras ; enfei-me pelos corredores e aposentos e depois de errar alguns momentos, senti uma curiosidade irresistivel, uma attracção insuperavel chamar-me para um ponto das ruinas, caminhei ; de repente uma especie de harmonia mysteriosa, doce, baixinha chegou-me ao ouvido e um clarão tepido e brando veio de longe ferir-me os olhos, adeantei-me mais, então divisei um vulto de mulher que me estendia os braços. Oh ella era bella como um anjo de Deus ; seus longos cabellos de reflexos dourados escapavam em ondas de uma grinalda de cypreste que tinha na cabeça, seus olhos eram puros e meigos, sua tez branca como a neve ; de um lado do seio suas alvas roupagens estavam cahidas, e uma onda negra de espumoso sangue corria em borboções de uma larga ferida, e ensopava-lhe a vestimenta.

« Fiquei extatico no meu lugar, immovel como se fosse ferido do raio. Então a sombra moveu impercepti

velmente os labios e sua voz harmoniosa me chegou aos ouvidos: — Vem! dizia ella. Eu ouvi, meu amigo! eu ouvi, disse Alberto incendendo os olhos, não foi illusão; tão certo como estou n'este leito de morte e como d'aqui só sahirei para o cemiterio, eu a ouvi!

Segunda vez mais languida, mais triste ella me disse: — Vem!... Então um calafrio de felicidade correu-me pelo corpo, minhas arterias bateram com violencia e eu estendi o braço dando um passo. Tudo desapareceu e eu apenas encontrei o vacuo, cahi... quando despertei tu me erguias.

Alberto respirou um momento e com voz cançada continuou:

— Agora todas as noites eu a vejo bella, ensanguentada sempre! eu a vejo e amo-a porque ella é um anjo, porque ella me chama! Eu não posso mais viver, ha uma voz que me murmura n'alma que quando o gelo da morte me cahir sobre os olhos eu serei eternamente feliz; oh! eu não quero mais viver!

Dizendo isto Alberto cahiu desanimado sobre o travesseiro. Um momento depois dormia um profundo sono. A' noite chegou o doutor.

— Como vae o moço? disse.

— Melhor, fallou socegradamente commigo e depois adormeceu; notei-lhe apenas um desanimo e uma tristeza sem termos.

— Bem, vamos vê-lo.

E o dr. V. encaminhou-se para o leito de Alberto, ouviu-lhe a respiração, passou-lhe a mão pela testa, tomou o pulso e voltando-se para mim disse:

— Sabeis uma cousa? vosso amigo está salvo.

Immensa foi a alegria que senti dentro d'alma a estas palavras; parecia-me que tiravam um grande peso de sobre meu peito, que despertava de um pesadello.

Uma hora depois o doutor retirou-se dizendo que

como não havia mais perigo era desnecessaria a sua presença alli essa noute, que no dia seguinte voltaria.

Como Alberto dormia socegradamente, deixei um criado junto a seu leito-e fui para um quarto descansar um pouco.

• • • • •

Depois de haver dormido longo tempo, fui despertado pelo criado que me sacudia anciosamente de um lado para outro repetindo o meu nome.

— Que diabo é isto ? gritei eu sentando-me na cama.

— Oh ! senhor ! levante-se, levante-se depressa que o sr. Alberto morre.

Pular da cama, enfiar meu sobretudo, atravessar a casa e ir ao quarto de Alberto foi um momento.

Quando cheguei o meu amigo estava mais livido que a morte, o suor corria-lhe em abundancia na frente, seus olhos ardiam de uma chamma terrivel.

— Alberto ! Alberto ! o que tens ? disse eu arrojando-me ao leito e tomando-lhe a mão.

— Vou morrer, meu amigo ! murmurou elle com voz fraca e arquejante.

— Oh ! não ! tu não morrerás ! exclamei eu. Guilherme, vae á casa do dr. V., dize-lhe que venha a toda a pressa ; corre.

— E' inutil, murmurou Alberto, é inutil... Sinto já o halito da morte passar-me pelo rosto, sacudir-me os cabellos !...

— Pelo contrario, meu amigo, o doutor disse que em poucos dias ficarias bom.

— Não me dês esperanças, disse elle, passando a mão pelo rosto onde a morte principiava horriavelmente a sua obra de demolição, não ha medicina que me cure ! Hoje eu a vi pela ultima vez, seu rosto estava mais bello do que nunca, porém o sangue que lhe corria do seio era

mais abundante! Ella me chamou com ancia... preciso ir... Ha alguma cousa que me diz dentro d'alma... que em poucos minutos estarei com ella!

Aqui a voz do meu amigo foi se tornando cada vez mais fraca e rouquenha. Elle pendeu a cabeça no meu hombro, e eu sentia seu peito offegar convulsivamente.

Um instante depois elle ergueu de novo a cabeça; seu semblante estava horriavelmente decomposto! então, com essa voz triste e sumida, voz [de moribundo, fallou assim :

— No entretanto... quantas saudades... não levo eu d'este mundo! quanta amargura... não tenho agora n'alma!...

E as lagrimas percursoras da morte, gota a gota, cahiram de seus olhos.

— Oh! não ter-vos junto de mim... n'esta hora suprema... Oh! meu pai!... Oh! minha mãe!... não poder vos abraçar e...

Alberto calou-se de novo, sua cabeça cahiu sobre meu hombro, de novo a voz d'elle, surda, murmurou estas palavras :

— Adeus... adeus...

Depois cerrou-me a mão fracamente e pareceu descançar um pouco.

Alguns minutos passaram-se e a mão de Alberto que eu guardava entre as minhas, tornou-se gelada; afastei-lhe rapidamente a cabeça do seio, elle rolou inerte sobre o leito. Estava morto!

N'esse momento a lamparina que ardia em um canto exalou seu ultimo clarão e apagou-se. Ouvi então um ruido semelhante ao de um vestido de mulher; depois uma sombra branca, lenta, atravessou deante de mim até o leito de Alberto, e ouvi o estalar de um beijo sobre a face pallida e fria de meu desgraçado amigo; depois resvalando no ar desapareceu a sombra.

Sahi doudo do aposento. O dia entrava pelas janellas.

— Como vai Alberto ? perguntou-me José que sahia de seu quarto esfregando os olhos.

— Já não existe ! disse eu soluçando.

— Morto ! exclamou José, e lançou-se desesperado em meus braços.

.

Dous annos tinham-se passado ; de meus antigos companheiros um dormia á sombra dos cyprestes do cemiterio, outro tinha partido para onde não o sabia eu.

Por uma tarde de estio eu tinha ido passear ao hospicio dos alienados de S. Paulo. Entre os desgraçados que ahi viviam deparei com um cujo aspecto causou-me uma impressão extraordinaria.

Seu olhar era sinistro e medonho, seus dentes cerrados continuamente, rangiam como os de um animal feroz.

— Quem é este homem ? perguntei a um guarda que me seguia.

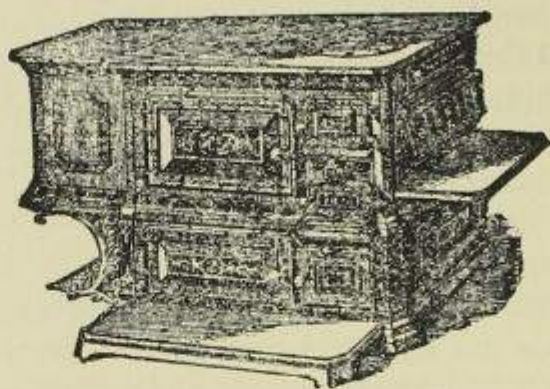
E' um ente estranho, respondeu-me o guarda, dizem que em um accesso de furor déra uma facada em uma filha joven e em vespera de casar-se. Principiou a sua loucura por fugir dos homens e da sociedade, morou ha tres annos em as ruinas da Gloria...

— Ah ! esperae, clamei eu contemplando fixamente o louco.

Era o desconhecido ; sim, era o hospede das ruinas, porém horrivelmente mudado. Ao conhecel-o, todo o drama sombrio do passado passou-me pela cabeça, as lagrimas rebentaram-me aos olhos e eu escapei-me correndo como um doudo do hospicio dos doudos.

1862.

L. N. F. VARELLA.



FOGÕES

DA MAIS

ACREDITADA FABRICA

DOS

ESTADOS-UNIDOS

DENOMINADOS

UNCLE-SAM

ADAPTADOS ESPECIALMENTE ÀS NECESSIDADES
DO PAIZ E AO CONSUMO DE LENHA

Já se acham em uso em centenaes de casas de familia no paiz, e, pelo seu excellente trabalho, seu admiravel asseio e sua grande economia, tem dado provas de serem os mais perfeitos fogões que se póde obter.

DEPOSITO

GEORGE HARVEY

3 B—Rua da Imperatriz—3 B

O CORNETA DA MORTE

Toca, toca, avança, avança !
São horas de combater ;
São horas, ninguém descança,
—Ninguém... vencer ou morrer !
Por toda a parte a peleja,
Feia, convulsa, doudeja,
Sinistro o clarão seduz !
Mais se enovela a batalha,
Mais turvelinha, e se espalha,
Toma a corneta, Jesus ! (*)

Que terriveis estampidos ? !
Estronda a fuzilaria ;
Ouvem-se ao longe os bramidos
Que vomita a artilheria ;
Jesus, depressa a corneta !
Tu és da morte a vedeta,
E dás o grande signal !
Em torno d'essa bandeira
Tiras a luz da poeira,
Fazes do tope um phanal.

(*) Jesus—é o nome de um negro, corneta do corpo n.º 42, de voluntarios paulistas, que morreu na guerra do Paraguay.

E' de uma testemunha, ocular : tendo fracturado os braços, um após outro, e crivado de balas, expirou no campo da batalha, á frente do batalhão, tocando a *avançar*.

Cresce o fumo... augmenta... augmenta,
Tolda-se tudo no ar;
Retine o gladio e a tormenta
Do fogo e fumo a estrondar!...
Corneta da minha terra,
Chammeja o facho da guerra,
Rebentam jorros de luz...
Altivo berra o canhão...
Zune a bala, é sangue o chão,
Toca a investida, Jesus.

Nascido humilde—no seio
Arde-te acceso um vulcão;
Filho do povo—no augeio
Que popular coração! ?
Como pulsa bronzeo e invicto
Na muralha de granito,
Que a mão de Deus fabricou!
Jesus—accende-se a lucta,
Presas a morte disputa,
Jesus, teu braço vôou!...

Pouco importa!—avante, avante!...
Creoulo d'alma viril;
Pygmeu, faze-te gigante,
Tu és filho do Brazil!
Oh toca, toca a investida!
Sobre a hoste embravecida,
Jesus, um passo, inda um passo!
Ha gritos, pragas e ais,
Sóbe o horror cada vez mais!...
E lá se foi outro braço!...

Nasceste, filho do povo,
No berço da natureza !
Da raça de um mundo novo,
Tu fundas-te a realeza !
Teus pobres braços cortados
Por esse espaço espalhados
Mudos supplicam :— saudade,
Leva-me ás patrias areias,
Quero quebrar as cadeias,
Patria, patria, liberdade !...

Teu sangue é tinta que dura,
Que não se apaga, Jesus :
Fêl-o o Christo na amargura,
Antes de expirar na cruz !
Aquelle suor em gottas
Pelas tuas veias rotas
Talvez gotteja tambem !
Tens um horto—o dos escravos,
Tens um calvario—o dos bravos...
Irás ao céu—inda bem !

Em ti resurge a tua raça,
Em ti morre a escravidão !
A treva já se adelgaça,
Principia a redempção !
Moysés da raça infeliz,
Tu chegarás, Deus o quiz,
Ao fim do immenso deserto !
Achatam-se os horisontes,
Eis as verduras...—as fontes...
Já vêm chegando, estão perto !...

Teu nome, sacro evangelho,
Morte e gloria—vão sellar!
Oh remoça o mundo velho,
Toca, Jesus, sem parar!
Borbota o sangue em tua bocca...
Pouco importa... toca... toca...
São as ancias da agonia...
Desmaiaste—ultima hora!...
Escravo—desponta a aurora!
Patria do sol—eis o dia!...

Teu berço d'ouro esmaltado,
Corneta da minha terra,
Teve um grande cortinado,
—Os nevoeiros da serra!
Nas folhas da trepadeira,
Ao canto da cachoeira,
Tremia o berço no ar!
Que tropical formosura?—
—Foi tua mãe a noute escura,
Quando o sol beijava o mar!

Como são brancas, tão brancas,
As flôres do algodoeiro?
Que musgos pelas barrancas,
Que estalos no palmito?
Brotam o astro, e brota a planta,
Tudo sorri, tudo canta,
—Terra e mar e passarinhos!
O sol tem ondas azues,
As ondas frocos de luz,
A luz dourados arminhos!

Ao peso das bagas ruge...
Ruge... ruge... o cafesal ;
Desce a tarde, o gado muge
Para as bandas do curral...
Pelas *taperas* desertas,
Piam as aves... despertas
Vagam as sombras... que maguas !
Chorae, saudades, nas fontes,
Pelas varzeas, pelos montes,
Na matta, nos céus, nas aguas !

Que terra a nossa tamanha ? !
Que nobres recordações ? !
Salta o genio da montanha,
O solo tem vibrações !
Oh poemas sem eguaes !
Oh tradições divinaes !
Oh eterna mocidade !
Aqui, Jesus, reza o crente ;
Primeiro altar resplendente
—Aqui teve a liberdade.

Devia ser grande—a ara
Alli vês—tem um destino !
Alli a turba ignara
Talvez tenha um Aventino !
As esperanças em bando,
Como pombas revoando,
Rompem o denso vapor !
Jesus, tua alma espalhou-se,
Pelos campos derramou-se,
Ave, brisa, aroma e flôr !

Morres grande entre os gigantes,
Limpo, limpo de braços,
Pequenino como d'antes,
Ao retumbar dos canhões !
Silencio ! ninguem responde...
Não te fizeram visconde,
Não tens um titulo, ou medalha ;
Mas inda ao som da corneta
Dança á noute a bayoneta
Pelos campos de batalha !

Tua gloria vaga no ar,
E' quasi um sagrado mytho ;
O marmore póde quebrar,
Não dura sempre o granito
Na solidão esquecido,
Pobre, sem tumulo, perdido,
Sem pedra, signal ou cruz,
Tu symbolisas o povo,
Tu és quasi um Christo novo,
Tens o seu nome—Jesus !

S. Paulo, Setembro de 1875.

JOSÉ BONIFACIO

QUADRA POPULAR

Ainda que a braza se apague
Nas cinzas fica o calor,
Ainda que o amor se muda
No coração fica a dôr.

A CANGICA

Corria o anno de 1710, e n'esse tempo todo o sal que esta cidade, então Villa e Praça de Santos, importava, constituia-se em pingue monopolio em favor do feliz contractador, a quem se dignára conceder a real piedade do senhor rei d. João V, privilegio exclusivo d'esse ramo de commercio.

N'esse anno, por excessiva ganancia, ou talvez por urgente necessidade de solver velhos compromissos deixados na metropole, abusivamente exigia o contractante a quantia de 20\$000 réis por alqueire, aos desditosos consumidores d'esta capitania de S. Vicente, que padeciam, privados d'este genero de primeira necessidade, e que só eram obrigados legalmente ao pagamento de 1\$280 ao contractador, e mais 400 réis á fazenda real.

Felizmente para o povo, e infelizmente para o protegido do rei, vivia n'esta capitania o celebre Bartholomeu Fernandes de Faria, conhecido pelo—Terror de Jacarehy—, que n'esta occasião, inspirado mais pela nativa independencia de character, do que por maldade ou desrespeito á lei; não querendo sujeitar-se a esta extorsão, e compadecendo-se da sorte dos habitantes de serra-acima, tomou a ousada deliberação de vir a Santos.

E assim fez, descendo a serra, acompanhado de duzentos indios, cavallos de carga, e mais gente armada, e chegando aqui, apoderou-se por surpresa do infiel contractador, do provedor da fazenda real Thimoteo Corrêa de Góes, e dos armazens em que o sal se achava depositado; d'elles tirou todo que podia levar, pagando-o pelo justo valor, não esquecendo os direitos da fazenda.

Praticado este acto de ousadia, se retirou em paz para o interior pelo caminho primitivo que por S. Vicente seguia para o Cubatão.

Os moradores da Villa e Praça de Santos, onde existiam quatro companhias de infantaria de linha, passado o terror panico causado por este acto de atrevimento, e chamado ás armas pelo governador José Monteiro de Mattos, reuniram-se e marcharam em perseguição de Faria, com as conveniencias e pressa ditadas pela prudencia, de modo que só chegaram ao rio S. Jorge, onde encontraram a ponte derribada por ordem de Faria, que se achava de pouso na margem opposta.

D'ahi regressaram estes bravos, e vieram para Santos assistir a um *Te-Deum*, que em acção de graças, o valente governador mandou cantar no collegio dos padres jesuitas, onde foi prégado um bello sermão commemorativo que mereceu as honras de ser impresso e dedicado ao governador !

« Diz uma lenda paulista que este facto deu origem á descoberte da cangica, porque um devoto, temendo a repetição do mal, e de actos violentos d'esta natureza, em oração fervorosa supplicou á Nossa Senhora, um remedio, e que em sonho lhe appareceu um anjo, que o ensinou a soccar o milho, cozel-o, e preparar a deliciosa cangica, que dispensa o sal. »

Receita gratis do céu para um manjar barato da terra !

CAIUBY.

A vida de familia, diz Saint-Beuve, embora seja cheia de espinhos, produz fructos; todas as outras são espinhos só. E mais adeante: Si a casa do homem, em certo periodo da vida, não contiver filhos, provavelmente ha de encher-se de loucuras ou de vicios.

O BOQUEIRÃO

Na serra da Mantiqueira, em Minas, a vinte e dous kilometros da cidade do Rio-Preto e distante trinta e tres kilometros e meio da freguezia do Bom-Jardim, na estrada denominada—do Pereira, existia outr'ora um enorme poço de uns cem metros de circumferencia e cincoenta de profundidade, formado pelas aguas do ribeirão—Parapitinga, cujas bordas eram todas de immensas massas de granitos que perpendicularmente formavam as paredes do poço e continham as suas aguas como encadeadas. Por um cataclysmo ou revolução da natureza abriu-se a rocha de alto a baixo, de uma altura não inferior a cincoenta metros, para dar passagem ás aguas represas e assim ormar essa bella e grandiosa obra da natureza que se chama—Boqueirão, o qual, por sua estructura natural, com suas paredes de rochedos alcantilados e de uma altura superior a cincoenta metros, parece destinado a ser um dia uma das mais seguras prisões do Estado.

A estrada do Pereira passa pelo Boqueirão; porém, a entrada e sahida é por cima do rio, por uma ponte cujas vigas são embutidas na pedra de um e outro lado, e a não ser por esta passagem nenhum mortal será capaz de entrar ou sahir d'elle sem ser com o auxilio de azas ou balão aereostatico.

O Boqueirão offerece ao observador uma vista magnifica e bella e ao mesmo tempo horripilante e por essa razão os engenheiros o denominaram—de bello horrivel!

E' pena que algum photographo ainda não se lembresse de photographar—esse bello horrivel, na phrase dos engenheiros que o visitaram.

A estrada que passa pelo Boqueirão foi aberta por um portuguez de nome Antonio Pereira, que pagou com a vida os seus esforços e dedicações á causa publica, sendo assassinado a mandado de um fazendeiro, por cujas terras passou a estrada.

Paranapanema, 29 de Julho de 1884.

C. P. GUSTAVO.

SIMILES

Andando á caça, Carlos V, perdeu-se em um bosque e se recolheu em uma casa onde estavam quatro homens. Levantou-se um d'elles e dirigindo-se ao imperador :

Sonhei que te roubaria o relógio, e roubou-lh'o.

Cada um dos quatro foi dizendo o mesmo e despojando-o de uma prenda. Quando chegou a vez ao ultimo tratou de tirar-lhe uma cadeiasinha em cuja estremidade estava um apito e este pendente do peito, mas o imperador antes de ser desembaraçado d'aquella prenda disse que desejava mostrar-lhe sua virtude.

Dito isto, apitou e os seus companheiros de caça que o procuravam por todas as partes, appareceram e o imperador lhes disse :

« Aqui vos apresento estes cavalheiros que sonharam tudo quanto quizeram. Eu tambem quero sonhar e sonho que todos quatro hão de morrer enforcados.

E assim foi. »

Ha certos ministros em certo reino, que não têm sonhado, têm feito tudo quanto tem querido e até parece que já tiraram o apito ao imperador.

Pois se assim não fôra tinham todos morrido enforcados.

CARTA DE UM VOLUNTARIO A SUA NAMORADA

Mochila do meu coração.

Desde que ouvi os gritos de alarma da patria, e tive de alistar-me — voluntario — sinto continuamente no polvarinho do meu peito, accender-se o morrão da mais perfilada saudade, e o xadrez da minha vida trespassado pela espada da desventura.

Na tarimba da minha alma só dorme a idéa da nossa separação, que a cada alerta do bater do coração, vem despertar a sentinella dos meus pezares.

As metralhas do ciume abraçam e despedaçam meu peito, só com a idéa de perder-te. A noute, depois do canção do manêjo, o — foguete de congreve — da minha imaginação vóa ligeiro para cravar-se no teu lindo rosto! Vejo os escarcéos dos teus olhos, fazendo sobre mim aquella descarga dos teus affectos, que deixou-me prisioneiro em vossa tenda! Ouço o sibillar dos teus sorrisos, o ribombar dos teus suspiros, e a corneta da tua voz chegar aos meus ouvidos, doce como o toque d'alvorada, tudo para apertar mais os correiaes dos meus soffrimentos!

Sinto horrivel batalha no chumbeiro d'esta cabeça, quando n'ella se apresenta o quadrado da tua belleza, que com a vareta dos meus desejos finalmente consegui capitular. Não fazes idéa, mochila da minha alma, quanto custa viver-se bombardeado pela ausencia, quando a bala do destino vem arrancar toda infantaria dos sonhos do futuro! Aqui para mim tudo é triste como o marche-marche para o combate. Quantas lagrimas de saudades não tem disparado da coronha dos meus olhos! quantos toques de—despedida—do tambor de meus labios! Fe-

rem-me as bayonetas do cuidado quando me lembro, que talvez algum desarmado desertor tenha querido fazer-te sitio, cravando sobre ti os perdigotos do namoro ! Não posso mais : está a rasgar-se o cartuxame da minha paciência, e quebrar-se o escudo da minha coragem ; e si a espingarda do meu desespero fizer pontaria para esses lados, esquecerei o quartel dos meus deveres, preferindo a quente guarita do teu peito.

Mas si te achar qual—*Montevideo*—covarde, rendida á peça inimiga de algum audacioso recruta, então verás, convertida em terrivel chibata, as dragonas dos meus amores, para possuir a usurpação do meu acampamento !

E a esse miseravel levarei, como despojo, um beijo da minha espada, que como o—*Amazonas*—tambem saberá pôl-o a pique.

Mas não ! Deus ha de permittir que a bonançosa bandeira branca sempre fluctuará nos nossos arraiaes ; e que alerta me esperarás para sermos cingidos pela banda da ventura !

Adeus.

A tua guarita,

João Beltrão.

S. Paulo. 1865.

M. DE G. M. E COSTA.

O CORVO

(TROVA FRANCA)

Branco é meu nascimento,
E preta minha firmeza,
A morte minha alegria,
A vida minha tristeza !

HISTORIA DE UMA CRUZ

O viajante que da cidade de Pirassununga seguir para a de Casa-Branca, por terra, logo um kilometro além da famosa—Cachoeira e á borda de uma bellissima campina, encontrará uma cruzinha de madeira, erguida do lado esquerdo da estrada.

Logo que o viajante depara com o signal da redempção, tão commum nas estradas d'esta provincia, apodera-se do seu espirito o terror e uma lembrança sinistra de, n'aquella localidade, ter sido theatro de uma scena de sangue, um assassinato ; quando muitas vezes, uma cruz alçada na borda da estrada, nada mais é do que effeito da superstição ou do fanatismo.

Da cruzinha que existe n'aquella localidade conta-se uma lenda bastante interessante e digna de ser vulgarizada.

Ha muitos annos, quando a Cachoeira de Pirassununga tornou-se famosa, pelos muitos crimes que ahi se deram, andava pelas suas circumvisinhanças um pobre homem que vivia de leccionar primeiras lettras.

Este homem tinha por habito ficar até tardias horas na Cachoeira, voltando a pé para os sitios onde residia, sempre muito depois da meia noute.

Uma occasião, na fórma do costume, elle despediu-se de seus amigos, apezar da noute estar tenebrosa, partiu, sem attender ás objecções que lhes fizeram.

No dia seguinte, muito cedo, elle apresentou-se com o fato todo molhado, tiritando de frio. A sua presença causou estranheza ás pessoas que o conheciam, visto que elle só apparecia á tardinha, n'aquella localidade, e então

o interrogaram sobre qual o motivo de sua vinda áquellas horas e n'aquelle estado.

O pobre homem, ainda attemorisado, contou que chegando á localidade onde se acha alçada a cruzinha, ouviu um cantico divinal por uma voz muito agradavel aos seus ouvidos.

Não obstante o terror que gradualmente ia apoderando-se do seu espirito, elle tentou caminhar, não podendo, porém, proseguir nem retroceder, pois se achava como que preso por uma força mysteriosa, que lhe causava doces sensações.

Ap cabo de algum tempo, a voz desapparecêra e então viu junto de si uma formosa mulher vestida de branco e com os cabellos soltos sobre as espaldas, e que lhe dissêra que não se temesse, pois, que mal nenhum lhe resultaria.

Elle, assombrado do que via, sem articular uma só palavra, tornou-se immovel.

Então a apparição proseguiu, pedindo-lhe que mandasse erguer alli uma cruz, e que depois desapparecêra entre as chammas de uma luz pallida como a da lua. Que ahi elle perdêra os sentidos, e que só despertára aos clarões da alvorada, com o trinar da passarinhada, que na proxima floresta saudava os primeiros raios da linda aurora.

Esse homem, a expensas suas, mandou fazer a cruzinha que lá existe erguida á borda da estrada que da cidade de Pirassununga segue para a de Casa-Branca.

Quantos leitores não terão passado por essa estrada e visto essa cruz, sem que saibam de sua historia que, para o povo illustrado, não deve ir além de uma lenda.

Agosto de 1884.

ANNA C. DE CAMARGO MOTTA.

PARAISO MATINAL

Encosta-te ao meu hombro: esta collina
Tem a subida ingreme, escarpada...
E páras... Mas não vês como a campina,
Ao longe ri-se aos fogos d'alvorada?

E os astros d'oiro da cerulea umbella
Fogem do oriente á luz que se derrama?
Vamos, coragem! vamos do alto d'ella
Contemplar este vasto panorama!...

Que o sol nos mande um fulgurante raio
Para doirar-te a frente, que, em desmaio,
Pende cançada e tremula. E chegamos!...

Fita n'aquella *viride* planura
Uma casinha... Pois foi lá (ventura!)
Que outr'ora inda crianças nos amamos.

1883. S. Paulo.

WENCESLÁU DE QUEIROZ.

Ensine-se, disse Bright, perfeitamente a um menino
a arithmetica, e ellè será um homem perfeito.

Casa de cambio

COMPRA E VENDE

Ouro e prata em moeda

APOLICES DA DIVIDA PUBLICA

Acções de bancos e companhias

Lettras hypothecarias e mais titulos

FAZ DESCONTOS

AGENCIA DE LOTERIAS

C. TEIXEIRA DE CARVALHO
50--Rua da Imperatriz--50

CORREIO, CAIXA 29

S. PAULO

TELEPHONE 59

Endereço telegraphico «Carcar»

UM TESTAMENTO ANTIGO

COPIA AUTHENTICA DO TESTAMENTO DE JOÃO
THOME' DA COSTA, FEITO NO ANNO DE 1643

Saibão cuantos esta sedula de testamento virem Como no ano do nassim^{to} de noso Snõr jezû Xsto da era de mil E seis sentos E corenta E tres a nos nesta Vila de Santa a na das Crúses Capitania de Saõ Uicente Ett^a nesta dita Vila em os Vinte e dous dias do mes de noVem do ano E era aSima de clarado Estando eu joaõ thomê da Costa a qui morador queixhozo de emfermidades que deo^s me deo me pus a fazer esta sedula de testamento pera nele declarar as cauzas nesesarias pera o bem de minha alma E des Cargo de minha consiensia o qual aSim se continha—

Primera mente em Comendo adeus minha alma pois que a remio Com o seu presiozo Sange crendo nele E nas trez pesoas da Santissima trindade padre E filho e esperito Santo firmemente E na glorioza Virgem nosa Snorã Sua SaCratisima mãi E aos Santos E Santas E anios E arcanios E ao bem aVenturado Sam migel arcanio tomo por meu inter sesor mediante noso Snõr jezuXsto amen— declaro mais que sendo des seruido Levarme desta presente uida d'onde sou morador meu corpo seia emterrado na igreja de nosa Snorã do Carmo com o abito de nosa Snorã que pera iso tenho aparelhado—declaro que deixo de esmola na igreja matris a nosa Snorã dorrozorio des cruzados os quais se tirarão do monte mor de minha fazenda Com cinco misas mais declaro mais que deixo des

misas as almas e cinco tostois de esmola ao Santissimo Sacramento outro tanto a Sãta ana que me acompanhem Suas confrarias—declaro que se me diga hũ trintario de misas por minha alma as quais se comesaraõ a dizer do dia que meu corpo for emterrado—declaro que sou cazado Com minha mulher joana de chaves do qual matremonio temos oito filhos legitimos erderos dos quais tenho tres cazadas emteradas do dote que lhe prometi—declaro que deixo a minha tersa a minha mulher ioana de chaves em quanto senão cazar cazandose a deixo a meu filho ioaõ pera que Ele como filho de ben são fa sa algum bem a minha alma a qual tersa semterarãõ nestas cazas que tenho nesta Vila de Sobrado E por sua morte ficarãõ as mais pobre E desemparado irmaõ que Ele tiver E asim declaro que sendo cauzo que sua mai morra Sem se cazar goze a dita tersa em sua vida E a deixo por testamentera e Curadora de seus filhos E cazandose ou morrendo deixo a dito meu filho como testamentero E curador de seus irmaõs ao qual peso que fasa como filho de bensãõ—declaro que tenho um rol de diuidas que deuo E outro do que me deuem E por ir arecadando pouco apouco não ponho neste meu testamento os quais peso as iustisas de sua magestade qui pelos ditos rois se governem tirando os conhesimentos quaõ do noso Snõr fizer de mim sua Santa Vontade de me tirar deste mundo E desta manera Ei este meu testamento por feito E acabado E asin peso as iustisas de sua magestade asim Ecleeziasticas como ceculares a sim o Cumprãõ e mandem cumprir como nele se contem por que esta he minha ultima Vontade testemunhas que aqui asinaraõ manoel nogera manoel da Costa Cea manoel roiz Sobrinho manoel dabreu João Frz preto Luis de medina ieronimo Roiz todos aqui moradores que aqui a sinaraõ comigo testador. Joaõ Thome da Costa—Im^o Roiz—Me^l dabreu—Luis de medina—João Frz preto—m^{el} Roiz Sobrinho—Manoel nogera—m^{el} da Costa de Sea.

GILLIAT

—A ANTONIO P. DE QUEIROZ—

I

Deante d'elle se abria um vacuo immenso e fundo...

Que importa ? Elle sentia arder-lhe heroicamente
Do vasto coração no pelago profundo
A scentelha do amor—fagulha incandescente
Que sempre traz no seio os embryões de um mundo !

Porque elle amava. E amar com aquelle amor ardente,
Amar como elle amava,
E possuir a força indomita da lava,
Aquella força estranha
Que tem a rigidez dos musculos dos leões,
Que supplanta montanhas,
E que, rugindo, lambe as faces do Infinito
Como a saliva que cuspissem-lhe os volcões !

Elle sabia-o bem, a lucta era terrivel !
Elle ia se elevar
Contra a força invencivel
Das furias colossaes e tetricas do mar.

Elle ia dizer : « Negro leão sanhudo
« Em cujo aspero dorso
« Vãmente se debate o furibundo esforço
« De todas as procellas !
« Arroja contra mim tuas raivas hediondas :
« — Eu hei de desfazel-as !
« Levanta-te ! Me absorve em teus fundos abysmos !
« Derruba-me na frente o horror dos cataclysmos
« Que sacodes nas ondas !

« Debalde ! Eu vencerei. Irão bater-me aos joelhos
« As vagas turbulentas...
« E eu luctarei a vêr jorrar-me sobre o flanco,
« Arquejante, cançado,
« — Em um spasmo branco—
« O epileptico ardor furioso das tormentas !...

« E ao peso do meu braço
« Has de cahir vencido !
« Arrancando, por fim, do bronzeo peito lasso
« A tremula expansão covarde de um gemido ! »

∴

Porque elle vira, além do abysmo pavoroso,
Da meiga Deruchette o vulto irresistivel
Loirejar, como um pômo agreste e delicioso
No ápice da montanha enorme do Impossivel.

Rugia-lhe no peito o volcão do heroismo,
E assim, n'uma explosão de lavas delirantes,
Gilliat se arremeçou á escuridão do abysmo
— Pygmeu a combater um mundo de gigantes !

∴

E elle venceu ! Arcou com o peso do Infinito .
E do tórvo oceano á funda entranha escura
Foi arrancar o preço, o thesouro bemdito,
Com que comprasse ao Amor os sonhos da Ventura.

III

E assim como Gilliat, o luctador glorioso,
O Homem, esse pygmeu, pobre atomo vil,
Eleva contra um mar soturno, tenebroso,
A rija intrepidez do cerebro viril !

Porque elle avista além d'esse escarceu profundo,
Como um radiante sol esplendido, a fulgir
Da Verdade o clarão rutilante e fecundo
— Deruchette a allumiar seus sonhos de porvir !

Porque seu peito é como—a entranha de um Vesuvio
Que arroja como lavas—auroras sobre o céu !
Cada dia a victoria espalha-se em diluvio...
São fulgidos laureis—Giordano e Galileu !

Mar ! Ha de te vencer de Gilliat o esforço !
Noute ! O sol da Sciencia ha de rasgar-te os véus !
E o Homem, esse pygmeu, ha de curvar-te o dorso,
Tu, gigante feroz, mar, que te chamas—Deus !

S. Paulo—1883.

VICENTE DE CARVALHO.

A MAIS FORMOSA QUE DEUS

O Visconde da Pedra-Branca estando em uma reunião deu-lhe uma senhora este motte—*A mais formosa que Deus*—que elle glosou immediatamente do seguinte modo:

Vindo em uma caravana,
Eu com duas damas vim,
Uma feia em demasia,
Outra era um cherubim.
E vendo virem assim
A sós sem amantes seus
Perguntei-lhes—anjos meus,
Quem vos pôz em tal estado?
A mais feia que—o peccado,
A mais formosa que—Deus!

CASA IMPORTADORA

DE

Metaes, ferragens, tintas,
ARTIGOS DE AEMARINHO E MELHADOS

BRUHNS & C.^a

*Expedem dinheiro para todas as cidades e
villas do*

REINO DE ITALIA

Grande deposito de papel e tinta para
impressão

30-Rua Direita-30

S. PAULO

CAMPAHA DO SUL

UM SOLDADO OBSCURO DA LEGIÃO DE S. PAULO

Destituídos do throno de Hespanha o rei Carlos IV e seu filho Fernando VII por Napoleão I, julgou a côrte portugueza que a corôa hespanhola devia transmittir-se á princeza Carlota, filha d'aquelle rei e esposa do principe regente de Portugal, ao depois d. João VI.

Occupada a Hespanha pelos francezes, foi a causa da successão transferida para a America, entrando logo a princeza Carlota, pretendente á corôa de Hespanha, e seu genro d. Pedro Carlos á soberania dos Estados do Prata, em ajustes diplomaticos com Liniers, vice-rei de Buenos-Ayres.

Interessado n'essa questão, o governo portuguez resolveu collocar na fronteira meridional do Rio-Grande, um exercito de observação, cuja força principal devia ser fornecida pela capitania de S. Paulo. Para esse fim, o governador Franca e Horta teve de reorganisar, em 1808, a legião de S. Paulo, reunindo mais de 2.000 homens, entre voluntarios e recrutas, distribuidos em varias divisões de cavallaria, artilharia e infantaria.

Assim reformada, partiu a legião para o Sul, e em Janeiro de 1810 achou-se toda reunida na cidade de Porto-Alegre, capital do Rio-Grande do Sul.

Longa e penosa, foi ainda infructifera a marcha da legião para os Estados do Prata, porque as pretensões da princeza Carlota ao throno de Hespanha, e de seu genro

d. Pedro á soberania do Prata foram inteiramente burladas.

Manifestada a insurreição das provincias portenhas com o fim de sacudirem o jugo da metropole, ateou-se a guerra civil em Buenos-Ayres, Paraguay e Montevidéu.

No intuito apparente de acalmar essa lucta fratricida, para a qual havia contribuido, ordenou o governo portuguez que as tropas brazileiras ficassem no Sul, dando-lhes o titulo de Exercito Pacificador.

N'esse periodo sanguinolento em que se debatiam os Estados do Prata, fez a legião de S. Paulo duas campanhas memoraveis, não só pelas armas, como pela nudez, fome, rigores e miserias que affrontou : a de 1811 em Montevidéu, e a de 1812 no Uruguay, ambas na maior força do inverno d'aquellas regiões.

Ao governador Franca e Horta na capitania de São Paulo succedêra o Marquez de Alegrete, que pelo seu estado valetudinario, teve de resignar o cargo em 1814, ficando interinamente no governo da capitania o triumvirato composto do Bispo Diocesano d. Matheus de Abreu Pereira, do ouvidor da comarca e do intendente da marinha real de Santos. Este governo provisorio, para recomendar-se á Côrte. já então transferida para o Brazil em virtude da invasão dos francezes em Portugal, reuniu e fez marchar para o Sul, em 1814, um reforço de seiscentas praças para a legião de S. Paulo, sob o commando do coronel Lazaro José Gonçalves.

D'esse contingente fez parte o soldado Thomé de Alvarenga, pae do autor d'estas linhas e natural de Pindamonhangaba, que assentou praça em S. Paulo, como voluntario, em 1.º de Junho de 1812. Sem a pretensão de querer lembrar os obscuros serviços que prestou no exercito o velho soldado paulista, seja-nos licito ligar o seu nome aos feitos militares da briosa legião de S. Paulo, nas campanhas de 1816 e 1822.

Com o reforço da legião, reunido e aquartellado na capital, marchou elle para o Sul em 11 de Setembro de 1814.

A primeira expedição em que tomou parte foi a de Matto-Grosso, onde os legionarios paulistas, ainda moços e vigorosos, caminhando a pé dezenas de leguas sob um sol abrazador, atravessando pantanos e banhados, sentiram já os terriveis effeitos d'essa trabalhosa campanha, que devia consumir-lhes, em pura perda, a vida ou a saude.

Chegado que foi ás fronteiras do Paraguay assistiu Thomé de Alvarenga á acção de Corumbá em 28 de Outubro de 1816, na qual foi batido Artigas, o caudilho gaúcho.

Seguindo a marcha da legião, tomou parte na batalha de Catalan, travada em 4 de Janeiro de 1817, da qual sahiu ferido, recolhendo-se ao hospital do exercito. Essa batalha foi uma das mais importantes que se deram na campanha de 1816.

Estava a legião de S. Paulo acampada em Catalan, quando foi sorprendida por um exercito de 3.000 gaúchos capitaneados por La Torre, Verdun e Mondragon; a legião commandada pelo general Joaquim de Oliveira Alvares, embora inferior em numero, sustentava o combate com grande energia, e recebendo o auxilio de um corpo do exercito ao mando do coronel Abreu, conseguiu esplendida victoria sobre o exercito castelhano. As perdas do inimigo foram enormes. La Torre e Mondragon lograram evadir-se; mas o cabecilha d. José Verdun e com elle muitos outros hespanhos cahiram em poder do capitão Bento Manoel Ribeiro, que os enviou prisioneiros para o quartel-general de Porto-Alegre.

Restabelecido do ferimento que recebêra n'esse combate, marchou Thomé de Alvarenga para o cerco de Montevidéu a 12 de Abril de 1822, quando se retiraram para Portugal as tropas lusitanas. Realizada a capitulação entre os generaes d. Alvaro e o Barão, ao depois Visconde

da Laguna, em 18 de Novembro de 1823, entrou Alvarenga na praça de Montevidéu a 2 de Março de 1824, onde prestou juramento á Constituição a 10 de Maio do mesmo anno, ficando com seus companheiros no serviço da guarnição, por ter sido incorporado ao Brazil o territorio de Montevidéu, com o nome de Provincia Cisplatina.

A legião de S. Paulo, de que elle fazia parte, e que chegou a reunir 3,200 praças, estava reduzida no fim da campanha a um pequeno corpo de officiaes e soldados invalidos, que deixaram Montevidéu em 1829 e recolheram-se a esta provincia, trazendo por toda a recompensa... a satisfação de haverem cumprido o seu dever com a lealdade e honradez de verdadeiros paulistas, nada mais.

Thomé de Alvarenga, depois de 15 annos de campanha, voltou a S. Paulo como 1.º sargento do 7.º batalhão de caçadores, e foi promovido a alferes por decreto de 18 de Outubro de 1829. Casou-se a 8 de Dezembro d'esse mesmo anno com d. Joaquina das Dôres Camargo, existindo ainda d'esse consorcio onze filhos, um dos quaes é o actual Bispo de S. Luiz do Maranhão d. Antonio de Alvarenga.

Como official serviu ainda o obscuro paulista na guarnição de S. Paulo e em varias diligencias do interior, por espaço de quinze annos até 1844, quando obteve reforma.

Exerceu os cargos de almoxarife e director interino da Penitenciaria, de 1847 a 1852, e do Hospicio de Alienados desde sua fundação, em 1852, ate 29 de Abril de 1868, data em que falleceu, com 75 annos de idade e 56 de serviços ao paiz e á provincia, deixando a seus filhos a unica herança de um nome honrado em todos os actos de sua vida publica e particular, como servidor da nação e como chefe de familia.

Estas linhas, escriptas por um de seus filhos, exprimem apenas um tributo de gratidão e saudade.

Araraquara, 1884.

DR. MANOEL DE ALVARENGA.

PORTO-FERREIRA

Deu o nome a esta pittoresca localidade o barqueiro João Ignaciõ Ferreira, que ahi viveu por muitos annos, dando passagem em uma barca sobre o rio Mogy-guassú, aos viajantes que demandavam o centro d'esta provincia.

João Ferreira é um nome bastante conhecido, por esse motivo, não só n'esta provincia como nas de Minas-Geraes, Matto-Grosso e Goyaz.

Era ahi, no Porto-Ferreira, que outr'ora estacionavam as moções vindas do deserto para conduzirem sal e café para longinquas pairagens.

N'esse bom tempo, apenas havia no Porto-Ferreira a pobre habitação do honrado barqueiro : era uma pequena casa coberta com telhas.

Por occasião de enchentes, e que o rio inundava as suas margens a distancia de muitos metros, João Ferreira retirava-se para uma outra habitação que possuia a distancia de tres kilometros do porto, onde demorava-se até que passasse a estação das aguas.

No anno de 1879, e com 62 annos de idade, falleceu João Ferreira, deixando o seu nome immortalizado perante a historia.

O Porto-Ferreira, que, ha seis annos, era um local remotissimo, é hoje um dos logares que mais rapidamente tem progredido n'esta provincia.

O anno passado (1883), contava apenas dez casas cobertas com telhas ; hoje, segundo uma recente estatistica que fiz, conta trinta casas cobertas com telhas, sete cobertas com palha e muitas em construcção.

O seu commercio consta de tres lojas de fazendas e ferragens, tres armazens de commissões, cinco casas de seccos e molhados, um hotel, uma padaria, uma botica, um bilhar, uma ferraria, uma hospedaria e uma escola particular.

Esta pequena, porém florescente povoação está situada em terrenos da Companhia Paulista, e dá obediencia ao municipio de Bethlem do Descalvado.

Está em projecto a edificação de um templo, porém ainda não foi determinado o local para a sua edificação.

Tambem recente-se da falta de uma estação na linha ferrea, visto que a que está servindo, ainda é a que foi provisoriamente feita.

No entretanto, estão bem adiantados os trabalhos na margem do rio, onde vae ser edificada a estação da Navegação Fluvial, que vae ser inaugurada por todo o mez de Setembro proximo vindouro.

Com a abertura d'essa navegação pelo rio Mogy-guasú, rapidamente se desenvolverá o commercio do Porto-Ferreira.

A navegação attrahe, sem duvida, grande parte do commercio da cidade de Uberaba, que é a alfandega do sertão, e das localidades intermediarias do Porto-Ferreira ás margens do Rio-Grande.

De todos os pontos de commercio central, d'esta provincia, nenhum dispõe de tão bellos elementos para um brilhante futuro como seja Porto-Ferreira, que ainda hontem dormia sobre as fimbrias da tunica da solidão; e hoje, qual creança despertada do somno infantil, brinca com o silvo da locomotiva que passa, e espera ouvir o echo do vapor que singrando as aguas do Mogy, brevemente levará ao sertão a noticia do seu progresso.

Pirassununga, 15 de Agosto de 1884.

J. P. DA MOTTA JUNIOR.

CARTA DE SESMARIA

1774

Dom Luis Antonio de Sousa Botelho Mourão, Morgado de Matheus, Fidalgo da casa de Sua Magestade e do seo Concelho, Senhor Donatario da Villa de Mourão, Alcaide Mór da Cidade de Bragança, Comendador da Ordem de Santa Maria de Vimioso, da Ordem de Cristo, Governador actual do Castello de da Barra de Viana, Governador e Capitão General da Capitania de S. Paulo etc.

Faço saber aos que esta minha carta de Sesmaria virem, que atendendo a me representar por sua petição o Alferes Francisco Nato Freire e o Alferes Manuel Francisco de Toledo ambos do Districto da Villa de Guaratingueta, que elles se achavaõ com familia, e escravos bastantes, e sem situaçaõ sufficiente para o seo mister, e como no districto da dita Villa se achaõ Campos e terras devolutas em paragem sufficiente para os supplicantes poderem afasendar se nas Cabeceiras do Ribeiraõ chamado Guaratinguetá, e de outro que se chama Piaguy até a serra do Sopocahy e Tajubá, que em outra parte se chama Mantiqueira, pedindo me os supplicantes lhe mandasse nos taes Campos passar carta de Sesmaria de legoa e meia de testada e tres de sertoã para na dita paragem por serem terras chavascaes formarem fazenda de gado e eguas, e pagarem Disimos, e sendo uisto o seo reguemento em que foi ouvida a Camera da referida Villa de Guaratinguetá, aquem senaõ offereceo duvida alguma,

nem aos Doutores Prouedor da Real Fazenda, e Procurador da Coroa, aquem se deo uista: Hei por bem dar de Sesmaria em nome de Sua Magestade (em uirtude da Ordem de quinze de Junho de mil sete centos e onse) ao dito Alferes Francisco Nato Freire, e Manuel Francisco de Toledo a referida legua e meia detestada e trez de serto na paragem acima declarada com as confrontaçoes expressadas, e sem prejuizo de tercêiro, ou do direito que alguma pessoa a ellas tenha, com declaraçaõ que os cultivará, e mandará confrmarm esta minha carta por Sua Magestade dentro de dous annos, e não o fazendo se lhe denegara mais tempo, e antes de tomar posse dellas as fará medir e demarcar judicialmente, sendo para este efeito notificadas as pessoas com quem confrontar e será obrigado a faser os caminhos de sua testada com fontes e estivas aonde necessarios forem; e descobrindo-se n'ella Rio Caudaloso que necessite de barca para se atravessar, ficará reservada de huma das margens delle meia legua de terras em quadra para a Comodidade publica, e nesta data não poderá succeder em tempo algum pessoa Ecclesiastica ou Religião e succedendo será com o encargo de pagar Dizimos, ou outro qualquer que Sua Magestade lhe queira impor de novo, e não o fazendo se poderá dar a quem o denunciar, Como tambem sendo Sua Magestade seruido mandar fundar no districto della alguma Villa, o poderá fazer ficando livre e sem encargo algum, ou pensão para o sesmeiro, e não comprehenderá esta data vieiros ou minas de qualquer genero de metal, que nella se descobrir reservando tambem os paos reaes, e faltando a qualquer das referidas Clausulas por serem conforme as ordens de Sua Magestade e as que dispoem a lei e Foral das Sesmarias ficaraõ privados desta. Pelo que mando ao Ministro a que o conhecimento desta pertencer de posse ao dito Alferes Francisco Nato Freire e Manuel Francisco de Toledo das referidas terras na forma acima declarada. E por firmesa de tudo lhe mandei passar a presente

por mim assignada, e sellada com o signete de minhas Armas, que se cumprirá inteiramente como nella se contem, e se Registrará nos livros da Secretaria deste Gouerno, e mais partes a que tocar digo nos da Junta da Real Fasenda desta Capitania e mais partes a que tocar. Dada nesta Cidade de São Paulo aos vinte e sete de Outubro de mil setecentos e setenta e quatro. Thomaz Pinto da Silva Secretario do Governo a fez.

D. LUIS ANTONIO DE SOUSA.

VICIO E VIRTUDE

O vicio e a virtude em luta forte
Tem ao peito a campanha dividida,
Está da parte do peccado a vida,
Está da parte da virtude a morte.

A virtude e razão da mesma sorte
Parciaes são na contenda repetida ;
A virtude ao peccado vive unida,
A razão a virtude tem por norte.

Senhor ! Senhor !... nesta arriscada empresa
Vossa piedade de meu peito mude
Em valor firme, a natural fraqueza.

Vosso favor imploro, elle me ajude,
Que se está pelo vicio a natureza
E' bem que estejaes vós pela virtude.

ANDRÉ NUNES DA SILVA.

VASELINE



POMADA

DOS FABRICANTES

CHESEBROUGH, MANUFACTORY & C.^a

Essencia de Petroleo

pura e altamente concentrada; refinada sem distillação
e sem agentes chimicos

A MAIS HYGIENICA

e perfeita para uso dos cabellos.

Promove seu crescimento abundante e sem caspa.

Tambem é utilissima contra os defeitos da cutis e
um emoliente sem igual.

Em pacotes de côr azul.

Encontra-se á venda em todos os

ESTABELECIMENTOS COMMERCIAES

SONETO

Eu vi dos polos o gigante alado
Sobre um montão de pallidos coriscos
Sem fazer caso dos bulcões ariscos
Devorando em silencio a mão do fado.

Cinco fatias de tufão gelado
Figuravam-lhe da mesa entre os petiscos
E envolto em crepe de fataes rabiscos
Campeava um sophisma ensanguentado.

Quem és tu que assim me cercas de episodio ? !
Lhe pergunto em tom de syllogismo,
Eu sou me responde—aquelle anachronismo

Que a vil caterva de sulphureos odios
Sacudindo um facho de trovões serodios
Nas trevas sepultei de um solecismo.

B. GUIMARÃES.

Quando vejo, disse Addison, um homem de cara triste e enrugada, não posso deixar de compadecer-me de sua mulher ; porém quando encontro uma physionomia franca, applaudo a felicidade de seus amigos e familia.

CASA ECLECTICA

S. PAULO

39--RUA DE S. BENTO--39

SECCÃO DE LOTERIAS E DESCONTOS

Ha sempre á venda em porção e a varejo todas as loterias nacionaes.

A COMMISSÃO É SEMPRE A MINIMA DO ESTADO

PAGAM-SE OU DESCONTAM-SE OS

Bilhetes premiados

De todas as loterias

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

—
Endereço telegraphico «DOLIVAES»

CAIXA DO CORREIO N. 26

— «:» —

DOLIVAES NYUNES

O GRANDE ORGAN DA MATRIZ DE YTU'

Era o dia 22 de Abril de 1883, um domingo, quando pela primeira vez ouviu-se o côro de vozes da musica parochial acompanhado pelo admiravel instrumento, que, de ha muito fazia os sonhos dourados do nosso actual vigario o Rvd. padre Miguel Corrêa Pacheco, sacerdote sempre zeloso e incançavel nos melhoramentos da instrucção em sua terra natal; já com a fundação dos collegios para ambos os sexos, já com a creação da musica parochial para abrilhantar o culto em sua parochia, dotando a matriz com um patrimonio em acções da Companhia Ytuana, com um relógio de alto preço, com um para-raios, e com sinos novos no valor de oito contos de réis!... A este benemérito ytuano devemos a aquisição do grande organ para nossa matriz, cuja maravilha bem poucos sabem e podem avaliar.

O instrumento, do qual vamos dar uma breve noticia no *Almanach* do Sr. Lisboa, foi comprado em Paris, a pedido do padre Miguel, pelo nosso illustre conterrâneo o Sr. João Tibiriçá Piratininga na fabrica de Aristide, Cavaille-Coll, por 22 mil francos, que, com as despesas de armação, excepto alfandega e frete de Santos a Ytú, ficou em treze contos de réis.

A grande caixa do organ apresenta uma frente de estylo gothico, alta, e do mais delicado entalhe em madeira érable, para maior belleza e complemento de sua elegancia.

O mecanismo e todas as peças foram construidas com materiaes de primeira escolha e ajustadas com precisão, são de admiravel perfeição, cuja analyse deixamos de fa-

zer com minuciosidade, attendendo aos fins e limites de um almanach.

Uma manivella move os grandes folles, que enchem-se de vento para a producção do som, com valvulas de segurança e um pendulo que precisa e visivelmente marca a quantidade de ar contido em seus reservatorios.

Este organ compõe-se dos seguintes jogos :

1.º teclado, Grande organ. de *ut* a *sol*.

Registros

- 1.º—Bourdon. . . . 16 pés—56 notas.
- 2.º—Montre 8 » » »
- 3.º—Flute harmonique. 8 » » »
- 4.º—Prestant. . . . 4 » » »
- 5.º—Bourdon. . . . 8 » » »

2.º teclado, Recitativo Expressivo, de *ut* a *sol*.

Registros

- 1.º—Cor de nuit 8 pés—56 notas.
- 2.º—Viole de gambe . » » » »
- 3.º—Voix celeste . . » » » »
- 4.º—Flute-octaviant . 4 » » »
- 5.º—Trompettes . . . 8 » » »
- 6.º—Basson-hautbois . » » » »
- 7.º—Clairon 4 » » »

3.º teclado, Pedaes a *tirasse*, de *ut* a *fa*. 30 notas.

Este teclado não tem jogos particulares, mas por um mecanismo especial faz soar todos os jogos dos dous teclados das mãos, podendo o organista fazer ouvir cento e vinte notas em um só accorde !

Pedaes de combinação

- 1.º—Tirasse do grande organ.
 - 2.º—Tirasse do Recit. Expres.
 - 3.º—Copula dos teclados.
 - 4.º—Reprise des Trompette e Clairon.
 - 5.º—Expression do Recit.
 - 6.º—Tremolo.
-

N'este admiravel e portentoso instrumento póde o organista habil, sabendo usar convenientemente dos registros, e sendo dotado de uma feliz organisação, que possua o dom inventivo das multiplas, variadas e difficeis combinações musicaes, fazer ouvir e imitar o longinquo ribombar da tempestade, que se annuncia pelo surdo, tremulo e procelloso trovão: o bramido das ondas encapelladas que vêm se quebrar nos combros da praia; o sibillo estridente da ventania, que com medonha saraiuada nos açoita os telhados e vidraças; o rodar bellicoso da artilheria, produzido pelos *batiments* das notas subgraves; o poetico, magico e amoroso som da flauta, da viole de gambe, da voix-celeste, da cor-de nuit, do oboé, da corneta, do fagotte, do contra-baixo e outros instrumentos de uma grande orchestra; o crescendo e diminuindo; o pianissimo da mais delicada surdina, até o fortissimo de uma banda marcial.

Taes são os immensos recursos de que dispõe um organista n'este instrumento.

O organo, sendo o primeiro na ordem dos instrumentos musicos, elevou-se acima de todos pela imponencia de sua magestade e gravidade de seus sons religiosos, proprios para chamar-nos ao recolhimento e á oração, espalhando myriades de notas de diversos timbres no ambiente que nos rodeia, embalsama nosso coração de certa unção mystica que arrebatá-nos, fazendo logo cahir na meditação e pensar na pequenez da terra, na grandeza do céu, na brevidade do tempo, na duração da eternidade!... Singular instrumento que a malicia humana ainda não pode prostituil-o nas bacchanaes como echo de suas orchestras.

Inventado pelo padre Gregorio, de Veneza, em 826, chegou a este extraordinario aperfeiçoamento, que faz pasmar em nossos dias os mais famosos physicos pelos effeitos desconhecidos e contradictorios, que a sciencia moderna ainda não pode explical-os, cujos factos assom-

brozos, pela theoria dos accordes dissonantes, fazem emudecer a razão deante d'aquelles que a acustica nos revela.

Presentemente é organista e mestre da capella, José Mariano da Costa Lobo, nosso successor, que por suas habilitações e genio fertilissimo já está um executor digno de ser ouvido, e que faria honra a qualquer capella das cidades mais adeantadas no culto catholico, que tem sabido elevar o gosto da musica religiosa ao mais alto gráu de perfeição, como em tempo algum se ouviu em a matriz de Ytú; tendo uma grande e variada collecção de peças dos melhores autores estrangeiros e nacionaes; sendo elle o primeiro mestre da capella que trabalhou e com grandes esforços conseguiu uma execução, em Ytú, por occasião da Semana-Santa, do grande *Stabat Mater*, de Rossini.

Terminando esta breve noticia sobre o organ da matriz, damos nossos sinceros parabens ao povo ytuano, pelo digno vigario que dirige sua parochia, e que, vivendo pobrememente para dar tudo aos seus parochianos, tem a alma para Deus, e o coração para a humanidade.

Ytú, 29 de Julho de 1884.

TRISTÃO MARIANO DA COSTA.

QUADRA POPULAR

Eu sou como a flôr murcha
Que se estende pelo chão
Quanto mais carinho faço
Mais desprezo me dão

DOUS VISCONDES POETAS

AO sr. Visconde da Pedra-Branca enviando-lhe o Visconde de Mon-Serrate uma sôpa de mamão no dia de sexta-feira santa :

Amigo e senhor Visconde,
Receba de boa mão
Esta offerta tão mesquinha,
Que foi feita de mamão ;
Mas partiu do coração.
Vossa excellencia deve hoje
Jejuar como christão ;
Não tome comida forte ;
Tome sôpa de mamão
Que não faz indigestão.

RESPOSTA DO SR. VISCONDE DA PEDRA-BRANCA

Si a offerta do guizado
Não fôra de coração,
Como o jejum nos quebrou,
Dar-nos-hia indigestão ;
Mas veio de mão tão boa,
Que dá bondade á mamão.

Si a amizade aconselha
Um jejum de bom christão,
Não desafiasse a gulla
Com tal sôpa de mamão :
Foi tão gostoso peccado,
Q'inda não pedi perdão.

MELLO & C.^A

RUA DE S. BENTO, 28 LARGO DO ROSARIO, 2

VARIEDADE EM ARTIGOS DE FANTASIA PARA PRESENTES

Para escriptorio e usos diversos, artigos de armarinho, perfumarias, drogas e aguas mineraes. Sortimento especial em lampões para gaz e kerozene, velas de composição e parafina de côres, kerozene inexplorivo, oleos e vernizes para pinturas.

CATALOGO DAS

Especialidades que este novo estabelecimento

RECOMMENDA AO PUBLICO

Sortimento completo em ferragens :

CUTELARIAS CANIVETES

THESOURAS TALHERES

e muitos outros artigos de córte das melhores fabricas da Europa.

METAES

Collecção variada em christofle, electroplate e prata ingleza, para os diversos usos domesticos.

Sortimento a capricho em tapetes, oleados, capachos, cestas de vimes, espanadores, formas para todas as qualidades de doces, e diversidade de machinas para café, entre ellas as afamadas FLUMINENSES

Variadissimo sortimento de artigos de ornamentação para aposentos e jardins.

MELLO & COMP.

HISTORIAS DE ONÇA

A vida é uma illusão.

E' ter-se uma paixão, e esperar-se um desengano.

Se um homem ou uma mulher amam, podem contar certo que o objecto do amor, ama outrem.

Se gosta-se de viagens, lá vem impecilhos que nol-as prohibem. Sempre a esperança malograda.

A vida é um sonho.

Gósto da caça. Diana é minha deusa. Passar mezes no sertão, gosando da caça, vendo cousas sempre novas e bellas, é o meu gosto. Queria vêr onças, matar tigres, mas, por mais que me afunde pelos desertos, como este é o meu sonho, não posso realisal-o.

Outros contam ter visto muita onça: e eu, que as procuro, e ha muito, nunca tive o gosto de as vêr, e presenteal-as com uma bala de estallo, d'essas de Devis-me que arrebetam no buxo das feras, mal encontram um osso.

A caçada da onça é um dos assumptos que mais atrahem; e de que, entretanto, mui pouco se póde dizer de positivo.

Como a maior parte das cousas que são propriamente do Brazil, quasi tudo resta a estudar.

Tivemos notaveis caçadores de onça, no Brazil.

Em Goyaz, o valente fazendeiro que, em 1857, requereu á Camara dos Deputados isenção de pequeno tributo, em attenção ás 196 onças que matára, teve recusa ao seu pedido.

Elle comprovava as 196 victorias com o testemunho das autoridades da provincia ; e nem o seu nome foi conservado, para gloria dos seus !

Em Minas, conheci o sr. Manoel Rodrigues da Costa, que matou grande quantidade de onças ; e sei dos capitães Limoeiro, Gabriel Junqueira, e outros, que foram notaveis caçadores de onças.

Aqui, na provincia de S. Paulo, conheço varios onceiros ou caçadores de onças : e por tempos convivi com Ignacio Corrêa, homem pobre e animoso, que matou 46 onças, e de quem nos nossos jornaes, e no *Journal des Chausseres*, dei breve noticia.

Segui o Ignacio Onceiro, nas caçadas : e nunca pude vêr uma onça. E' que é a onça o bicho mais sagaz e subtil.

Muitas vezes, collocado em alta tocaia, o caçador a entrevê de longe, entre ramos, caminhar com tal tino e subtileza, que se ouve o ruido de um gafanhoto, mas não o que produz o leve andar da onça, que nem ranger faz a folha secca.

Em falta de conhecimento proprio, tenho nos serões das caçadas, mais bellos que os dias ás vezes, ouvido muita historia de onça, de que aqui dou pequena parte.

Está provado que a onça que comeu carne humana, não quer outra. Mas, como para tirar-nos a vaidade que d'ahi nos podesse vir, devemos acrescentar que ella acha a do preto melhor que a do branco. Temos exemplos de sobra.

Uns paulistas, que desceram n'uma monção pelo Tieté, tiveram á noute um ataque feito por onça pintada, que atirando-se no meio do grupo que rodeava o fogo, segurou o cozinheiro que era preto ; e a muito custo, com tições de fogo e gritos, o largou bem ferido.

O preto cozinheiro ficou possuido de tal terror, que parecia louco. Exigia do senhor e dos outros que o amparassem : só andava e dormia conchegado a tres e quatro

peessoas, que o rodeavam. A onça seguiu a monção, pelo Tieté abaixo, cilando o negro. Muitas vezes atravessou por deante do batelão, fóra de alcance de tiro, mirando fixamente o negro, que se debulhava em lagrimas.

Na sexta noute, quando estavam todos em roda do fogo, e o negro bem no centro, protegido pela roda de brancos e caboclos, a onça chegou com tal silencio, atirando um pulo no meio d'elles, que quando a viram, descia ella a barranca, com o negro na bocca.

Atiraram-lhe tições, e mesmo com risco de offender o preto, deram-lhe varios tiros: mas ella cahiu n'agua e sumiu-se.

No outro dia, pesquisando o terreno, foram achar, no outro lado do Tieté, rio abaixo, na barranca, uma perna: e seguindo o rasto da onça, deram com a cabeça do preto. Nenhum signal de bala. Os tiros tinham errado: e a onça, que só queria o negro, não mais veiu atacal-os.

Dizem que ferindo uma presa, tem esta de ser morta pela onça, que a persegue a todo o transe.

Outro preto, cozinheiro de uma monção de caçadores, foi caipora, como todos que a onça cobiça.

Indo o preto fazer lenha de outro lado do Tieté, ouvia-se os baques do machado. De repente parou este. Lá está dormindo o cozinheiro, disseram; e indo vêr, o acharam morto perto do páu que cortava, com os miolos comidos. Não tivéra tempo de dar um grito, tão repentino e traiçoeiro fóra o ataque.

O sr. Florianinho (de Piracicaba) estava sem espingarda, quando lhe appareceu uma onça. Recuou, sem lhe dar as costas, caminhando para o rio, em que deixára a canôa, e a onça o seguiu. Com a faca, cortava páus e os atirava na onça, que os segurava e despedaçava com os dentes. Sempre recuando, sempre fazendo cara, gritando, bravo, sem correr, e sem medo, o Florianinho alcançou a canôa, em que se metteu, indo ao lado fronteiro buscar

espingarda. Quando voltou, já a onça não estava na baranca.

Um caçador, de Ytú, já fallecido, o sr. Vicente F. de A. e Souza, matou tres onças, que acudiram, ao piar chamando macuco. Uma d'ellas deu d'estas sensações, que nunca esquecem.

Depois da primeira balada, a onça correu, e se fez acuar entre duas pedras. O caçador carregava a arma para chegar, quando ouve gemer o cão estimado. Sem pensar, o acóde, e mata a onça com uma facada, que lhe abriu a cabeça.

O sr. José Custodio de Camargo (da Faxina) ao ir a uma acuação de onça, disse que chegaria se o seu irmão, o coronel Fortunato de Camargo, fosse junto. Os outros companheiros se encommodaram com o dito e perguntaram se o coronel Fortunato era mais animoso que todos. Respondeu o sr. José Custodio que era seu irmão, e como tal, o ajudaria. De facto, não morrendo a onça com a primeira balada do sr. José Custodio, atirou-se sobre elle, e o acabaria, se o tiro do sr. Fortunato não a prostrasse por terra. Em quanto isto, aquelles que antes bufavam, estavam longe da fera.

Um caçador, d'estes medrosos que querem campear de valentes, em uma caçada de onças, trepa na primeira arvore que achou facil de subir.

Os cães acodem e se poem em baixo a acuar. Admirado, olha para cima; e qual não foi seu susto ao vêr uma onça pintada, que á dous metros de distancia, o mirava com olhos cobiçosos! Os caçadores vieram e a mataram.

D'uma feita, sonbe que uma onça tinha entrado em um chiqueiro, e tirado d'elle uma porca muito gorda. Para lá fui tão ás carreiras que não levei cães e só a espingarda. Vi o chiqueiro d'onde tinha tirado a porca de dez arrobas.

Não mostrava na cerca um pello, por onde vi que tinha levado a porca nas costas, como se não tivesse peso.

D'ahi a umas cem braças, ao atravessar um correço, vi seu rasto immenso, e uma poça de sangue da porca, que a onça estava chupando, quando, com gritos e tiros, a tinham feito retirar-se, e retomado a presa. Na beira do correço ainda estava toda a barrigada da porca, que o dono e camaradas tinham deixado, levando a porca, então mais leve.

Entrei pelo matto, procurei rasto de um lado e d'outro, em quanto o camarada me dizia que andasse com cuidado que a onça devia estar perto, visto ter feito a morte uma hora antes. Nada vendo, voltei para casa, d'ahi a umas cem braças encontrei o dono do sitio, que tendo-se apromptado, voltava a buscar a barrigada. E qual não foi nosso espanto, vendo que nada mais restava senão umas tripinhas!

Então, em quanto tínhamos ido á caça, a onça, escondida em alguma arvore, descêra, engolira bofes, coração, e mal nós víra aproximar-se afastara-se. Em quanto de cabeça baixa, a rastejava, admirado de não vêr seu rasto pelo chão, é provavel que de cima de uma arvore, estivesse alisando as barbas, e aguçando as presas, irritada contra o imprudente que lhe queria tomar o almoço?

Isso tudo é supposição. O que sei é que procuramos pelos arredores e nada achamos: e d'ahi a uns dias, uns caçadores mataram alli perto uma grande onça e os prejuizos de porcos e carneiros se acabaram.

Este facto deu-se perto de Sorocaba.

Um outro, que aconteceu-me perto do Avandava, mostrou que são muito cautelosas as onças. Estavamos arranchados na beira do Tieté, e d'outro lado, vi um tucano-assú. Querendo aproveitar-lhe o bico entrei na minha canôa, subi rio acima, atravessei o rio em logar superior áquelle em que estava o passaro, e deixando a canôa descer ao som da agua, ia eu encolhido, de espingarda armada, até frontear o tucano, que atirei e vi cahir.

Parei a canôa, desembarquei, e, ao buscar o passaro, só achei pennas. Scismei que o roubára alguma oncinha; e afastando-me, e escondendo-me atraz de uma arvore, piei como macuco. Logo respondeu um pio rouco; e como por mais que piasse, não apparecesse, fiquei acreditando que era onça.

Uma das noutes seguintes, fômos visitados por uma, que miou em roda de nossas camas (não tinhamos ranchos), mas não ousou mostrar a ponta do focinho.

Fui além do Araraquara, perto do Jaboticabal, em uma fazenda em que as onças estavam matando muitos porcos e potrilhos, e por mais que corresse matto, não vi uma onça. Um dia, com um companheirosinho animoso, mettemo-nos a subir um correjo, em que era possível vir a onça, pois era a agua que havia. Vimos, de repente sahír uns corvos de cima de uma anta, que estava morta perto da agua.

O seu pescoço estava deslocado, e no seu ventre havia um largo furo. Como não havia explicação para sua morte, julgamol-a devida á onça e soltamos um cão jaguapeva, que disseram ser onceiro.

Mas n'esta, bem como n'outras occasiões, por falta de cães, não pudemos vêr a onça.

Ouvi muitas vezes o ronco da onça, que varia muito. A's vezes urra forte, como o ronco do trovão, que vae diminuindo, como se alongando. Outras, deixa escapar roncocos como de porca parida, mais grossos porém. Além d'isso tem o dom de arremedar animaes e até aves. Arremeda o pio do macuco, o grito do homem, o latido do cão, o mio do gato.

No Brazil, fazem as onças pouco mal. Devoram bezerros, potrilhos, porcos e carneiros: poucas vezes se atiram sobre o homem.

Na India, as estatisticas officiaes dão 35.000 pessoas mortas, por anno, pelos tigres e serpentes.

Tenho visto rastos pequenos. de gatos, seguindo os rastos de onça ; em Agosto e Julho, e no fim do anno.

Pelo que penso, páre a onça duas vezes por anno. Como, porém, são muito perseguidas, e diminue muito o numero d'ellas, entendo que não ha muita regularidade nos nascimentos. Vi uma vez dous rastos de gato seguindo o da onça : mas nunca vi tres filhos, que alguns affirmam ter visto.

Vi um filho de pintada, nascido de dias ; e era de côr escura, com pontos mais pretos. E, criado na gaiôla, ficou enorme, pintado.

O filho da suassurana nasce de côr bem preta, não só escura, e tem sobranceiras e bigodes brancos.

O das pardas nasce de côr avermelhada.

Contam que o das pretas nasce branco : mas nada posso dizer, nem se são ellas variedade e mestiçagem das outras. O que é certo é que são muito raras.

O que falta para se acabar de todo a raça dos felinos é o cão. Sem o cão, é impossivel seu anniquilamento. Nãs temos raça de cães onceiros. Alguns veadeiros a correm, sobretudo se unidos em grande numero.

De duzentos veadeiros, um se anima a correl-a. Em geral a temem : e mesmo em grande numero, presos em roda das barracas do sertão, uivam lamentosamente toda a noute, mal presentem a onça :

Os cães, levados pelo medo, por mais que se os faça seguir o rasto da onça, levantam cutias ou outra cacinha, mal se os solta. Fingem não perceber o que se quer d'elles.

Tambem existem poucas onças.

Tão poucas, que ás vezes chego a scismar que é um mytho. As velhas inventaram haver onça para metter medo ás crianças. As moças, para afastar os homens dos mattos, inventaram a caça de onça. Não vou a dizer que de todo não existam : mas meia duzia que existem em

uma provincia apparecem aqui e alli, chamadas pelas rezas das senhoras, para terem os maridos pertos.

Eu devia aqui terminar, contando como acontecido a mim, um facto que se deu com um amigo.

Este, depois de procurar a emoção de matar um tigre, viu emfim coroado seu desejo, dando com um tigre agachado, prestes a dar-lhe o bote: Matou-o, e verificando sua magreza, viu que a apparencia do bote era fingida, que ella não tinha forças. Pelo que até essa illusão se foi ao caçador. A onça comia carne humana: e na falta, definhára.

Se eu dêsse como acontecido commigo este facto, podia o artigo acabar mais bonito e afrancezado, mas não seria verdadeiro.

Tive occasião, depois, de vêr onças sem ser em gaiola: e se fosse a contar, teria de escrever sobre caçadas de onças; e eu aqui me propuz sómente a historias de onça.

DR. J. DE PAULA SOUZA.

FEITICEIRA

No livro de obitos da matriz de Araçariguama se encontra este assento:

« A 20 de Junho de 1719 morreu Bernarda Tupi sómente com o sacramento da extrema-uncção por não querer receber os outros, a pezar de ter o padre Belchior de Pontes instado com ella por vezes para que os recebesse. Foi sepultada no campo, visto ser feiticeira! »

O tempo é o picador que amansa a mocidade.

MATER!

Offegantes angustias cruciavam
De minha pobre mãe o peito afflicto,
E nos seus olhos túrbidos, errantes
Brilhout estranha luz!

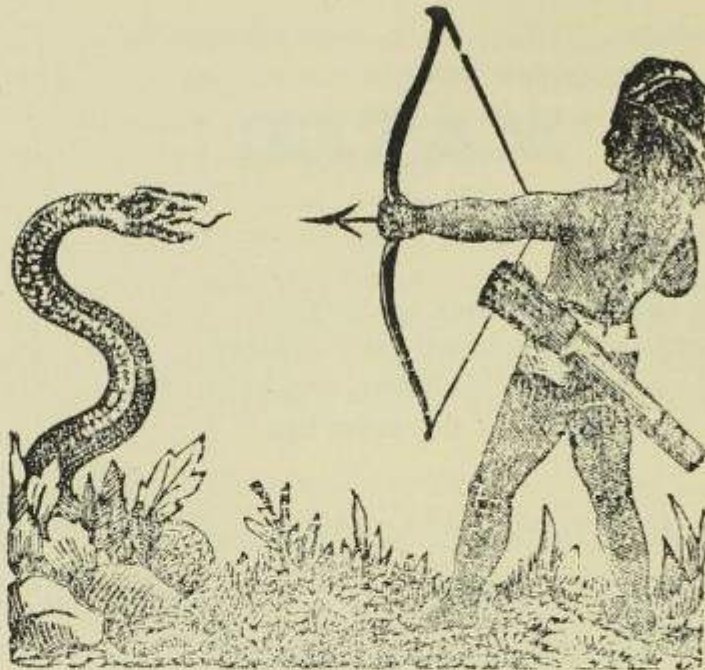
A minh'alma no peito se ajoelhára
Doudejante a tremer... e minha mãe
Soerguendo a custo a convulsiva mão
Nos labios me roçára!

Fitou-me, então, o olhar tristonho e fundo,
E depois com voz cáva e quasi extineta:
« Filho!... Deus!... » balbuciou—suspiro extremo
Nos labios lhe expirou!...

Qual o cedro escachado pelo raio,
No turbilhão do vacuo deslumbrada,
Chorou minh'alma, soluçou, morreu...
E eis-me aqui cadaver!

BARÃO DE PIRATININGA.

Dai vosso filho a criar a um escravo, dizia um antigo grego, e em vez de um escravo tereis dous.



**SAUDE AO POVO
GRANDE SUCESSO!!**

MARAVILHA DO SECULO XIX!

O ASSOMBROSO REMEDIO DOS INDIOS!

ATAUBA DE SABYRA

APPROVADA PELA EXMA. JUNTA DE HYGIENE PUBLICA
DO RIO DE JANEIRO E AUTORIZADA PELO
GOVERNO IMPERIAL

Therapeutica

EXTRACTO FLUIDO DE ATAUBA DE SABYRA

Diz a illustrada redacção do *Futuro* :

« A Providencia Divina vae pouco a pouco, á medida
que se compadece dos soffrimentos da humanidade, illu-

minando o espirito humano para que possa ir descobrindo os recursos destruidores das milhares de molestias que affligem o corpo humano.

E, para mostrar que todos os homens são filhos d'esse Deus de bondade e immensa misericordia, traz a inspiração á mente d'aquelles que não são da sciencia, senão humildes crentes.

Temos, por convicção, que chegou o dia em que Deus compadeceu-se dos miseros que soffrem do horrivel mal de S. Lazaro.

O distincto cidadão João José Ribeiro de Escobar, quando viajava pelas virgineas e frondosas mattas do Avanhadava, ia guiado pela Providencia Divina, e a chuva que o levou á morada do cacique Sabyra, tudo foi o dêdo de Deus, guiando-o ao descobrimento da salvação dos morpheticos.

A therapeutica brazileira deve-se orgulhar de ter creado o medicamento unico conhecido no Universo para essa enfermidade; e os nomes do cacique Sabyra e do pharmaceutico João José Ribeiro de Escobar serão levados á posteridade e cobertos de benções pelos soffredores d'essa terrivel enfermidade.

Convém, porém, que o sr. Escobar adopte os meios de evitar a infernal falsificação de medicamentos, e faça que seja vendido esse medicamento em todas as cidades do imperio.

E' indispensavel que a sciencia não fique circumscrip-
ta sómente ao empirismo das Academias; mas, que se comprehenda que o sol da intelligencia illumina a todas as frentes, assim como o sol derrama seus raios sobre todo o universo; portanto, podendo surgir a inspiração dos grandes descobrimentos para os conhecimentos humanos de qualquer homem, julgamos que uma dos maiores descobertas da sciencia medica, no seculo presente, é a *Atauba de Sabyra.* »

Uma cura milagrosa

S. Roque, 17 de Dezembro de 1883.

Illm. sr. João José Ribeiro de Escobar.

Já que tive a felicidade de encontrar um excellente preparativo, a Atauba de Sabyra, não posso deixar de admirar tão profunda experiencia, quão benéfico medicamento, depois que tive a ventura de apreciar o resultado.

Ha mais de tres annos soffria eu de encommodos de pelle, em gráu tão adeantado, que todos já me consideravam na fileira dos morpheticos ; mas, guiado por amigos, tratei de usar a Atauba de Sabyra e hoje vejo que a natureza se me reforçou e estou perfeitamente são.

A invenção de s. s. é especifica, garantindo aos que soffrem um perfeito estado de saude.

Talvez todos não acreditem no prompto resultado, como eu o fazia ; mas, vendo que é maravilhosa a Atauba de Sabyra, curvo-me respeitoso a tão sabia descoberta que faz honra a tão feliz brasileiro.

Meus respeitos por ser de v. s. venerador, obrigado criado.

Augusto Xavier de Lima.

A carta contém uma estampilha de 200 réis.

Reconheço verdadeira a firma supra.—S. Roque, 17 de Dezembro de 1883.—Em testemunho de verdade.—O escrivão, Manoel Rodrigues Arruda de Moraes.

REMEDIO PROCLAMADO PELAS DIVERSAS IMPRENSAS DE AMBOS OS MUNDOS E POR UNANIMIDADE O REI DOS DEPURATIVOS

Duas curas espantosas

Ouro-Preto. Capital de Minas-Geraes, 10 de Janeiro de 1884.

Illm. sr. pharmaceutico João J. R. de Escobar.

Li hoje pela primeira vez a bulla em que tem as ex-

plicações a respeito de seu preparado, Atauba de Sabyra. Já d'elle tinha boas noticias, porque não só havia lido na imprensa os resultados de sua applicação, como o meu amigo tenente Eugenio dos Santos Monteiro curou sua mulher e uma filhinha já bem adeantadas em morphéa. Agora vou applicar em uma mulher, na Cachoeira do Campo, e em um moço, no arraial do Tijuco, etc.

De v. s. venerador e criado

Carlos José dos Santos.

DEPOSITARIOS GERAES EM TODO O IMPERIO

Lebre, Irmão & Sampaio, e suas casas filiaes :

Lebre, Irmão & C.^ª, rua Direita n.º 1.



Mello & C.^ª, rua de S. Bento n. 28—S. PAULO.

DEPOSITARIO NO RIO DE JANEIRO

D. da Silveira Pinheiro, rua do Hospicio n.º 11.

DEPOSITARIO EM CAMPINAS

Souza, Silva & C.^ª, successores de Souza Teixeira & C.^ª, rua Direito n.º 25.





MIGUEL DE TULLIO

Concertador e afinador de

PIANOS, HARMONIUNS E REALEJOS
COMPRA E VENDE PIANOS USADOS

28-Travessa do Seminario-28

S. PAULO



UMA IMPRESSÃO DE VIAGEM

Eu tinha deixado S. Paulo, havia quasi seis annos, a bella capital assentada no dorso suave e poetico que domina os campos do Ypiranga e os vargedos longos e extensos do pequeno rio Tamanduatehy.

Que bellos tempos aquelles!

S. Paulo guardava ainda com respeito as suas tradições, os seus antigos habitos, os seus costumes, regumando a candidez e pureza que só se encontra hoje nas cidades centraes.

O estudante, o eterno cabrião dos velhos rabujentos — e do *futrica*, na sua pittoresca linguagem, ainda tinha n'aquelles bons tempos os fóros de magestade.

Esses rapazes diabolicos, alegres e despreoccupados, elegantes e espirituosos, forjando a toda hora um acontecimento burlesco, eram ainda a alma das festas, das ruas, dos bailes, das passeiadas nocturnas, de todos os vai-vens da bella capital.

Que differença havia em S. Paulo, quando, após os celebrados *actos*, como revôada de passaros, levantava o vôo para os ninhos queridos, toda essa mocidade esperançosa que alli fazia o seu tirocinio escolastico!

O famoso *rendez-vous* academico — o *Garraux*, perdia aquelles encantos de grupos numerosos á noute — alli tagarellando, discutindo sobre tudo, passeiando pelos laggedos largos as esperanças de futuro, os requebros das almejadas posições, os sonhos de poderio e elevação na politica, as glorias das luctas na imprensa e na tribuna, com todos esses castellos doirados em que, kaleidoscopi-

camente, perpassam no espirito juvenil, as conquistas do porvir.

Na ausencia do estudante, parecia que tudo mudava em S. Paulo...

A decantada Ilha dos Amores, a imaginosa e sarcastica creação d'aquelle grande espirito que foi João Theodoro, parecia ter nos quatro longos mezes do ocio academico *legal*, uns arrepios de saudade, umas contracções de nostalgia—se possivel fosse, uns tons tristes e sombrios na sua vegetação luxuriante !

Cessavam as correrias para a Penha, o famoso outeiro da devoção popular e das libações profanas;—acabavam-se aquellas quintas-feiras passadas em frageis canoas alugadas a cinco tostões, para os passeios romanticos no curso do Tamanduatehy; emmudecia o sino fatidico do capitão Fortunato, o bondoso e patriarchal amigo do academico, que com rigidez *albionica* e a severidade não menos pôsitiva do seu legendario chronometro, chamava desde pela manhã até á tarde o bando escolar á região *unica* do dever.

Os gallinheiros e os bellos productos da raça saltitante, conseguiam um socego temporario, um seguro de vida provisorio, que os collocava em condições de açular mais, para o futuro, a sanha e soffreguidão dos improvisados *Attilas*.

O rvd. padre B....., o immortalizado D. C....., o nunca assaz lembrado J. T....., o inspirado bardo M. G....., o P..... e outros typos colossaes que auxiliavam nas *republicas* com sincero apoio o reinado pacifico da gargalhada homerica, da satyra desenfreada, da pilheria ininterrompida, iam, n'esse tempo, refoçilar-se em ligeiro descanso para as futuras jornadas.

As noutes serenas, prateadas com aquelle luar unico, grandioso, que inspirou o éstro alevantado de Fagundes Varella, as vigalias *byronescas* de Alvares de Azevedo, as creações grandiloquas de Castro Alves, não eram mais

accordadas pelos sons longinquos e maviosos da serenata—a invenção mais genuina, mais pura e doce que podia ter engendrado o espirito do academico, nos seus arroubos de sonhos, de amores, de vida e de esperanças!!

Mas como era triste esse debandar confuso da caravana academica, após o trabalho; como se estalavam os corações dos que diziam para sempre o adeus aos tempos saudosos das lides do estudo....

França Junior, o emerito folhetinista e dramaturgo, que arranca hoje em cada producção nova, mais uma aureola para o seu grande talento de escriptor, estando em S. Paulo depois de alguns annos de sua formatura, escreveu ahi um folhetim que até hoje guardo na memoria.

Entre muitas phrases scintillantes de espirito, de jovialidade, de lavor litterario, elle escolheu um logar para rememorar como eram feitas as despedidas academicas nos tempos de férias....

Confesso que commovi-me ao vêr o distincto litterato descrevendo com os olhos tambem á marejar lagrimas de saudade, essa scena triste e rapida, solemne e tocante que se passava debaixo de copada arvore á beira da estrada de Santos, junto d'essa corrente marulhosa e ao sopé da collina encantadora onde se levantou o brado da independencia.

A cavalgata que vinha de tropel, alegre, gargalhando, enchendo aquelles echos de rumores ignotos, parava alli, nos limites da bella campina, debaixo da frondosa arvore das lagrimas, como a chamavam, silenciosa e grave, sentindo as pulsações acceleradas dos momentos de forte emoção.

Entre os que iam para sempre e os que ficavam dizia-se esse adeus que não se esquece mais—trocavam-se essas phrases curtas e repassadas de sincera saudade—depois eram os abraços fraternaes, freneticos—...depois eram as lagrimas que irrompiam espontaneas, porque

aquelles corações generosos comprehendiam bem, quanta perda, que de illusões caras, que de sonhos dojrados, se xtinguiam alli, para jámais resurgir, naquelle momento agri-doce que eternamente se grava no espirito.

Mas voltemos ao assumpto...

Faziam seis annos que eu deixára S. Paulo, tendo recebido das mãos do venerando conselheiro C... uma das figuras mais sympathicas da congregação da Faculdade, o barrete vermelho... dos bacharelados.

N'este tempo todo, no turbilhonamento constante da apregoadá *vida practica*, nas revira-voltas do meu destino, jamais esquecêra os encantos da vida escolastica, com a sua garridice, com a sua irresponsabilidade, com os seus sonhos, com a sua despreocupação.

.....
Cheguei a essa pittoresca cidade, por uma bella tarde de Maio... Após uma viagem impossivel de doze horas em trem de ferro, cheio de carvão, de fome, de tédio e de somno... o sol afundava-se por detraz da serra escura da Cantareira, colorindo ainda com os seus ultimos raios esbrazeados o pico do Jaraguá, esse impossivel atalaia das campinas sorridentes por onde serpeia silencioso o Tieté; as casas que deitam para o formoso arrabalde do Braz se descortinavam amarellentas e sombrias — o carro dirigiu-me para o Grande Hotel...

Em vez da figura sympathica do militar francez — o antigo e cavalheiresco Planet — recebeu-me um *garçon* apumado á ingleza, que me recolhia as malas e soava a campa do colossal edificio da rua de S. Bento. Quanta mudança, meu Deus, que scenas novas, que feição differente e aspecto diverso me ostentava aquella terra dos tempos da minha mocidade academica... Sahi... trilhos por todos os lados, tilintar de guizos, grandes e luxuosos edificios novos para mim; bairros que deixei desertos formando arrabaldes lindissimos em que se casam os ricos palacetes com as construcções modernas de apurado

gosto ; importantes fabricas industriaes ; por toda a parte a figura do operario e do estrangeiro ; pontos de bonds, com cafés cantantes em que se apregôa o sorvete de crème e a roda para amanhã ; armarinhos em profusão, confeitarias em todos os cantos, grandes annuncios—cartazes de modas—de chocolate Andaluza, de cavallinhos, *Quina-Laroche* ; pequenos garôtos correndo apressadamente e apregoando a *Gazeta de Noticias* por tres vintens ; emfim, um mundo novo, e se acaso surgisse o Castro Urso, me julgaria transportado de nôvo aos encontrões da rua do Ouvidor....

.
N'esse momento alonguei os olhos saudosos para essa igreja que fórma o fundo da ruidosa rua de S. Bento, e perpassei o olhar por onde se estende, junto ao templo sombrio, em imagem triste de convento antigo—a lendaria Academia de S. Paulo.... Não divisei n'aquellas arcadas silenciosas, onde passaram tantas gerações, tantas crenças e tantas amarguras, a figura sympathica e risonha do estudante, em eterno gargalhar, não vi a figura bondosa do capitão Fortunato com o seu amplo casacão e calças de ganga amarella, tendo nas mãos a chavinha da caixa por onde puxava a corda e batia os quartos ; a noute, descia cobrindo a terra d'esses tons que convidam ao recolhimento intimo e á saudade...

.
Senti apertar-se-me a garganta, offegar a respiração e duas lagrimas furtivas cahiram-me dos olhos—alli—á vista dos passeiantes indifferentes e ligeiros....

S. Paulo já não era o mundo academico com os seus sonhos e com a mocidade, tinha desposado o carvão de pedra, a alma do seculo—e este trouxera o mundo commercial, a riqueza.

Rio—Julho—1884.

SAMPAIO FERRAZ.

JOÃO CAETANO

Uma visão enorme!—um quadro deslumbrante
Vário nos tons, na côr, de aspecto indefinido,
Parecendo zombar da escuridão do olvido...—
Dissereis na verdade uma visão do Dante!

Destaca-se rugindo, apaixonado, hiante
Nas lavas do ciúme o Othello embravecido!
O pallido Romeu, o doce amante fido!
Macbéth, o infame rei, em pasmo horripilante!

Depois—o moço Hamleto em sonhos de utopia!
Depois—o pobre André das loucas gargalhadas!
Depois—outros heróes que déra o genio um dia!

Essa enorme visão de estatuas, animadas
Pelo Kean brasileiro, eu sei que então trazia
De palmas um docel, rompendo em trovoadas!

BITTENCOURT SAMPAIO.

Agosto de 1884.

Não é crescendo em estatura
Qu' o homem chega á maior altura.

AO PROPHETA

Fazendas

E

Alfaiataria



Roupa feita

E

Miudezas

30-RUA DA IMPERATRIZ-30

Encontra-se n'esta casa sortimento completo de ROUPA FEITA de todos os tamanhos, acabada com perfeição ; pannos, casimiras francezas, elasticotinas, diagonaes, merinós, e outros artigos modernos ; camisas de linho e de percale, ceroulas idem, camisas de meia, guarda-chuvas, collarinhos, punhos, abotôaduras, meias, gravatas, alfinetes, lenços, etc.

Para obras sob medida tem este estabelecimento um habil contramestre e officiaes conscienciosos.

ABREU & MACEDO

RUA DA IMPERATRIZ

S. PAULO

HYGIENE DA ALMA, PELO BARÃO DE FEUCHTERSLEBEN

(VERSÃO PORTUGUEZA DE RAMALHO ORTIGÃO)

Amigo e sr. Lisboa.—Accedendo ao honroso convite que v. s. dirigiu-me afim de que eu concorresse para o reaparecimento do seu muito apreciado *Almanach Literario*, no anno de 1885—creio que acertadamente me desempenho d'esse compromisso, offerecendo aos leitores do seu *Almanach* uma ligeira noticia ácerca de um livro, cujo merecimento—Ramalho Ortigão, que o verteu pa. . a lingua vernacula, consubstancia nos seguintes termos :

—*Traduço este livro porque o considero, entre quantos tenho lido, como o mais efficaç para dar ao homem a força e a felicidade.*

Refiro-me á « Hygiene da alma » pelo Barão de Feuchtersleben—titulo este que encima o presente escripto.

Ao consummado talento de Ramalho Ortigão devemos, pois, a sua versão, cuja leitura dir-se-ia feita sobre o original, tão perfeitamente a fórma se applica á idéa.

O autor da « Hygiene da alma » divide o seu trabalho em onze capitulos, cheios de fecundos ensinamentos e expressos em um estylo sobrio e ao mesmo tempo animado, como sóem possuil-o os espiritos sãos, affeitos ao culto do bem e da verdade.

Não affecta o autor filiar-se a uma qualquer das novas escolas philosophicas, tão faceis em arrogar-se uma competencia exclusiva na direcção dos espiritos.

Os seus conceitos, fructo preciosissimo de laboriosas investigações, são apresentados com toda a lhaneza, sem o emprego de termos technicos e empolados.

Mens agitat molem— tal é o principio que parece sobretudo animar o autor da « Hygiene da alma. »

Isento, porém, do exclusivismo das escolas, o espiritualismo sensato a que se filia permite-lhe ser profundamente verdadeiro e humano.

Façamos, ao acaso, algumas transcripções d'este excellento livro.

« Realisar o ideal, diz o autor, é aniquilal-o. Medite-se ácerca d'esse ponto o bello mytho grego de Semele e de Jupiter. Se é um dever sagrado elevarmos a alma á contemplação do bem supremo, esse dever tem limites : basta para cada semana um domingo. Encaremos a nossa existencia tal como é realmente e aprendamos a supportal-a, deixando o cuidado de repintar o céu aos que sabem fazer quadros sem sombras. Quando mundos mais perfeitos nos acolherem no seu seio, então seremos organisados de outro modo. Taes quaes somos n'este mundo, a alegria é em nós consorciada á dôr, e esta é a profunda origem da nossa existencia e da nossa actividade. »

Tratando de accentuar a idéa fundamental dos seus conceitos, assim se exprime o nosso autor :

« O ponto essencial da arte de viver em geral, e por conseguinte da hygiene moral, é por certo o termos sempre uma noção clara de nós mesmos, sem nos observarmos minuciosamente ; conservarmos uma serenidade inalteravel no meio de todos os phenomenos da vida ; supportar o assalto de todas as forças externas e ficarmos sempre os mesmos através de todas as alterações exteriores. Confessemol-o : todo aquélle que chegou a esse ponto é sempre para si mesmo o mestre, o amigo, o adversario, o protector e o medico. Assim como o nosso andar não é mais que uma série de quedas da direita para a esquerda

e da esquerda para a direita, assim o progresso harmonioso da vida resulta do equilibrio dos contrastes que se succedem. Este equilibrio não é o mesmo para todos os individuos. Cada um deve procurar o que convém á sua natureza; e mais seguramente achará pelo exercicio das suas forças, do que pela sua reflexão. Passamos bem sempre que chegamos a não sentir, de um modo predominante, orgam algum particular da nossa actividade, e percebemos apenas a liberdade d'essa actividade como a expressão commum do nosso eu. »

Do capitulo que se inscreve : *Verdade-Natureza*, extrahimos o seguinte :

« Homens, sêde verdadeiros sempre e em toda a parte.

E' a mentira que causa a nossa fraqueza. No caminho em que este seculo entrou não pôde encontrar senão a vergonha e o arrependimento. Nada mais adequado para enervar e paralyzar a intelligencia. Para nos levantarmos do nosso rebaixamento é preciso coragem : tenhamos a força de não mentir nem aos outros nem a nós mesmos ; tenhamos a força de ser o que somos. »

Referindo-se á *imaginação*, mostra o autor a sua poderosa influencia sobre o character do individuo.

« Considerae o vosso irmão como um homem honrado, e elle será honrado. Tende confiança n'aquelle que ainda não é inteiramente bom, e elle terá a inteira bondade. Supponde aptidões no vosso alumno, elle as desenvolverá, e se o tiverdes por incapaz, ficará incapaz. Persuadi-vos que a vossa saude é boa, ella o poderá ser ; porque a natureza não é mais do que um echo do espirito, e a lei suprema que a rege é que a idéa, mãe do facto, modifica gradualmente o mundo á sua imagem.

.
« Um observador singularmente profundo notou que a musica tem por ultimo fim a saude ; porque, diz elle, quando um ente se sente viver na sua propria alma com

todas as suas forças e com todas as suas inclinações, esse ente está são. O canto e a musica animam todos os organs, as vibrações communicam-se ao systema nervoso, e o homem todo tempera-se, afina-se, põe-se unisono. De facto, o mesmo sentimento é a musica da vida, uma especie de vibração externa, á qual os sons da musica não fazem mais que dar—para assim o dizermos—um corpo, uma fórma palpavel.

« Todas as artes têm por principio, como a arte musical, o sentimento da harmonia. Logo todas as artes se tornam as guardas da saude desde que, sob a direcção da vontade, ellas tendem a derramar na alna o socego e a paz.

.
« Avisadamente disse Hufeland que um dos melhores meios de prolongar a vida é dar á imaginação uma direcção agradavel. »

O autor insiste em mostrar a necessidade de fortificar-se a *vontade*, e n'este proposito diz o seguinte :

« O que é a vida senão o trabalho da vontade, tendendo a subjugar as forças exteriores e a mudar pelas suas infinitas conquistas o estado do individuo sem lhe modificar a essencia ? »

E cita o seguinte facto referido por Goethe : « Em uma febre putrida epidemica que fazia grandes estragos em volta de mim, achei-me exposto a um contagio inevitavel e consegui salvar-me pela acção determinada de uma vontade firme. Não se imagina o que póde a vontade n'estes casos ; ella diffunde-se, porque assim o digamos, em todo o corpo e põe-nos em um estado de actividade que repelle todas as influencias nocivas. O temor é um estado de fraqueza indolente que nos entrega sem defesa aos ataques victoriosos do inimigo. »

Finalmente, do ultimo capitulo em que o autor resume as suas idéas, extrahimos a seguinte phrase, tão con-

cisa quanto eloquente : « O dever e a hygiene moral combinam-se para dizerem ao homem : *Sê senhor de ti.* »

Terminamos aqui esta despretenciosa noticia, bem certo de havermos apresentado uma idéa assaz pallida e incompleta do merecimento real da « Hygiene da alma » ; — e releve-se-nos esta deficiencia em parte motivada pelo notavel merecimento da obra, que toda ella precisa ser lida, sendo egualmente certo que tão sómente moveu-nos o desejo de incitar alguns dos nossos leitores a tomarem conhecimento de um livro palpitante de interesse e das mais sabias inspirações.

Campinas, 1884.

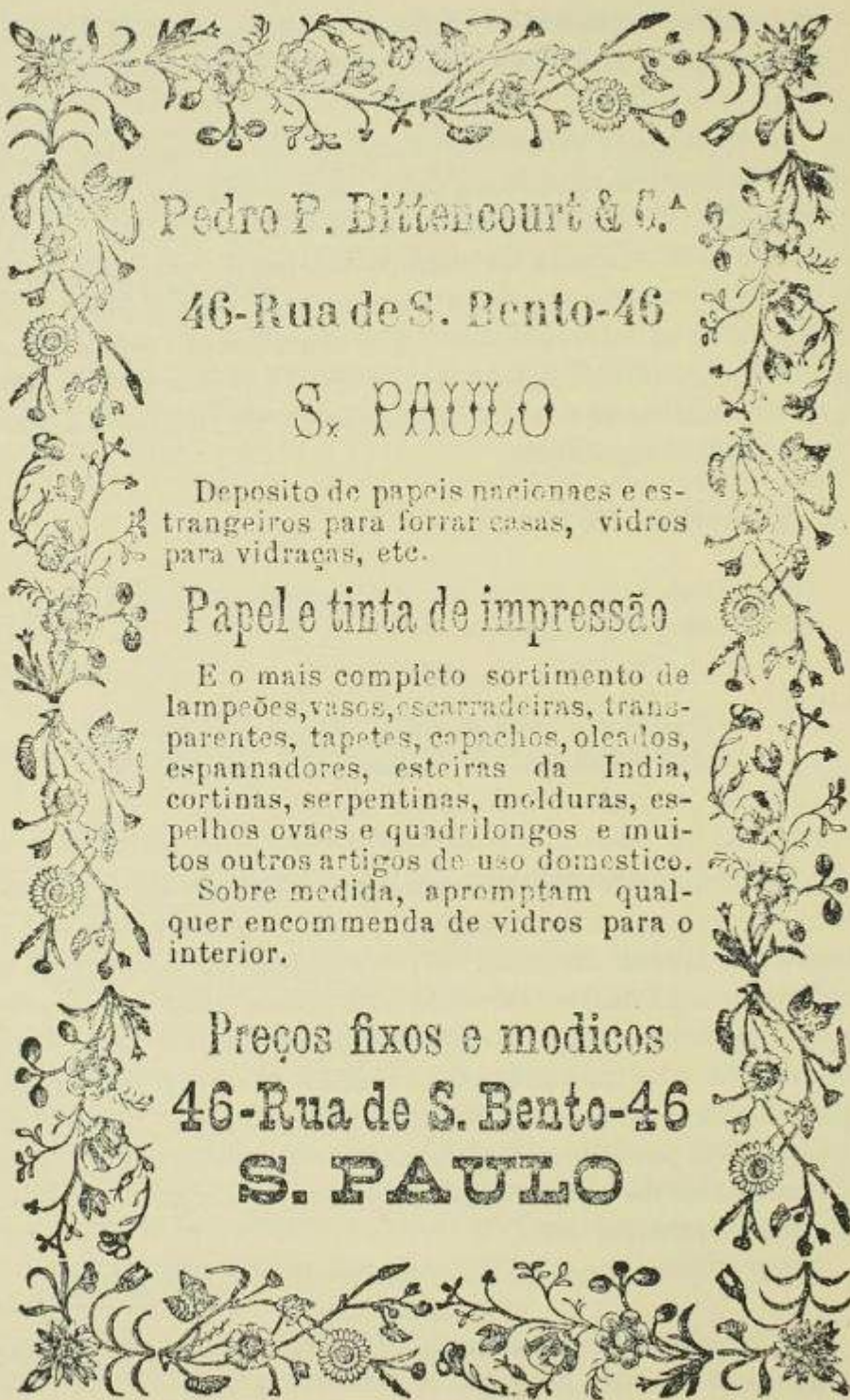
URBANO DO AMARAL.

CONSELHOS DE UM BISPO

D. Frei Antonio de Guadalupe, bispo do Rio, prohibiu que os padres morassem com mulheres de menos de 50 annos, livres ou escravas ; que usassem de pirucas e cabelleiras postiças, cabellos compridos abaixo das orelhas ; que andassem de noute disfarçados ou armados ; consentiu que nas aldêas e viagens usassem de casaca preta, sem canhão nas mangas, que cobrisse meia perna, vestias pardas, pretas ou roxas bem compridas ; que não usassem de botões de ouro, prata ou metal nos collarinhos da camisa, etc.

(Do livro do tombo da *Matriç de Araçariguama.*)

O homem forte e a agua abrem caminho por si mesmos.

A decorative floral border surrounds the text, featuring various flowers and leaves. The border is composed of several horizontal and vertical sections that frame the central text.

Pedro F. Bittencourt & C.^a

46-Rua de S. Bento-46

S. PAULO

Deposito de papeis nacionaes e estrangeiros para forrar casas, vidros para vidraças, etc.

Papel e tinta de impressão

E o mais completo sortimento de lampeões, vasos, escarradeiras, transparentes, tapetes, capachos, oleados, espannadores, esteiras da India, cortinas, serpentinas, molduras, espelhos ovaes e quadrilongos e muitos outros artigos de uso domestico.

Sobre medida, apromptam qualquer encommenda de vidros para o interior.

Preços fixos e modicos

46-Rua de S. Bento-46

S. PAULO

A VILLA DO CANUDO

Eu moro aqui na villa do *Canudo*,
Onde vivo a dormir e a bocejar...
Alimento-me só de carne de porco
E de muito café p'ra variar...

Meus olhos se divertem, contemplando
Burros, vacas, cavallos e jumentos,
E outros animaes de fôrma humana
Que tem na lingua enormes instrumentos...

Ha typos e typões de fôrmas raras,
No farejar sabidos p'ra cheirar...
São dotados sómente de um nariz,
Mas... nariz que não sabe recuar.

Outros vivem sósinhos pelos cantos,
Pelos beccos e lojas a espiar...
Ouvem só, mas depois... saltam pipócas
Começa-se no proximo a esfolar.

Outros mettem um olho na janella
Reparando em quem passa e p'ra onde vae...
Depois tomam café com rapadura
E por fim um cigarro que se esvae...

E todos vão subindo e todos descem,
E se encontram e se fallam no *Canudo*,
Que não ha outra rua mais comprida
Aqui onde já estou quasi pançudo.

Finalmente se faz-se uma assembléa
Só se ouvem arrotos estrondosos,
Como se todos fossem do *Fahú*,
Nobre villa dos ventres alterosos !

Brotas, 12 de Outubro de 1872.

J. A. DE BARROS JUNIOR.

COPLA

E' de Luiz de Camões a seguinte, dirigida a certo fidalgo, que havendo-lhe promettido uma camisa, se não lembrára de cumprir a promessa :

Quem no mundo quizer ser
Havido por singular,
Deve trazer sempre o dar
Nas ancas do prometter.
E já que vossa mercê,
Largueza tem por divisa
Como o mundo todo vê,
E' mister, que tanto dê,
Que venha a dar a camisa.

A família é a verdadeira escola da cortezia, cujo melhor instructor é sempre a mulher.

DR. JOSÉ CARLOS RODRIGUES

Entre os brasileiros que mais se têm distinguido na geração contemporânea destaca-se vantajosamente o nome do sympathico redactor do extinto periodico illustrado *O Novo Mundo*.

E' o dr. José Carlos Rodrigues um cavalheiro distincto, que tem sabido grangear na sua patria e no estrangeiro uma reputação bem merecida por seu character e por seus grandes serviços na imprensa.

Nascido na provincia do Rio de Janeiro, filho de uma familia honrada, estudou no *Collegio Pedro Segundo*, cujo curso quasi completou.

Retirando-se para S. Paulo, frequentou com distincção a Academia de Direito.

Amigo da imprensa desde sua mocidade, fundou em S. Paulo a *Revista Juridica* em quanto cursava as aulas do 4.º anno.

Sustentou com muito talento o jornal até a sua formatura, transferindo-o então para a Côrte, onde ainda existiu por muito tempo sob a direcção intelligente do habil e laborioso advogado dr. José da Silva Costa, seu amigo de todos os tempos.

Em quanto em S. Paulo, foi J. C. Rodrigues correspondente do *Correio Mercantil*, nos bellos tempos em que era dirigido pelo espirito elegante e cultivado de Francisco Octaviano.

Retirando-se para os Estados-Unidos, J. C. Rodrigues soube aproveitar o vasto theatro que offerece a cidade de New-York a um espirito activo, energico e trabalhador, e fundou o *Novo Mundo*, jornal illustrado, sem rival na

lingua portugueza e sem muitos superiores em outras linguas.

Como elle soube dirigir este importante jornal por mais de seis annos, só e apenas auxiliado pelo seu talento e energia, bem o dizem a prosperidade em que viveu sempre a empreza e o alto conceito de que gosou o jornal não só no Brazil, mas em toda parte em que a lingua portugueza é fallada.

O Novo Mundo ainda vive na memoria de todos na provincia de S. Paulo para precisar ser descripto, mas o que poucos conhecem é a dedicação intensa e constante que elle mereceu do seu redactor, que o dirigiu sempre com o cuidado, interesse e zêlo intelligente que um paç extremoso poderia consagrar á educação de um filho querido.

Estabelecido n'um dos mais bellos pontos da bella cidade de New-York, no centro mesmo da grande imprensa metropolitana, *O Novo Mundo* estava perfeitamente habilitado a colher tudo que pudesse interessar o nosso paiz, podendo ser considerado como a sentinella brasileira vigilante sobre os progressos da grande nação, prompta sempre a transmittir-nos tudo que havia de mais notavel no mundo americano, no movimento politico, litterario, scientifico, industrial e commercial.

Crescendo diariamente as relações entre o Brazil e a grande republica do norte não bastava *O Novo Mundo* para transmittir-nos o que havia de mais notavel no mundo industrial americano.

Fundou então o dr. J. C. Rodrigues a *Revista Industrial*, destinada ao estudo das questões economicas e industriaes das duas Americas.

Tendo augmentado muito o trabalho com a fundação e custeio dos dous jornaes, chamou o dr. J. C. Rodrigues em seu auxilio alguns americanos e um conhecido poeta nacional o Sr. Joaquim de Souza Andrade, com os quaes formou a *Associação do Novo Mundo*.

Repartindo assim o trabalho da parte financeira da empreza, coube-lhe mais tempo para a direcção puramente editorial dos jornaes.

Entre os seus associados achavam-se o dr. Cornelius Agnew, um dos mais habéis oculistas da America, cavalleiro tão distincto por seus talentos como por suas qualidades moraes, e Noble Heath J.^r, espirito cultivado e um dos homens mais distinctos que temos por ventura encontrado.

Além dos dous jornaes publicados na lingua portugueza, sustentou J. C. Rodrigues a *America Illustrada*, jornal escripto em hespanhol e destinado á circulaçáo nas Republicas da America Central e do Sul.

O dr. J. C. Rodrigues foi e crêmos que continúa a ser correspondente do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, sendo as suas correspondencias sempre lidas com muito interesse pelo espirito imparcial do escriptor e pelas admiraveis informações que fornece, por ser conhecedor profundo dos Estados-Unidos e de suas instituições.

Isolado e sem influencia de familia ou qualquer outra que não seja derivada do seu talento, dos seus estudos, do seu espirito activo e do seu modo de vida exemplar, o dr. J. C. Rodrigues tem sabido adquirir amigos distinctissimos na America do Norte e admiradores quasi fanaticos do seu talento e energia.

A um d'elles ouvimos dizer mais d'uma vez : « Nos julgavamos os homens mais activos e energicos do mundo, porém o dr. J. C. Rodrigues tem vencido a nossa energia. Se o Brazil possúe muitos homens da ordem d'este deve ser uma grande nação. »

Entre os seus mais intimos amigos contava-se o dr. Ayer, o medico millionario, ha pouco fallecido.

A presença do dr. J. C. Rodrigues no estrangeiro vale uma propaganda em favor do Brazil ; tal é a boa vontade

d'este moço em relação ao seu paiz e as boas relações de que dispõe na melhor sociedade americana.

Vivendo fóra do paiz, querendo muito aos brasileiros que são dignos de estima, este nosso compatriota tem adquirido muita consideração dos brasileiros que têm viajado ou residido na America do Norte.

Querendo dar uma prova de sympathia á provincia de S. Paulo pelo acolhimento que deu ao *Novo Mundo*, escolheu o dr. J. C. Rodrigues a cidade de Ytú para ahi fundar um *Instituto*, que tem prestado muito bons serviços á instrucção popular.

Para a fundação do *Instituto* concorreu elle com uma bibliotheca de mais de mil volumes, além de mobilia, mappas e quadros, offerecendo ainda para sua manutenção o producto de cem assignaturas do jornal, o que quer dizer que concorria com um conto e quinhentos mil réis por anno para esta obra meritoria.

Pudesse este exemplo ser imitado pelos homens de fortuna que abundam entre nós, e que poderiam, com menores sacrificios, fundar escolas eguaes, concorrendo assim para espancar muita treva e esclarecer muitas intelligencias dominadas pela ignorancia.

Quem conheceu a economia severa, a vida modesta e retirada do mundo das pequenas vaidades que levou sempre o distincto redactor do *Novo Mundo* não póde deixar de applaudir o sentimento que presidiu á fundação do *Instituto do Novo Mundo* em Ytú, estabelecido com tanto sacrificio.

O grande serviço que prestou o dr. J. C. Rodrigues á nossa provincia, a estima em que a teve sempre, tem sua natural compensação na sympathia de que gosa entre nós, onde seu nome e seu jornal são sempre lembrados com saudades, principalmente no meio dos homens do interior, que tanto estimavam *O Novo Mundo*.

Conhecedor profundo do paiz em que vive e da Europa, que tem visitado, este notavel brasileiro já foi com-

parado como jornalista, pelo dr. Homem de Mello, a nosso antigo compatriota Hyppolito José da Costa Pereira, redactor do *Correio Braziliense* em Londres.

Com um talento muito cultivado, uma energia a toda prova, um patriotismo que se traduz em obras e não fica em palavras, como geralmente acontece entre nós, póde este nosso patricio prestar ainda grandes serviços ao Brazil, que já o conta no numero dos seus melhores filhos.

1884.

DR. G. PIZA E ALMEIDA.

UM SOLDADO POETA

Um caipira, que fazia parte do 7.º batalhão de voluntarios da patria — paulista — enviou do Paraguay, a uma rapariga com quem tencionava casar-se — o seguinte :

Adeus, mulata, qu'eu morro,
Sem tornar a te vêr.
A guerra do Paraguay
Está custosa de vencer.
Muita gente tem morrido
Muito mais tem que morrer ;
Adeus, querida, qu'eu morro
Sem tornar a te vêr.

E o presentimento do pobre caipira realisou-se ; morreu na guerra, sem tornar a vêr a sua querida, que dentro em poucos dias nem mais d'elle se lembrava !

M. A. GALVÃO.

CASA IMPORTADORA

DE

J. FLACH

63--Rua de S. Bento--63

S. PAULO

*Sendo sua especialidade artigos para
alfaiates*

N'esta casa encontra-se sempre um escolhido sortimento de artigos para alfaiates, como sejam :

Pannos e casimiras finas de todas as côres, elasticotines, diagonaes, etc., cheviores, assim como um completo sortimento de forros, como metins, setins de todas as côres e qualidades, brins de linho brancos e de côres e todos os mais artigos concernentes a este ramo de negocio. N'esta casa ha sempre um grande sortimento de retroz de todos os numeros.

Completo sortimento de vinhos do Rheno e do legitimo vinho Tokayer, assim como Lupulo de Baoxera, de primeira qualidade.

Unica casa n'este genero em S. Paulo

Unica casa n'este genero em S. Paulo

JARAGUA'

E' este o meu patrio monte
que junto ao rio cresceu,
e que envolve a idosa fronte
nos nevoeiros do céu.

Não temas, não, viajante,
ao vél-o erguido no sul ;
tem aguias—são andorinhas,
e seu hombro é todo azul.

Primeiro beija-lhe a aurora
a larga fronte sem par,
indo após suas corôas
uma por uma espalhar ;

como uma filha que beija
de seu pae a velha mão,
e depois vae as cortinas
correr do berço do irmão.

Circulando o vulto immenso,
ao sol que tombando vae,
uma auréola de incendios
fulgurante d'elle sáe.

Altivo, como na America,
do condor aos colibris,
tudo é soberbo, arrogante,
sentindo o sol do paiz ;

bem como um velho cacique
de seus guerreiros ao pé,
elle guarda a cordilheira
que azulada além se vê...

Guarda nos labios de pedra
de arruinadas gerações
os echos de mil triumphos,
o canto das tradições.

Quantas tribus desgarradas
de seus pés em derredor
vieram erguer as tabas
sonhando um valle melhor !

E este foi seu patrio monte,
estes valles foram seus...
O monte, os valles ficaram...
dos indios... só sabe Deus !

Oh viajante, não temas
ao vê-lo erguido no sul,
a frente, cheia de nevoas,
nos hombros um manto azul.

DR. BRAZILIO MACHADO.

PROCLAMAÇÃO

DIRIGIDA A' GUARDA NACIONAL DA PROVINCIA DE S. PAULO
EM 25 DE AGOSTO DE 1839 PELO PRESIDENTE
MANOEL MACHADO NUNES

PAULISTAS!

As noticias vindas pelo ultimo correio são atterradoras. A anarchia com todos os seus horrores devasta a provincia do Maranhão: os rebeldes do Sul avançam na provincia visinha, e ameaçam a nossa propria segurança; as desordens, que rebentam em outros pontos do imperio, offerecem o quadro de uma subversão geral; só a Providencia Divina vela ainda pelos destinos do Brazil: só ella conserva erguido o throno brazileiro, e com elle a esperanza da união, e a de serem ainda uma nação grande e poderosa. E não será tempo ainda de unirmo-nos, paulistas? Não deixaremos todos pequenas desavenças? Não sacrificaremos pequenos interesses individuaes ao grande interesse de sermos uma nação? Briosos guardas nacionaes! Descendentes dos bravos que percorreram regiões immensas, e as conquistaram para a civilisação, irmãos d'outros bravos, que tantos louros colheram n'essas fertes campinas, hoje só tintas do sangue de irmãos, correi á nossas fronteiras, fazei respeitar o nome paulistano, lavai-o da nódoa, que os malvados lhe querem imprimir, inculcando que têm um apoio entre vós, segui o honrado general que a sollicitude do governo imperial vos depa-rou, e com elle á vossa frente guardae intacta a reputa-

ção de valor e lealdade, que herdastes de vossos maiores, mantendo o throno do joven imperador, a integridade do imperio, e a independencia da nação brazileira. O vosso presidente vos chama : reflecti, paulistas ; e decidi, se é ou não para onde tambem vos chamam os vossos mais caros interesses. Viva a religião catholica romana ! Viva a integridade do imperio ! Viva o sr. d. Pedro II imperador constitucional do Brazil ! Vivam os leaes paulistas !

MANOEL MACHADO NUNES.

(1839. S. Paulo. Impresso na Typographia de
Costa Silveira, rua de S. Gonçalo n.º 14.)

Quanto mais alto sobe o macaco tanto mais mostra a cauda.

LOJA DO  JAPÃO

VARIADO SORTIMENTO DE
**Chá, Cêra, Rapé, Sementes,
Fogos, Chocolate, Lanternas de papel,
etc., etc.**

DEPOSITO DE PLANTAS

DA

**CHACARA JAPONEZA
FABRICA DE VELAS DE CERA**

M. GARCIA

40 RUA DE S. BENTO 40

S. PAULO

SPLEEN!

Que céu azul, e quanta luz que alaga
De esplendores a terra, e quantas flôres !
Tudo sorri-se em canticos de amores,
E eu sinto uma tristeza que m'esmaga !

As palmeiras além a brisa afaga,
E o sol as illumina de fulgores
Quaes donzellas formosas nos verdores,
E eu sinto uma tristeza que m'esmaga !

A natureza toda se embriaga,
As aves amorosas vão cantando,
E eu sinto uma tristeza que m'esmaga !

E, sinistra, a meu lado caminhando,
Como sombra fatal que não se apaga,
Eu sinto essa tristeza me matando !...

Rio, 16 de Novembro de 1879.

J. A. DE BARROS JUNIOR.

A morte é, como a vida, uma peça necessaria á ordem universal. Quem aprecia a ordem deve comprehendel-a até á morte. E' um recurso um pouco caprichoso, mas necessario á magnificencia do espectáculo que a machina offerece no conjuncto de seus movimentos.



FERRO AGATHE

**Premiado com as grandes
medalhas de ouro, nas Expo-
sições de Philadelphia,
1876, e Paris, 1878**

Depois de analysado criticamente pelos primeiros chimicos dos Estados-Unidos e da Europa, o FERRO-AGATE foi declarado ser

**ABSOLUTAMENTE PURO E INSOLUVEL
INALTERAVEL PELA ACCÃO DOS ACIDOS
INDESTRUCTIVEL PELO EFFEITO DO FOGO
E APRESENTAR VANTAGENS DE ASSEIO,
HYGIENE, COMMODIDADE E ECONOMIA**

como nenhum outro material até hoje conhecido; qualidades estas que, depois do exame feito pelos seus medicos auxiliares, tem sido em tudo confirmado pela exma. Junta de Hygiene Publica, segundo seu parecer já publicado.

—A' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens nesta cidade.

«GAZETA DE NOTICIAS»

São realmente dignos de lêr-se os dados que estou habilitado a offerecer, com relação á prodigiosa carreira d'esta folha, a de maior circulação no imperio.

Começou ella a publicar-se em 1875, propriedade de uma associação, com um capital de 30:000\$000 dividido em 3.000 acções de 100\$000, tendo os tres socios solidarios srs. dr. Ferreira de Araujo, Elysio Mendes e Manoel Carneiro 3:000\$000 cada um. Logo depois retirou-se o socio Manoel Carneiro, recebendo pela sua parte e em virtude de arbitramento a quantia de 20:000\$000.

A folha, que começára com uma edição de 6.000 exemplares, elevava-se n'esta epoca a 13.500, assumindo então a chefia da redacção, cargo em que permanece até hoje, o illustrado sr. dr. Ferreira de Araujo.

Em 1878, reformando-se o contracto, a empreza pagou a 266\$000 as acções dos que quizeram recebê-las e reservou-se o direito de resgatar as outras, no fim de tres annos com 25 % a mais, fóra os dividendos. Assim se fez, e apesar da lettra expressa do contracto, por um principio de moral e gratidão, as ultimas acções foram pagas a 500\$000 cada uma, ficando a empreza de exclusiva propriedade dos dous socios solidarios.

A folha deve o seu successo não só á redacção habilmente dirigida, como á sua rigorosa administração.

O *Omnibus*, o *Dizia-se hontem*, são creações suas, e essas secções tiveram imitadores em quasi todos os jor-

naes do imperio. Inaugurou egualmente ha mais de um anno a secção das *Balas de Estalo*, que permanece até hoje, e cujos artigos são pagos a 10\$000 cada um. Os artigos litterarios da *setima columna* são pagos a 30\$ e 50\$000 cada um. Ramalho Ortigão tem por cada uma de suas cartas 3 libras ao cambio e assim outros correspondentes estrangeiros. O sr. Mariano Pinna, de Paris, tem ordenado fixo de 700 francos mensaes.

Depois que o sr. dr. Ferreira de Araujo assumiu a direcção da redacção, a tiragem da folha foi se elevando successivamente de 13.500 a 18.000, a 20.000 e actualmentemente a edição annunciada é de 24.000 exemplares, numero sempre excedido, principalmente aos domingos, que é de 26 a 28.000. Na questão do vintem, no centenario de Camões, no assassinato de Apuleho de Castro, a edição elevou-se a 40.000 exemplares, mantendo-se por alguns dias entre esta somma e 30.000.

A redacção actual compõe-se do sr. dr. Ferreira de Araujo, que escreve ás segundas-feiras as *Cousas Politicas*, tão conhecidas e transcriptas n'essa provincia; do sr. Henrique Chaves, um dos humoristas mais felizes; do sr. dr. Derineval da Fonseca, autor das apreciadas *Chronicas da Semãna* que sahem aos domingos

Collaboram na folha: o erudito litterato sr. Machado de Assis; o illustrado sr. Capistrano de Abreu; o dr. Valentim Magalhães; e ainda alguns outros que occultam o seu nome.

As *Balas de Estalo* são escriptas pelos tres redactores e mais dous collaboradores.

Agora alguns dados sobre a despeza e mecanismo da folha.

Todos os originaes são rubricados por um dos redactores. A's 4 horas da tarde vae para a typographia a primeira caixa e o serviço da composição prolonga-se ordi-

nariamente até 1 hora e aos sabbados, dias de despacho, até ás duas.

A's 10 horas começa o serviço de molhar papel, feito a vapor. Em seguida faz-se a *clicherie*, por artistas nacionaes e que aprenderam na officina da *Gazeta*. Começa em seguida a impressão, com oito *clichés*; as folhas passam immediatamente á sala do correio para se apromptar a mala e são em seguida distribuidas ás agencias e vendedores.

O serviço de paginação é alternado, como todos os serviços da noute, trabalhando o empregado dous dias, e descansando um; ha operarios que têm uma diaria de 15\$000.

E como o *Almanach* não pôde comportar todo o desenvolvimento que eu podera dar a estes dados, limito-me, terminando, a publicar as seguintes verbas de despeza do balanço do anno passado :

Pessoal de ordenados, redacção e administração.	110:295\$000
Pessoal de ferias (typographia)	73:616\$000
» » » (machinas)	25:265\$000
Papel	110:018\$000
Despezas geraes	32:280\$000
Entregadores	9:680\$000
Tinta	6:920\$000
Alugueis	10:031\$000
Serviço telegraphico	16:180\$000

M. DA ROCHA.

QUADRA POPULAR

Ninguem ria de quem chora
Que tambem pôde chorar,
Assim como a roda anda
Tambem pôde desandar.

LINHA CLARK

MARCA ANCORAS



PARA
MACHINAS

PARA
CROCHET

Esta afamada linha, superior a qualquer outra, tanto para machinas de costura como para crochet e que tem uma quasi exclusiva applicação em todo o grande Imperio do Brazil e uma enorme acceitação em toda parte do mundo, vende-se em todas as lojas de fazendas e de armarinho e no

GRANDE DEPOSITO
DE
MACHINAS DE COSTURA
DE
VICTOR NOTHMANN & COMP.
57--Rua de S. Bento--57

O TEMPO DE ELEIÇÃO

AO SOM DA VIOLA—NOS CATERETÊS

Vamo, vamo, minha gente
Stamo em tempo d'eleição
O rico enxerga o pobre,
Dis adeus, apert'a mão.

Nos prometem bo'estrada,
Muita agua—chafariz,
E os bobo cá da roça,
Acredit'o o que elles diz.

Vamos tê cadea nova,
Lanpião pelas esquina
Uma estrada de *Guapor*
Lá pr'a provincia de Mina.

A igreja nen se falla—
Vai *piá* muito dinhêro
Mais depois de dad'o voto
Fica tudo no tintêro.

O caipira só tem carta
Quando é tempo d'eleição
Se o *graúdo* ve os pobre
Dis adeos apert'a mão.

Venha votá comigo,
Qu'eu te dô cavallo bão,
E depois que tudo passa
O caipira é bão ladrão.

Inda ha caipira bobo
Qu'escuta as oração
E por causa d'isso tudo
Eu não dô meu voto, não.

Ouvi cantar-se esta *trabuçana*, em uma festinha da roça, em noute de S. João—lá pelos lados do Rio-Novo. Pedi que m'a ditassem, e escrevi-a, com orthographia apropriada á pronuncia do poeta, que a compoz. Achei-a bem interessante pelo cunho de verdade que ahi vêmos.

A. GALVÃO.

MINHA ALMA

Das lagrimas e suspiros
De minha mãe adorada
Foi feita minh'alma triste
A saudade, á dôr votada!

BARÃO DE PIRATININGA.

Ha nas alturas da alma uma região onde o incenso que se exhala do louvor póde attingir, mas onde o orgulho não póde chegar.

**DOUS AUTOGRAPHOS
E DOCUMENTOS INTERESSANTES DO PARTIDO
REPUBLICANO NACIONAL**

O partido republicano brasileiro já tem seu archivo de preciosos documentos historicos e de honrosas demonstrações de apreço e sympathia fraternal dos correligionarios de outros paizes.

Se a incuria de alguns, se a desidia de outros tem causado a perda de muitos d'esses valiosos testemunhos, que faltarão de modo lamentavel ao futuro historiador, outros ha felizmente guardados e que serão aproveitados opportunamente.

E' justo que nas paginas d'esta interessante publicação, destinada, especialmente á cousas de S. Paulo, figurem os dous seguintes documentos republicanos, pois mais que em nenhuma outra provincia se acha organizado e florescente o partido republicano.

A felicitação que foi dirigida pelos republicanos fluminenses a Emilio Castellar, por occasião da proclamação da Republica na Hespanha, e a resposta d'este notavel democrata a essa manifestação, constituem os dous documentos que offerecemos ao illustre redactor do *Almanach Litterario de S. Paulo*.

Foi em sessão de 16 de Março de 1873 que o *Club Republicano Federal* deliberou dirigir uma mensagem a Emilio Castellar, por intermedio do dr. Daniel Pedro Ferro Cardozo, que, indo para a Europa, offereceu-se para passar por Madrid, afim de, expressamente, encarregar-se d'essa honrosa missão.

O sr. Francisco Cunha, membro do Club, e redactor da *Republica*, foi incumbido de redigir a carta que ora publicamos, o que fez em acto continuo, sendo lida e approvada na mesma sessão.

O original ou antes o rascunho escripto a lapis está em nosso poder por termos sido o secretario interino do Club. Foi esse documento entregue pelo dr. Ferro Cardozo a Emilio Castellar, que respondeu pelo modo por que se vê.

Tambem possuimos, por lettra do proprio punho de Castellar, as tiras da resposta que publicamos que tem o seguinte carimbo no alto d'ellas :

REPUBLICA ESPAÑOLA—MINISTERIO DE ESTADO

A pedido do dr. Ferro Cardozo, o popular orador ce-deu-lh'as, enviando uma cópia official só assignada por elle, 'que não sabemos em que mãos pára. Aquelle cidadão, por acto de excessiva cortezia, brindou-nos com esse valioso autographo, que ora reproduzimos.

Eis a mensagem enviada pelos republicanos brazileiros :

« Sr. D Emilio Castellar.

« O partido republicano do Brazil, por intermedio dos abaixo-firmados, saúda a Republica Hespanhola, na pessoa de um dos mais gloriosos e admirados apostolos da democracia moderna.

Vimos com jubilo e orgulho o triumpho incruento da Republica na altiva e nobre Iberia, patria de tantas personificações accentuadas, ás quaes deve a humanidade, deve a grande familia latina, especialmente, tão grandes commettimentos. Estava destinado á valente e energica nação hespanhola abrir um precedente novo e fecundo á consagração da liberdade em todo o mundo civilisado. D'este hemispherio, onde veiu abrigar-se o direito dos povos contra a oppressão do privilegio, enviamos ao povo hespanhol as nossas cordiaes e entusiasticas felicitações. O Brazil, unica monarchia d'este conti-

nente, espera ancioso que o progresso das nações civilisadas e livres irradie sobre as nossas massas populares a luz, a cujos vivificantes effluvios acabaes de expandir os vossos corações patrioticos.

O nosso amigo e correligionario dr. Ferro Cardozo vae por nós incumbido de estreitar a vossa dextra em signal de apreço e de fraternidade por parte dos republicanos brazileiros.

Rio de Janeiro, 16 de Março de 1873.

(Assignados): — Joaquim Saldanha Marinho, José Maria do Amaral, Augusto Fomm—membros do Directorio Republicano. Quintino Bocayuva, Francisco Cunha, Pompilio de Albuquerque—redactores da *Republica*. Aristides da Silveira Lobo, Augusto Cesar de Miranda Azevedo, presidente e secretario do Club Republicano Federal. »

Agora a resposta de Emilio Castellar :

« Señores.

Recibo con grande satisfacion vuestro mensaje en el cual felicitais a la nacion española per el nuevo paso dado en el camino del progreso.

Mucho hemos trabajado para traer la Republica; y mucho necesitamos trabajar todavia para consolidar-la. Pero las virtudes del pueblo español, su energia unida a sua moderacion nos aseguran que la obra fundada con grande esfuerzo se mantendrá con grande gloria. Las dificultades son muchas, pero no nos abandona la fé en nuestras idéas y la confianza en lo porvenir. Alienta-nos tambien la amistad que todos los pueblos cultos y que todos los hombres de animo esforzado y generoso, como vosotros, nos muestran, amistad, que sirve de compensacion a nuestros grandes trabajos y de consuelo a nuestras intensas dolores.

Quera el cielo que los vuestros votos se cumplan y que los pueblos latinos de un y otro continente muestren ser tan perfectos ciudadanos como han sido heroicos sol-

dados y audaces navegantes. Comunique estes sentimientos a todos manter, desde ali han felicitado al gobierno da la Republica Hespañola. Agregad, señores, el testimonio de mi profundisima amistad.

Emilio Castellar. »

Com a interrupção da *Republica*, que só reappareceu em Abril de 1873, não foram publicados aquelles documentos, que nos parecem muito interessantes por mais de um titulo.

Deixamos, portanto, ali registrados, crendo ser uma boa contribuição para a historia do partido republicano brasileiro.

S. Paulo, Setembro de 1884.

DR. AUGUSTO CESAR DE MIRANDA AZEVEDO.

CHARADA

As duas primeiras que é fructa—2
Por má a terceira comeu—1
Sendo culpada por isso
Nos dentes do *todo* morreu.

Campinas.

SAMUEL CAMARA.

QUADRA POPULAR

Comadre, minha comadre,
Vi seu filho mal ensinado,
Cantaudo na minha porta
Cantigas de namorado.

UMA PAYSAGEM

A GASPAR DA SILVA

Trillam, voando, os passaros... O dia
Alvorece... N'um circulo de chamma
Circumda o sol a vasta pradaria...

No tremulo frouxel de extensa grama
Deslisa o claro correjo espumante,
Como de fina teia uma aurea trama...

Rompe a orchestra da luz ! No azul distante
Se passa o insecto, julga-se que passa
Uma opala com azas de diamante...

A bruma rarefaz-se... e tenue e escassa
Evola-se... Do lago sobre a frisa
A tribu irial dos colibris perpassa...

Dos ares na extensão—prospera brisa
Sopra, agitando as arvores da matta,
Que o ambiente puro e largo aromatisa.

Ao longe estruge a grande cataracta
Que sobre larga espadua de granito
A cabelleira humida desata...

Sobre a estrada real, lesto e expedito,
Brinca, sorrindo, um bando de crianças,
Robustas como os Cyclopes do mytho.

— Como eu adoro estas cabeças mansas
Que ainda abrigam, como leves ninhos,
Uma porção de aladas esperanças !

Promiscuamente, os ageis passarinhos
Brincam tambem, roçando de passagem
Com a ponta d'aza estes titães damninhos,

Que das escuras moitas de folhagem
Enxotam rindo, os tardos pyrilampos,
Em quanto em haustos mil sorvo a bafagem
Cheia do olôr primaveral dos campos.

1883—S. Paulo.

WENCESLÁU DE QUEIROZ.

ANECDOTA

Um grandecissimo pandego, querendo viver *in eterno*, inventou um meio curioso ! Disse : « Embalsamam-se corpos, e duram por séculos ; logo, embalsamando-se um homem vivo, não morrerá mais. »

UMA PAGINA SUBJECTIVA

A' proporção que avança em idade e adquiro experiencia, mais tolerante sou no julgar os homens: e por isso no jornalismo me retraio das luctas de caracter pessoal e revelo grande moderação no tratar os adversarios.

Tenho mesmo mais pendor para desculpar os erros alheios que para condemnal-os com a severidade do espirito partidario.

Na polemica, si me irritam com grosserias e insolencias, reajo por dignidade; mas lastimo á puridade o vigor da phrase ou a justeza do epitheto reclamado pela violencia de' linguagem do adversario.

Tenho como escriptor os meus dias de *Purgatorio*— quando releio os artigos de polemica.

Então julgo mal de nosso jornalismo e considero tidi-cula e improffica a missão dos que luctam para alimentar a curiosidade dos apreciadores de taes discussões, em que os pontos de doutrina cedem o terreno aos lados fracos dos que se esgrimem na imprensa, cuidando antes de si que da sociedade.

Mais de uma vez victima forçada dos debates politicos em que me agridem valorosamente, guardo resentimentos mas não conservo odios.

Hoje deixo passar muita cousa para não rolar na refrega conjunctamente com outros que não exami-uam bem o terreno onde se collocam.

Prefiro ser qualificado de timido a representar o papel de gladiador no circulo de exploradores de escandalo que se riem de offensas á honra do proximo como de uma chufa de palhaço.

Fujo, pois, á polemica e me desempenho dos deveres de jornalista com frieza e—por que não direi?—com certo constrangimento.

E por que este phenomeno psychologico?

Noto na orientação do meu espirito, determinada pela comprehensão dos novos processos de critica, pelo conhecimento mais exacto do movimento social e pela verificação dos factos através da historia, real antagonismo com a opinião da maioria dos leitores ou dos assignantes de jornaes.

N'estas condições é muito difficil estabelecer-se a relação mais cordata entre o escriptor e os seus contemporaneos.

Collocados em pontos diversos, mirando rumos differentes, aquelle mede o perigo de sua posição e estes só alcançam o objectivo de suas pretensões.

Os que se deixam dominar pela influencia dos principios absolutos, que querem a sociedade ao molde de seus desejos e julgam melhor reconstruir uma nação, começando por arrasar tudo, na supposição de poderem constituil-a segundo a imaginação de ousados artistas, tomam a tolerancia por fraqueza de convicção e a pratica de uma politica scientifica pela extravagancia de inopportunas experiencias.

Nada mais natural. No empirismo que anima uma politica toda pessoal vale mais um nome de familia que lembra uma tradição qualquer de força, que o talento superior, capaz de resolver os mais difficeis e complicados problemas da politica moderna.

Eis ahi porque o jornalismo entre nós se estreita nos limites da solução de questões que mais interessam a certos individuos que á sociedade.

E esses limites abafam as expressões do patriotismo e esterilizam as grandes actividades intellectuaes.

Observo tudo isso, quasi me dou por vencido, e

tenho impetos de traçar em torno de mim mesmo o *Circulo de Popilius*.

Entretanto, por honra do officio, como o demonio, interrogado por um santo personagem, devo responder ao publico sem hesitar :

Discite justitiam moniti, et non temnere divos.

Será ainda por muito tempo bem applicada aos jornalistas nacionaes a sentença de Apollo contra Phlegias, rei da Beocia.

No templo em que se elucidam as questões sociaes somos uns tantos Phlegias. Repitamos, pois, sem cessar, em alta voz :

Discite justitiam....

F. RANGEL PESTANA.

ANIL

Foi cultivado na capitania de S. Paulo pelos annos de 1798 a 1808. Em officio do capitão general Antonio José da Franca e Horta, dirigido ao governo da metropole a 3 de Julho de 1803, dando conta de uma excursão que fizera á villa de S. Sebastião, diz este que remette 186 libras de anil de producção do termo d'aquella villa.

O homem de quem se não conhecem defeitos ou é um tolo ou um hypocrita de que é preciso desconfiar. Ha defeitos apparentes por tal fórma ligados ás boas qualidades, que convém não corrigir.

O coração é o juiz dos amantes.



LOJA DE ROUPAS FEITAS

E

ALFAIATARIA

(Em frente à igreja da Misericórdia)

Nesta casa encontra-se sempre um grande e variadissimo sortimento de casimiras de cores modernas, assim como : diagonaes, cheviotes, montagnaes, panos francezes e casimiras pretas. Camisas peito de linho com ou sem collarinhos e punhos. Gravatas modernas, etc., etc. Roupas feitas finas e grossas. Uma bem montada officina de alfaiate.

Bilhetes de todas as loterias, encarregando-se de remetter encomendas pelo correio com toda a brevidade.

42 A—Rua do Commercio—42 A

BERNARDINO MONTEIRO DE ABREU

A CARIDADE

TRADUCÇÃO DA EPISTOLA DE S. PAULO, CAP. XIII,
AOS CORINTHIOS

Se a lingua dos homens e anjos eu fallar,
E a virtude da caridade não tiver,
Serei metal a tinir, ou sino a soar.

E se for propheta, e mysterios conhecer,
E tiver fé, a ponto de montes transportar,
E não tiver caridade, não valho o sêr.

Se distribuir todos os meus bens no sustento
Dos pobres, e der meu corpo a ser queimado,
E não tiver caridade, não vale o intento.

Paciente e benigna és, ó caridade ;

Nem a inveja te corrompe, e a temeridade
Opera em ti, e nem precipitadamente ;
Nem a soberba tem comsigo affinidade.

Nem és ambiciosa e nem interesseira ;
Não t'irritas, e nem suspeitas mal d'alguem ;
Não folgas com a injustiça ; mas és verdadeira.

Tudo toleras, crês, esperas, tudo soffres.

A caridade nunca acabará, embora
Cessem as prophecias, e cessem as linguas,
Ou seja abolida a sciencia a qualquer hora.

Porque em parte conhecemos,
E n'outra prophetisamos ;
Mas quando vier o que é perfeito,
Abolido será o que é em respeito.

Quando eu era pequenino
Fallava como menino ;
Mas, ora que sou perfeito,
Eu fallo de outro geito.

Agora vêmos a Deus como reflectido
N'um espelho, em enigmas ; então face a face ;
Agora conheço-o em parte ; mas então,
Conhecel-o-hei como d'elle sou conhecido.

Permanece ora a Fé, a Esperança, a Caridade ;
Mas a Caridade é a maior d'esta Trindade.

S. José dos Campos, 5 de Novembro de 1880.

A. DE C. DE MENDONÇA FURTADO.

Quem educa uma criança cuida de sua velhice.

UM TESTAMENTO

(1782)

Em nome da Santissima Trindade Padre Filho Espirito Santo trez pessoas e um so Deos verdadeiro. Saibão quantos este instrumento virem como no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil sete centos e cincoenta e dois aos trese de Outubro do mesmo anno Eu Miguel de Godoe Moreira estando em meo perfeito juiso temendo da morte e desejando por minha alma no caminho da salvaçaõ, por naõ saber O que Deos Nosso Senhor de mim quer faser e quando será servido de me chamar para si faço este meo testamento da forma seguinte. Encomendo minha alma a Santissima Trindade que creou e Roguo ao Padre Eterno pelos mercimentos Unigenito Filho Nosso Senhor Jesus Christo receba minha alma que deste corpo sair e Roguo a Virgem Maria Mai de Deos e atodos os Santos da Cõrte do Ceo e particularmente a meo Anjo da guarda ao Santo do meo nome aquem tenho devoçaõ queiram por mim interceder agora equando minha alma deste corpo sahir, por que como verdadeiro christão protesto de viver e morrer como marido a fé Catholica e crer oque tambe cre a Santa Madre Igreja de Roma e nesta fe espero saluar minha alma fiado nos mercimentos de meo Senhor Jesus Christo. Roguo a meo Genro Manuel da Costa Pais e ao Capitam Manuel Leite do Prado por seruiço de Deos e por me faserem mercê queiraõ ser meos testamenteiros. Meo corpo sera sepultado na Igreja Matris da Freguezia onde eu fallecer e com o Ha-

bito do Glorioso S. Francisco e acompanhado e recomendado pelo Reverendo Vigario e mais Sacerdotes que se acharem e o mais do meo funeral deixo a disposiçaõ de meo genro e testamenteiro Manuel da Costa Pais. Por minha alma deixo se faça um officio de corpo presente e se digam as missas de corpo presente tantas quantos sacerdotes houverem. Deixo mais por minha alma duas capellas de missas e que se tomem trinta Bullas de defuntos e oito de composiçaõ. Declaro que sou natural de S. Paulo e morador na freguezia de Pindamonhangaba filho legitimo de Ignacio Moreira de Godoe e de d. Catharina de unhatê já defunctos e viuvo de Maria Leite de Araujo com quem fui casado e tivemos os filhos seguintes: José Moreira casado em Pitangui—Francisco Ferraz, Antonio Ferraz solteiros—Izabel Cardosa casada com Manuel da Costa Pais—Maria Pires casada com Sargento mór Francisco Nabo Freire e Anna Ribeira solteira os quaes são os meos legitimos herdeiros. Declaro que possuo umas casas na Villa de Pindamonhangaba e um sitio na paragem chamada—Sapucaia—junto a Capella do Rosario com casas de taipa e terras a elle pertencente o qual sitio com casas preña Roda e dois fornos de Cobre deixo a meo genro Manuel da Costa Pais. Declaro mais que possuo criações de gado e pouco mais o menos setenta almas escravos entrando as legitimas de meos filhos Antonio Ferraz e Anna Ribeira e Jose Moreira os quaes estão por inteiros de suas legitimas, que os tinha em meo poder como seo tutor Declaro que meo filho Francisco Ferras esta so por inteirar de setenta mil reis ao que na verdade for como melhor constar da sua folha de partilha, Isabel Maria estam inteirados da sua legitima.

Declaro que ha tempos tenho dado de minha livre vontade hum Rapaz Geraldo a meo neto Ignacio filho de Manuel da Costa e da mesma sorte tenho dado de minha livre vontade Liborata rapariga a minha filha Anna Ribeira e nem um dos meos herdeiros se opora a estas duas

dadivas que ha tempos tenho feito e por isto faço esta declaração. Declaro que devo duas miças cantadas uma a Senhora do Bom Sucesso outra a Sam Roque. Declaro que devo a Jose Goncalves Cruz cento e tanto mil reis. Devo a Domingos Vieira dose mil reis e o mais que meu Genro e Testamenteiro Manuel da Costa achar que devo ainda que disso não haja clareza é minha vontade que pague. Declaro que me deve o Sargento mór Antonio Galvão tresentos mil reis. Deve me meo filho Jose Moreira de Araujo cem mil reis. Deve me Bras de Almeida deoito mil reis ou o que na verdade for constar. Declaro que os bens que possuo assim moveis como escravos e o mais que me pertence sabe meu genro Manuel da Costa que de tudo dara conta a seo tempo a quem deixo a administração de tudo atte se fazerem as partilhas e se empossarão meos herdeiros do que lhes tocar. Declaro que deixo forros a Antonio mina e sua mulher Maria mina velhos pelos bons serviços que tiverão. Declaro que deixo a minha filha Anna Ribeira a escrava Barbora costureira, a qual não será vendida por ser minha ultima vontade que sirva e ande sempre em companhia da dita minha filha. Declaro que na mesma conformidade deixo a meo filho Antonio Ferraz o escravo Vito, sapateiro com a condição de que nunca possa ser vendido ou alheado nem ainda por divida que tenha ou haja de contrahir o ditto meo filho e só podera dispor d'elle por sua morte. Deixo a Helena rapariga filha de Barbora a minha neta Veronica filha de Manoel da Costa. Deixo o rapaz João a meu neto e afilhado Francisco filho de Francisco Nabo Freire. Deixo João Trombeta a meo filho Francisco Ferraz. Deixo mais se digão vinte e cinco missas pelas almas dos meus escravos machos e femeas. Mais diram duas missas ao Archânjo S. Miguel, mais dose aos Santos e Santas de minha devoção mais dose pelas almas do purgatorio. Declaro nomeio e constituo por minhas universaes herdeiras de tudo o que depois de pagas as minhas dividas cumpridos os meos

legados restar da minha fazenda a minhas tres filhas Izabel Cardoso, Maria Pires, Anna Ribeira. Para cumprir meos legados e as cousas aqui declaradas e dar expedien-
cia ao mais que neste meo testamento ordeno torno a pedir a meo genro Manuel Leite do Prado por serviço de Deos e por me fazerem merce queiram aseitar serem meos testamenteiros como no principio deste testamento peço aos quais e a cada um in solidum dou todo o poder que em direito possa e for necessario para de meos bens o que necessario for para meo enterramento e cumprimento de meos legados e paga de minhas dividas e por quanto esta he a minha ultima vontade do modo que tenho dito me assigno aqui Villa de Guaratinguetá aos trese de Outubro de mil sete sentos e sincoenta e dois—*Miguel de Godoe Moreira.*

(1733)

Por fallecimento do Cap^m Miguel de Godoe Moreira fez se inventareo no Juis de Orphaõ da Villa Real de Pindamonhangaba. Foraõ descriptos e avaliados—20 obras de pão—6 obras de couro—8 armas de fogo com embraçadeiras, mira, ponto, coronha e trombeta de prata—25 peças de roupa, entre as quaes menciona se um capote de Borregon, um povilhão de panno de linho, toalhas de mesa e derosto de linho, com crivos—5 imagens—9 peças de prata lavrada, entre outras, tambaladeiras, espadim, fivelas. 7—peças de cobre—8 peças de estanho—6 peças de ferro. 10 peças de louça e vidro—12 cabeças de porcos—8 cabeças de cabras—3 cavallos—68 escravos—manto e roças. Um sitio chamado Sapucaia com casas de taipa com mil e tantas braças detestada e legoa e meia de certaõ—400 braças de terras mista os referidos. Uma morada de casa sita na Villa de taipa de pilão cober-

ta de telha. Importaraõ todos os bens descriptos em
—7:127§215— !

As custas do inventario importou em—38§314 !

METAMORPHOSE

(A ELIAS G. DE FRANÇA BARROS)

Eu, que vi-te—mulher—n'aquelle tempo
Em que tu tinhas as faces tão coradas,
Não posso, hoje, ao te vêr assim tão feia,
Deixar de soltar doces risadas !

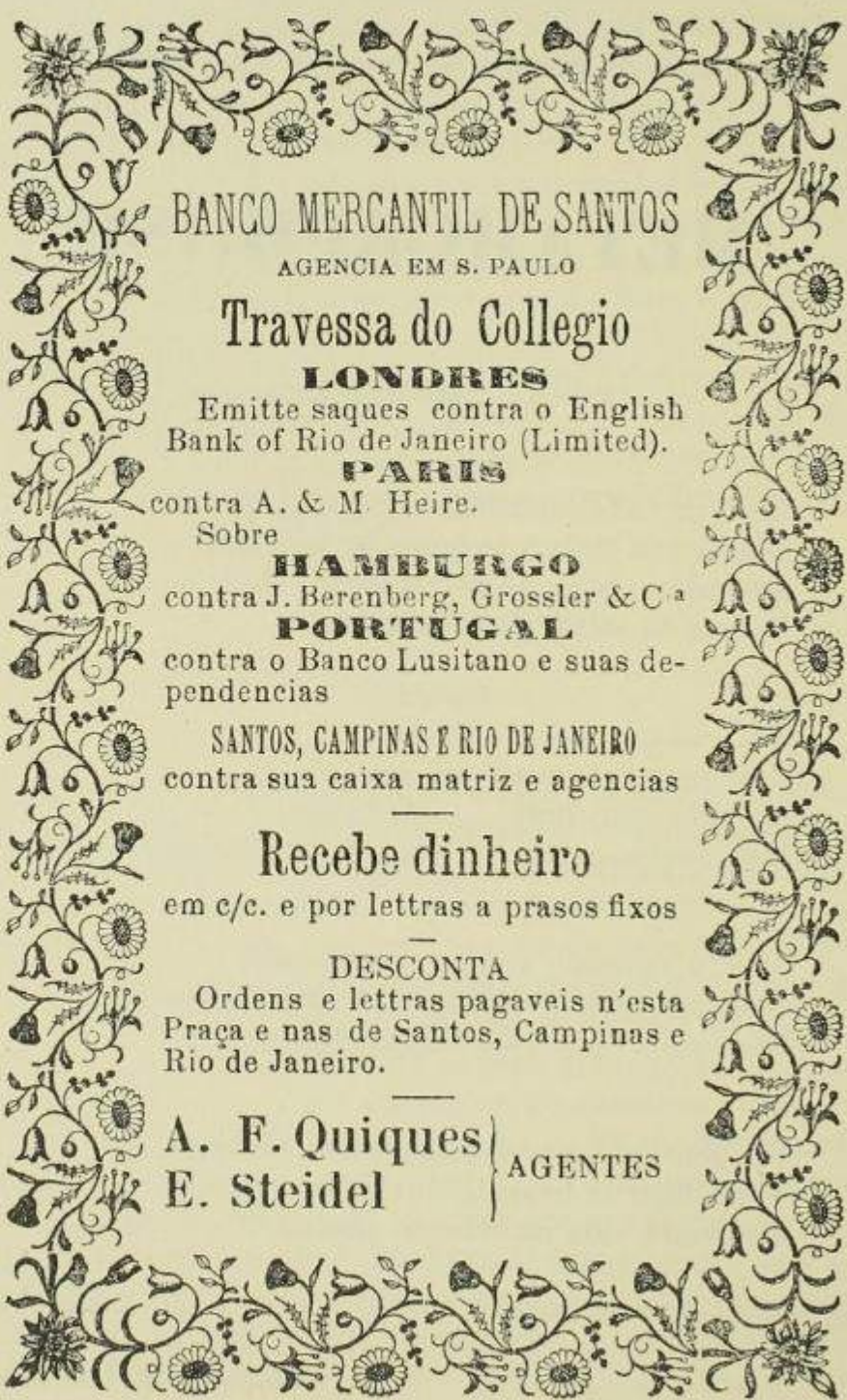
Tu, que querias illudir-me
Com teu canto mavioso, qual sereia
Em alto mar, hoje... com filhos...
Desbotada... sem brilho... assim tão feia ! ? . . .

A vida é mesmo assim : ora risonho
O mundo se nos mostra—e então n'um sonho
Noss'alma de paixão s'expande e gosa . . .

Ora sentindo o peso esmagador dos annos
Veem logo os frios, os duros desenganos
Dar fim á vida na estação viçosa.

S. Paulo, Agosto de 1884.

SEBASTIÃO DIAS.



BANCO MERCANTIL DE SANTOS

AGENCIA EM S. PAULO

Travessa do Collegio

LONDRES

Emitte saques contra o English
Bank of Rio de Janeiro (Limited).

PARIS

contra A. & M. Heire.

Sobre

HAMBURGO

contra J. Berenberg, Grossler & C^a

PORTUGAL

contra o Banco Lusitano e suas de-
pendencias

SANTOS, CAMPINAS E RIO DE JANEIRO

contra sua caixa matriz e agencias

Recebe dinheiro

em c/c. e por lettras a prazos fixos

DESCONTA

Ordens e lettras pagaveis n'esta
Praça e nas de Santos, Campinas e
Rio de Janeiro.

A. F. Quiques

E. Steidel

} AGENTES

VIAGENS E EXPEDIÇÕES A MATTO-GROSSO

Não entra em nosso plano divulgar uma noticia exacta e minuciosa das viagens dos primeiros exploradores paulistas, dos que organisavam bandeiras de aventureiros para Matto-Grosso; porque, narrar em ordem e descrever descarnadamente as difficuldades que experimentavam aquelles atrevidos exploradores, o cuidado para que lhes não fallecessem os meios em tão longa perigrinação e a paciência de que era mister para arcarem com innumeraveis obstaculos, que se lhes enfrentavam, é tarefa por demais superior aos exiguos recursos de que dispomos. O desejo de concorrer, ainda que imperfeita e toscamente, para perpetuar a memoria dos nossos antepássados e o fogo ardente do amor do sólo regado pelo *Tieté*, impellem-nos e faz com que não possamos nos conter.

Eis-nos, pois, comettendo uma temeridade, um attentado, e tomando o lugar dos competentes. A estes não pedimos desculpa, pedimos que nos perdoem.

As explorações, começadas em meado do XVI seculo pelos atrevidos paulistas, Aleixo Garcia que, com um seu filho e em companhia de alguns indios civilizados, passou além do rio Paraguay e chegou ás faldas dos Andes;—Manoel Corrêa, que da cidade de Matto-Grosso enveredou para o Araguaya e o transpoz;— Antonio Pires de Campos e Paschoal Moreira Cabral que descobriram os rios de Cuiabá e Cuxipó, divulgando-se pelas grandes descobertas de ouro n'aquelles paragens, desafiaram a cobiça de outros aventureiros, que se tornaram notaveis, entre os quaes se contam os afamados paulistas Gabriel Antunes Maciel, fundador da cidade de Diamantina, os

irmãos Fernando e Arthur Paes de Barros, fundadores de S. Francisco Xavier e Pouso-Alegre,—Manoel Rodrigues, appellidado Mandu-açú, a quem se conferiu a patente de capitão em recompensa do valor, com que se houve em um ataque dos indios á frota de S. Paulo,—Manoel de Lima, homem de uma coragem descommunal, que com cinco indios e tres camaradas, seguindo os cursos do Guaporé, Madeira e Amazonas foi ter ao Pará,—e muitos outros, emfim, como Joaquim Ferreira e Joaquim de Souza Azevedo, natural de Porto-Feliz, que seguindo pelo Paraguay acima, Sipotuba e fazendo varação até o Sumidouro, passaram no Arinos, Tapajós e Amazonas e foram ter ao Pará, ou subindo o Mamoré, Amazonas e Madeira foram vender fazendas na missão hespanhola —*Exaltação*—e cuja historia, de cada um d'elles, não cabe no estreito circulo a que está adstricto um *Almanach*.

E porque o nosso principal fim é tratar das viagens de Porto-Feliz a Cuiabá, segundo os dados que temos, fornecidos por um velho que n'este municipio ainda vive, Antonio Cardoso Pimentel, de 87 annos de idade, que fez diversas viagens, sendo a sua ultima em companhia do illustre Augusto Leverger, Barão de Melgaço, vamos descrevel-as, ajudado por alguns esclarecimentos encontrados no Diccionario Geographico de J. C. R. Milliet de Saint-Adolfe.

Tomando-se, pois, como ponto de partida a então Villa de Araritaguaba, em 1742 alli estabeleceu-se o porto, dando isto motivo para mais tarde ser a villa denominada Porto-Feliz, e affrontando as cachoeiras, saltos e corredeiras do Tieté, Paraná, Rio-Pardo, Sanguexuga, Camapuan, Coxim, Taquary, Paraguay, S. Lourenço e Cuiabá lá iam ter á capital.

Concluidos os aprestos de viagem que, quer para as monções *reiunas*, quer para as particulares, consistiam na factura de grandes batelões, nos ajustes dos camara-

das, cujo corpo compunha-se de um guia, pilotos, proeiros e trabalhadores de voga e zinga, emfim reunido o mantimento preciso e calculado para uma viagem de seis mezes, eil-os que soltavam-se do Porto-geral no rio Tieté em Porto-Feliz. N'este rio cincoenta e seis cachoeiras, inclusive dous saltos, antepunham-lhes com mais ou menos perigo embaraços de difficil remoção. Proximo a Porto-Feliz já encontravam a cachoeira denominada—Cangueira—que succede ás outras na ordem que enumeramos: Juri-mirim, Araranhanduba, Itanhaem, Tiririca, Machado, Itaguaçaba, Itaguaçaba-mirim, Pirapora-pequeno, Pirapora-grande, Bejuhi, Pilões, Garcia, Mathias Peres, Itapema, Itapema-mirim, Pederneiras, Itahi, Ilha-pequena, ou cachoeira da Fazenda, Banharão, Esteirão, Pôtundúba, Itapuia, Baúru, Barueri-mirim, Barueri-açú, Sapé, Congonhas, Vamicanga, Tambari-Tiririca, Tambaú-açú, Tambaú-mirim, Comboio-Vaca, Campo, Avanhanda-mirim, Avanhanda-açú (salto), Escaramuça, Utupanêma, Ilha, Matto-sêcco, Ondas-pequenas, Ondas-grandes, Funil-pequeno, Funil-grande, Guicurituba-açú, Araçatuba, Aracanguá-mirim, Itapura, Tres-irmãos, Itapura-mirim e o grande salto do Itapura.—De entre estas, só os dous saltos, Avanhanda e Itapura, cortam de uma vez a navegação. O primeiro tem um apurado ou córte que mede dez metros mais ou menos e cuja variação por terra é de 650 braças e o segundo, que tem mais um pouco de altura, a variação é de 380 braças; mas ha trinta e duas cachoeiras, em que precisam dobrar o numero de remeiros, aliviar as cargas e tomar sérios cuidados para transpol-as. Este percurso é calculado em 130 leguas até a embocadura no Paraná, abaixo da cachoeira do Urubü-Pungá.

Descendo então o Paraná faziam uma navegação de cerca de 36 leguas, em cujo percurso tinham apenas de passar a forte correnteza do Jupia, passando egualmente as embocaduras do Aguapêhi, do Rio-Verde, a ilha de

Manoel Homem, para alcançarem o rio Pardo, que desagua em a sua margem esquerda.

N'este rio, que nasce da junção do Sanguexuga e Ribeirão-vermelho, descoberto por paulistas em 1626, quando á caça de indios para os captivaram, é que aquelles intrepidos viajantes encontravam os maiores obstaculos!

Em um curso de 70 leguas mais ou menos, todo elle de principio a fim muito rapido e inclinado, os que por elle navegavam não gastavam mais que seis dias para descel-o, ao passo que para subil-o eram precisos sessenta e seis dias mais ou menos e tinham de vencer vinte e oito cachoeiras mais ou menos grandes, que são as seguintes: Pedra de amolar, Formigueiro, Paredão, Embiruçu, Embiruçu-mirim, Lage-grande, Lage-pequena, Canôa-velha, Sucuriú, Bangué, Valla, Tamanduá, Tres-irmãos, Taquaral, Capoeira, Anheduhi-mirim, Jupia do Tijuco, Mangabal, Chique-Santo, Embiruçu, Sirga-comprida, Canôa do Banco, Sirga-negra, Sirga do Matto, Capiurú, Capiurú-mirim e Ilha.

Vencidos estes escolhos entravam no rio Sanguexuga, no districto de Camapuan, assim denominado por nascer de um lago, onde ha muita sanguexuga de boa qualidade. N'este rio, cuja navegação é apenas de quatro leguas e cujas cachoeiras a transpôr são as do Banquinho, Saltinho, Raizama e Taquarapaia, é que se formou o porto para o varadouro ao rio de Camapuan, onde as fazendas e generos eram transportados a principio aos hombros dos camaradas e mais tarde em carros na distancia de tres e meia leguas.

N'este districto, antigamente em poder das tribus dos indios Caiapós, havia uma capella que servia de freguezia á população branca.

Transportadas as cargas e canôas iam ter ao referido rio de Camapuan, que discorre mais ou menos deoito leguas até se juntar ao Coxim pela margem direita.

Camapuan, rio de pouco fundo, dava apenas navegação para as canôas pequenas, porque o seu leito é ainda embaraçado de arrecifes: as maiores canôas e grande parte dos generos eram ainda transportados em carros até o armazem de arrecadação no Coxim.

Chegadas ao Coxim e recebidas as cargas do armazem de arrecadação, por elle navegavam cerca de oito dias até o Taquary, em cujo rio entra pela margem esquerda.

Nasce este rio, Coxim, perto da nascente do Sangue-xuga, mas corre rumo inteiramente diverso; é acompanhado de uma corda de montanhas em uma distancia de quinze leguas por entre mattas, então frequentadas pelas tribus errantes dos Caiapós, que por elle vogavam em canôas e, n'elle tinham os viajantes de superar vinte e dous escolhos na ordem que segue: Mangabal, Pedra Branca, Pera-Alta, Varé, Culapada, Tres Pedras, Quebra-prôa, Furnas, Tres-irmãos, Alvaro, Rebôlo, Anhumas, Bicudo, Vamicanga, Pedra-redonda, André Alves, Jaurú, Avandava-açú, Avandava-mirim, Chordeira, Jequitaia e Ilha.

Vencidos estes obstaculos lançavam-se nas aguas do Taquary, cujo curso é considerado em cerca de cincoenta e sete leguas e embaraçado só por uma cachoeira, chamada Barra e por uma rapida correnteza de nome—Belliago. Em uma distancia de 30 leguas corre este rio, em cujas margens, contam os viajantes, abundar coqueiro-bocayuva e guacury, entalado entre serrarias e vae regar a antiga povoação do Pouso-Alegre. Seu leito é largo, suas barrancas muito baixas e de modo tal que os campos que o margeam, passadas as serranias, alagam-se em tal distancia que communicam em qualquer direcção com os rios Paraguay, S. Lourenço e Cuiabá. A distancia a vencer é considerada em cincoenta e uma leguas, em que as canôas gastam de quinze a dezoito dias para subir e sete descendo para deitar em sua embocadu-

ra no Paraguay; conservando sempre em seu leito uma arêa tão fina que, dizem os viajantes, ser impossivel beber-se a sua agua sem deposital-a por algum tempo, porque a traz sempre suspensa. As suas cabeceiras em ambas as margens eram habitadas pelos indios Guaicurús e Payaguás, tribus estas das mais difíceis para fazel-as dobrar á civilisação. As terras baixas produzem espontaneamente o arroz, e nellas ha tambem abundancia de coqueiro-bocayuva, assim como de aves de diversas especies, como o casoar, o tuyúyú, anhuma, etc., e grande diversidade de pescado.

Chegados á sua confluencia no Paraguay, defronte á serra de Albuquerque, por este subiam, segundo uns dezeseis dias e segundo outros menos, e, deixando á margem direita o forte de Corumbá, iam ter sem muita difficuldade ao rio de S. Lourenço, que lhe vem pela esquerda. Por este subiam livres de cachoeiras, pois que dá navegação franca a vapores e o que é mais, as canôas deitam muito mais acima: vão até ás suas cabeceiras.

Incorporando-se a elle o rio de Cuyabá pela direita, por estes tomavam para afinal e depois de insano trabalho irem ter á cidade, capital da provincia.

Eis, pois, esboçadas, desordenadamente, as difficuldades experimentadas pelos intrepididos paulistas e que elles venciam com inaudita coragem, levados pela ambição, a principio, de aprisionarem indios e, mais tarde, para apanharem ouro, com o que, realmente, fizeram-se grandes fortunas.

Tieté, 9 de Agosto de 1884.

FRANCISCO CORRÊA DE ALMEIDA MORAES.

Os pobres devem assignalar-se pelas virtudes; os ricos pelos beneficios.

VIVO-MORTO

Da frigida Siberia o géllo eterno
Branco sudario pela terra estende,
E no solo infecundo, frio e morto
Nem as flôres vicejam !

Do Sahara as planices arenosas
Pedem novo Moysés e a vara santa
Que fez jorrar o liquido elemento
Da pedra de Horeb !

E um céo de chumbo nem siquer concede
O doce orvalho que o viajor sedento
Em vão supplica—os olhos alongando
Por vasto mar de arêa !

Do hindostanico sol o raio ardente
A cima do Hymalaia doura e cresta,
E nos dorsos estereis mal germinam
Enfesados arbustos !

Nuvens de fumo—sulphurosas flammæ
O Vesuvio infernal ao longe arroja
E ai ! dos Plinios que affrontar pretendam
As attracções do abysmo !

Assim—já velho—acabrunhado e triste,
Sentindo n'alma a gelidez da morte
—Sombra sem corpo—vacuo sem limites,
Presente sem futuro !...

Mais infeliz que o triste e cégo bardo,
Não deu-me o céu a poetica Malvina,
Que pela mão setinea me conduza
De minha mãe ao tumulto !

Oh ! que magoas cruciantes me assoberbam !
Que noites sem luar ! que bruma eterna
Os meus cançados—fugitivos dias
Premem com ferrea mão !...

Si d'harpa santa do propheta rei
Eu busco ainda dedilhar as cordas,
Quebram-se uma após outra e mal disferem
Os lamentos de Job !...

BARÃO DE PIRATININGA.

ANECDOTA

Estavam algumas pessoas reunidas ; um moço montava a cavallo para seguir viagem. A cabeçada do freio estava um tanto baixa, e o cavallo encommodava-se. Então, um da roda que auxiliava o cavalleiro, encurtando a dita disse : — « Agora está mais a par da *sintaxe*. » A isto retorquiu um outro : « Está mais a par da *prosodia*, pois que está perto da bocca. »

A CIDADE DE SANTOS

RAPIDA VISTA RETROSPECTIVA

(Capitulo extrahido de um livro inedito)

.
Os acontecimentos que acabamos de narrar passavam-se no anno da graça de 1858.

N'essa epôcha, a cidade de Santos era, em tamanho, exactamente um terço do que é hoje e tinha feição muito diversa da que actualmente possui

Era uma cidade pequena, mal ventilada, lamacenta e insalubre.

Preciso que o leitor a conheça tal qual era e por isso vou abrir um parenthesis á narração.

N'es-se tempo em que o Valongo (hoje rua da Independencia), florescia e possuia casas de sobrado, as ruas de Amador Bueno, de S. Francisco, do Bittencourt e Sete de Setembro não existiam ainda.

Todo o espaço que vae da rua do Rosario até á chacara de D. Angelica, n'essa epocha conhecida por chacara do alferes Domingos José Rodrigues, e que hoje, de norte a sul e leste a oeste, está cortado de ruas quasi que completamente edificadas, era um denso matagal, salpicado aqui e allí de capinzaes e de charcos, com uma ou outra casa isolada marginando o velho caminho da Barra, (hoje rua de Braz Cubas).

Em todo esse espaço, o charco predominava a tal ponto que o logar em que hoje se ergue a casa do tenente-coronel Francisco Martins dos Santos, na rua de Braz Cubas, era conhecido pelo nome de *Poço-Verde*, por causa de um lago enorme e permanente de aguas estagnadas que ali havia.

A rua do Rosario ia tão sómente desde o largo do Rosario até ao velho caminho da Barra. D'ahi por deante, até ao Paquetá, o matto, o charco e o mangue eram os senhores do terreno.

As pessoas que, para encurtar caminho e evitar o lamaçal do velho caminho da Barra, queriam ir até a chacara do alferes Domingos José Rodrigues, muito frequentada então, passavam por cima de um aqueducto baixote, feito de alvenaria de pedra e cal, que, da nascente das *Duas-Pedras*, onde hoje se ergue o chafariz *Sete de Setembro*, conduzia a agua para o chafariz da Alfandega, que ainda existe.

A esforços e instancias do tenente Joaquim da Silva Carmo, que era então vereador, a municipalidade tratava de abrir a rua das Flôres que é hoje a rua de Amador Bueno.

Afim de animar a edilidade n'esse commettimento, esse respeitavel santista, de saudosa memoria, mandou construir uma casa na direcção provavel que devia ter a futura rua.

Essa casa esteve durante muito tempo em pleno matto e, quando mais tarde se abriu a rua, verificou-se que infelizmente fôra ella edificada muito fôra do alinhamento.

Assim, não logrou o tenente Carmo que a sua casa fosse a primeira construida na nova rua.

A rua do General Camara, cujo primitivo nome foi Aurea, era ainda conhecida, pelo povo, pelo nome de Nova, e, partindo do largo do Rosario, não se estendia além da rua da Constituição.

A rua da Constituição era a rua Josephina, mas o povo denominava-a rua da Palha.

Dos Quarteis, onde nascia, ia tão sómente até encontrar-se com a rua Aurea. D'ahi por deante, caminhando para o sul, prolongava-se por um trilho que conduzia ao logar denominado a *Pedra da Feiticeira*, onde havia uma nascente de agua muito aproveitada pelas lavadeiras.

A *Pedra da Feiticeira* ficava no ponto em que hoje se cruza a rua da Constituição com a de Amador Bueno.

A rua dos Quarteis, chamada hoje de Xavier da Silveira, era um arrabalde da cidade e não ia além da chacara do commendador Antonio Ferreira da Silva, pae do actual Visconde do Embaré.

D'essa chacara até ao Paquetá, (actual rua de Baptista Pereira) o mangue florescia n'um terreno lodoso e intransitavel.

Das transversaes, a contar do Valongo para o Paquetá, a rua Josephina era a ultima.

Das longitudinaes, a partir do littoral para o Mont-Serrate a ultima era a rua do Rosario.

A cidade occupava, pois, a facha de terra comprehendida entre o littoral e a rua do Rosario e a de S. Leopoldo (prolongamento d'aquella), sendo limitada ao oeste pelo Valongo e a leste pela rua Josephina.

N'esse tempo, toda a cidade, inclusivè os arrabaldes, (Quarteis e caminho da Barra) media uma area de 750.000 metros quadrados. Hoje a cidade cobre uma superficie de 2.250.000 metros quadrados, isto é, o triplo do que media então.

A rua do Marquez do Herval era a rua da Penha e possuia poucas habitações.

A de S. Leopoldo chamava-se Formosa; o povo, porém, designava-a pelo nome de Vermelha, por causa de uma série de pequenas casas que ahi haviam, cujas rotulas eram pintadas a zarcão. Essas casas ainda existem.

Da rua da Penha partia uma travessa que, passando pelos fundos do convento de Santo Antonio, conduzia ao Valongo ; era conhecida pelo nome de rua do *Maneco do Muro*. Mais tarde, a estrada de ferro da Companhia Ingleza interceptou essa passagem que, hoje, está reduzida ao pedaço que vae da rua de S. Leopoldo á do Marquez do Herval, denominado rua do Cayubi.

A rua de S. Bento era a rua dos Cortumes e a de Frei Gaspar tinha o nome de becco do Inferno

A municipalidade de Santos não encontrou em toda a cidade melhor padrão para perpetuar na mente do povo a memoria do grande chronista da capitania de S. Vicente, do que essa viela tortuosa e escura.

A rua Vinte e Quatro de Maio era a rua da Praia e a do José Ricardo a rua do Sal.

Já tinham os nomes que ainda hoje possuem as ruas de Santo Antonio, Martim Affonso e Itororó.

A rua Vinte e Oito de Setembro tinha o nome de Septentrional, mas o povo chamava-a rua Pequena ; a do Visconde do Rio Branco era a rua Meridional, no espaço que vai do largo do Carmo ao largo da Matriz ; d'ahi em diante, até em frente á casa que servia de deposito ao trem bellico, onde terminava, tinha o nome de Santa Catharina.

A travessa do Visconde do Rio Branco era a travessa do Trem.

A rua do Senador Feijó denominava-se travessa da Alfandega e terminava na rua do Rosario.

A respeito de largos, havia o da Cadeia Nova (hoje Praça dos Andradas) o do Carmo, o da Matriz e o da Coroação.

O largo da Cadêa Nova era um banhado, onde se matavam narcejas a tiro a qualquer hora do dia ; e o da Coroação não passava de um monturo infecto e nojento onde os tropeiros, que então conduziã o assucar do interior

da provincia para Santos, ás costas de burros, arremeçavam o capim que lhes servia para forrar os jacás onde traziam os saccos de assucar.

Os largos do Marquez de Monte Alegre e dos Gusmões não existiam porque o mar era ainda o senhor dos terrenos em que actualmente estão.

O primeiro denominava-se o porto do Bispo e o segundo via o seu começo n'um pequeno pedaço de caes, que então se construia junto á ponte provincial, designado pelo povo pelo nome de caes do Barnabé.

Do actual largo da Imperatriz existia o solo charcoso e coberto de vegetação frondosa.

N'esse tempo, em que Santos não possuia ainda o *bond*, nem o gaz, nem o telephone, nem a agua canalizada das cachoeiras do Cubatão, muito amador de pesca e pescador de profissão extrahiu bagres e camarões do logar em que hoje se eleva a casa do Netto.

A cadêa, que actualmente se ergue na praça dos Andradas, erguia-se carunchosa e baixota no largo do Carmo. Era um edificio retangular com quatro janellas, na frente que olhava para a rua Direita (hoje Vinte e Cinco de Março) e com entrada pelos fundos, lado em que hoje está a loja do sr. Raymundo Curvello.

A Alfandega funcionava no antigo collegio dos Jesuitas (que foi demolido para dar logar ao actual edificio) conhecido então pelo nome de Palacete por ahi se ter hospedado o Sr. D. Pedro II, na parte superior, quando em 1846 visitou pela primeira vez a provincia de S. Paulo.

As unicas ruas da cidade calçadas a pedra eram as de Santo Antonio, do Sal e Direita. As outras nem sequer eram macadamizadas.

Nos dias de chuva, a lama era tal que tornava-se preciso estender taboas ao travez das ruas mais frequentadas para que o transeunte as podesse atravessar sem risco de ficar atolado.

O calçamento das ruas de Santo Antonio, do Sal e

Direita era feito a pedra de alvenaria commum, em duas rampas, convergindo para um rego central.

Como se vê, a fôrma de calçamento era opposta á adoptada hoje em todas as ruas da cidade.

A estrada de ferro que hoje vae de Santos até ao Rio-Claro, ramificando-se para Sorocaba, Ytú, Mogy-mirim, etc., esse sonho de Frederico Fomm, o intelligente e emprehendedor allemão, que introduziu a primeira machina a vapor na provincia de S. Paulo, e que primeiro emprehendeu ligar Santos ao interior da provincia por uma via ferrea, mandando por isso fazer (em 1836) os estudos precisos á sua custa (1)—estava ainda em estudos.

Os inglezes ainda não tinham atirado para dentro do ancoradouro o aterro e as pontes que tanto têm obstruido o porto de Santos, e por onde deviam receber mais tarde todo o material para a construcção da estrada, vindo em direitura da Europa.

A população que havia em Santos era mui differente da actual.

Predominavam dez ou doze familias paulistas, muito aparentadas entre si (que mencionarei no correr d'esta historia) a colonia portugueza, alguns allemães e raros individuos de outras nacionalidades. O resto era a arraia miuda.

Os costumes eram outros.

A cadeirinha florescia e era um traste de luxo exclu-

(1) « Quando Frederico Fomm falleceu, todos os papeis relativos a essa estrada de ferro, com as respectivas plantas e orçamentos, foram confiados por sua viuva (D. Barbara de Águiar Fomm), ao Marquez de Mont'Alegre, seu parente.

Este os entregou ao Visconde de Mauá, seu protegido, e serviram de base aos estudos e traçado da actual via ferrea de Santos a Jundiahy, estudos que aquelle vendeu á companhia ingleza pela quantia de *quarenta mil libras esterlinas.*» (*Frederico Fomm—Apontamentos biographicos* pelo dr. Augusto C. de Miranda Azevedo, 1879.)

sivo de certas familias privilegiadas pelo nascimento e pela posição.

Não havia ainda o carro de aluguel nem o particular.

Como a cidade era pequena, todos andavam a pé ou então a cavallo, mas ainda assim por luxo e ostentação.

As digressões para a praia da Barra ou villa de S. Vicente faziam-se a cavallo ou em carroça puchada a burros.

As familias gostavam muito d'esses passeios e faziam-nos com frequencia.

Nas noutes de lua, a cidade era illuminada pelo luar; nas outras, quem tinha de sahir de casa munia-se de uma lanterna ou de um archote.

A bengala, a pistola e o apito eram dispensados, porque não existiam ladrões nem salteadores.

As familias visitavam-se muito, todos se davam, todos se conheciam e havia mais sociabilidade do que ha hoje.

Como os artistas dramaticos de profissão eram escasos e raro aportavam a Santos, os rapazes santistas de então, que hoje são velhos e avós, organisavam sociedades dramaticas e faziam-se actores e... actrizes!

Todo o repertorio dramatico de Mendes Leal foi n'essa epocha e em annos anteriores, representado no velho theatro do largo da Coroação, que principiando por ser um armazem acabou por onde tinha começado.

D'esse theatro e d'esses artistas amadores, alguns aliás de verdadeiro merito, terei de me occupar ainda no correr desta veridica historia.

Já havia o piano e ainda existia o *banguê* (1) o soporifico *banguê*, que foi o enlevo dos nossos avós, quando

(1) Especie de liteira rasa com tecto e cortinado de couro, conduzida sobre varaes, por duas bestas, uma adeante e outra atraz, servindo para transportar em viagem enfermos, mulheres e crianças—(«*Glossario de vocabulos brazileiros*,» pelo conselheiro Beaupaire Rohan.)

meninos. O assucar era o principal genero de commercio grosso e de exportação. Comtudo, já se começava a exportar o café, ainda que em pequena escala.

Nos dias de sol, que eram então raros, as ruas da cidade cobriam-se de couros sobre os quaes os negociantes mandavam estender o assucar para seccar.

Havia ampla liberdade para fazer isso e muito mais; a camara municipal não se preocupava com essas minucias.

Como a estrada de ferro ainda estava por construir, as viagens para o interior faziam-se a cavallo ou no classico *banguê*.

O *trolly*, o aristocratico *trolly* de que hoje usam e abusam os fazendeiros para viajar em estradas carrojaveis, com toda a commodidade, não tinha ainda nascido.

Quem vinha do interior entrava na cidade pela rua da Penha.

O Cubatão, que hoje está morto, era um lugar cheio de vida e de florescente commercio, porque era o caminho obrigado das tropas e dos viajantes que do interior demandavam Santos.

No dia em que silvou além do alto da Serra do Mar a primeira locomotiva, o Cubatão morreu porque a via de ferro acabava de matar a via de rodagem, assim como o wagon de carga acabava de inutilisar o burro do tropeiro.

O clima de Santos era tambem differente do que é hoje: chovia muito, quasi constantemente, e, quando não chovia, o calor era intensissimo.

O estado sanitario em geral era máu; as febres palustres eram endemicas e as cameras de sangue o tributo obrigado que pagava o recém-vindo, sobretudo o europeu.

Tal era a cidade de Santos em 1858.

Com o correr dos annos e a abertura das novas ruas, que trouxe, como consequencia o aterro dos charcos e,

mais tarde, a dissecação do sólo e do sub-sólo pela drenagem, embora incompleta, a insalubridade do logar foi-se atenuando sensivelmente.

De resto, o clima modificou-se tambem ; o calor tornou-se mais brando, a temperatura baixou e a chuva tornou-se menos frequente.

A natureza, auxiliada pelo trabalho do homem, fez de Santos, que era, talvez, a mais insalubre, a mais suja e a menos procurada das cidades da provincia de S. Paulo, uma das mais apraziveis, uma das mais salubres, uma das mais limpas, e, com certeza, a mais importante, por ser o emporio commercial da provincia, o seu unico porto de mar frequentado por toda a navegação de pequeno e longo curso, nacional e estrangeira.

Tal foi a transformação porque ella passou em menos de trinta annos.

Está fechado o parenthesis.

Engenheiro GARCIA REDONDO.

QUARTEL DA CIDADE DE S. PAULO

Foi construido durante o governo do capitão general Bernardo José de Lorena e concluido em Junho de 1790, á custa de subscrição voluntaria dos habitantes mais considerados da capital, sob direcção do official de engenheiros João da Costa Ferreira, depois brigadeiro.

O genero humano, em sua massa, é uma cousa movel que procura nivelar-se.

POS ANTI-HEMORRHOIDARIOS

Do Dr. C. Fleischmann

—
LICOR ANTIPSORICO, PURAMENTE VEGETAL,
DEPURATIVO DE PRIMEIRA FORÇA
CONTRA A SYPHILIS

— «:» —

Pos depurativo e purgativo de Mendes

—
**Oleo Calmante de S. Carlos do
Pinhal, contra nevralgias,
rheumatismo e outras
quaesquer dores**

Vinho de Jurubeba Paulista

—
Xarope Vinoso de Jurubeba, Paulista ; estes medicamentos são preparados do pharmaceutico Luiz Carlos de Arruda Mendes, com approvação da Exma. Junta de Hygiene do Rio de Janeiro. Todos os preparados levam um directorio para o doente fazer uso sem embaraço. Deposito em S. Paulo, nas casas dos Srs. Lebre Irmão & Sampaio ; Rio de Janeiro, Silva Gomes & C.* á rua de S. Pedro n. 24 e em S. Carlos do Pinhal, na Pharmacia e Laboratorio do autor Luiz Carlos de Arruda Mendes.

A CARLOS GOMES

(1880)

O povo tem como o oceano
Calmaria e temporaes ;
Momentos de enormes luctas,
Momentos de inteira paz !
Bem'haja quem, do imo d'alma
Lhe póde arrancar a calma
Em que languido descae ;
Quem o atira do marasmo
Para o grande enthusiasmo
Que vae crescendo... lá vae !

N'esses instantes sublimes
D'uma energia sem par,
Não ha forças que detenham
Aquelle revólto mar !
As ondas, fervem rugindo,
O vento passa zunindo
Na voragem do escarceo :
Um fatal magnetismo
Sorri na bocca do abysmo
Que chama, attrahe e... venceu !

Bem haja aquelle que sabe
Despertar as commoções
No rude peito do povo
Escancarado ás paixões !
Si os odios alli chammejam
Quando as vinganças adejam
Nos sonhos que elle tem...
E' que é lei da humanidade
—Morrer pela liberdade,
—Pela patria, pelo bem !...

Sacrario enorme de tudo
Quanto é justo, bello e bom,
N'expansão d'aquellas almas
Estúa um divino som !
Bem haja aquelle que um dia
Desatou a melodia
D'aquellas harpas de luz !
E de victoria em victoria
Lá vae caminho da gloria
Aos hombros do povo á flux !

Poeta, tu que soubeste
N'esses peitos derramar
Do entusiasmo os delirios,
—As tempestades d'um mar...
N'esses loiros que te atiram,
Nas almas que te admiram,
N'esta esplendida ovação...
Em tanta sublimidade
Ha do povo a magestade,
Ha da patria o coração !

E vás ! A senda da gloria,
Da immortalidade emfim,
Poucos são os que a deparam
Toda em loiros, toda assim !
Vês ?— Por isso n'este instante
Tu entras na patria ovante
Sob os arcos triumphaes,
Bem como, proclama a Historia,
Em Roma após a victoria
Entravam os generaes !...

E vás ! E n'este percurso
Que sómente um genio faz,
Assignalam-te a passagem
Aureos marcos perennaes !
Foste tu... foi teu talento
Que d'Arte no firmamento
Como estrellas arrojou !
P'ra indicarem, por ventura,
Além por onde na altura
Um dia o genio passou !...

Passou... levado nas azas
Da potente inspiração,
Como um condôr forasteiro
No respirar do tufão !...
Passou... lá na immensidade
Bradando : — Immortalidade,
Dá-me os laureis que sou teu !—
Em quanto a patria querida
Respondia agradecida :
— Gloria, gloria a Prometheo !...

Aguia de luz, nos espaços
Em que libras-te afinal...
—Tu és o sol que desponta
Nos céus da terra natal!...
Quando a Europa ouviu-te um dia
A vaga de melodia
Que do imo d'alma te sae...
Abrindo as portas da Fama
Onde ella os genios proclama,
Bradou para ti: — Passae!...

E passaste! Scintillaram
As glórias do teu laurel,
E o velho mundo curvou-se
Ante a America novel!...
Beijando as plantas d'um moço,
Saudou em ti, oh colosso
O sol das inspirações!
Emquanto foi-se o renome
Com as laureas do teu nome
Do mundo pelas nações!...

HYPPOLITO DE CAMARGO.

TROVA POPULAR

Tenho meu chapéo de palha,
De panno não posso ter;
De panno custa dinheiro,
E de palha eu sei fazer.

PROCLAMAÇÃO

DO PRESIDENTE RAPHAEL TOBIAS DE AGUIAR EM QUE
SE CONGRATULA COM OS PAULISTAS POR TER SIDO ELEVADO
AO THRONO O SR. D. PEDRO II

PAULISTAS !

Chamado pelo governo de S. M. o Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil para administrar a nossa provincia, o meu primeiro dever é render graças aos céos por ser exaltado ao solio brasileiro o filho dos reis, o penhor de todas as nossas liberdades. S. M. I. cedendo aos votos do seu povo plantou de uma vez a paz e a ordem entre os filhos da grande familia brasileira.

Paulistas! Eu me congratulo comvosco por tão fausto acontecimento. Vossos sentimentos monarchicos são conhecidos do mundo inteiro.

Eia ; rodeemos seu throno ; formemos uma ante-muralha com nossos corações ; sacrifiquemos no altar da patria nossas divergencias.

Um só fim ; uma só vontade seja a nossa divisa, o nosso estandarte—Monarchia, Constituição.

Viva S. M. o Imperador constitucional, e defensor perpetuo do Brazil.

Viva a dynastia brasileira.

Viva a Assembléa Geral Legislativa do Imperio.

Vivam os honrados paulistas.

Palacio do governo de S. Paulo 6 de Agosto de 1840.

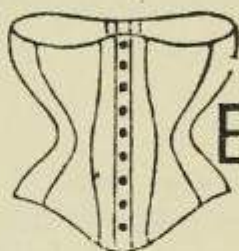
RAPHAEL TOBIAS DE AGUIAR.

(S. Paulo, 1840. Na typographia Imparcial de Silva Sobral. Rua Nova de S. José n.º 41.)

CASA FUNDADA EM 1848

FABRICA DE COLLETES PARA SENHORAS

MME



ESCOFFON

CINTAS PARA ANTES
E DEPOIS DO PARTO.

Travessa do Rosario n. 21 a

Esta casa, conhecida ha mais de 33 annos n'este imperio, não só por sua fabrica-ção especial de colletes para senhoras e meninas, como tambem pelas afamadas cinturas para antes e depois do parto, tem sempre um grande sortimento de colletes feitos a todos os gostos.

Tambem se faz sobre medidas conforme o gosto dos freguezes.

Travessa do Rosario n. 21 a

S. PAULO

ASYLO DE MENDICIDADE

Meu caro Lisboa.—Dando cumprimento á promessa que te fiz, ahí vae para o escritorio do *Almanach* que tens em mão uma cópia authentica do auto inaugural da instituição supra.

Sempre o amigo grato

HYPPOLITO DE CAMARGO.

S. Paulo, 16 de Setembro de 1884.

CÓPIA DO AUTO DE INAUGURAÇÃO E LANÇAMENTO DA PEDRA
FUNDAMENTAL DO EDIFÍCIO DE MENDICIDADE DE DOM
PEDRO II D'ESTA IMPERIAL CIDADE DE S. PAULO

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e oitenta e quatro, sexagesimo terceiro da independencia e do imperio, aos onze dias do mez de Agosto do dito anno, n'esta imperial cidade de S. Paulo, no alto do *Campo da Bella-Vista*, da freguezia de Nossa Senhora da Consolação, ao meio dia em ponto ahí reunidos o exm. e rvd. sr. bispo diocesano d. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, o exm. dr. chef: de policia da provincia Antonio Arnaldo de Oliveira, a meritissima camara municipal, as autoridades civis, militares e ecclesiasticas, varias corporações d'esta cidade e muitas pessoas gradas d'esta provincia; por iniciativa e convites do exm. juiz de direito dr. Hyppolito de Camargo, ex-chefe de policia d'esta provincia, na sua qualidade de fundador da instituição do referido Asylo, que será denominado

Asylo de Mendicidade de Dom Pedro Segundo, attento achar-se o mesmo sob a immediata e honrosissima protecção de S. M. Imperial, foi começada a solemnidade da inauguração, lançando-se depois da bençã e mais formalidades praticadas pelo exm. e rvd. bispo diocesano, a pedra fundamental no logar em que tem de ser alevantado o alicerce do edificio, ficando esta hermeticamente fechada em uma caixa de pedra para esse fim construida, contendo dentro, além do presente auto de inauguração, os jornaes do dia de hontem por não haver tiragem no de hoje que é segunda-feira, diferentes moedas metallicas da epocha, um album ricamente ornado offerecido pela presente geração dos estudantes da Faculdade de Direito d'esta cidade.

A pedra foi conduzida do logar em que foi benzida ao logar em que foi lançada n'um carrinho pertencente á provincia; destinado ás inaugurações, pelo exm. presidente da camara municipal, o dr. Antonio Pinto do Rego Freitas que, em seguida, lançou-lhe com a pá de prata a primeira camada de terra.

Concluida a solemnidade, pelo exm. sr. dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva foi pronunciado o discurso official, seguindo-lhe na tribuna varios outros oradores.

Finda a cerimonia, lavrei o presente auto de todo o occorrido, o qual, depois de lido por mim em voz alta, foi assignado por todas as autoridades, pelo fundador do Asylo e por todas as pessoas presentes.

Eu, o tenente-coronel Antonio Joaquim da Costa Guimarães, secretario da camara municipal, e pelo presidente da mesma designado para tomar o presente por pedido da fundador do Asylo o escrevi.

† D. Lino Deodato de Carvalho, bispo diocesano.—O presidente da camara municipal Antonio Pinto do Rego Freitas.—O vereador João Antonio Ribeiro de Lima.—O vereador Antonio Gabriel Franzen —Dr. Antonio Carlos

Ribeiro Machado e Silva.—Presidente da Relação dr. Joaquim P. Villaça.—O chefe de policia dr. Antonio A. de Oliveira.—O juiz de direito dr. Carlos E. de Mello Mattos.—O inspector da instrucção publica e professor de mathematicas do Curso de Preparatorios da Faculdade, dr. F. A. de S. Carvalho.—O juiz de paz, capitão F. de P. Xavier de Toledo.—O secretario da camara ecclesiastica, conego Ezequias G. da Fontoura.—O procurador da excellentissima mitra, conego A. J. Gonçalves.—O vigario da freguezia, padre Eugenio D. Leite.—O padre Porphirio de S. Martins.—O subdelegado de policia, capitão Felismino V. Cordeiro.—O presidente da commissão academica dos festejos de 11 de Agosto, Arthur P. de Q. Telles.—Xisto P. Barbosa.—Pour la Societé *14 Juillet*, la commission Jules Martin, président; Joseph Exherobide, secretaire; Felix Bloch, tresorier.—F. Martinelli.—Flavio de Queiroz.—Presidente do club *Academico*, R. P. Ferraz.—A. Meirellos Reis.—O fiscal J. J. L. Madeira.—Dr. J. do Valle.—Dr. A. A. Roux.—Dr. Heitor B. Cordeiro.—S. B. V. Carrão.—Dr. J. F. de Malta Junior.—Dr. P. A. Melchert.—E. R. da Silva Ramos. Dr. Diogo J. de A. Machado.—Dr. Ernesto da Silva.—Dr. H. Peixoto.—O escrivão da provedoria, capitão J. P. de Vasconcellos.—Dr. Pedro C. de Moraes.—Dr. W. de Queiroz.—Dr. Cincinato C. da S. Braga.—F. P. Vindorico.—Dr. A. C. Bueno.—Major A. R. V. Pimenta.—O fiscal J. L. Penteado.—Tenente M. José Branco.—O juiz de direito dr. Luiz de C. Melo.—Dr. Sebastião F. de A. e Castro.—A. A. d'Olival.—Dr. S. de O. Penteado.—João A. de O. Campos.—L. de S. Antero.—Capitão Estanisláu J. de O. Queiroz.—G. Caldarelli.—Dr. A. G. P. de Andrade.—A. S. Braão.—J. A. C. Guimarães.—J. A. de L. Vieira.—B. S. Varella.—E. B. da Silveira.—A. G. dos Santos.—P. de C. Freire.—O subdelegado de policia, tenente J. Taques Alvim.—Dr. A. P. dos Santos.—J. M. da S. Capella.—Jesuino J. Paschoal.—H. L. da S. Breves.—F. Lascasas.—M. F. do Valle.—C. A. Rodrigues.—

A. M. S. Ayrosa Sobrinho — A. A. F. de Oliveira. — Dr. C. H. B. Coelho. — J. P. Gomes Madruga. — A. de O. Rocha. — J. G. Estella. — A. de C. Duffle. — Sargento B. das Chagas. — Alferes H. E. R. A. de Araujo. — B. F. França. — J. M. A. Gurgel. — J. F. M. da Silva — B. C. da Fonseca. — Antonio Fiuza. — A. C. Cesar. — F. P. da Fonseca Galvão. — L. G. de Macedo. — B. Giovanote — A. R. de Castro. — A. E. de Campos. — A. R. de Castro Filho. — Donato M. da Silva. — J. E. Gomide — Bento B. Dias. — Jacintho P. Barbosa. — Manoel M. Corrêa. — F. M. do Espirito Santo. — T. de A. e Passos. — Quirino C. e Brito — P. Gomes do Val. — José J. Thompson. — Hyppolito de Camargo.

FUNDAÇÃO DA FREGUEZIA DO O'

Manoel Preto, destemido paulista, denominado o herói de *Guayra*, por se haver distinguido no ataque e destruição d'essa cidade hespanhola na margem do Paraná. Era filho de Antonio Preto, natural de Portugal, e foi casado com Agueda Rodrigues, paulista.

Manoel Preto foi o fundador da capella da Senhora da Expectação, hoje freguezia do O', termo da cidade de São Paulo, onde estabeleceu fazenda de criação de animaes e plantação de canna em 1580, chegando a possuir mais de mil indios de arco e frecha, conquistados no assalto das reduções hespanholas pelos annos de 1623 a 1624. A escriptura com que Manoel Preto dotou a sua capella da Senhora da Expectação foi passada pelo tabellião Simão Borges Cerqueira a 15 de Agosto de 1618 e n'ella se lê que « a dotava com um sitio de meia legua de terras do sertão e matos maninhos, 12 escravos administrados e 36 vaccas de ventre. »

NO ALBUM DE D. ANNA A. SOARES

A infelicidade, me rala os seios d'alma,
A fronte outr'ora erguida já pende para o pó!
A dôr me vae matando—romeiro acabrunhado
—E' longo o meu caminho e eu venho sempre só!

Senti da infancia ao sôpro—um mundo de esperanças
—Surgindo luminoso a prometter-me flôres,
E agora ao bafo ardente do sol da desventura,
—Murcharam minhas crenças—ficou-me um mar de dôres!

Quem póde no deserto—bohemio do infortunio
—Olhar os horizontes e não se entristecer?
Ninguem, porqu'o deserto é vago, immenso, vasto
E faz o pensamento em scismas se perder!

O fogo do martyrio me queima a vida inteira,
E morre á flôr dos labios o riso em embryão,
Latejam-me as arterias—na febre do infortunio
—O sangue é chamma ardente que abraza o coração!

Embalde na sciencia procuro um lenitivo:
Desvia-se a attenção captiva da desgraça!
Se busco uma esperança nas raias do futuro
—Lá mesmo no infinito um vulto negro passa!

A's vezes no silencio—de dôr estatelado
—O mundo me parece um cemiterio enorme,
Sem cruzes, sem capella—coveiro a noute escura,
Cadaver a esperança que para sempre dorme !

Maldita seja a sorte que quando nos esmaga
Permitte que a razão conserve seu vigor,
E—facho acceso, sempre projecte claridade
No fundo precipicio cavado pela dôr !

S. Paulo, 9 de Março de 1869.

JOAQUIM XAVIER DA SILVEIRA.

ENTERROS A'S ESCURAS

A 16 de Novembro de 1755 dirigiu o capitão-general Martim Lopes um officio ao governo da metropole, communicando :

« que havia prohibido, por um bando de 14 de Outubro do mesmo anno, o vaidoso abuso e pernicioso costume de se dar cêra não só aos ecclesiasticos como a todos os seculares que concorriam aos enterros, sendo certo que o estado de decadencia e pobreza da terra não comportava este luxo, chegando muitas vezes algumas familias a venderem ou empenharem o pouco que lhes ficava para enterrarem os seus defuntos. »

O coração de uma mãe é um abysmo no fundo do qual se encontra sempre o perdão.

O SONHO

COMPOSIÇÃO DE UMA ALUMNA DO COLLEGIO PIRACICABANO,
LIDA NOS EXAMES PUBLICOS EM DEZEMBRO DE 1882

Uma tarde, ao escurecer, cansada de estudar para os exames do collegio, e somnolenta pelas noites mal dormidas, desci ao jardim para gosar da fresca e do perfume das flôres. Tinha a cabeça arvoada, cheia de idéas confusas e mal digeridas—sombrias vagas e sem fôrma a perpassarem-me ligeiras pela mente.

Recostada sobre um banco, estive muito tempo a olhar, materialmente, para uma rosa, e a pensar o que diria sobre o *Sonho*,—thema dado para minha composição de exame. Meu pensamento, errante, vagava á tóa, e pouco a pouco fui me esquecendo de tudo; sómente a rosa attrahe meus olhos, que a fixam, immoveis, quasi sem vê-la; sem saber como, percebo que a rosa agita-se, augmenta-se, cresce e toma uma fôrma diversa. Logo, nada mais existe de commum entre a rosa e a figura que tenho nos olhos; ella transformou-se n'uma figura de mulher, diaphana, transparente, intaugivel, envolvida n'uma aureola de luz; seus cabellos louros circumdam-lhe a fronte brilhante da intelligencia, e cahem em longas madeixas annelladas sobre os hombros nus; sua roupagem de gaze descreve-lhe as curvas graciosas do corpo. Seu olhar profundo dirige-se para meu lado, e o bello phantasma aproxima-se de mim; seus pés não tocam o chão, seus passos são imperceptiveis. Poí um pensamento

natural pergunto-lhe—*Quem és?* Um sorriso pairou nos seus labios e a voz maviosa cahia-me n'alma como uma musica suave : e a visão fallou-me assim :

« Repassae as paginas da historia do Egypto e ahi ver-me-heis representando importante papel ; no tempo dos pharaós, os mais sabios eram chamados para meus interpretes.

« E os poetas, esses vultos que o mundo admira e venera, vivem embalados n'uma rêde de illusões, tecida por mim ; eu os acompanho nos desertos da vida, assim como uma mãe extremosa segue seu filho ; sou eu quem dicta essas paginas immortaes, que elles vos legam, e que vós guardaes como preciosos thesouros.

« Não só os poetas, mas a humanidade inteira vive acalentada por mim. Riscaes meu nome das paginas da vida, e o que ficará sendo a humanidade ? A vida é um sonho. A mocidade é uma série de sonhos, e sonho é a ambição de gloria, de poder e de sciencia, porque depois de adquirida a gloria, o poder e a sciencia, o seu goso não corresponde á espectativa, e á sêde continúa a mesma, a pedir mais gloria, mais poder, mais sciencia.

« Sou, emfim, o espelho em que se reflectem os mais intimos, os mais reconditos pensamentos do homem, sou o *Sonho*. Sou tudo e sou nada : sou tudo, porque a humanidade vive sonhando : a esperança é um sonho que o homem sonha acordado, e a esperança é a vida ; sou nada, porque sou uma sombra, uma illusão que se esvae deante da realidade, fria e dura. »

Dizendo isto, a linda figura vae pouco a pouco se afastando ; estendo os braços para impedir que fuja, mas não pude tocal-a e sumiu-se.

Quando abri os olhos, dei com o enorme disco da lua, com sua luz batendo-me em cheio no rosto.

Eu tinha dormido e sonhado.

D. ANNA MARIA DE MORAES BARROS.

A CHICANA FORENSE

De um livrinho, *Guia do Juiz de Paz*, escripto em 1829, pelo padre Diogo Antonio Feijó, vae abaixo transcripto textualmente, e com a propria orthographia, o capitulo que serve de introduccão ao mesmo :

INTRODUSAÕ

A Constituisaõ e a Lei quizeraõ impor silencio ao estrépito do Fôro Judicial; e segurando quanto é compativel com a brevidade, os direitos do Cidadaõ. prescreveraõ um processo simples, e natural ao Juis de Pál; mas não tem acontecido ásim. Os Rábulas, e ainda mesmo os Letrádos tem aconselhado um processo tortuozo, que vae tornando a Magistratura da Pás um flagelo, e origem de superfluas despezas para o povo. Para obviar semelhante mal, e para que não caia em discredito uma Instituisão, que tanto bem nos pode faser, como fas prezentemente á Inglaterra, e a Fransa, ofereso minhas ideas á consideração dos Juizes de Pás; as quaes sendo todas fundadas na Lei, que os creou, ou dezentranhadas do espirito della, podem servir-lhes de um Manual pratico, onde axarão facil meio de dezempenhar suas tão uteis attribuisões.

Praza aos Ceos, que espiritos acostumados a xicana naõ ponhaõ obstaculos aos meos dezejos, tornando até inutil este meu limitado trabalho; resta-me pelo menos a consolasão de aver feito o que pude a bem da minha patria.

S. Paulo, 30 de Janeiro de 1829.

DIOGO ANTONIO FEIJÓ.

PREÇO DE VARIOS OBJECTOS NO SECULO XVII

De alguns inventarios, d'esse seculo, ainda existentes no 1.º cartorio de orphans da cidade de S. Paulo, constam as avaliações seguintes :

Animaes

40 cabeças de cavaladuras a 500 rs. cada uma	. 20\$000
15 vaccas com crias 24\$000
5 ditas soltas e 8 novilhas de 3 annos. 13\$000
10 novilhos de 2 annos 8\$000

Moveis

10 enxadas 1\$000
1 caixa de 8 palmos com fechadura 2\$000
1 dita de 6 ditos com dita 1\$000
2 ditas de 4 1/2 palmos com anneis de prata 9\$000
Cobre de fornos e alambiques. a 320 rs. a libra.	

Raiç

1 casa na villa de S. Paulo, de 3 lanços, coberta de telha, com quintal e arvoredos de éspinho, na rua que sahe em S. Francisco 15\$000
1 dita dito mais velha 10\$000
1 sitio com casa de 3 lanços, coberta de telha, com quintal de arvoredos, de 300 braças de testada e meia legua de sertão, a 2 leguas da villa de S. Paulo, em Ibirapoera (Santo Amaro) 32\$000

Prata

Diversos objectos a 600 rs. a onça.

Ouro

Em obra a 500 rs. a oitava.

**AO PREMATEIRO PASSAMENTO DO INFELIZ POETA
MINEIRO JOAQUIM THEOPHILO**

E veiu a noute—e na manhã seguinte
Novo sol, nova luz ;
Só não voltára o sabiá das mattas
E o galho—era uma cruz.

J. BONIFACIO.

Oh ! deixae-o dormir tranquillo e quêdo !
Quem na terra passou como um segredo
Sem venturas fruir,
Deve, ao menos, na campa onde repousa
Gosar de doce calma, e sob a lousa
O doce somno sentir.

Deixae, deixae n'essa eterna primavera
O pobre sonhador qu'em vão quizéra
A' vida se apegar.
Se na terra elle soltou tão lindos cantos
Ha de ter da natura os tristes prantos
Por noutes de luar.

Ha de ter do chorão—a sombra amiga,
Do mavioso sabiá—doce cantiga,
Da flôr—doce perfume ;
Do céu azul—orvalhos gottejantes,
Da terna brisa—gemidos incessantes,
Do riacho—queixume.

Do campanario—os dobres tão sentidos,
De seus irmãos—lamentos e gemidos,
Da virgem—uma oração ;
Da rôla da floresta—um ai plangente,
Da floresta secular—um grito ingente,
Da patria—a gratidão.

Porém, nós não devemos despertal-o,
Deixae a brisa suavíssima affagál-o
E sobre a campa gemer ;
Pois, se na terra soltou sublimes cantos
Na patria universal ha de outros tantos
Na lyra d'ouro tecer.

Deixae que durma sósinho e socegado
Quem no mundo viveu tão isolado
E tão pouco durou ;
Deixae o poeta, esquecido e solitario,
N'esse asylo tristonho e mortuario
Que tão cedo buscou.

Oh ! deixae n'essa paz da sepultura
O bardo que na voz mais terna e pura
Cantou—trevas e luz !
Deixae-o desfructar a doce calma,
E tranquillo gosar os sonhos d'alma
A' sombra d'essa cruz.

PAULO OROZIMBO.

E' mais difficil ser modernista que antiquario.

A VIRGEM DA SOLIDÃO

I

Maviosos e enternecidos cantos—tão sublimes como os que desprendem-se da lyra de um archanjo—divinisa-vam tristes páramos—em quanto as galas do Excelso ostentavam-se maravilhosamente no aéreo oceano do infinito!...

As silenciosas rainhas da amplidão—de seus immensuraveis thronos faziam dardejar resplendores de luz sobre deseccados prados e pardacentas campinas, que encerravam ruinas!...

E eu, em contemplação profunda, não perdia nem uma só nota d'essa canção, cujo rithmo terno e sublime—exprimia a desolação e a tristeza!...

II

Ineffavel prodigio!... Eu vi quem assim circumdava os ares! Era uma deidade peregrina: uma flôr etherea dos vergeis das dôres!...

Mas—seu pranto assemelhava-se ao lyrio orvalhado da aurora!...

Finda a serenata—desce o casto véu, que prende virginal grinalda e arrebatase como o cysne immaculado!...

« Adeus, adeus, linda filha do céu »—exclamei fitando-a—« vae para sempre residir com os anjos!... »

III

Era á tardinha, algumas horas depois, quando o sol refulgente se esconde em douradas nuvens. Scismando em destruir mysterios—me dirijo ao ermo onde estivera a virginal visão ; mas, perdido e sem mais tino,prehendera-me a noute entre pavorosas ruinas e já o urutáu das brenhas lançava seu prolongado brado !

Minh'alma, sem caber-me no peito, annunciava tristonha scena—quando, ao clarão de tochas, avisto uma cruz circulada de funereos tumulos e um venerando velho, que tocava e cantava hymnos repassados de dôres !

« O que soffres e o que sentes, bom velho ? »—disse eu dirigindo-me a elle, que, sem se encommodar com minha presença e interrogação, deu como resposta, tristes notas tiradas das cordas de seu instrumento !...

Mas, momentos depois, eil-o queixando-se e contando-me a sua historia.

IV

« Soffro tudo e em meu pranto não tenho consolação !... »

« Ah ! senhor, se este triste velho que vos falla, contasse-vos a sua historia—as lagrimas vos sulcariam as faces !... »

« Verdade é—que seu exordio tem a belleza das flôres do paraizo ; mas—seu epilogo... é negro como o espectro da morte !... »

« Estes logares—sendo sacrarios de edificantes actos—foram tambem theatro de cruentas scenas de sangue—e mais ainda... tribunal de justiça !... »

« Eu não devo, amigo, já no prodomo de minha narração levar-vos á alma o virus da melancolia. »

« Cumpre-me, antes, tiral-o de sepulchro tenebroso, para depois trazer-vos n'elle de campos mais ditosos e

assim formar imagem perfeita das galas mundanas e o sudario da cruz. »

V

« Os desolados campos em cujo seio se acham estas ruínas—outr'ora fulguravam com todo o primor da natureza, servindo de ornato a elegantes e ricos predios de uma abençoada fazenda, propriedade' do honrado e importante cidadão o major Solidonio de Freitas Ramalho; casto esposo de D. Mariana Ramalho, de cujo consorcio tiveram dous filhos: Cyro e Lucilia, menina esta de rara belleza e perfeita virtude. »

« Eram naturaes da cidade de M., da provincia de Minas, onde o major exercêra honrosos cargos publicos, »

« Sendo, porém, elle socio nas minerações que então se faziam em diversos pontos d'aquella provincia e vendo-se consideravelmente rico, desejoso de passar o resto de seus dias em socego—longe das cidades onde já se agitavam as discordias politicas—transportou-se então com sua familia para este canto da provincia de S. Paulo. »

« Todas as qualidades que elevam o homem—estavam enraigadas no coração do major, tanto que nem a vida da solidãe as pôde abalar. »

« Para elle e d. Mariana, em cujo coração palpitavam os mesmos sentimentos de bondade—não havia maior prazer que o de enxugar as lagrimas dos desgraçados; de sorte que estas bemditas plagas encravadas em enormes sertões—eram consideradas como verdadeiro oasis. »

« Entretanto uma circumstancia poderia perturbar os conjuges santos em sua manção de paz ! »

« Animo não tinha Lucilia de deixar os caros autores de seus dias—para educar-se em sua ausencia ! »

« Mas, este facto em nada os encommodou, porque, contentes e jubilosos, elles mesmos se encarregaram d'esta missão sublime e, gratos aos céus, jamais se esquece-

ram de animal-a na pratica da sã virtude e na theoria de verdadeiras sciencias. »

« Se elles se achavam no jardim—o indigitavam como um livro aberto revelando eternas verdades ! »

« Se á noute sob o alpendre, gosando da pureza do ar, do silencio e recolhimento da natureza em seu entardecer recamando o ether de scintillantes estrellas, ensinavam-a adorar a Trindade Santissima. »

« Assim, unido um tal ensino á theoria dos bons livros—seu espirito elevou-se á altura da perfeição possível ! »

« Quanto a Cyro... oh ! meu Deus !... Talvez que fosse bafejado pelos mesmos sentimentos que ornaram sua irmã—se seus preceptores fossem os mesmos autores de seus dias, n'este santo recolhimento, onde a alma se embalsama nos mysticos sentimentos da eternidade !... »

« Assim, mais tarde, definhara-se em seu coração os sentimentos de brandura que herdára de seus pais. »

« Mas... quem sabe... se tudo assim aconteceu por um decreto do Altissimo, que, muitas vezes, torna-nos como instrumento de suas justas vinganças n'este mesmo mundo !... »

VI

« Volvem-se os tempos. Os thesouros de Solidonio acham-se quasi esgotados em actos de beneficencia e de caridade. Entretanto, parte de seus visinhos e conhecidos nutrem a fatal illusão de serem elles inesgotaveis ! »

« Se entre os homens não houvesse natureza de feras degeneradas—nenhum perigo pesaria sobre o major e sua casa tão supersticiosa supposição. »

« Na visinha villa de C. V. acabava elle de elevar de andrajos á seda uma certa familia ; e esta, cujos barbadoes tornaram-se vadios e audazes, sonhava com assenções em throno de ouro. »

« N'este desejo ardia ella como em verdadeiras chammas do inferno ! »

VII

« Em certa occasião fizera Solidonio uma viagem á referida villa, por chamado de um de seus suppostos amigos. »

« Passam-se as horas em que elle deveria chegar e veiu a noute. »

« Negros cuidados já torturavam os delicados e sensiveis corações de D. Mariana e de Lucilia, as quaes, do alpendre, incessantemente olhavam para os lados da estrada por onde deveria elle chegar. »

« A impaciencia e afflicção subia-lhes de gráu a gráu, até ao desespero... »

« O major Solidonio é morto ! E d'aqui a pouco seu corpo chegará conduzido por furias do inferno !... »

« Assim gritou em baixo do alpendre um cavalleiro, que, incontinenti, volta a galope !... »

« Meu amigo ! Impossivel é descrever-vos a impressão e os effeitos da embaixada d'este arauto mysterioso !... »

« D. Mariana e Lucilia — cahem como fulminadas pelo raio !... »

« Os supersticiosos escravos vacillam, aterrados, sobre o que devam fazer !... »

« E quando chega o infernal cortejo de assassinos, conduzindo o cadaver do desventurado major, á vista de monstruosas mascaras alumiadas por immensas tochas que empunhavam, o tomam por sobrenatural — como fôra de proposito annunciado e abandonam a casa !... »

« O plano dos assassinos teve o calculado effeito. »

« Para mais enegrecer as tintas do quadro, n'este tempo recobram os sentidos D. Mariana e a filha ! »

« Chegam os monstros á sala !... » E em um sophá descem o corpo gottejando sangue !... »

« Meu Deus, que horror !... »

« D. Mariana e a filha, suffocadas em lagrimas e soluços, rompem o grupo e vertiginosamente cahem abraçando o corpo d'aquelle ser querido de seus corações !... »

« Os monstros procuram privar-as d'esta triste e ultima consolação ; mas o espirito e resplendor da virtude os estaca por alguns momentos ! »

« As chaves, as chaves das salas que guardam as barras—ou... a morte !... »

« Assim grita um dos monstros pouco depois—arrastando d. Mariana pelos cabellos !... »

« Lucilia, á vista d'este outro horror, deixa o corpo do pai e de joelhos supplica ao infernal dragão que deixe sua querida mãe ; pois que, todas as chaves da casa ser-lhes-hiam entregues n'aquelle instante ! »

« São entregues essas chaves aos miseraveis, parte dos quaes vazeja a casa em exploração e parte—fica de sentinella deante das victimas ! »

« Alguns minutos de morno silencio—interrompido por abafados soluços da mãe e da filha—reina na sala. »

« Mãe e filha—abraçadas—estão como colladas ao livido corpo do esposo e pai !... »

« Mas pouco atura essa lugubre monotonia ; pois, reabrem-se as cataractas do reino de Satanaz ! As furias voltam em troços—formando vozerias diabolicas e chegam á sala ! »

« Occultas, occultas o deposito das barras !... »

« Mostra-o já, senão... morres !... »

« Assim grita a turba a D. Mariana. E esta—representa-lhe a verdade ; mas duas punhaes alçam-se sobre seu peito !... »

« Lucilia cahe prostrada aos pés dos algozes !... »

« Não obstante—uma e outra recebe o golpe homicida e tomba—rolando no chão !... »

« N'este tempo os fugitivos e supersticiosos escravos cobram animo, voltam a casa, e cahem sobre os assassinos; mas estes, temendo a maioria absoluta do numero, com rapidez de serpentes evadem-se para a matta—depois de lançarem fogo á casa !... »

« Entretanto, os escravos os perseguem ainda; mas—voltam á vista do incendio e apenas por entre as chammas podem tirar os corpos dos dous esposos e Lucilia que fracamente ainda respirava !... »

« No dia seguinte os negros sepultavam no cemiterio da fazenda os corpos dos illustres finados—Solidonio e D. Mariana, empregando infinitos esforços para salvar Lucilia. »

« No fim de quarenta dias—esta pobre menina restabelecêra-se das feridas; porém, coitada!... completamente deliriada! »

« Devido a este triste incidente, dias depois evadiu-se para os ermos, ficando os escravos na persuasão de haver ella se lançado na enorme cachoeira do P., á vista de circumstancias que revestiam o facto. »

VIII

« Passam-se os tempos.

« Quem em a noute de 30 de Agosto do anno de 18..., seis mezes depois d'este ultimo acontecimento, penetrasse as ruinas de S. M. vêria entre ellas, allumiadas pela luz frouxa de uma vela, mais de oitenta negros em attitude respeitosa, deante de um moço cujo aspecto revelava estar tomado de idéas terriveis.

« Dava-lhes elle varias ordens, que, com voz firme, assim terminou :

— « Nem um só póde sahir de seu posto durante minha ausencia e quando qualquer individuo penetrar as ruinas—caiam sobre elle e o mettam no calabouço.

« Terminadas estas ordens, dirigiu-se a uma choça, onde se achava ao pé de um fogo um velho negro, ao qual —parecendo mostrar confiança e amizade—disse :

— « Tudo está prevenido. Agora tomarei cabellos e barbas postiças e me entenderei com os monstros ! »

« Em breve ficarão persuadidos da existencia de subterraneos entre as ruínas ; e o supposto brilho de ouro que os levou ao crime—os attrahirá á punição—aos dous, quatro, seis e mais, de sorte que dentro d'estes trinta dias estarão todos aqui como feras nos laços ! »

« Dito isto, partiu e o velho negro cujo aspecto revelava educação superior á commum entre sua classe—esfregava as mãos em signal de contentamento.

IX

« Foi á meia noute a hora terrivel da vingança, na qual o céu parecia ter tomado parte !... »

« Trinta dias depois da retirada do indignado joven —vinte individuos de aspecto feroz estorciam-se no chão das ruínas, amarrados de pés e mãos—como porcos !... »

« O trovão ribombava medonho ; os raios estalavam em sêcco e a luz da lua alumiaava o espectaculo !... »

« Os negros sitiavam os condemnados !... »

« E Cyro, o desventurado Cyro, estava terrivel e sedento do sangue envenenado »

X

« Com o punhal que passava e repassava o peito infame—derramava em jorros o sangue maldito !... »

« E quando aquelles corpos já não pulsavam—os fazia espetar e suspender em compridas estacas, afim de serem dilacerados pelos corvos !... »

« Finda esta tremenda execução, o filho de Solidonio dá liberdade a seus escravos e com suas familias os despede a residir em logares mais ditosos, ficando elle só a carpir seus males. »

XI

« Seis mezes são mais decorridos e os sertanejos d'aquelles contornos fallam do apparecimento de uma virgem tão bella como a Venus do firmamento !... »

« Muitas vezes (dizem elles) ella descança em nossos ranchos ; mas —ao Eterno accender seus sagrados syrios de scintillar tão vivo—parte a fazer retumbar montes e valles com enternecido e lindo canto ! »

« E' uma verdadeira flôr do paraizo ; mas nós a conhecemos sob o nome de *Virgem da Solidão*. »

« E' minha cara irmã, bradou Cyro ao receber igual noticia !... »

« E informando-se do logar em que se acha—vôa a elle e chega !... »

« Oh ! Deus !... que fatalidade !... »

« Sobre a esteira de um catre—avista lívido e angelico cadaver !... »

« Quem é ?!...—grita aterrado !... »

« E ao mesmo tempo muitas vozes lhe respondem :

— « E' a *Virgem da Solidão* !... »

« Cahe de joelhos o desditoso sobre o cadaver !

« Banha-o em prantos e diz suspirando :

— « Lucilia, Lucilia, minha querida irmã !... »

XII

« As sagradas cinzas de Lucilia foram reunidas ás dos seus antepassados—ha immensos annos e agora—eis

que o proprio Cyro, já vergado de annos, vos conta a sua historia. »

Ditas estas palavras—eil-o retirando-se a beijar os tumulos!

Trançam-se os relampagos no funebre jazigo!...

Treme a cruz e o choroso phantasma põe-se a regar ramalhetes de goivos e de saudades!...

E eu, estupefacto, bradei: « — Ah! Tu és Cyro—como minha mysteriosa cantora, em corpo ethereo, a mesma VIRGEM DA SOLIDÃO!... »

.

S. João da Boa-Vista, 27 de Julho de 1884.

BARBOZA DE SANDEVILLE.

ANECDOTA

Estando algumas familias em brincuedos de prendas, sahiu o castigo a uma mocinha de abraçar a um cidadão! Então a sujeita *um tanto enfiada*, mas com arrufos de noiva, disse: — « Não gosto quando sahe para eu abraçar com homem! » A isto retorqui um pandego da roda: — « Eu, tambem, não! »

TROVA POPULAR

O papel em que te escrevo
Tiro-o da palma da mão;
A penna sahe-me do peito,
A tinta do coração.

DEVANEIO

(A MINHA MÃI)

Já vae descendo a noute, a noute da minh'alma
Que em tenebrosa lucta envolve o meu viver...
Só resta-me um olhar, um só que inda minora
Com seu brando fulgor meu triste padecer...

Nas ançias da descrença, no devanear da idéa
E' bom ter quem partilhe a dôr que nos devora ;
Nas vastas solidões, nas trevas da existencia
E' um riso o despontar da doce luz da aurora.

Assim, dentro em meu cerebro, em forte convulsão
Esbate-se, possesso, em busca da razão
Um astro luminoso, um grande pensamento ;

E si não fôra tu, oh mãe, santa velhinha,
Por certo que a existencia, esta existencia minha
Passava mergulhada em fundo esquecimento !...

S. Paulo, 1884.

SEBASTIÃO DIAS.

O espirito é a athmosphera da alma.

VALVOLINE

Azeite para machinas

O melhor e mais economico lubrificante conhecido. Os azeites de sebo, graxa, etc., etc., corrompem e destroem o metal, devido aos acidos estearico, margarico e oleoso, que os oleos d'esta classe contém.

As informações dos chimicos, depois de uma prolongada analyse, manifestam que a **Valvoline** não contém acidos nem absorve o oxigenio, e por conseguinte não póde oxidar nem corroer a cavilha mais fina, pelo contrario a conserva em perfeito estado como si estivessem endurecidas.

COPIA DO PARECER DA COMMISSÃO DO CENTENARIO
DOS ESTADOS-UNIDOS

O azeite **VALVOLINE** para cylindros se recommenda pela sua pureza e alta temperatura a que resiste ao fogo e pelas suas excellentes propriedades como lubrificante.

Juízes :

C. A. Joy, Collegio de Columbia, New-York.

J. A. Gent, Universidade de Pensylvania.

Rodolpho von Wagner, Allemanha.

Professor C. J. Chandler, New-York, examinador chimico.

Usado exclusivamente na esquadra ingleza, pela Estrada de Ferro D. Pedro II, typographia do *Jornal do Commercio*, corpo dos bombeiros da Côte e empresa da Luz Electrica de Campos.

AGENTE EM S. PAULO

F. UPTON & COMPANHIA

1—Largo do Rozario—1

A VIOLETA

O Carlos !

Quem o via que não sentisse logo uma impressão demorada, que convidava a observal-o, a medil-o da cabeça aos pés ?

Ha d'essas physionomias, que sem nada terem de extraordinario, impoem-se por qualquer motivo que muitas vezes ignoramos : a do Carlos era ? sim.

Uma tarde eu chegava ao Passeio Publico da Côte com o Cortines, quando Carlos veio cumprimental-o.

Estivemos juntos apenas cinco minutos.

Quando elle se retirou, o Cortines respondeu a todas as minhas perguntas cheias de curiosidade.

Carlos era um estudante ; estava nos ultimos dias de convalescença de uma pneumonia dupla, que quasi o levou...

De estatura regular, tez fina, olhos de onix ; de admiravel proporção de fórmas, de modos simples e graciosos ; com uma pallidez de marfim igualmente espalhada por todo a epiderme... uma tristeza meditativa, sobrio nas palavras, Carlos, logo á primeira vista, gravava-se na memoria de quem o visse.

* *
*

Depois d'isto vi-o muitas vezes e por muito tempo, sempre honesta e correctamente vestido de preto, com um *croisé* justo, modesta gravata, bengala preta tam-

bem ; tudo preto menos a camisa, sempre muito alva e com longissimo perfume de violeta.

Depois, o Carlos sumiu-se ; nunca mais o vi.

* *
*

Passaram-se dous annos e por um bello dia de Outubro, em uma de minhas viagens fui encontral-o em G***, sua terra de nascimento.

— Então ? que diabo é isto ? Você sumiu, nunca mais te vi...—disse-lhe eu.

— Vim tomar ares ; a Côrte ia-me matando... uma affecçãosinha nos pulmões, depois da pneumonia...

Ainda era o mesmo, mais pallido apenas e mais triste ; tinha os mesmos habitos e progredira-lhe o temperamento tão romanescamente sentimental.

Já agora em vez da alva camisa elle usava a de luto : tinha perdido a mãe e... eu vi seus olhos encherem-se de lagrimas quando me respondeu porque estava de luto.

Vivia alli sósinho ; alugára uma casa e trouxera da *fazenda* uma boa cozinheira, que lhe preparava a comida á vontade do medico.

Em quanto conversavamos sobreveiu-lhe uma crise de tosse suffocante : tornou-se rosado, bello, mostrando no olhar um brilho que seduzia ! N'isto vi-o levar o lenço branco á bocca e quando o tirou passou-me um frio nervoso por toda a minha imaginação, amortecendo-me os sentidos : o lenço estava manchado de sangue !

Perdi todas as esperanças !...

* *
*

N'esse dia jantei com Carlos. A' tarde fômos dar um passeio até a *porteira*, uma parte extrema da cidade, de onde se via o verdor dos campos, a ondulação crescente do terreno, sempre subindo, sempre subindo até termi-

nar-se ao longe em uma serra, onde a natureza desenhou linhas e cristas de uma exquiritice admiravel e alegre.

Foi durante este passeio que Carlos, tremulo, cançado, separando as palavras, frizando-as, incidindo os periodos, me revelou uma cousa de que elle não lhe dizia o nome, esquivo, medroso: uma cousa que o agradava e pungia, o alegrava e entristecia, o distrahia e o despertava: uma *cousa* que elle sentia desde que viu ahi n'esse logar a filha do capitão Guerra, uma influencia eleitoral.

E tudo isto era vibrante, cheio de emoções, enfeitado naturalmente de tintas romanticas, attractivo a ponto da gente sentir com elle, sem mesmo conhecer a moça, tudo quanto elle sentia.

Nunca o amor teve uma eloquencia tão simples e tão convincente !

— Como se chama essa moça ? disse-lhe eu.

Elle hesitou um pouco ; fixou-me o olhar negro, em cujo disco se dilatou a pupilla, como que para apoderar-se de minhas intenções, e depois disse :

— Eugenia : Genica é seu nome popular.

Iamos assim andando lentamente, quando ao voltar a trilha nos encontramos com um creoulinho que trazia um pequeno cesto, cheio de varias mudas de flôres.

— Que mudas são essas ? Jeronymo—interrogou Carlos, se aproximando.

Viu-as todas, examinou-as ; elle era amante das flôres e muito entendido em Anthologia ; perguntou :

— São para D. Amelia ?

— Não, senhor ; p'ra nhan-nhan Genica.

Então, Carlos sorrindo tirou uma das mais viçosas mudas de violeta, e, dando a Jeronymo um *nikel*, continuamos a andar.

Perguntei-lhe quem era D. Amelia.

— Mãe da Genica.

O Oriente parecia uma toga de purpura, colossal, que ia envolver algum cyclopico imperador romano; era a manta sanguinolenta do sol, um rei, o esar de todo um systema planetario!

Uma aragem deliciosa nos obsequiava o olphato com um mixto suave de alecrim do campo, rosmaninho, flôres de acacia sylvestre... e outras, tantas e tantas, cujos nomes ignoramos.

Havia muito tempo que caminhavamos calados: n'esse intervallo eu combinava e systematisava alguns pontos da vida de Carlos, os que já sabia pelo Cortines, com outros que o meu sympathico enfermo me havia narrado.

Eu achava aquella natureza estragada pelo ascetismo do Seminario, e mais tarde, victima de um meio enervante como a Côrte, um meio a que chegou, inexperiente e por uma passagem tão abruptamente prejudicial; influiram tambem em sua organisação as leituras incessantes dos romances inconvenientes a seu temperamento, dos quaes para um exemplo citamos a *Dama das Camélias*, *Manon Lescaut*, etc.

Era um Tantalo medroso, cheio aparentemente de uns arroubos mysticos, em cujas occasiões sempre me lembrava d'aquelle tão seductor *Louis Lambert*, de Balsac.

Mas Carlos rompeu o silencio:

— Gosto muito das violetas: que delicioso perfume ellas enviam de seu calicesinho rôxo, como o circulo que sombrêa umas palpebras que eu amo! O coração, quando a saudade nos compunge a memoria, deve ter a côr da violeta; não acha?

Eu sorri-me; achava-o no entanto.

— Sim, disse elle, a saudade eu creio que deve ser o perfume de uma violeta maguada—o coração; a violeta, na extravagancia de minha imaginação, eu a figuro como uma dolorida ecchymose no seio adorado de Flora: o co

ração, quem sabe si não o é do amor e da saudade? essa victima inconsciente de todas as emoções, de todos os desvarios imaginosos?...

* *
*

Com os ultimos raios do crepusculo, cuja extensão a noute encurtava de segundo em segundo, chegámos á casa: eu arranjei os meus aprestos para a viagem do dia seguinte, porque, quando ahi chegamos, o camarada os havia trazido do hotel, como tudo o mais, por ordem de Carlos, e, no dia seguinte, já a montar a cavallo, fui ainda vêr a seu convite o vaso onde elle plantou a violeta; estava murcha a pobre muda, em um bonito vaso sobre a ultima janella de um corredor que sahia no quintal: era o logar onde o sol pouco batia.

— Hei de tratá-la com todo o zêlo; talvez dê primeiro que as outras, que para lá foram. A primeira violeta, essa delicada *premissa*, hei de levar á Genica: só então ella saberá que furtei, cultivei e colhi uma flôr que não é minha, que é toda d'ella—porque, si se pódem comparar moças com flôres, não ha uma tão propria para dar idéa da minha adorada Genica... Parti.

* *
*

Fui triste e só por aquellas vezes solitarias e escabrosas da minha provincia de Minas, levando uma saudade immensa d'aquelle rapaz, que só tinha um defeito, prender, estreitar de mais a gente no puro e tão raro sentimento de amizade!

D'este modo, pois, escrevi-lhe e abriu-se entre nós uma correspondencia, cujas cartas suas ainda guardo como uma lembrança que não morre.

Elle luetava para que a muda não morresse: a delicada plantinha perdeu a principio todas as folhas! Era doloroso, para quem o conhecia, vêr, com que magua elle

me noticiava todas as peripecias que succediam-se na estiolada muda de violeta.

Ora, de novo brotava e dava esperanças; mas a larva vinha á noute, e de novo reduzia-a simplesmente a talo; ora, quasi seccava de todo, e então, como por um influxo magnetico da vontade de seu cultor, reverdecia, deitava novas folhas, ficava inteiramente fóra do perigo!

Uma vez recebi uma carta cheia de jubilo; a violeta externára um botão! Carlos revelou-se n'essa carta cheio de uma alegria pura, estridente; parecia um ambicioso pobre que houvesse tirado a *grande* do Ypiranga:

« De entre as folhas ergueu-se mansa, angelicamente um mimoso e tenro hastil... uma cousa admiravel! esse hastil sustenta, supporta amorosamente duas ou tres bracteas, que unidas, escondem avaramente um mundo microscopico e poetico, que gera-se lá dentro: o maravilhoso e simples, o perfumado conjuncto da modestissima violeta. Vou vêr desenvolver-se a encantada florinha a meus olhos, a formosa e humilde imagem de Genica! »

Pelo correio seguinte eu esperava a narração da entrega, a descripção minuciosa de todas as suas emoções; esperava ancioso á porta do *agente*, olhando, para estremecer na hora em que apontasse na esquina da Cadêa, o velho burro, que tão philosophicamente, tão impassivelmente trazia para aquella cidade tanto as boas como as noticias más; aquelle burro querido d'aquella população, aquelle intelligente animal, que vindo á frente do estafeta, não passava da porta do agente, nem a pau.

E tive a satisfação de vê-lo, trotando, sacudindo o peitoral de guisos, regidos por umo campainha, vir pacatamente até á porta onde soltou-se um foguete para aviso á população.

Abriu-se a mala, separaram-se os massos de jornaes, e procedendo-se á entrega da correspondencia, que choque enorme eu levei ao cahir-me nas mãos uma carta de Carlos, tarjada de luto!

Abri-a sem demora :

« Hontem, ás 11 horas da noute começou minha violeta a desabrochar-se; estive ao pé d'ella até ás tres; cançado fui deitar-me, na doce esperança de colhel-a, ao raiar do dia, perfeitamente aberta. Levanto me; tudo escuro ainda; vou vê-la... Calcula o meu odio, quando a encontrei fóra do hastil, toda retalhada por um miseravel grillo, que ainda teve a coragem de permanecer immovel junto d'ella. Mas o ladrão não pensou na *inquisição* que o esperava.

Consegui captural-o; pinguei-lhe kerosene em cima e tive uma alegria nervosa, em vê-lo chiar entre as chamas até sua completa redução a cinza!... Os pobres restos da flôr... esses descancam entre as folhas de meu *livro íntimo*. Vê qua fatalidade me persegue, etc., etc. »

Como, pelo luto da carta eu suppuz cousa de muito mais importancia, ri-me muito de sua excentricidade.

* *
*

Passaram-se mais tres mezes.

De volta de minha viagem entrava eu ás ave-marias pela cidade a dentro, encaminhando o animal para a casa de Carlos.

Quando frenteava o cemiterio, de lá sahia uma onda compacta de povo: todos vestidos de preto, com aspecto triste, meditativo.

— Isto é o enterro de algum figurão, disse eu com os meus botões.

O cavallo, voltando uma esquina, parou á porta de Carlos, onde apeei e fui entrando.

Encontrei-o na sala de jantar, sentado em uma cadeira junto da mesa, profundamente mergulhado em uma abstracção, com os olhos amorosamente fitos no vaso da violeta, que estava sobre a mesa diante d'elle.

Sua physionomia tinha os traços abalados da dôr secreta : sua pallidez tinha os tons azulados da carne que, vae apodrecendo ; só seus olhos, inchados mesmo, tinham aquelle diluvio de luz virtuosa que sempre tiveram. Que horrorosa desordem em toda sua pessoa ! nos cabellos, na . veste, no olhar, em tudo !

Quando Carlos me viu deu um pulo, e abraçando-me, eu ouvia no meu hombro esquerdo a queda silenciosa das lagrimas !

Tudo elle me disse entre o pranto.

A violeta, essa alli estava ; abrira n'essa noute passada entre angustias; abrira formosa, cheia de seiva e de perfume, tão cheia de encanto e de graça !

Mas a violeta de sua alma !

Que estranha coincidência ! Em quanto uma flôr abria, tão cheia de esperanças para elle... a outra flôr, a outra violeta fechava-se para sempre no insondavel seio da morte !

Carlos, pobre Carlos ! estava inconsolavel.

Retirando-me um pouco, li n'um extremo da mesa, escripto em um papel de luto o seguinte :

« VIOLETA

Flôr ! que penosa desdita !
Para ostentares perfume
foste rouçal-o, maldita,
a uma outra flôr ! Que ciume !

Para viveres, preciso
foi que roubasses a vida !
Tu sorris é com o sorriso
de outra existencia perdida !

Nascestes quando morria
quem, viva, a morte te dava !
Te erguestes quando cahia
quem minha vida alentava.

Talvez que, quando murchares
as pet'las que vivas são,
commigo vá te encontrares
na noute escura do chão ! »

.
E quatro dias depois, realisava-se a triste prophecia
de um tísico !

S. Paulo—1883.

HORACIO DE CARVALHO.

CHARADA

A primeira foi um philosopho
e philosopho bem antigo — 3.
A segunda verás no inferno,
podeis crêr no que t'o digo — 2.

:

Recorrendo a antiga historia
(não tomeis a cousa a mal)
admirei os feitos gloriosos
de um valente general.

Limeira.

JOSÉ R. DE CAMARGO .

DROGARIA CENTRAL
HOMŒOPATHICA

DO DR.

LEOPOLDO RAMOS

Unico deposito em S. Paulo de
todos os productos chimicos
e pharmaceuticos

DE

James Epps & C.^a

DE LONDRES

86---LARGO DE S. BENTO---86

Consultas todos os dias das 10 ás 12 horas da manhã

Completo sortimento de carteiras de tinturas e
globos, medicamentos avulsos, medicamentos
indigenas, livros para o uso da homœopathia ; chá
café, chocolate homœopathicos, cerotos,
opodeldocs, etc., pelo preço das pharmacias
da Côte

ESCRITOS ANTIGOS

Já ha bastantes annos que assistindo a um leilão, na Capital, arrematei um lote de livros velhos, onde encontrei um livrinho, impresso em pessimo papel, com o titulo de :

« SEGREDOS NATURAES

Tirados das regras Filosoficas; não menos uteis que curiosas, tão breves, e facéis, como nelles se verá, para prova dos quaes se não allegão Autores, por que a experiencia serve de Texto.

Composto por

GASPAR CARDOZO DE CERQUEIRA

MATEMATICO, NATURAL DA VILLA
DE MUEÇA »

A data, já destruida pelas traças, está duvidosa, mas parece ser—1721—.

Ahi vão os segredos ns. 54 e 55.

Por ser cousa tão antiga, acho digna de figurar nas paginas de um almanach de nossos tempos.

« SEGREDO 54.

De hum alfabeto, que todo o homem deve guardar para bem viver, com o termo, que duraõ os contentamentos desta vida.

A conversação dos bons sabios, prudentes.

Bemquisto com todos, pequenos e grandes.

Comer a seu tempo pouco, e bem guizado.
Dormir sim de noite com porta fechada.
Esperar em Deos, e do mundo nada.
Fugir do ruido porfias, e graças.
Gastar como fique para os mais dias.
Honrar máos, e bons he cousa honrada.
Jurar, e jogar são dous máos indicios.
CAlando se vence a quem muito falla.
Louvar cousas boas, fugir das más.
Murmurar não ha, donde ha virtude.
Nas necessidades ter a Deos presente.
Hospedes muy poucos, e de bom exemplo.
Mobres com favor se querem tratados.
Quem amar a paz vivirá quieto.
Rizos, e zombarias trazem mil desgraças.
Seguir bons costumes, e fazer bons feitos.
Trabalhar por ter mais, licitamente.
Vergonha nos homens, prova de virtude.
CHristo na memoria se traga continuo.
Intentos bons, conservallos he santo.
Zelo bom não basta, quando faltaõ obras.

Termos, que duraõ os contentamentos, desta vida.

Horas de banquete, mulher, ou jogo.
Dia de festa, ou de caça, ou feira.
Tres dias de barba, luvas, ou çapatos.
Oito dias de vestido, bõa venda, ou novo officio.
Quinze dias de Missa nova, casamento, ou dignidade.
Vejaõ os contemplativos o pouco, que duraõ os contentamentos da vida, que muitas vezes são agoados, e o muito, que alcançaõ os que se dedicação ao serviço de Deos, desprezando-os.

LAUS DEO. ▶

Eis, talvez, algum notavel escriptor d'aquelles tempos.

Hoje é apenas uma curiosidade algum tanto ridicula
—o seu livrinho de *Segredos naturaes!*

N'elle vêmos cousas absurdas, verdadeiros despropósitos que excitam o riso.

Parece que hoje fallamos uma linguagem bem diversa.

A. M. GALVÃO.

CURIOSO DOCUMENTO

O primeiro inventario feito em Taubaté foi o de Domingas Ribeiro, em 15 de Fevereiro de 1646. N'este testamento ha o legado de uma pataca para a Santa Casa de Misericordia de S. Paulo, quantia que lhe foi entregue.

Declarou possuir vinte *peessoas de serviço obrigatorio* (gentios da terra), que não seriam vendidos.

Este inventario foi feito na fazenda da defunta, que tinha uma legua de terras em quadra, no termo de Taubaté. Entre os bens avaliados encontra-se uma saia de baêta com colchete de prata dourada, avaliada por dous mil réis; um gibão de tafetá pardo, usado, por um cruzado. As terras e a gente de serviço não foram avaliadas, e sim repartidas amigavelmente.

O resumo do inventario é o seguinte, conforme está no original: concluindo-se acharam-se sete patacase meia e um quintal de algodão, mais seis tostões, mais doze vintens e mais dous tostões; monta o que está abatido em 45 patacas menos dous vintens.

As dividas que se acharam com o que fôra avaliado montam em 58 patacas e 12 vintens. Coube ao viuvo meei-ro 29 patacas e seis vintens, e aos orphãos 29 patacas e seis vintens, ou quatro patacas e meia e tres vintens a cada orpham e um vintem a mais.

N'este inventario não houve sentença nem custas.

Quadro synoptico da ultima situação liberal

MINISTERIOS	GABINETE 5 DE JANEIRO DE 1878	GABINETE 28 DE MARÇO DE 1880	GABINETE 21 DE JANEIRO DE 1882	GABINETE 8 DE JUNHO DE 1882	GABINETE 24 DE MAIO DE 1883	GABINETE 6 DE JUNHO DE 1884
Fazenda	Silveira Martins	Saraiva	Martinho Campos	Visconde de Paranaguá	Lafayette	Rodolpho Dantas
Imperio	Leonecio de Carvalho	Homem de Mello	R. Dantas	Leão Vellozo	Maciel	Franco de Sá
Justiça	Lafayette	M. Dantas	Silva Mafra	Ferreira de Moura	Prisco	Sodré Pereira
Agricultura	Sinimbu	Buarque	Alves de Araujo	Padua Fleury	Afonso Penna	Carneiro da Rocha
Estrangeiros	Barão de Villa-Bella	Pedro Luiz	Franco de Sá	L. de Albuquerque	Soares Brandão	Matta Machado
Marinha	Andrade Pinto	Lima Duarte	B. Paula Souza	Meira de Vasconcellos	Almeida e Oliveira	De Lamare
Guerra	Marguez do Herval	Visconde de Pelotas	Afonso Penna	Carlos Affonso	Rodrigues Junior	Candido de Oliveira

A' ULTIMA HORA

(A' INAUGURAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO DE
PINDAMONHANGABA)

O monstro vae partir. Ouviu-se immenso grito
E o turbilhão de fumo ennovellou nos ares;
E' o incenso que sobe aos celestiaes altares,
—Um brado de utopia em labios de precito

E eu ouço n'essa voz o cantico infinito
Que levas triumphante aos infimos logares,
Co'a rapidez febril das correntes polares,
Saudando a geração do seculo maldito.

Porém que vejo ? a industria, a agricultura, a arte,
Devéras vão levar a luz a toda a parte,
No ventre d'esse monstro anathematisado ? !

Senhores do progresso, adeantae um passo !
Mandae benzer primeiro essa epopéa d'aço
Na pia baptismal da séde do papado.

Janeiro 1877.

FONTOURA XAVIER.

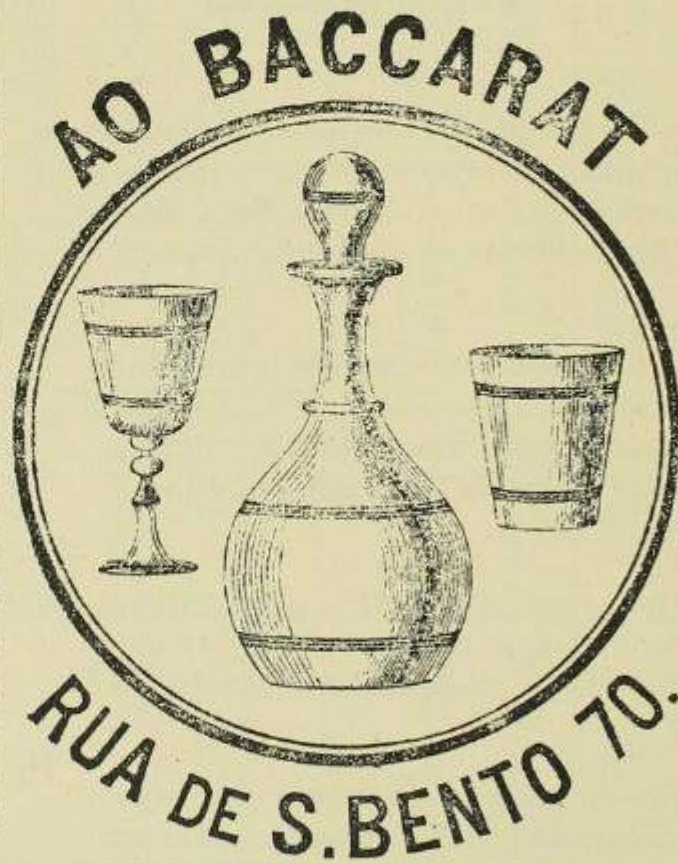
SOUZA & C.^A

SUCCESSORES DE SOUZA, AYROZA & COMPANHIA

9—RUA DO COMMERCIO—9

S. PAULO

F



Commerciantes e importadores de louça
PORCELLANAS E CRYSTAES

A CARTA DE PEDRO VAZ DE CAMINHA

Meu caro Lisboa.—O escripto que em seguida transcrevo é uma cópia, feita com o maior esérupulo, da carta que, de Porto Seguro, Pedro Vaz de Caminha, escrivão da armada de Pedralves Cabral, dirigiu a el-rei D. Manoel-o-afortunado, por occasião da descoberta do Brazil, e cujo original ainda hoje existe no Archivo Real da Torre do Tombo, gaveta n.º 8, maço 2.

Ao que se deprehe de da extensissima missiva, o singelo escrivão sentiu-se tão maravilhado ao enfrentar inopinadamente a 23 de Abril de 1500 com o grandioso aspecto da esplendida natureza d'estas tropicaes regiões, e ao contemplar a originalidade de seus selvaticos habitantes, *cuja feiçam hee seerem pardos, maneyra de vermelhados, de boos rostros, e boos nariçes*, como com tanta simplicidade os descreve,—que não podendo ter mão em si, tomou da penna e desandou n'uma epistola, meu amigo, que, benza-a Deus, deve ter enchido o venturoso monarcha de grandissimo jubilo, e... muito somno.

A' parte a extensão e prolixidade verdadeiramente *cacête* com que n'aquelles aventurosos tempos os escriptores do pulso do Caminha manifestavam, ao que parece, as suas fundas impressões, o documento que ahi vae afigura-se-me de não somenos valia e importancia, por isso que, além de ser *o primeiro escripto feito em terras de Santa Cruz*, é egualmente o mais verdadeiro e fidedigno de quantos appareceram nos primeiros annos do *achamento d'esta terra*, conforme se expressa Caminha.

E' provavel que muitos dos vossos leitores já conheçam a extensissima narração de Pedro Vaz, e estou a vêr

que outros experimentarão, ao percorrel-a, os effeitos cuja propriedade a therapeutica ha muito descobriu no succo das papoulas.

Mas, como é egualmente possivel que muitos outros não o conheçam, e tenham, além d'isso, o mesmo pendor que eu para as velharias vernaculas, — eis ahi está porque vol-a remetto, addiccionando sómente este unico e since-ro voto :

Que lhes faça a todos muito bom proveito.

R. M.

« Senhor, posto, que ho Capitam moor desta vossa frota e asy hos outros capitaos escrepvam a V. A. ha nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora neesta navegaçom achou, nom leyxarei tambem de dar disto minha comta a V. A. asy como eu poder, ainda que pera ho beem contar, e falar, ho sayba peór que todos fazer : pero tome V. A. minha inorancia per booa vomtade, a quaal beem certo crea, que pera has romesentar (1), nem afeiar aja aquy de poer mais ca aquillo, que vy, e me pareceu : da marenhagem, e sangraduras do caminho nom darey comta a V. A. porque ho nom saberey faser e hos pilotos devem teer ese cuidado ; e portanto Senhor, de que ey de falar, começo e digo, que ha partida de Belem, como V. A. sabe, foy segunda feira 9 de Março ; e sabado 14 do dito mez antre has oito e nove oras nos achamos antre has Canareas mais perto da Gram Canarea : e aly amdamos todo aqueele dia em calma aa vista delas obra de tres ou quatro legoas : e Domingo 22 do dito mes aas des oras pouco mais ou menos ouvemos vista das Ilhas de Cabo Verde ; a saber da Ilha de Sam Nicolao, segundo dito de Pero Escobar piloto, e aa noute seguinte aa segunda feyra lhe amanheceu se perdeo da frota Vasco Datayde com ha sua naao, sein hy aver tempo forte nem

(1) Enfeitar, adornar.

contrairo pera poder seer Fés o Capitam moor suas diligencias pera ho achar a huumas e a outras partes, e nom pareceu mais; e asy seguimos nosso caminho per ese mar de longo ataan terça feyra Doitavas de Pascoa que foram 21 dias de Abril que topamos alguuns synaes de terra, sendo da dita Ilha, segundo hos pilotos diziam, obra de 660 ou 670 legoas: hos quaaes heram muyta camtidade dervas compridas a que hos marcantes chamam botelho; e asy outras a que tambem chamam Rabo Dasno: e aa quarta feyra seguinte pola manhaa topamos aves, a que chamam fura-buchos; e neste dia a oras de vespora ouvemos vista de terra, a saber: primeiram.º de huum grande monte, muy alto e redondo e doutras serras mais baixas aho Sul delle, e de terra ehaa com grandes arvo-redos aho qual monte alto ho Capitam pos nome ho Monte Pascoal e aa terra ha Terra de Vera Cruz. Mandou lançar ho prumo, e acharam 25 brasas, e aho sol posto, obra de 6 legoas de terra surgimos ancoras em 19 brasas ancoragem limpa. Aly jouvemos toda aquella noité e aa quinta feyra pola manhãa fizemos vela e seguimos direitotos aa terra; e hos navios pequenos diante hymdo por 17, 16, 15, 14, 13, 12, 10, e 9 brasas ataa mea legoa de terra, omde todos lançamos ancoras em direito da boca de um rio; e chegaríamos a esta ancorajem aas des oras pouco mais ou menos: e daly ouvemos vista de homeens que andavam pola praya obra de sete ou oito, segundo hos navios pequenos disseram por chegarem primeiro aly. Lançamos hos batees, e esquifes fóra, e vieram logo todos Capitaaos das naaos a esta naao do Capitam moor, e aly falaram: e ho Capitam mandou no bateel em terra Nicolaa Coelho pera veer aquele Rio; e tanto que ele cumeçou pera la de hyr acodiram pola praya homeens quando dous, quando trez; de maneyra que quando ho bateel chegou aa boca do Rio, heram aly dezoito, ou vinte homeens pardos todos nuus sem nenhuma cousa, que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas maaos,

e suas seetas : vynham todos rijos pera aho bateel ; e Nicolao Coelho lhes fes synaal que possessem hos arcos e eles hos poserom aly : nom pode delos aveer fala nem emtendimento que aproveitase polo mar quebrar na costa ; soamente deo lhes hum barete vermelho e huuma capruça de linho que levava na cabeça, e huum sombreyro preto : e huum deles lhe deo um sombreyro de penas daves compridas com huuma copezinha pequena de penas vermelhas, e pardas coma de papagayo ; e outro lhe deo huum Ramal grande de comtinhas brancas, meudas, que querem parecer d'aljaveira : has quaaes peças creio que ho Capitam manda a V. A. E com isto se voltou aas naaos por seer tarde, e nom poder deles aver mais fala por aazo do mar.

« A noute seguinte ventou tanto sueste com chuveceiros que fez casar haas naaos e especialmente ha capitana : e aa sesta pola manhaan aas oito oras pouco mais ou menos per conselho dos Pilotos mandou ho Capitam levantar amcoras, e fazer vela : e fomos de longo da costa com hos batees, e esquifes amarados per popa contra o Norte, pera veer se achavamos alguuma abrigada, e boo pouso, omde jouvesemos pera tomar agoa e lenha : nom per nos já minguar, mas pera nos acertarmos aquy. E quando fizemos vela, seriam ja na praya asentados junto com ho Rio obra sesenta ou setenta homeens, que se juntavam aly poucos e poucos. Fomos de longo : e mandou o Capitam moor ahos navios pequenos que fosse mais chegados aa terra : e que se achasem pouso seguro pera as naaos, que amaynasem. E sendo nos pola costa obra de 10 legoas, domde nos levamtamos, acharam hos ditos navios pequenos hum a Recife com huum porto dentro muyto boo, e muyto seguro con huuma muy larga entrada, e meteram-se dentro, e amaynaram ; e has naaos aribaram sobrelos ; e huum pouco ante sol posto amaynaram obra de huuma legoa do arecife e amcoraram-se em 11 brasas. E sendo Afonso Lopes, noso Piloto

em huum daqueles navios pequenos per mandado do Capitom moor, per ser homem vyvo e deestro pera iso, metteo se logo no esquife a somdar ho porto dentro ; e tomou em huuma almadia dous daqueles homeens da terra mancebos, e de boos corpos : e huum deles trasia huum arco, e seis ou sete sectas : e na praya amdavam muytos com seos arcos e sectas, e nom lhe aproveitaram Troveos logo, ja denoute aho Capitam, omde foram recebudos com muyto prazer e festa.

A feiçam deles hee seerem pardos, maneira de vermelhados, de boos rostros, e boos narizes, beem feytos. Andam nuus sem nhuuma cobertura ; nem estimam nhuuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas : e estam aa cerqua diso com tamta inocencia como teem em mostrar ho rosto. Traziam ambos os beiços debaixo furados e metudos per eles senhos onos dosso brancos de compridam de huuma maa travesa, e de grosura de huum fuo dalgodam, e agudo na ponta coma furador. Metem nos pola parte de dentro do beiço e ho que lhe fica antre ho beiço, e hcs dentes, hee feyto coma roque denxadres : e em tal maneira ho trazem aly emcaxado, que lhes nom dá paixam, nem lhes torva a falar, nem comer, nem beber. Hos cabelos seus sam coredios : e andavam trosquyados de trosquya alta mais que de sobre pentem, de booa gramdura, e rapados ataa per sima das orelhas : e huum deles trasia per bayxo da solapa de fonte a fonte pera detras huuma maneira de cabeleyra de penas dave amarela, que seria de compridam de huum couto, muy basta e muy çarada (1) que lhe cobria ho toutiço, e has orelhas ; ha qual amdava pegada nos cabelos pena e pena com huuma comfeiçam bramda como cera, e nom no heera ; de maneyra que amdava a cabeleyra muy redonda, e muy basta, e muy igual, que nom fasia mingoa mais lavajem pera ha levantar.

(1) Cousa que circúla, redonda.

« Ho Capitam, quando eles vieram, estava asentado em huuma cadeyra, e huuma alcatifa a hos pees por estrada, e beem vestido com huum colar douro muy grande aho pescoço: e Sancho de Toar, e Simam de Miranda, e Nicolao Coelho, e Ayres Coreia, e nós outros que aquy na naao com ele himos, asentados no chaaio per esa alcatifa. Acemderam tochas, e emtraram, e nam fezeram nhuuma mençam de cortesia, nem de falar aho Capitam, nem a ninguem; pero huum deles pos ho olho no colar do Capitam, e começou dacenar com ha maaio pera aa terra; e despois pera aho colar, como que dezia que avia em terra ouro; e tambem vio huum castiçal de prata, e asy mesmo acenava pera aa terra, e emtam pera aho castiçal, coma que avia tambem prata.

« Mostraram-lhes huum papagayo pardo, que aquy ho Capitam tras: tomaram no logo na maaio e acenaram pera a terra, coma que hos avia hy: mostraram lhes huuma galinha, e asy aviam medo dela e nom lhe queriam poeer ha maaio; e depois ha tomaram coma espantados. Deram lhes aly de comer pam, e pescado cosido, confeytos, fartes, mel, e figos passados: nom que seram comer daquilo casy nada; e alguuma coussa se a provavam lançavam na logo fóra. Trouveram lhes vinho per huma taça, poseram lhe asy ha boca tam malaves, e nom gostaram dele nada, nem ho que seram mais. Trouveram lhes agoa per huuma albarada (1) tomavam dela senhos bocados, e nom beberam; soomente lavavam has bocas, e lançavam na fóra. Vio huum deles huumas comtas de rozairo bramcas, acenov que lhas desem, e folgou muyto com elas, e lançou has aho pescoço e despois tirou has e embrulhou has no braço, e acenava pera aa terra, e emtam pera aas comtas, e pera aho colar do Capitam, coma que dariam ouro per aquylo; isto tomavamos asy polo

(1) Vaso de duas azas, antigo, conhecido hoje pelo nome de *infusa*.

desejarmos ; mas se ele queria dezer que levaria has comtas, e mais ho colar, isto nom queriamonos emtemder ; perque lho nom aviamos de dar : e despois tornou has comtas a quem lhas deo : e entam estiraram se asy decostas na alcatifa a dormir, sem teer nhuuma maneyra de cobrirem suas vergonhas, has quaes nom heeram fanadas. Ho Capitam lhes mandou poeer aas cabeças senhos coxys : e ho da cabeleyra procurava asas pola nom quebrar ; e lançaram lhes hum manto emcima, e eles consentiram, e joveram, e dormiram.

« Aho Sabado pola manhaa mandou ho Capitam fazer vela : e fomos demandar a entrada, ha qual heera muy largua, e alta de seis a sete brasas ; e omtraram todalas naaos dentro, e ancoraram se em cinco, seis brasas ; ha quaal ancorajem demtro he tam grande, e tam fremosa, e tam segura, que podem jaser demtro nela mais de duzentos navios, e naaos. E tanto que has naaos foram pousadas, e ancoradas, mandou ho Capitam Nicolao Coelho, e Bertolameu Dyas que fosse em terra, e levases aqueles dous homeens e hos leyxasem hyr com seu arco e seetas ; ahos quaes mandou dar senhas camisas novas, e senhas carapuças vermelhas, e dous rosaios de comtas brancas doso, que eles levavam nos braços, e senhos cascavees, e senhas campainhas : e mandou com eles pera ficar la hum mancebo degradado, criado de Dom Joham Teelo, aquem chamam Afonso Ribeyro, pera amdar la com eles, e saber de seu viver, e maneira : e a my mandou que fosse com Nicolao Coelho. Fomos asy de frecha direitos aa praya. Aly acodiram loguo obra de duzentos homeens, todos nuus, e com arcos e seetas naas maaos. Aquelles que nos levavamos, acenaram lhes que se afastasem e posesem hos arcos ; e eles os poseram, e nom se afastaram muyto ; abasta que poseram seus arcos : e entam sayram hos que nos levavamos, e ho mancebo degradado com eles ; hos quaaes asy como sayram, nom pararam mais, nem esperavam hum per outro, se-

nom a quem mais coreria ; e pasavam hum rio, que per hy core dagoa doce, de muyta agoa, que lhes dava pola braga, e outros muytos com eles ; e foram asy correndo aalem do rio antre huumas montas de palmas, onde estavam outros, e aly pararam. E naquylo foy o degradado com hum homeem que loguo aho sayr do bateel ho agasalhou, e levou ataa la ; e logue ho tornaram a nós ; e com ele vieram hos outros que nos levavamos, hos quaaes vynham ja nuus, e sem carapuças. E emtam se começaram de chegar muytos, e entravam pola beyra do mar pera ahos batees ataa que mais nom podiam : e traziam cabaaços dagoa, e tomavam alguns barys que nos levavamos, e emchianos dagoa e trazianos ahos batees : nom que eles de todo chegasem a bordo do bateel, mas junto com ele lançavam nos da maaõ, e nos tonavamos : e pediam que lhes desem alguma cousa. Levava Nicolao Coelho cascavees, e manilhas : aa huuns dava hum cascavel, e a outros huuma manilha ; de maneyra que com aquella emcarva (1) casy nos queriam dar ha maaõ. Davam nos daqueles arcos, e seelas per sombreiros, e carapuças de linho, e per qualquer coussa que lhes homeem queria dar. Daly se partiram hos outros dous mancebos, que nom hos vimos mais.

« Andavam aly muitos deles, ou casy ha mayor parte que todos traziam aqueeles bicos doso nos beiços : e alguns, que andavam sem eles, traziam hos beiços furados, e nos buracos traziam huuns espelhos de paaõ, que pareciam espelhos de boracha ; e alguns traziam tres daqueles bicos, a saber hum na metade, e hos dous nos cabos. E andavam hy outros quartejados de cores : a saber, deles ametade de sua propria cor, e a metade de tintura negra, maneyra dezulada ; e outros quartejados descaques (2). Aly andavam antreles tres ou quatro moças.

(1) Obsequio, engódo.

(2) *Quartejados*, em quadrados. *Escaques*, em quadrinhos em xadrez.

e beemjentys com cabelos muy pretos, compridos pelas espadas Aly per eintam nom ouve mais fala, nem emtendimento com eles per ha berberia deles seer tamanha que se nom emtendia, nem ouvia ninguem. Acenamolhes que se fosse, e asy ho fizeram : e pasaram se aalem do rio : e sayram tres, ou quatro homeens nosos dos batees, e encheram nom sey quamtos barys dagoa, que nós levavamos, e tornavamonos aas naaos ; e em nos asy vyndo acenaram nos que nos tornasemos ; tornamos, e eles mandaram ho degradado, e nom queseram que ficase la com eles : ho quaal levava huuma bacia pequena, e duas ou tres carapuças vermelhas pera dar la aho senhor, se ho hy ouvese. Non curaram de lho tomar nada, e asy ho mandaram com tudo ; e emtam Bertolameu Dyas ho fes outra ves tornar, que lhes dese aquilo, e se tornou, e deo aquilo em vista de nós aaquele que da primeira ho agasalhou ; e emtam veose, e trovemolo. Este que o agasalhou, heera ja de dias, e amdava todo per louçainha (1), e cheo de penas pegadas polo corpo, e que parecia aceetado, coma Sam Sebastiam. Outros traziam carapuças de penas amarelas, e outros de verdes ; e huuma daqueelamosas heera toda timta de fundo asy daquella tintura. Nhum deles heera fanado ; mas todos asy coma nós ; e com isto nos tornamos, e eles foram se.

« Aa tarde sayo o Capitam moor em seu bateel com todos nós outros, e com hos outros capitaaos das naaos em seus batees a folgar pola baya a caram da praya : mas ninguem sayo em terra pelo Capitam nom querer sem embargo de ninguem neela estar ; soamente sayo elle com todos em huum Ilheeo grande, que na baya está que debayxamar fica muy vasio : pero hee de todas partes cerca do dagoa, que nom pode ninguem hyr a ele sem barca, ou anado. Aly folgou ele, e todos nós outros beem huuma ora, e mea : e pescaram hy amdando marynheiros com

(1) Enfeitado.

huum chunchoro, e mataram pescado meudo, nom muyto : e emtam volvemonos aas naaos ja beem noute.

« Aho Domingo da Pascoela pola manhaan determinou ho Capitam de hyr ouvir Misa, e pregaçam naqueele Ilheo : e mandou a todos capitaaos que se corejesem nos batees, e fosse com ele : e asy foy feyto. Mandou naquele Ilheo armar huum esperavel, e demtro neele levantar altar muy beem corejido ; e aly com todos nós outros fes deser Misa, ha quaal dise ho padre frey Amrique em vos emtoada, e oficiada com aquela mesma vos polos outros padres, e Sacerdotes, que aly todos heeram (1) Aquaal Misa, segundo meu parecer, foy ouvida per todos com muyto praser e devaçam. Aly heera com ho Capitam ha Bandeyra de Christus com que sayo de Belem: ha qual esteve sempre aa parte do Avanjelho. Acabada ha Misa, desvestio se ho padre, e pose se em humma cadeyra alta, e nós todos lavaçados per esa area : e preegou huuma solene, e proveytosa preegaçam da estoria do Avanjelho : e enfia dela tratou da nosa vymda, e do achamento desta terra, conformandose com ho synaal da Crus, sob cuja obediencia vynos : ha quaal veo muyto aa proposito, e fes muyta devaçam.

« Em quanto estivemos aa Misa e aa preegaçam, sevia na praya outra tamta gemte, pouco mais ou menos, coma hos domtem com seus arcos, e seetas : hos quaaes andavam folgando, e olhandonos, e asentavam se ; e depois dacabada ha Misa, asentados nós aa preegaçam, alevamtaram se muytos deles, e tamjeram corno, ou vizina ; e começaram a saltar, e dançaram huum pedaço ; e alguns deles se meterem em almaadias duas ou tres que hy tinham : has quaaes nom sam feytas coma has, que eu já vi : soomente sam tres traves atadas juntas ; e aly se metiam ou simquo, ou eses que queriam, nom se

(1) *Corôa vermelha* chama-se hoje ao ilhéu onde se celebrou a missa.

afastando easy nada da terra, senom quanto podiam tomar pee. E acabada ha preegaçam, moveo ho Capitam, e todos pera ahos batees com nossa bandeyra alta, e embarcamos, e fomos asy todos contra terra pera pasarmos aho longo per omdeles estavam, hymdo Bertolameo Dyas em seu esquife per mandado ho Capitam diante com hum paaõ de huuma almadia, que lhes ho mar levara, pera lho dar ; e nós todo obra de tiro de pedra tras ele. Como eles viram ho esquife de Bertolameo Dyas, chegaram logo todos aa agoa, metendo se neela ataa omde mais podiam. Acenaram lhes que posesem hos arcos ; e muytos deles hos hyam logo poeer em terra, e outros hos nom punham. Andava hy hum, que falava muyto ahos outros que se afastasem ; mas nom ja que many parecese, que lhe tinham acatamento, nem medo.

« Este que hos asy andava afastando, trasia seu arco, e seetas : e andava tinto de tintura vermelha polos peitos, e espadoas, e polos quadrys, coxas, e pernas ataa bayxo ; e hos vasios com ha bariga, e estamego heeram de sua propria cor ; e ha tintura heera asy vermelha que ha agoa lha nom comia, nem desfazia ; ante quando saya da agoa, heera mais vermelho. Sayo hum homem do esquife de Bertolameo Dyas e amdava antreles, sem eles emtemderem na la neele quamta pera lhe fazerem mal, senom quanto lhe davam cabaços da goa ; e acenavam ahos do esquife que saysem em terra. Com isto se volveo Bertolameo Dyas aho Capitam ; e viemonos aas naaos a comer, tamjendo trombetas, e gaytas, sem lhes dar apressam ; e eles tornaram se aasentar na praya ; e asy per euntam ficaram. Neese Ilheeo, onde fomos ouvir Misa, e preegaçam, espraya muyto ha agoa, e descobre muyto arêa, e muyto cascalhaao. Foram alguuns em nós hy estando buscar marisco, nom no acharam ; e acharam alguuns camarooens grosos e curtos, amtre hos quaaes vinha hum muyto grande, que em nhuum tempo ho vy tamanho. Tambeem acharam cascas de bergooens, e da-

meyoas : mas nom toparam com nhuuma peça inteyra.

« E tanto que comemos, vieram todos los capitaaos aa esta naao per mandado do Capitaaoo moor, com hos quaaes se ele apartou e eu na companhia ; e preguntou asy a todos, se nos parecia seer beem mandar ha nova do achamento desta Terra a V. A. polo navio dos mantimentos, pera melhor mandar descobrir, e saber dela mais do que agora nos podiamos saber, per hirmos de nosa viagem. E amtre muytas falas, que no caso se fezeram, foy per todos, ou ha mayor parte dito que serya muyto beem ; e nisto conerudiram ; e tanto que ha conerusaon foy tomada, preguntou mais se seria boo tomar aquy per força hum par destes homeens pera hos mandar a V. A. e leyxar aquy per eles outros dous destes degradados. A isto acordaram que nom heera necessario tomar per força homeens ; perque geral costume heera dos que asy levavam per forsa pera alguma parte, dezerem que haa hy todo ho que lhe preguntam ; e que melhor, e muyto melhor emformaçam da Terra dariam dous homeens destes degradados, que aquy leyxasem do que eles dariam, se hos levasem, por seer jemte, que ninguem emtemde ; nem eles tam cedo aprenderiam a falar, pera ho saberem tambem dizer, que muyto melhor ho estoutros nom digam, quamdo ca V. A. mandar : e que per tanto nom curasem aquy de per forsa tomar ninguem, nem fazer escandalo, pera hos de todo mais amansar e apacificar, se nom soamente leyxar aquy hos dous degradados, quando daqy partisemos. E asy, per melhor parecer a todos, ficou determinado.

« Acabado isto, dise ho Capitam que fossemos nos batees em terra, e veer sya beem ho rio, que jando hera, e tambem pera folgarmos. Fomos todos nos batees em terra armados, e ha Bandeyra comnosco. Eles andavam aly na praya aa boca do rio, onde nós hyamos : e tanto que chegamos, do ensino que dantes tinham, poseram todos nos arcos, e acenavam que saysemos. E tanto que hos

batees poseram has provas em terra, pasaram se loguo todos aalem do rio, ho quaal nom hee mais ancho que huum jogo de mangual : e tanto que desembarcamos, alguuns dos nosos pasaram loguo ho rio, e foram antreles ; e alguuns aguardavam ; e outros se afastavam ; pero heera ha coussa de maneyra, que todos andavam mesturados. Eles davam deces arcos com suas seetas per sombreiros, e carapuças de linho, e per qualquer coussa que lhes davam ; pasaram aalem tantos dos nosos, e andavam asy mesturados com eles, que eles se esquivavam, e afastavam se, e hyam se deles pera asima, onde outros estavam ; e emtam ho Capitam feze se tomar aho colo de dous homeens, e pasou ho rio e fez tornar todos. A jente, que aly heera, nom seria mais caaquela que soya. E tanto que ho Capitam fez tornar todos, vieram alguuns deles a ele ; nom polo conhecerem per senhor : ea me pareceo que nom entendem, nem tomavam disto conhecimento ; mas per que ha jente nosa pasava ja pera aaquem do rio, aly falavam, e traziam muytos arcos, e comtinhas daquelas já ditas, e resgatavam per qualquer coussa em tal maneyra, que trouveram daly pera aas naaos muytos arcos, e seetas e comtas ; e emtam tornou-se ho Capitam aaquede do rio, e acodiram muytos aa beyra dele. Aly verices galantes pintados de preto, e vermelho, e quartejados asy polos corpos, coma polas pernas, que certo pareciam asy beem. Tambeem amdavam antreles quatro ou sinquo mulheres mosas, e asi nuuas que nom pareciam mal ; amtre as quaaes amdava huuma com huuma coxa do jiolho ataa ho quadryl, e ha nadega toda timta daquelle timtura preta, e ho al todo da sua propria cor (1); outra trazia ambolos jiolhos com has curvas asy timtas, e tambeem hos colos dos pees : tambeem am-lava hy outra mulher mosa com menino ou menina no colo, atado com huum pano nom sey de que ahos peytos, que nom lhe pa-

(1) *E o al*, equivale a :—E o mais.

recia senom has perninhas ; mas has pernas da may, e ho al, nom trazia nhuum pano. Despois moveo ho Capitam pera asynda ao lomgo do rio, que anda sempre a caram da praya ; e aly esperou huum velho, que trazia na maao huuma paa dalmadia : falou estando ho Capitam com ele perante nós todos, sem ho nunca ninguem entender, nem ele nós quanta coussas, que lho meem preguntava douro, que nós dezejavamos saber se ho avia na terra. Trazia este velho ho beiço tam furado, que lhe caberia polo furado huum gram dedo polegar ; e trazia metudo no furado huuma pedra verde roim, que çarava per fora aqueele buraco ; e ho Capitam lha fez tirar, e ele nom sey que falava, e hya com ela pera aa boca do Capitam, pera lha meter : estevemos sobriso huum pouco ryndo ; e emtam enfadouse ho Capitam, e leyxou ; e huum dos nosos deo lhe pola pedra huum sombreyro velho ; nom per ela valer alguma coussa, mas per mostra : e aho despois ha ouve ho Capitam : creio pera com has outras coussas mandar a V. A. Amdamos per hy veendo ha ribeyra, ha quaal hee de muyta agoa, e muyto booa. Aho lomgo dela haa muytas palmas, nom muyto altas, em que haa muyto boos palmytos : colhemos e comemos deles muytos. Entam tornou-se ho Capitam pera aa boca do rio, omde desembarcamos : e aalem do rio andavam deles dansando, e folgando huuns ante outros, sem se tomarem polas maaos e faziam no beem.

« Pasouse emtam aalem do rio Diego Dyas, almoxarife que foy de Sacavem, que hee homeem gracioso, e de prazer ; e levou comsigo huum gayteiro noso com sua gayta meteo se com eles a dansar, tomandoos polas maaos ; e eles folgavam, riam, e andavam com ele muy aho som da gayta. Despois de dansarem, fes lhes aly, andando no chaaom, muytas voltas lijeiras, e salto real, de que se eles espantavam, e riam, e folgavam muyto : e comquanto hos com aquilo segurou, e afagou, tomavam loguo huuma esquiviza coma montezes ; e foram se pera

cima; e emtam ho Capitam pasou ho rio com todos nós outros, e fomos pola praya de longo, hindo hos batees asy a caram da terra: e fomos ataa huuma lagoa grande, doce, que está junto com a praya: por que toda aquella ribeyra do maar hee apaulada porcima, e saay ha agoa per muytos lugares. E despois de pasarmos ho rio, foram huuns sete ou oito deles andar aintre hos marinheyros, que se recolhiam ahos batees, e levavam daly huum tubaram, que Bertolameo Dyas matou: e levarlho, e lançou na praya abasta que. Ataa quy como quer que se eles em alguma parte amansasem; logo de huuma maao pera ha outro se esquivava n. coma pardaaes de cevadouro; e homeem nom lhes ousa de falar riço, per se mais nom esquivarem: e todo se pasa como eles querem, pollos beem amansar.

« Aho velho, com quem ho Capitam moor falou, deo huuma carapuça vermelha; e com toda ha fala, que com ele pasou, e com ha carapuça que lhe deo, tanto que se espedio, que começou de pasar ho rio, foi se logo recatando, e nom quis mais tornar ao rio pera aaquem: hos outros dous, que ho Capitam teve nas naaos, a que deo ho que ja dito hee, nunca aquy mais pareceram; de que tiro ser jemte bestial, e de pouco saber: e per yso sam asy esquivos: eles porem comtudo andam muyto beem curados, e muyto limpos, e naquilo me parece aynda mays que sam coma aves ou alimares montezes, que lhe fas ho aar melhor pena, e melhor cabelo, que aas mansas; per que hos corpos seus sam tam limpos, e tam gordos, e tam fremosos, que nom pode mais seer; isto me fas presumir que nom teem casas, nem moradas, em que se colham, e ho ar, a que se criam, hos fas taaes, nem nós ainda ataa gora nom vimos nhuumas casas, nem maneyras delas.

« Mandou ho Capitam aaquele degradado Afonso Ribeyro que se fose outra ves com eles: ho qual se foy, e andou la huum boo pedeco; e aatarde tornou-se, que ho

fezeram eles vir, e nom ho quezeram la consentir; e deram lhe arcos, e seetas, e nom lhe tomaram nhuuma coussa do seu: ante dise ele lhe tomaram a huum deles huumas continhas amarelas, que ele levava, e fogira com elas, e ele se queyxou, e hos outros foram loguo apos ele, e lhas tomaram, e tornaram lhas a dar; e emtam mandaramuo vir. Dise ele que nom vira la antre eles senom huumas choupaninhas de rama verde, e de feytos muito grandes, coma dantre Doiro e Minho; e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute a dormir.

« Aa segunda feyra saymos todos em terra a tomar agoa; e aly vieram amtam muytos; mas nom tantos coma has outras vezes: e traziam ja poucos arcos: e estiveram asy huum pouco afastados de nós; e depois poucos a poucos mesturavam se com nosco, e abraçaram nos, e folgaram; e alguuns deles se esquivaram loguo. Aly davam alguuns arcos per folhas de papel, e per alguuma carapucinha velha, e per qualquer coussa. E em tal maneyra se pasou ha coussa, que beem vinte ou trinta pessoas dos nosos se foram com eles, omde outros muytos deles estavam com moças e mulheres: e trouveram de la muytos arcos e baretes de penas daves, delas verdes, delas amarelas; do que creio que ho Capitam ha de mandar a V. A., e segundo disiam eses, que la foram, folgãram com eles.

« Neste dia hos vimos de mais perto, e mais aa nosa vontade, per andarmos todos casy mesturados; e aly deles andavam daqueelas tinturas quartejados; outros de metades, outros de tanta feiçam coma em panos darmar: e todos com beiços farados: e muytos com hos osos neeles, e deles sem osos.

« Traziam alguuns deles huuns ourisos verdes darvores, que na cor queriam parecer de castinheiros, senom quanto heram mais e mais pequenos, e aqueeles heeram cheos d'huuns graaos vermelhos pequenos, que esmagando os antre los dedos, faziam tintura muyto vermelha,

de que eles andavam tintos : e quanto se mais molhavam, tanto mais vermelhos ficavam. Todos andam rapados ataa cima das orelhas ; e asy has sobancelhas, e pestanas. Trazem todos has testas de fonte a fonte tintas de tintura preta, que parece huuma fita ancha de dous dedos : e ho Capitam mandou aqueele degradado Afonso Ribeyro, e a outros dous degradados, que fosse andar la antreles : e asy a Diego Dyas per seer homem ledo, com que eles folgavam ; e a hos degradados mandou que ficassem la esta noute.

« Foram se la todos, e andaram amtreles : e segundo eles deziam, foram beem huuma logoa e mea a huuma povoaçam; em que haveria nove ou des casas : as quaaes deziam que heram tam compridas cada huuma como esta naao Capitana : e heeram de madeyra : e dasilhargas de tavoas, e cobertas de palha, de razoada altura : e todas em huuma soo casa sem nhuum repartimento. Tinham dentro muytos esteos, e desteo a esteo huuma rede atada polos cabos a cada esteo, altas em que dormiam : e debaixo pera se aquentarem, faziam seos fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, huuma em huum cabo, outro no outro : e deziam que em cada casa se recolhiam tinta e quorenta pessoas ; e que aly has achavam ; e que lhes davam de comer daqueela vianda, que eles tinham, a saber, muyto inhame, e outras sementes que na terra haa, e eles comem. E como foy tarde, fizeram nos loguo todos tornar ; e nom quezeram que la ficase nhuum ; e ainda segundo deziam, queriam se vir com eles. Resgatavam la per cascavees, e outras cousinhas de pouco valor, que levavam, papagayos vermelhos muyto grandes e huum pano de penas de muytas cores, maneyra de tecido asas fremoso, segundo V. A. todas estas coussas vera, perque ho Capitam volas haa de mandar, segundo ele dise : e com isto vieram, e nós tornamonos aas naaos.

« Aa terça feira despois de comer fomcs em terra dar guarda de lenha, e lavar roupa. Estavam na praya, quan-

do chegamos, obra de sesenta ou setenta sem arco, e sem nada. Tanto que chegamos vieram se loguo pera nós, sem se esquivarem : e depois acodiram muytos, que seriam beem duzentos, todos sem arcos, e mesturaram se todos tanto comnosco, que nos ajudavam deles aacaretar lenha, e meter nos batees, e luitavam com hos nosos, e tomavam muito prazer. Em quanto nós faziamos ha lenha, faziam dous carpinteiros huuma grande Cruz de huum paaõ, que se omtem pera iso cortou. Muytos deles vinham aly estar com hos carpinteiros ; e creio que ho faziam mais per verem ha ferramenta de ferro, com que ha faziam, que per verem ha cruz ; per que eles nom tem coussa que de ferro seja ; e cortam sua madeyra, e paaõs com pedras, feitas como cunhas metudas em huum paaõ antre duas talas, beem atadas, e per tal maneyra, que andam fortes, segundo hos homeens, que omtein a suas casas foram, desiam perque lhas viram la. Era ja a conversaçam deles comnosco tanta, que easy nos torvavam ah que aviamos de fazer. Ho Capitam mandou a dous degradados, e a Diego Dyas que fossem la aaldea, e a outras, se ouvesem delas novas ; e que em toda maneira nom se viesse dormir aas naas . . . ue hos eles mandasem ; e asy se foram. Emquanto andavamos nesta mata a cortar lenha, atravesaram alguuns papagayos per esas arvores de . . . les verdes, e outros pardos, grandes, e pequenos ; de maneyra que me parece que averá nesta terra muytos : pero eu nom veria mais que ataa nove ou des : outras aves emtam nom vimos, somente alguumas pombas seyxas, e pareceram me mayores, em booa cantidade, caas de Portugal. Alguns deziaam que viram rolas ; mas eu nom has vy : mas segundo hos arvoredos, sam muy, muytos e grandes, e dimfindas maneiras, nom duvido que per ese sertaaõ ajam muytas aves : e aacerqua da noute nos volvemos pera aas naaõs com nosa lenha. Eu creio senhor que nom dey ainda aquy comta a V. A. da feiçam de seus arcos, e seetas : hos arcos sam pretos, e compridos, e has

seetas compridas, e hos ferros delas de canas aparadas, segundo V. A. verá per alguuns, que creio que ho Capitam a ela haa demviar.

Aa quarta feyra nom fomos em terra, perque ho Capitam moor andou todo ho dia no navio dos mantimentos a despejal-o, e fazer levar aas naaos iso, que cada huuma podia levar. Eles acodiram aa praya muytos, segundo das naaos vimos, que seriam obra de tresentos, e segundo Sancho de Toar, que la foy, dise. Diego Dyas, e Afonso Ribeyro, ho degradado, a que o Capitam ontem mandou, e que em toda maneira la dormisem, volveram se ja de noute, per eles nom quererem que la dormisem; e touveram papagayos verdes, e outras aves pretas easy como pegas senom quando tynham ho bico grande, e hos rabos curtos. E quando se Sancho de Toar recolheo aas naaos queriam se vir com ele alguuns; mas ele nom quis senom dous mancebos despostos, e homeens de prol. Mandou hos esa noute muy beem pensar, e curar; e comeram toda ha vianda, que lhes deram: e mandou lhes fazer camas de lençooes, segundo ele dise: e dormiram, e folgaram aqueela noute: e asy nom foy mais este dia, que pera escrepever seja.

« Aa quinta feyra deradeiro da Abril comemos loguo easy pola manhaa, e fomos a terra por mais lenha e agoa; e em querendo ho Capitam sayr, chegou Sancho de Toar cos seus dous ospedes; e per ele nom teer ainda comido, poseran lhe toalhas, e veo lhe vianda, e comeo; hos ospedes asentaram nos em senhas cadeiras; e de todo ho que lhes deram comeram muy beem, e especialmente caçam cosido frio e arroz; nom lhes deram vinho, per Sancho de Toar dizer que nom bebiam beem. Acabado ho comer metemonos todos no bateel, e eles comnosco. Deu hum gromete a hum deles huma armadura grande de porco motes beem revolta; e tanto que ha tomou, meteo loguo no beiço; e perque se lhe nom queria teer, deram lhe huuma pequena de cera vermelha, e ele coreseo lhe

detras seu aderemço pera se teer, e meteo ha no beiço, e asy revolta pera sima; e vinha tam contente com ela, coma se tevera huuma grande joya; e tanto que saymos em terra, foy se loguo com ela, que nom pareceu hy mais Andariam na praya, quando sahymos, oito ou des deles; dhy a pouco comecaram de vyr; e pareceo me que vyriam quatrocentos ou quatrocentos e cincoenta. Traziam alguuns deles arcos, e seetas, e todolos deram per carapuças, e per qualquer coussa, que lhes davam. Comiam comnosco do que lhes davamos, e bebiam alguuns deles vinho, e outros ho nom podiam beber; mas pareceme que se lho avezasem, que ho beberiam de booa vontade. Andavam todos tom despostos, e tam bem feytos, e galantes com suas tinturas, que pareciam beem. Acaretavam desa lenha quanta podiam, com muy booas vomtades, e levavamna ahos batees; e amdavam ja mais mangos, e seguros amtre nós, do que nós andavamos antreles. Foy ho Capitam com alguuns de nós huum pedaço per este arvoredado ataa huuma ribeyra grande, e de muyta agoa, que a noso parecer era esta mesma, que vem teer aa praya, em que nós tomamos agoa. Aly jouvemos huum pedaço, bebendo e folgando aho longo dela antre ese arvoredado, que hee tanto, e tamanho, e tam basto, e de tantas prumageens, que lhe nom pode homeem dar comto. Haa antreles muytas palmas, de que colhemos muytos e boos palmitos. Quando saymos do bateel, dise ho Capitam que seria boo hirmos direitos aa Crus, que estava encostada a huuma arvore junto com ho rio, pera se poer de manhaan, que he sexta feyra, e que nos pozesemos todos em jiolhos, e ha beijasemos, pera eles verem ho acatamento; que lhe tinhamos; e asy ho fizemos; e eses des ou dose, que hy estavam, acenaramlhes que fezesem asy; e foram loguo todos beijala. Parecem jemte de tal innocencia, que se hos homeens emtendese, e eles a nós, que seriam loguo Christaaos, perque eles nom teem, nem emtendem em nhuuma creemça, segundo parece; e

per tanto se hos degradados, que aquy amde ficar, aprenderem beem ha sua fala, e hos emtenderem, nom duvido, segundo a Santa tençam de V. A., fazerem se Christaaos, e crerem na nosa Santa Fee; aaqual praza ho noso Senhor que hos traga; perque certo esta jemte hee booa, e de booa synprezidade, e empremar se haa ligeiramente neeles quaalquer crunho, que lhes quezerem dar; e loguo noso Senhor lhes deu boos corpos, e boos rostos coma a boos homeens: e ele que nos per aquy trouve, creo que nom foy sem caussa: e per tanto V. A., pois tanto deseja acrescentar na Santa Fee catholica, deve entender em sua salvaçam; e prazera a Deos que com pouco trabalho sera asy. Eles nom lavram, nem cryam, nem haa aquy boy, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nhuuma alimarea, que costumada seja aho viver dos homeens; nem comem senom dese inhame, que aquy haa muyto, e desa semente, e fruitos, que ha terra, e has arvores de sy lançam: e com isto andam taaes, e tam rijos, e tam nedeos, que ho nom somonós tanto com quanto trigo e legumes comemos. Em quanto aly este dia andaram sempre aho soom de hum tambory noso, dançaram e bailharam com hos nosos, em maneyra que sam muyto mais nosos amigos, que nós seus; se lhes homeem acenava, se queriam vir aas naaos, faziam se loguo prestes pera iso, em tal maneira que se hos homeens todos quizera comvidar, todos vieram; porem nom trouvemos esta noute aas naaos senom quatro ou cinco; a seber, ho Capitam moor dous, e Simam de Miranda hum, que trazia ja per page, e Ayres Gomes outro, asy page: hos que ho Capitam trouve, heera hum deles hum dos seus ospedes, que aa primeira, quando aquy chegamos, lhe trouveram; o quaal veo oje aquy vestido na sua camisa, e com ele hum seo irmaao; hos quaaes foram esta noute muy beem agasalhados, asy de vianda, coma de cama de colchooes, e lençooes polos mais amansar.

« Hoje que hee sexta feyra, primeiro dia de Maio, saymos pola manhãa em terra com nosa Bandeyra, e fomos desembarcar acima do rio comtra ho Sul, omde nos pareceu que seria melhor cantar ha Crus pera seer melhor vista; e aly asynou ho Capitam omde fezesem ha cova pera ha cantar: e em quanto a ficaram fazendo, ele com todos nós outros fomos pola Crus, abaixo do rio, omde estava. Trouvemola daly com eses Religioses, e Sacerdotes diante cantando, maneira de prociçam. Heeram ja hy alguuns deles, obra de setenta ou oitenta; e quando nos asy vyram vyr, alguuns deles se foram meter debayxo dela ajudarnos. Pasamolo rio aho longo da praya e fomola poeer omde avia de seer, que será do rio obra de dous tiros de beesta. Aly andando nysto, vyriam beem cento e cincoenta ou mais.

« Chantada ha Crus com has Armas e Deviza de Vossa Alteza, que lhe primeiro pregaram, armaram Altar aho pee dela, e aly dise Misa ho padre frey Amrique, ha quaal foy cantada, e oficiada per eses ja ditos. Aly estiveram comnosco a ela obra de cincoenta ou setenta deles asentados em jiolhos, asy coma nós; e quando veo aho Avanjelho, que nos erguemos todos em pee com has mãaos levantadas, eles se levantaram comnosco, e alçaram has mãos, estando asy ataa seer acabada; e emtam tornaram se aasentar coma nós; e quando levantaram a Deos, que nos posemos em jiolhos, eles se poseram todos, asy coma nós estavamos com haas mãaos levantadas; e em tal maneira asesegados, que certifico a V. A. que nos fes muyta devaçam: e estiveram asy comnosco ataa acabada ha Comunham; e depois da Comunham comungarom eses Religiosos, e Sacerdotes, e ho Capitam com alguuns de nós outros. Alguuns deles, per ho Sol seer grande, em nós estando comungando, alevantaram se, e outros estiveram, e ficaram. Huum deles, homeem de cincoenta ou cincoenta e cinco anos ficou aly com aqueles, que ficaram: aquele, em nós asy estando, ajuntava

aqueles, que aly ficaram : e ainda chamava outros. Este, andando asy antreles, falando lhes asenou com o dedo para o Altar, e depois mostrou ho dedo pera aho Ceeo, coma quem lhes desia alguuma coussa de beem ; e nós asy ho tomamos. Acabada há Misa, tirou ho padre ha vestimenta de cima, e ficou na alva, e asy se sobio junto com ho Altar em huuma cadeira, e aly nos preegou do Avanjelho, e dos Apostolos, cujo dia oje hee : tratando emfim da preegaçam deste vōso proseguimento tam Santo e virtuoso, que nos causou mais devaçam. Eses, que aa preegaçam sempre estiveram, estavam asy coma nós olhando pera ele, e aquele que digo, chamava alguuns, que viesem pera aly Alguuns vynham, e outros hyam se. Acabada a preegaçam, trazia Nicolao Coelho muytas cruces destanho, que lhe ficaram ainda da outra vynda : e ouveram per ho beem, que lançasem a cada hum suo aho pescoço : pola quaal coussa se asentou ho padre frey Amrique aho pee da Crus, e aly a hum e hum lançava sua atada em hum fio aho pescoço fazendo lha primeira beijar, e alevantar has maaos. Vynham a iso muytos : e lençaram nas todas, que seriam obra de quorenta a cincoenta : e isto acabado heera ja beem huuma hora depois de meodia. Vyemos aas naaos comer, om de ho Capitam trouve comsigo aqueele mesmo, que fes ahos outros aqueela mostrança pera aho Altar, e pera aho Ceto ; e hum seu irmam com ele, aho quaal fes muyta honra, e deo lhe huuma camisa mourisca, e aho outro huuma camisa destoutras. Esegundo aho que amy, e a todos pareceo este jemte nom lhe falece outra coussa pera seer toda christaan ca entenderom nos : perque asy tomavam aquilo, que nos vyam fazer, coma nós meesmo ; per omde pareceo a todos que nhuuma idolatria, nem adoraçam teem ; e beem creio, que se V. A. aquy mandar quem mais antreles devagar ande, que todos serom tornados aho desejo de V. A. E pera iso se alguem vier, nom leyxe loguo de vyr clerigo pera hos bautizar ; perque ja emtam tee-

rom mais conhecimento da nosa Fee polos dous degradados, que aquy antreles ficam : hos quaaes ambos oje tambem comungaram. Antre todos estes, que oje vyeram, nom veo mais que huuma mulher moça, ha quaal esteve sempre aa Misa ; aaquaal deram hum pano com que se cobrise, e poseram lho deredor de sy ; pero aho sentar nom fazia memorea de ho muyto estender pera se cobrir : asy, Senhor, que ha innocencia desta jemte hee tal, que ha daDam nom seria mais quanta em vergonha. Ora veja V. A. quem em tal innocencia vive, ensinando lhe ho que pera ha sua salvaçam pertence, se se converteraom ou nom. Acabado isto fomos asy perante eles beijar ha Crus, e espedimonos, e vyemos comer.

« Creo, Senhor, que com estes dous degradados, que aquy ficam, ficam mais dous grumêtes, que esta noute se sayram desta naao no esquite fugidos, hos quaaes nom vyeram mais, e creemos que ficarom aquy, perque demanhã, prasendo a Deos, fazemos daqui nosa partida.

« Esta Terra, Senhor, me parece, que da ponta, que mais estaa contra ho Sul, vymos ataa outra ponta, que contra ho norte vem, de que deste porto ouvemos vista, será tamanha, que averá nela bem vinte ou vintecinquo legoas per costa : tras aho lomgo do mar em alguumas partes gramdes bareiras, delas vermelhas, e delas brancas ; e ha terra percyma toda chaa, e muyto chea de gramdes arvoredos de ponta a ponta : hee toda praya parma muyto chaan, e muyto fremosa : polo sartaaos nos pareceo do mar muyto gramde : perque a estender olhos, nom podiamos veer senom terra e arvoredos, que nos parecia muy lomga terra. Neela ataa gora nom podemos saber se aja oro, nem prata, nem nhuuma coussa de metal, nem de ferro, nem lho vimos : pero ha terra em sy hee de muytos boos ares, asy frios, e temperados coma hos dantre Doiro, e Minho ; perque neste tempo dagora asy hos achavamos como hos delá : agoassam muytas, infimdas : em tal maneyra hee graciosa, que querendoa aproveitar,

darseháa neela tudo per beem das agoas, que teem ; pero ho melhor fruyto que neela se póde fazer, me parece, que será salvar esta jemte ; e esta deve seer a principal semente, que V. A. em ela deve lançar ; e que hy nom ouvese mais ca teer aquy esta pousada pera esta navegaçam de Calecute, abastaria, quanto mais desposiçam pera neela comprir, e fazer ho que V. A. tanto deseja : a saber, acrescentamento da nosa Santa Fee. E nesta maneira, Senhor, dou aquy a Vossa Alteza do que neesta vossa terra vy : e se algum pouco alomguey, ela me perdoe, ca ho dezejo, que tynha de vos tudo dizer, mo fez asy poer polo meudo. E pois que, Senhor, hee certo que asy neeste careguo, que levo, comá em outra quaalquer coussa que de vosso serviço for, V. A. haade seer de mym muyto beem servido, a ela peço que per me fazer singular mercee, mande vyr da Ilha de Sam Tomé Jorge do Soyro, meo Jemro, ho que delaa receberey em muyta mercee. Beijo has maaos de V. A. Deste Porto Seguro da vosa Ilha de Vera Crus. Hoje sexta feira, primeiro dia de Mayo de mil e quinhentos.

« *Pero Vaç de Caminha.* »

TROVA POPULAR

Chove chuva ao meio dia
Na cópa do meu chapéo.
Não basta os meus *trabaios*,
Inda castigo do céo !

Prefiro as ruinas ás reconstrucções.

JOUBERT.

ELIXIR DEPURATIVO PAULISTANO

O Rei dos Depurativos

Esta notavel e espantosa preparação de base unicamente vegetal, resultado de longos annos de experiencia de nossos homens mais antigos, e amoldada ás regras da sciencia pelo habil e eminente chimico desta cidade o sr.

DR. CLIMACO BARBOSA

a qual já conta tantos triumphos que seria impossivel publical-os em um annuncio destes, por maior que fosse.

**Vende-se em casa do depositario
geral n'esta provincia**

ALBERTO DE ARAUJO

**RUA DE PALACIO, 14
a 45\$ rs. a duzia**

SUB-DEPOSITARIOS :

Calimerio & Prado, rua do Commercio, 21—
George Harvey & Silva, rua da Imperatriz, 3 B
—Mascarenhas & Monteiro, rua Direita, 2—J.
Candido Martins, rua de S. Bento, 38—Abilio Soares & Moreira, travessa do Collegio, 6.

VENDA EM AVULSO

EM TODAS AS PHARMACIAS DA CAPITAL

*O depositario geral compra os vidros vazios
a 100 rs. cada um.*

NA FLORESTA

Verde floresta, infunde-me nas fibras
Seiva e calôr... Em amphoras de rosas
Manda-me dar o sangue em muitas libras
Pesado pelas Nayades formosas.

No corêto de um lyrio uma sonata
O grilo cante em variações jocundas...
Reine o prazer ! Bailando corte a matta
A corêa das Nymphas pudibundas...

No brando ninho o passaro deitado
Percorra a gamma azul no canto alado,
Qual um maestro a transbordar de gloria...

Pois que no meio d'esta florescencia,
Corôado das palmas da victoria,
Encontro o amor, a luz, a vida, a sciencia !

1883—S. Paulo.

WENCESLÁU DE QUEIROZ.

Não é conciliavel a idéa do progresso com o respeito
do passado.

Saídas de embarcações pelo porto

NACIONALIDADES	1879 á 1880						1880 á 1881						18	
	Vapores	De vela	TOTALIDADE		PARA PORTOS		Vapores	De vela	TOTALIDADE		PARA PORTOS		Vapores	De vela
			Navios	Toneladas	Estr.	Nac.			Navios	Toneladas	Estr.	Nac.		
Brazileiros.....	122	36	158	81.991	23	135	138	57	195	101.687	25	170	165	112
Inglezes.....	66	57	117	104.305	87	30	65	63	128	114.707	92	36	80	70
Allemaes.....	57	20	77	91.008	69	8	65	22	87	107.074	79	8	61	28
Francezes.....	24	6	30	32.783	28	2	22	7	29	28.371	27	2	23	4
Belgas.....	4	—	4	5.020	4	—	9	—	9	11.940	8	1	7	1
Italianos.....	3	5	8	4.421	8	—	3	6	9	9.080	6	3	3	6
Austriacos.....	—	2	2	715	2	—	—	—	—	—	—	—	2	6
Americanos.....	—	5	5	1.726	5	—	—	10	10	4.504	7	3	—	6
Dinamarquezes..	—	4	4	905	3	1	1	4	5	2.054	4	1	—	8
Noruegos.....	—	14	14	4.113	8	6	—	18	18	5.859	14	4	—	31
Suecos.....	—	8	8	2.925	6	2	—	2	2	479	2	—	—	7
Portuguezes.....	—	8	8	2.547	3	5	—	15	15	4.012	3	12	—	12
Hollandezes.....	—	4	4	795	2	2	—	2	2	566	1	1	—	—
Hespanhol.....	—	3	3	697	2	1	—	—	—	—	—	—	—	—
Argentinos.....	—	1	1	523	1	—	—	—	—	—	—	—	—	4
Gregos.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Russos.....	—	—	—	—	—	—	—	2	2	1.070	1	1	—	—
Liberiano.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1
Total.....	276	167	443	334.474	251	192	303	208	511	391.403	269	242	341	296

Accrescimo no numero de navios n'este quinquennio — 64.108 por %.
 Dito, dito de toneladas, dito, dito — 61.596 por %.

de Santos, no ultimo quinquennio


81 á 1882				1882 á 1883								1883 á 1884							
TOTALIDADE		PARA PORTOS		Vapores	De vela	TOTALIDADE		PARA PORTOS		Vapores	De vela	TOTALIDADE		PARA PORTOS					
Navios	Tone-ladas	Estr.	Nac.			Navios	Tone-ladas	Estr.	Nac.			Navios	Tone-ladas	Estr.	Nac.				
277	125.942	18	259	175	125	300	100.293	—	300	172	125	297	135.812	—	297				
150	138.831	117	33	98	55	153	141.302	106	47	97	59	156	155.307	92	64				
89	99.917	85	4	77	19	96	118.924	90	6	77	23	100	120.652	86	14				
27	30.579	26	1	28	6	34	39.621	32	2	32	2	34	52.724	32	2				
8	9.077	6	2	6	—	6	7.591	6	—	9	9	9	11.732	8	1				
9	4.522	8	1	5	4	9	7.951	9	—	9	8	17	13.891	11	6				
8	4.448	8	—	—	—	—	—	—	—	7	1	8	11.227	7	1				
6	3.472	3	3	—	6	6	2.222	5	1	1	8	9	4.697	4	5				
8	2.111	7	1	1	3	4	1.834	4	—	—	3	3	528	2	1				
31	11.404	17	14	—	58	58	22.622	29	29	—	66	66	24.401	15	51				
7	2.088	4	3	—	4	4	1.278	3	1	—	14	14	5.467	1	13				
12	3.170	4	8	—	10	10	2.893	2	8	—	11	11	3.042	1	10				
—	—	—	—	—	1	1	196	1	—	—	1	1	227	—	1				
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—				
4	707	1	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—				
—	—	—	—	—	1	1	504	1	—	—	2	2	791	—	2				
—	—	—	—	—	1	1	280	0	1	—	—	—	—	—	—				
1	682	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—				
637	436.950	305	332	390	293	683	447.511	288	395	404	323	727	540.499	259	468				

F. Martins dos Santos.

EPITAPHIO A CHARACTER

N'um cemiterio de Londres, jaz um relojoeiro que tem na sepultura a seguinte inscripção feita por elle mesmo :

« Aqui jaz, em *posição horisontal*, o cadaver do relojoeiro Jorge Ron Kheigh. A honra foi a *mola real* da sua vida e a prudencia o *regulador* das suas acções. Os seus *movimentos* foram sempre sabiamente *regulados*, e o temer a Deus, tambem, foi sempre a *chave* do seu proceder. Disponha tambem do tempo que as *horas* deslisavam-se rapidamente em um perpetuo *mostrador* de prazeres e delicias, até que se *acabou a corda* quando tinha 57 annos de idade. Espera porém apparecer *limpo* dos seus peccados, perante o Creador, o grande *relojoeiro* do mundo. »



O AVOGADO
ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS
encarrega-se de todos os negocios
relativos á sua profissão nos ter-
mos de *Belem do Descalvado, São
Simão, Araras*, districto de *Santa
Rita do Passa-Quatro* e povoações
circumvisinhas.
RESIDENCIA — **Pirassununga.**

A NATURALISAÇÃO

Hoje que a idéa da grande naturalisação, ventilada no parlamento, tange as fibras do patriotismo nacional, concitando o estrangeiro a participar dos nossos direitos e deveres politicos, urge que os filhos de outras nações venham collaborar na obra da grandeza e prosperidade da patria em que vivem.

O retrahimento equivale á morte politica do cidadão, reduzido a simples forasteiro em campanario alheio, e não tem razão de ser, mórmente quando o estrangeiro, italiano, portuguez, allemão, inglez ou qualquer que elle seja, póde assaz cooperar para a prosperidade commum.

Esse indifferentismo mais prejudicial se torna, se o estrangeiro fundou no imperio sua familia, sua industria e seu futuro. Na epocha presente, em que campêa a desordem por toda a parte e os elementos estaticos da sociedade affiguram-se abalados pela demagogia infrene, que ameaça a liberdade individual e as garantias sociaes, é indeclinavel que, brazileiro ou não, concorram todos para, profligando os excessos d'onde quer que proveham, encaminhar dignamente as cousas publicas.

O preconceito de que a naturalisação importa renegação de patria não deve impressionar a espiritos sãos, pois, em vez de abjuração, é ella o reconhecimento da mãe adoptiva. A patria é a sombra do homem, a propriedade, o leito, o berço, o tumulo e o theatro de suas luctas, labores e aspirações.

Heranças de antigos tempos, aquelle prejuizo desapareceu ante os clarões da idéa nova, oriunda do christianismo e da revolução.

A differença de raça, de nações, de familias, de privilegios, se medrou com antigos odios, é hoje inconcebivel. A fraternidade é o evangelho social personificado na humanidade, que é uma só e não tem côres nem differenças, como o oceano, cujas gottas infinitas e ondas innumera-veis não quebram-lhe a unidade e harmonia.

A corrente das idéas estende-se pelo orbe e, entrelaçando os Estados, chama gregos e troyanos para a obra universal.

O homem reside em si. O globo é o berço commum, a natureza a grande mãe. Se o destino separa, a civilisação congrega. Romulo, o engeitado, assentara-se no throno; Moysés não foi um marujo, porque as ondas o embalaram; o redemptor da humanidade nascêra em um estabulo, mas em torno de si curvaram-se as realezas respeitosas.

Venha, pois, o estrangeiro defender sua bandeira, e sem receio de offender a fileira adversa. Offensas não implica a manifestação de idéas, porque a idéa é um direito e o direito uma condição de existencia individual e collectiva

Se é licito habitar-se em qualquer região do globo e exprimir-se em qualquer idioma; se o nosso paiz ainda se rege pelas Ordenações do Reino e direito subsidiario; se a doutrina dos legistas e publicistas estrangeiros determinam o progresso moral e até material nosso: se Victor Hugo, na França, Carrara e Rossi, na Italia, tanto têm cooperado para o nosso melhoramento; se o mar se transforma em estrada de amplo e largo commercio, a locomotiva percorre nossos campos e florestas, e a electricidade, operando maiores prodigios, permite aos homens abraçarem-se através dos tempos e dos espaços; se tudo isto assim é, venha tambem o estrangeiro auxiliar a nossa causa com o voto, intelligencia, actividade e patriotismo. E' um dever e um direito.

Se a patria se modifica pela materialidade dos limi-

tes, a liberdade do homem sobrepuja os obstaculos, as muralhas, as montanhas, os oceanos, e communica-se com os povos de todas as regiões pela idealidade das crencas e das concepções.

Como o christianismo a politica confraternisa os homens, e convida-os a trabalhar na reconstrucção e aperfeiçoamento do monumento das lettras, da justiça e das liberdades publicas.

A politica está no cerebro ou coração do homem : não germina como as plantas n'esta ou n'aquella zona, sob o influxo dos climas.

Se a planta floresce ou definha segundo a natureza do terreno, aquella nutre-se de aspirações, sem o que não ha vida moral.

Venha, pois, o estrangeiro. Seu concurso é indispensavel : augmenta o numero de obreiros e contribue effizantemente para o progresso da humanidade.

A prosperidade de um paiz depende da agglomeração dos individuos, do trabalho simultaneo, da communhão de idéas e de vistas, das franquias do direito, da egualdade civil e politica e da fraternidade, agentes de grandeza individual e collectiva.

Da união provém a força, e esta é garantia do direito em suas variadas manifestações na vida politica e social.

O suffragio universal seja o director do mundo e das partes que o compõe, e a divisão astronomica a unica balisa racional e positiva.

28 de Julho de 1884.

EUGENIO LEONEL FERREIRA.

Trova popular

Um surdo estava escutando
O que um mudo fallava,
Um cégo estava espiando
Um *créca* que se ponteava.

AU BON DIABLE

Casa de compras em Paris
48 RUE DE L'ECHIQUIER 18



Única no seu género
NO IMPERIO DO BRAZIL

IMPORTANTE ESTABELECIMENTO DE ROUPAS FEITAS
FRANCEZAS PARA HOMENS E MENINOS

Roupas para ecclesiasticos—fornecedores de s. exc. o sr. Bispo Diocesano, Seminario Episcopal e clero.

Immensa galeria de sobretudos para homens e meninos.

Rayons especiaes de roupas para criança desde 3 annos.

Roupas para luto e casamento.

Especialidade de roupas brancas para homens e meninos.

Roupas para copeiros e cozinheiros. Sortimento completo de gravatas. Casacas e sobrecasacas Coutard.

Variedade de bengalas e guarda-chuvas. Robes de chambre e coins de feu. Enxovaes para collegiaes. Carteiros. Estojos, etc., etc.

Artigos para fumante. Roupas impermeaveis.

E uma quantidade de outros artigos.

46 RUA DIREITA 46

S. PAULO

ESTRADA DE FERRO MINAS E RIO

I

Prende-se esta ferro-via á rede das estradas de ferro da provincia de S. Paulo, por contar n'ellas os primeiros 24 kilometros, que do valle do Parahyba vão á serra da Mantiqueira.

Foi esta estrada concedida por acto do presidente de Minas, de 22 de Fevereiro de 1875, ao Visconde de Mauá e ao brigadeiro dr. J. V. Couto de Magalhães.

Devia partir do ponto mais conveniente da 4.^a secção da Estrada de Ferro D. Pedro II, ganhar o valle do Rio-Verde, em Minas, e terminar nas proximidades da confluencia do Rio-Verde com o Sapucahy.

O capital maximo seria de 14 000 contos, gosando da garantia de 4 % durante 50 annos, e findo esse praso reverteriam para a provincia, sem indemnisação, material fixo e rodante, construcções e todas as dependencias da estrada.

Posteriormente o Visconde de Mauá cedeu a parte, que lhe tocava na concessão, ao brigadeiro dr. Couto de Magalhães.

Opportunamente o governo geral affiançou a garantia da provincia e concedeu a garantia addicional de 3 % ao capital primitivo. Foi este mais tarde elevado a 16.150 contos, tomando o governo geral sobre si o onus dos juros de 7 % sobre os 2.150 contos accrescidos. A garantia foi promettida só pelo espaço de 30 annos, prorogando, porém, o praso do privilegio por 90 annos: o governo

geral indemnizará a Companhia de sua propriedade, se quizer resgatar a estrada e suas dependencias.

Na occasião devida ficaram approvados os estudos definitivos e fixados os pontos iniciaes, —na estação do Cruzeiro (kil. 252 do ramal de S. Paulo) e terminal na freguezia dos Tres-Corações do Rio-Verde, uns 70 kilometros aquem da confluencia dos rios Verde e Sapucahy.

Como engenheiro fiscal durante a construcção, provoqueei e consegui a redução do capital garantido, que é hoje de 15.495:254\$085 rs., isto é, 654:745\$915 rs. menos do que o capital admittido pelo decreto n.º 6.683 de 17 de Setembro de 1877.

O brigadeiro Couto de Magalhães, vendeu o privilegio em Londres, onde a Companhia cessionaria organisou-se sob o nome de—*The Minas and Rio Railway Company Limited*—em Abril de 1880, sendo autorisada a funcionar no imperio pelo decreto n.º 7.734 de 21 de Junho do mesmo anno. Celebrou então a Companhia um contracto em globo com Waring Brother, para a construcção da linha e suas dependencias: o fornecimento, assentamento e montagem do material fixo e rodante.

Em Dezembro de 1880 chegaram ao Brazil os empreiteiros geraes, e depois de encetarem a revisão da linha, inauguraram a construcção a 18 de Abril de 1881, empregando durante o andamento das obras perto de 5.000 operarios, de modo que a 18 de Outubro de 1883 chegava aos Tres-Corações, no meio do enthusiasmo da população, o primeiro trem de lastro.

A inauguração do trafego só effectuou-se a 14 de Junho d'este anno; porque o ministro A. Penna, incapaz de deliberar sobre duvidas insignificantes, levou mais de dous mezes a debater-se no meio de informações perniciosas e intrigas, até que apeado do poder foi substituido por outro ministro, que decidiu a questão de accôrdo com o que eu informára em Março ao sr. A. Penna.

II

Entronca a ferro-via Minas e Rio na estação do Cruzeiro, do ramal de S. Paulo (Estrada de Ferro D. Pedro II). Parte da cota de 512^m acima do nível do mar; desenvolve-se pela planície, e depois vae galgando a serra da Mantiqueira, contornando os contra-fortes, até que na depressão do Passa-Quatro, pelo tunel grande sahe de S. Paulo e entra em Minas. N'esta ultima provincia, pouco adiante da bocca-norte do tunel, attinge a linha ao ponto culminante situado 1089^m acima do mar. Desce depois pelo valle do Passa-Quatro até o kilometro 46, onde este lança-se no Rio-Verde, cuja margem esquerda é percorrida pela directriz até o kilometro 74, onde atravessa o rio, estabelecendo-se na margem direita, voltando no kilometro 127 á margem esquerda, e desde então vae marginando-o, para parar nos Tres-Corações, com um percurso de 170010^m, extensão total da linha.

Para avaliar-se das difficuldades oppostas pelo terreno atravessado, basta citar que adoptou-se o raio minimo de 80^m e o declive maximo de 3 % na 1.^a secção e 1 % na 2.^a

A 1.^a secção conta 34 kilometros (em cifras redondas). Tem a linha em alinhamentos rectos 90233^m,45, em curvas 79776^m,55; em patamaes 46517^m,48 e com diferentes declividades 123492^m,52.

Foram removidos, para a preparação do leito e esplanadas de estações, armazens, officinas, etc., 2.724.982 metros cubicos de terra; 301990 metros cubicos de pedra, e para abertura de valletas lateraes e derivações de rios 92330 metros cubicos.

São numerosas as obras de arte, paredões, boeiros, aterros e pontilhões; mas não é possível mencional-as. Os boeiros são de canos de barro vidrado; alvenaria de pedra secca, ordinaria ou de tijolo, devendo notar-se que

na construção foram executados muitos, que não figuram nas plantas primitivas approvadas pelo governo em 1877. Conta tambem a estrada mais pontilhões do que os indicados nas plantas officiaes; alguns têm fundamentos de concreto de cimento; outros têm pés direitos de alvenaria de pedra e abobodas de alvenaria de tijolos, alguns de pequeno vão são de grande altura.

Entre as pontes merecem especial menção: o viaducto do kilometro 20, n'uma curva de 120^m de raio, com encontros e pegões de cantaria de 1.^a classe; tem tres vãos: o central mede 12^m e os extremos 8^m cada um; a superstructura é metallica, bem como a de todas as pontes, que se seguem—tres sobre o rio Passa-Quatro (nos kilometros 34, 35 e 46) com dous vãos cada uma—(um vão de 20^m e outro de 12^m); as pontes do kilometro 65 (sobre o ribeirão dos Santos) e do kilometro 73 (ribeirão do Aterrado) com encontros de alvenaria de tijolo e um vão de 20^m; a grande ponte de 36^m sobre o Rio-Verde, no kilometro 74; a do kilometro 127 sobre o mesmo rio com tres vãos de 20^m cada um; concretos de alvenaria de tijolo e pegões constituídos por cylindros metallicos cheios de concreto de cimento; e, finalmente, no kilometro 156 a ponte de 26^m sobre o rio Lambary. As vigas de todas estas pontes são metallicas em treliças

Ha seis tuneis, todos na serra: no kilometro 5, em rocha, medindo 16^m,50; no kilometro 13, de alvenaria de tijolo, com 22^m, no kilometro 19 outro com 43^m da mesma alvenaria de tijolo; no kilometro 20 com a extensão de 27^m,50; outro de 19^m de alvenaria de tijolo, no kilometro 21; e o tunel grande com 997^m, no kilometro 23. A fachada do Sul (em S. Paulo) é de cantaria solida e simples mas agradavel á vista; a do Norte (em Minas) é de alvenaria de tijolo. Parte do tunel grande está na rocha; parte é revestida de concreto de cimento e parte de alvenaria de tijolo.

Além da estação do entroncamento, contam-se a do

Perequê (kilometro 15); a do Passa-Quatro (kilometro 34); Capivary (kilometro 46); Pouso-Alto (kilometro 60); Carmo (kilometro 74); Soledade (kilometro 90); Contendas (kilometro 125) e a terminal Tres-Corações, 839^m acima do nivel do mar.

A estação da Soledade serve para os enfermos, que se dirigirem ao Caxambú; podem tambem, com maior percurso, ahí chegarem pela estação de Contendas que deve ser procurada pelas pessoas que quizerem fazer uso das aguas de Contendas, situadas entre a estação do mesmo nome (e distante d'ella 1 legua) e Caxambú: pelas pessoas que quizerem ir ás Aguas Virtuosas da Campanha (ou do Lambary) e as do Cambuquira, perto da cidade da Campanha.

Os enfermos encontrarão nos dous carros de 1.^a classe, um compartimento para viagem deitados ou segregados dos outros passageiros. Ha ainda mais 4 carros de 1.^a classe, 9 de 2.^a e 4 mixtos. Tem a Companhia mais: 10 carros para bagagem; 40 para animaes; 80 para cargas; 51 para lastro; 3 guindastes portateis e 2 wagons para explosiveis. A familia imperial, bispos, presidentes de provincia e ministros poderão, querendo, viajar em um luxuoso carro especial, com todas as commodidades desejaveis.

Ha 6 locomotivas tender (de 29 toneladas) para a 1.^a secção, e 8 mais leves com o tender separado para a 2.^a secção.

Todos os trilhos são de aço (typo Vignole), pesando 25 kilogrammas na 1.^a secção e 20 kilogrammas na 2.^a; a distancia entre trilhos é de 1^m. Repousam sobre dormentes de madeira de lei do paiz e de pinho creosotado importados da Inglaterra.

Foi adoptado o systema Morse para o telegrapho, cujos postes de madeira, distam 70^m entre si, e cuja linha é dupla.

A administração central está estabelecida no Cruzeiro.

III

São servidos por esta estrada, os seguintes municípios: em S. Paulo, parte do do Cruzeiro. Em Minas:—de Pouso-Alto, Christina, Baependy e Campanha.

Em S. Paulo exporta-se café, cereaes, e algum toucinho, e importam todos os objectos de que precisam. A exportação de Minas consiste em gado vaccum, porcos, toucinho, fumo, queijo e algum café. Importam principalmente sal e generos de lojas, etc.

A cultura do café, iniciada com a esperança da facilidade de transporte que offerecia a estrada de ferro, esmoreceu pela baixa do genero. A realisação da estrada de ferro incitará novo vigor nos agricultores, quando cessar a crise. Novas industrias se estabelecerão; novas fontes de producção se hão de crear; e de certo o futuro reserva retribuição aos capitaes empregados na empresa, cujos juros actualmente são pagos pelo erario publico.

Acredito, porém, que o resultado politico e social de maior vulto determinado pela estrada de ferro Minas e Rio na zona por ella sulcada, será a constituição da provincia de Minas do Sul, aspiração antiga n'aquella região, indispensavel para o desenvolvimento e riqueza d'ella, já diversas vezes manifestado no proprio parlamento, onde este anno nova proposta n'esse sentido foi apresentada.

Rio-Claro—Setembro de 1884.

O engenheiro-civil,

F. T. DE MIRANDA AZEVEDO.

O PAE

(SOBRE UMA PAGINA DE F. COPÉE)

Ebrio sempre elle entrava e ia espancar a amante.
Dous algozes crueis—o vicio tórvo, hiante
E a miseria, os ligára a um cêpo amaldiçoado.
Cada qual allegava o ser mais desgraçado...
Submettia-se ella a esse sombrio inferno
Por temer ir p'ra rua e supportar o inverno
Sem ter onde dormir! Era horroroso, era!
Elle a encontrava á noute,—audaz, teimosa, fera
E a espancava, o cruel! As maldições, a grita
Davam a conhecer á vizinhança afflicta
A hora do supplicio escandaloso e vil,
Depois... fundo silencio envolvia o covil!

Um dia em que sentindo o frio, a fome, o odio
Deram ambos mais vulto ao tragico episodio,
Um filho lhes naseeu,—um novo peso ainda!
A mãe collou-lhe um beijo á fronte tenra e linda
Como um simples baptismo, e nem por isso a fronte
Menos rósea ficou, menos gentil e insonte!...

O ébrio voltou então no dia immediato...
Vinha sombrio e calmo, estava mais cordato.
Entrou, e não mais quiz a amante esbordoar;
Havia em seu olhar um como estranho brilho...
Essa mulher, emfim... dava-lhe agora um filho!

N'um assomo de raiva, e pallida, arquejante
Encarou a infeliz o desgraçado amante
Que a observava embalar o filho ferozmente
E lhe bradou por fim :

« Podes bater, malvado !
Se queres, esbordôa ! O corpo macerado
Aqui está, é teu !... Escrava aqui te espero !...
O pão é menos caro ? o inverno é menos fero ?
Fala ! « Sentes ainda a infame embriaguez ? »

O infeliz não a ouviu... pela primeira vez !...
Terno e estúpido olhar sobre seu filho estende,
E humilde como um réo que apenas se defende
Murmura, revelando estranho e fundo abalo :
« Silencio ! elle é meu filho !... Eu temo despertal-o !... »

CARLOS FÉRREIRA.

Campinas.

TROVA POPULAR

Picapau do matto virgem
Tem catinga no *sobaco*,
De dia pica no pau,
De noute no seu buraco.

ANECDOTA

E' tão singular a memoria de meu filho, dizia uma dama espevitada, que até se lembra do dia em que me casei.

ENIGMA

Tem mui facil decifração,
o enigma que aqui vês ;
são sete lettras, apenas,
que podêis reduzir a tres.

A tertia e mais a quinta
com prima e derradeira,
são eguaes, só a segunda
não tem uma companheira.

Temos agora quarta e sexta
que são eguaes, podeis crêr ;
junte então as lettras todas
e quatro syllabas vaes vêr !

+

O conceito agora completa
a brincadeira :
n'elle terás linda ave
brazileira.

Limeira.

J. RAYMUNDO DE CAMARGO.



CAMISARIA ESPECIAL

O maior sortimento

DE

Camisas,
Camisas de meia,
Gravatas,
Ceroulas,
Collarinhos,
Punhos,
Lenços,
Meias,
Etc., etc.

58 RUA DA IMPERATRIZ 58

S. PAULO

UMA TARDE DE AGOSTO

Era ao cahir da tarde ; recostada sobre uma janella eu assistia, ao declinar do dia, essa bella scena que a natureza repete eternamente e que ninguem cança de admirar.

O sol está a sumir-se no poente, e já o brando sôpro do sueste, annunciando a noute, vem refrescar a terra dos ardentes olhares do astro-rei.

O sino da egreja com um som melancolico, toca compassadamente as ave-marias, é a hora em que os fieis dirigem seus louvores e supplicas á Virgem da Judéa. Os passaros amedrontados com a approximação da noute, voam aos bandos soltando *gritos* agudos em busca de um abrigo onde resguardar-se d'essa negra inimiga.

Se não reparasse para o lado em que está o sol e esquecesse por um momento que a noute vem substituir o dia, diria que amanhece, tanto se assemelha o nascer ao pôr do sol : a diffusão da luz é a mesma, e o susurro da vida que adormece e da vida que desperta confundem-se.

Porém, a natureza falla, e em sua linguagem muda diz-nos que a terra vae, não ser inundada de luz, de movimento e de vida, mas sim de trevas, de quietação e de somno, tão parecido com a morte.

O crepusculo da manhã é alegre, remoça-nos, esclarece as idéas, aviva a esperanza e mostra-nos a vida sob um aspecto risonho ; o crepusculo da tarde é triste, tem por companheira a saudade, é a hora das recordações intimas ; parece que um véu de melancolia desdobra-se sobre a terra.

O quadro que eu tinha deante dos olhos era imponente e bello, d'essa belleza que só uma alma de poeta póde vêr, sentir e comprehender.

O movimento, a vida cessa pouco a pouco, almo silencio invade progressivamente a terra e não tarda a noute a vir apagar-lhe as fórmãs e a cobri-la com seu magestoso manto negro.

Uma especie de musica chega a meus ouvidos, é o susurro l'nginquo das aguas que se quebram nas pedras e o perpassar da brisa por entre a folhagem dos arvoredos; é com essa musica monotona que a natureza acalenta a rainha das trevas. Além, no horisonte, avisto as collinas como um degráu que une a terra ao infinito; o clarão do sol já posto allumia ainda este quadro vivo do grande artista chamado Deus.

Por muito tempo estive mergulhada a contemplar o céu e a terra, sem que alguma cousa particular me atrahisse mais a attenção, porque tudo era igualmente bello, quando uma cousa inesperada veio, póde-se dizer, despertar-me. Um canto suave, harmonioso, vindo do laranjal proximo chega a meus ouvidos. Era um artista plumoso que aproveitando um ultimo raio de sol vinha entoar seu canto favorito. Os accents commoventes de sua voz mais pareciam uma queixa do que a expressão de alegria; era uma melodia sentida, monotona e terna como a saudade.

E quem dirá que não é a saudade que inspira este cantor das selvas?

E' talvez um coração de poeta que chora sua ventura perdida, e que espera a quietude e a solidão do morrer do dia para derramar sua alma em jorros de harmonia.

O ar ainda repercutia aquelles accordes plangentes quando de dentro da varanda em que eu estava vem outro canto como em resposta ao primeiro; era o meu prisioneirosinho, o meu sabiá, que cantava pela primeira vez depois que eu o engaiolára.

Que alegria para mim, era a primeira vez que me recompensava os cuidados por elle.

Sua voz é semelhante a do outro, porém mais viva, traduz antes alegria que dôr. São talvez dous corações irmãos criados no mesmo ninho, que palpitam sob os mesmos sentimentos, e que agora encontram-se depois de longa separação.

Um *duo* expressivo confundiu suas vozes, é a ventura, a alegria levada ao delirio de dous entes que julgam nunca mais se encontrar e que o acaso reúne. A agitação de meu passarinho é tamanha que a gaiola não mais pára, balança-se continuamente, elle salta de um poleiro a outro, bate o peito nas grades como para quebral-as.

Passado o momento de surpresa, de prazer, de illusão emfim, não tarda a realidade fazer-se sentir, e com ella a dôr, o pezar. Assim, do canto vivo e alegre, retomam o accento triste e melancolico, d'aquelles que vêm a felicidade passar e é-lhes vedado tocá-la.

Aquellas vozes ternas tinham alguma cousa de ce-leste que transportava-me, apoderava-se de mim e fazia-me chorar não sei se de dôr ou prazer. Elles contavam o singelo romance de sua vida n'um poema divino.

E era eu que, com mão de ferro, separava aquelles dous corações que nasceram um para o outro, era o verdugo que impiedosamente martyrisava aquelles innocentes; elles que trazem azas, o emblema da liberdade, que sentem e soffrem como nós.

Minha consciencia fallava bem alto: fui depressa á gaiola e antes que me arrependesse d'aquella generosidade expontanea, com mão febril abri a portinhola e deixei o prisioneiro fugir.

No dia seguinte fui como de costume renovar o alimento do passarinho, mas só depois que vi a gaiola vazia é que me lembrei que o tinha posto em liberdade.

N'isto olhei para fóra e vi sobre uma lorangeira, dous

sabiás que se acariciam ; depois voaram. Talvez fossem fazer o seu ninho.

Piracicaba, 11 de Agosto de 1884.

ANNA MARIA DE MORAES BARROS.

ANTIDOTO DA HYDROPHOBIA

O medico homœopatha, Moutinho, fez publicar nos jornaes portuguezes uma correspondencia, asseverando que o alho commum é o melhor antidoto da hydrophobia e ao mesmo tempo o melhor remedio para a curar. Basta lavar a parte mordida com agua fresca e applicar-lhe em cima uns poucos de alhos pisados com azeite, conservando-os sobre as partes mordidas por meio de uma atadura.

Logo que elles comecem a exercer a sua acção caustica, produzindo calor, ardor e dôres agudas, tirem-se e lavem-se novamente as feridas com agua fresca.

Para mais segurança, comerão os individuos mordidos, por espaço de nove dias, dous dentes de alhos, em jejum, misturados com pão, e continuarão a usar d'elles na comida, em assorda, por exemplo, por espaço de trinta dias.

Este é o modo de prevenir ou evitar o desenvolvimento da raiva.

No caso, porém, da pessoa mordida, por falta d'esta providencia, ser accommettida da raiva, fechem-n'a convenientemente em um quarto e deem-lhe alguns mólhos de alhos.

A pessoa mordida, no auge do accesso da furia, lança-se sobre elles, morde-os, mastiga-os, engole-os, e por fim, cahindo em um somno profundo, acompanhado de um suor copioso, accorda em goral sã e livre de todo o mal. Se esta applicação deixar de ser feita no primeiro accesso, a cura quasi se torna impossivel.

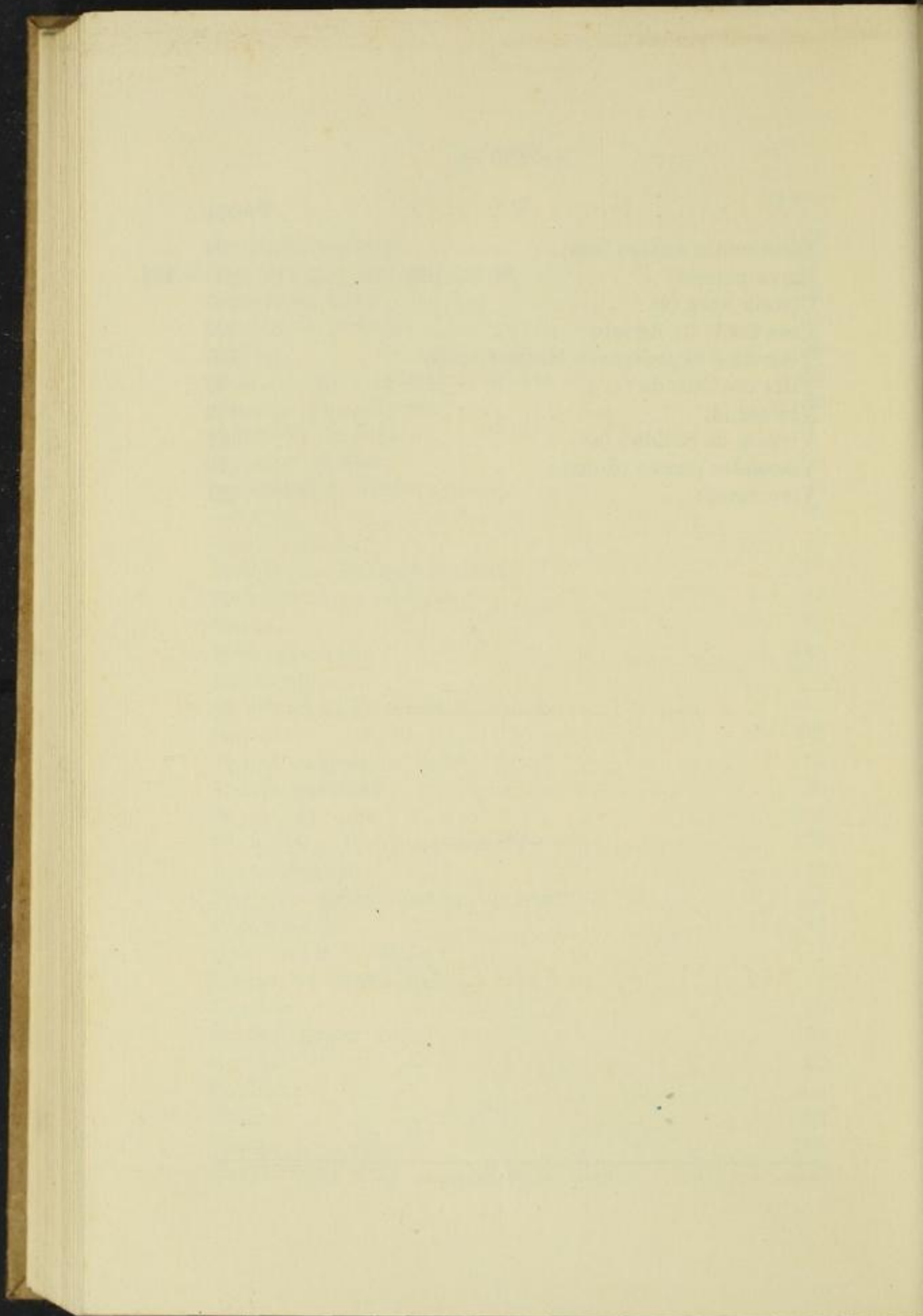
INDICE

	PAGS.
Anecdotas	70, 112, 132 e 230
Anil	115
Antidoto da hydrophobia	236
Asylo de mendicidade	149
Authographos do partido republicano (dous).	107
Boqueirão (o)	29
Campanha do Sul	43
Cangica (a)	27
Carlos Gomes	143
Carta de Pedro Vaz Caminha.	189
Carta de sesmaria	49
Carta de um voluntario.	31
Charada.	110 e 181
Charidade (a).	117
Chicana forense	157
Cidade de Santos	133
Conselhos de um bispo	85
Copla	88
Corneta da morte (o)	21
Corvo (o)	32
Curioso documento	185
Devaneio.	171
Enigma	231
Enterros ás escuras	154

	PAGS.
Escriptos antigos	183
Feiticeira	68
Freguezia do O'	152
Gazeta de Noticias.	101
Gilliat	39
Grande orgam da matriz de Ytú (o)	55
Historia de uma cruz	33
Historias de onça	61
Hygiene da alma	81
Impressão de viagem (uma)	74
Jaraguá	95
João Caetano.	79
José Carlos Rodrigues (Dr.)	89
Mais formosa que Deus (a)	42
Mater!	69
Metamorphose	123
Minha alma	106
No album de D. Anna A. Soares	153
Pae (o)	229
Pagina subjectiva (uma)	113
Paraiso matinal	35
Paysagem (uma)	112
Poeta Joaquim Theophilo (ao)	159
Porto-Ferreira	47
Preço de varios objectos no seculo XVII	158
Proclamação	97 e 147
Quartel em S. Paulo	141
Ruinas da Gloria (as)	1
Similes	30
Soldado poeta (um).	93
Soneto	53
Sonho	155
Spleen	93
Tempo de eleição (o)	105
Testamento (um)	119

	PAGS.
Testamento antigo (um)	37
Trova popular 26, 58, 103, 110, 146, 170	230 ~ 221
Ultima hora (á)	187
Uma tarde de Agosto	233
Viagens e expedições a Matto-Grosso	125
Villa do Canudo (a)	87
Violeta (a)	173
Virgem da Solidão (a)	161
Viscondes poetas (dous)	59
Vivo morto	131





LIVRARIA

S. PAULO

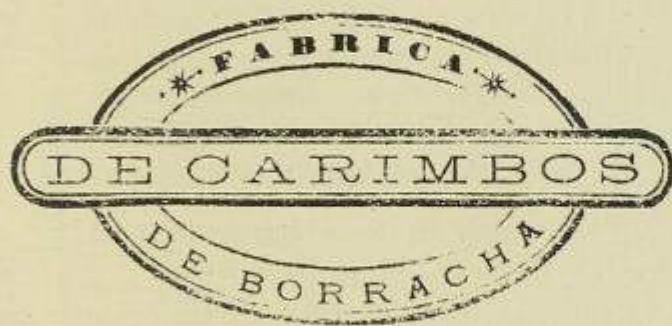
PAPELARIA

CASA GARRAUX

Fischer, Fernandes & Comp.

Rua da Imperatriz N. 35

PHANTASIAS



NOVISSIMAS

DEPOSITO

DA

SALSA, CAROBA E MANACÁ

E DOS

REMEDIOS HOMŒOPATHICOS

DO

DR SABINO

...XDEX...

TYPOGRAPHIA

PERNAMBUCO

PAUTAÇÃO



Elegancia

Bom Gosto

Casa Garraux

SUCCESSORES

Fischer, Fernandes & C.

CARIMBOS DE BORRACHA

CARTÕES DE VISITAS

A typographia GARRAUX, dispondo de ricas Machinas, excellente material e de habéis Compositores, acha-se habilitada a fazer todo trabalho typographico, com *Luxo, Perfeição e Promptidão.*

Especialidade da Casa: Marcas de papel *Com iniciaes de côres,* Entrelaçadas e em RELEVO.

Livraria, Papelaria e Typographia
S. PAULO

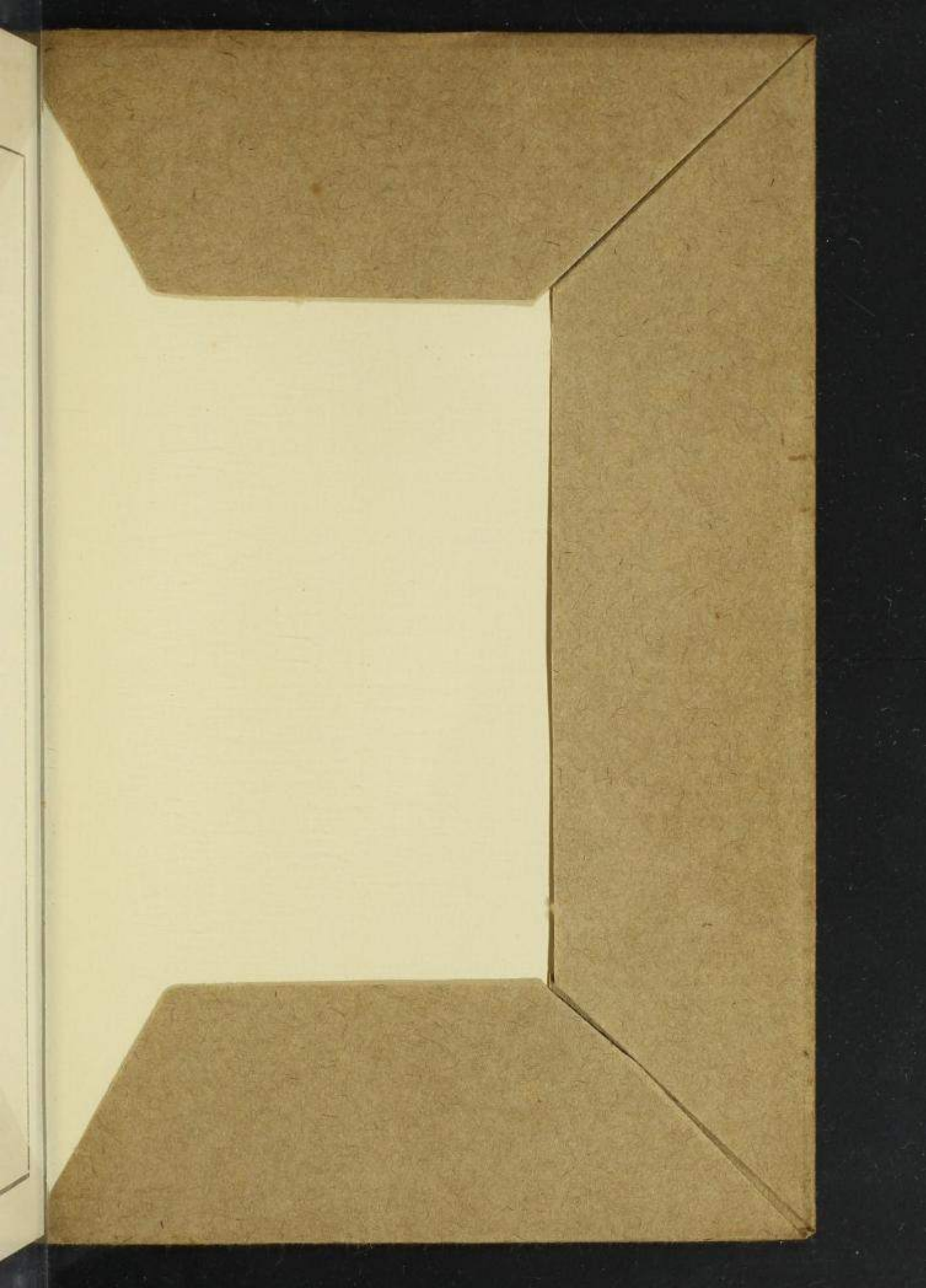
35, Rua da Imperatriz, 35

Recibos

Impressão com

Cheques

A Tinta Communicativa



Governo do Estado de São Paulo
Governador José Maria Marin

Casa Civil
Secretário Calim Eid
Imprensa Oficial do Estado

Secretaria de Estado da Cultura
João Carlos Martins
Arquivo do Estado

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo